DAVID BELLAVIA

COM JOHN R. BRUNING

DE CASA EM CASA

UMA MEMÓRIA ÉPICA DA GUERRA EM FALLUJAH

LAROUSSE

DAVID BELLAVIA

com Jonh R. Bruning

DE CASA EM CASA EM FALLUJAH

UMA MEMÓRIA ÉPICA DA GUERRA

Título original em inglês: House to house Tradução: Ícaro Bonamigo Gaspodini

Gênero: não ficção norteamericanaLAROUSSE- 2008

Numeração: rodapé, 279 pp

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini

Julho de 2019

Contracapa

"O sargento Bellavia conseguiu. Esta é a vida na infantaria de agora. Era costume dizer que a verdadeira guerra nunca entraria nos livros. Aqui ela entrou, formidavelmente. Você pode não gostar nem concordar com o que ele tem a dizer. Leia, mesmo assim - então fique sentado por mais ou menos uma hora e contemple o que ele fez em benefício do país."

- THOMAS E RICKS, autor de Fiasco: The American Military Adventure in Iraq e Making the Corps

"Assim como as anteriores St. Mihiel, Normandia, Inchon e Khe Sanh, Fallujah está entre as mais terríveis e difíceis batalhas da história norte-americana. O sargento David Bellavia, com seu relato interessante, pungente e, por vezes, cômico, enfatiza em primeira pessoa porque essa batalha nunca deve ser esquecida. E porque, devido à empolgante coragem de Bellavia e seus companheiros de tropa, - ela foi vencida."

-ANDREW CARROL, editor de War Letters e Behind the Lines

"David Bellavia nos mostra as escadarias e becos de Fallujah através da mira de seu M-4. Política e estratégia são luxos impossíveis para soldados em combate, e Bellavia escreve sobre temas mais urgentes: coragem, medo, companheirismo e dever. Esta é uma história de humildade, brilhantemente contada.

- NATHANIEL FICK, autor de One Bullet Away: The Making of a Marine Officer

"uma história arrepiante de homens em batalha. De casa em casa em Fallujah é a verdade nua e crua."

- EVAN THOMAS, autor de Sea of Thunder

Orelhas

"Sangue escorre pela minha mão e seu cabelo escorrega. Sua cabeça bate contra o chão. Em um instante, seus punhos me acertam. Eu balanço com seus socos. Ele acerta meu queixo machucado e a dor quase me cega. Cuspo sangue pela boca e grito com ele. Nós dois parecemos dois cães de briga num ringue de morte.

Nós somos."

Na noite de 10 de novembro de 2004, uma esquadra de infantaria do Exército dos EUA entrou no coração da cidade de Fallujah e mergulhou em uma das mais prolongadas e selvagens batalhas urbanas na história dos norte-americanos em guerra.

Com o Terceiro Pelotão, Companhia Alpha, parte da Força-tarefa 2/2, Bellavia e seus homens confrontaram um inimigo que teve semanas para se preparar, montar armadilhas, armar emboscadas, transformar quadras inteiras em zonas de morte explosivas e até mesmo estocar atropina, um esteróide que impulsiona os combates

como uma longa viagem de crack. Entrando em uma casa sozinho, Bellavia enfrentou a luta de sua vida contra seis insurgentes, utilizando todas as armas que tinha à disposição, incluindo uma faca. Trata-se das coisas míticas e do comportamento de líder que transformou Bellavia em um dos grandes heróis da Guerra do Iraque.

Trazendo à tona a terrível intimidade cara a cara do combate de infantaria, De casa em casa em Fallujah está muito longe de ser apenas outra história de guerra. Recheada com um indelével elenco de personagens - desde um destemido oficial que é um liberal anti-Bush até um sargento inspirador, que se tornou a figura paterna perdida do autor -, a história desenvolve a intensa relação íntima que se forma entre soldados em batalha. Sua amizade, testada em brutal combate, nunca mais será a mesma. Nem todos conseguiram sair vivos da cidade. O que aconteceu com eles, no sangrento enlace com o inimigo mais implacável dos EUA, é uma terrível e inesquecível história de triunfo, tragédia e resiliência do espírito humano.

Um retrato atemporal da coragem dos homens de infantaria dos EUA, De casa em casa em Fallujah é a memória de um soldado que pode ser comparada aos melhores relatos de homens em guerra.

O SARGENTO DAVID BELLAVIA passou seis anos no Exército dos EUA, participando de algumas das lutas mais intensas da Guerra do Iraque. Ele ganhou a Estrela de Prata e a Estrela de Bronze por suas ações e foi recomen- dado ao Distinguished Service Cross and Medal of Honor por suas ações em Fallujah. Em 2005, recebeu o Conspicuous Service Cross (o maior prêmio do Estado de Nova York por honras militares) e foi empossado no New York State Senate Veterans Hall of Fame. Ele é co-fundador do Vets for Freedom, uma organização de veteranos de guerra preocupados com a politização da cobertura da mídia das operações militares no Iraque e no Afeganistão. Seus escritos foram publicados em periódicos como Philadelphia Inquirer, National Review, The Weekly Standard e outras publicações. Ele mora no oeste de Nova York.

JOHN BRUNING é um prolífico historiador do exército e da aviação que escreveu seis livros, incluindo o aclamado pela crítica The Devil's Sandbox: With the 2nd Battalion, 162nd Infantry at War in Iraq. Ele também prestou consultoria para museus nos EUA e na Europa, além de empresas de computação como a Sierra Online e a Microsoft, e ajudou a produzir dezenas de documentários históricos.

DAVID BELLAVIA com Jonh R. Bruning

DE CASA EM CASA EM FALLUJAH

UMA MEMÓRIA ÉPICA DA GUERRA

Tradução Ícaro Bonamigo Gaspodini

LAROUSSE

Título original em inglês: House to house

Copyright CO 2007 by David Bellavia

Publicação autorizada por Free Press, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Copyright da edição brasileira (c) 2008 by Larousse do Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Edição brasileira

Gerente editorial

Solange Monaco

Editor

Isney Savoy

Preparação de texto

Adriana de Oliveira

Revisão

Cláudia Levy, Denise Alexandrini e Eugênia Pessotti

Capa

S&S UK Art Dept/Stuart Poison

Foto da capa

Stefan Zaklin/epa/Corbis

Adaptação de capa

Bruna Lis Bortolotto

Diagramação

Renné Ramos

Produção gráfica

Marcelo Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bellavia, David, 1975- .

De casa em casa em Fallujah : uma memória épica da guerra / Sargento de pessoal David Bellavia com John R. Bruning - São Paulo : Larousse do Brasil, 2008.

Título original: House to house

ISBN 978-85-7635-372-0

1. Guerra do Iraque, 2003 - Narrativas pessoais 2. Bellavia, David, 1975- 3. Bruning, John R. I. Título.

08-06318 D-956.70443092

Índices para catálogo sistemático:

1. Golfo Pérsico : Guerra do Iraque, 2003- :

Narrativas pessoais 956.70443092

1ª edição brasileira: 2008

Direitos de edição em lingua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Larousse do Brasil Participações Ltda.

Av. Profa. Ida Kolb, 551 - 3° andar - São Paulo - SP - CEP 02518-000

Telefone: (11) 3855-2290 - Fax: (11) 3855-2280

E-mail: info@larousse.com.br

www.larousse.com.br

Para as Lanças do 2º Batalhão, 2º Regimento de Infantaria

Noli Me Tangere "Não Toque em Mim"

SUMÁRIO

Prólogo: Os caixões de Muqdadiyah

Capítulo 1 - Na merda 26

Capítulo 2 - Além da redenção 41

Capítulo 3 - A medida de um homem 60

Capítulo 4 - Corrida em solo 71

Capítulo 5 - Máquinas de amor e graça 84

Capítulo 6 - O primeiro anjo 98

Capítulo 7 - A loucura em batalha 101

Capítulo 8 - Portais 110

Capítulo 9 - Dorothy e o portão de Oz 124

Capítulo 10 - Sombras e fantasmas 131

Capítulo 11 - Telhado Álamo 138

Capítulo 12 - Um pau de marshmallow 153

Capítulo 13 - Onde cães ferozes comem . 164

Capítulo 14 - Os melhores jardins e casas 176

Capítulo 15 - "o poder de Cristo lhe ordena" 189

Capítulo 16 - Reprovado no teste de hombridade 195

Capítulo 17 - A oração de um soldado 205

Capítulo 18 - Homem a homem 215

Capítulo 19 - Pacto de sangue 222

Capítulo 20 - A última carícia 229

Capítulo 21 - Um cigarro numa hora arriscada 238

Capítulo 22 - Espremidos nos sacos de dormir 242

EPÍLOGO: Promessas quebradas 255

Apêndice 272

Breve glossário de termos 274

Agradecimentos 277

Nota do autor

Este é um trabalho de não-ficção. Eventos, ações, experiências e suas conseqüências foram fielmente recontados de acordo com o que lembro e a partir das entrevistas com inúmeros participantes. Os eventos que não testemunhei foram recontados por meio de relatos documentados e entrevistas. Todos os eventos deste livro realmente aconteceram, embora alguns tenham sido reordenados ou combinados para dar clareza à narrativa. As conversas apresentadas em forma de diálogos foram recriadas de acordo com a minha memória e não devem ser vistas como um registro literal, palavra por palavra, mas como a expressão da essência do que foi dito.

PRÓLOGO

Os caixões de Muqdadiyah

9 de abril, 2004 Província de Diyala, Iraque

A poeira cobre nossas faces, invade nossas narinas e irrita nossos olhos. O calor cozinha implacavelmente esta mistura em nós. A temperatura do nosso corpo paira em 39 °C. Nossos ouvidos zumbem. No limite da exaustão do calor, ficamos tontos e nossos estômagos roncam. Estamos perdendo a razão e sentimos punhaladas de dor enquanto nossos intestinos se liquefazem devido à coleção de bactérias locais. Nos banheiros imundos da nossa base, enxames de moscas rastejam sobre nós. Sem ventilação, esses banheiros são fornos, transbordando o cheiro acrídeo de urina quente. Tudo isso e ainda somos baleados, também. Bem-vindo à infantaria. Assim é nosso dia, nosso trabalho. É uma droga e nós o odiamos, mas continuamos por duas razões. Primeira, há nobreza e propósito em nossas vidas. Somos a classe de guerreiros dos EUA. Nós protegemos, nós vingamos. Segunda, cada momento na infantaria é um teste. Levando em conta os piores dias, como o de hoje, temos a prova de que somos uma raça à parte.

9

Onde trabalhamos não há baias. Não há intervalo para descanso. Gravatas são um corpo estranho; locomovemos-nos em veículos

blindados, e armados.

Nosso local de trabalho não é um lugar estéril cheio de escritórios, nem uma fábrica barulhenta. É a continuação de uma estrada desolada numa terra vasta e desocupada. Uma torre de vigia queima ao fundo. Corpos despedaçados se espalham pelo chão ao redor de nós. Cadáveres com olhos vazios, inchados e horrorizados. O fedor de carne queimada entope nossas narinas. Isso é o que sobrou de um posto de fiscalização do ICDC (Corpo de Defesa Civil Iraquiano), criado para regular o trânsito dentro e fora de Muqdadiyah, uma das cidades mais importantes da província de Diyala. Graças ao ataque surpresa ocorrido logo pela manhã, tornou-se apenas uma pilha fúnebre. Chegamos muito tarde para poder ajudar, e nossos aliados importantes, mas não-treinados, morreram de forma horrível, quando os insurgentes os surpreenderam. Um soldado iraquiano foi atingido diretamente por uma RPG, uma granada de míssil propelido, e tudo o que resta dele são suas botas e pilhas de carne encharcadas de sangue espalhadas pela torre de vigia. Esse é o nosso local de trabalho. Já na chegada ao país, pudemos testemunhar esses horrores. Durante nossa segunda patrulha no Iraque, um caminhão de doces tentou se unir a uma das colunas de nossos veículos blindados e foi atropelado e prensado. Os ocupantes foram esmagados e ficaram irreconhecíveis. Nossa primeira visão da morte foi essa: um homem e sua esposa destroçados e desmembrados, seus intestinos atirados sobre caixas de doces espalhadas. A esquadra toda não comia havia 24 horas. Paramos e enquanto montávamos guarda em redor dos destroços, ficamos cada vez mais famintos. Finalmente, roubei alguns pedaços de doces das caixas mais limpas. Outros limpavam o sangue e a gasolina das embalagens e se juntavam a mim. Isso foi há três semanas. Somos veteranos agora, orgulhosos por seguir em frente com nosso trabalho, mesmo carregando essas imagens na memória. É esse mistério que nos define e nos dá identidade. E também separa os soldados de todos os outros homens de uniforme. Alguns chamam de arrogância. Que

seja. Chamamos de orgulho, pois acreditamos com fervor no que estamos fazendo.

10

"Olhem aquilo", grita o sargento de pessoal Colin Fitts. Ele aponta para um Humvee (High Mobility Multi-purpose Wheeled Vehicle/veículo sobre rodas de alta mobilidade e múltiplas tarefas, um jipe, na verdade) vindo em direção ao nosso campo de batalha.

Nós dois paramos e observamos o carro se aproximando. Fitts é um homem do Mississipi, de voz grave e olhar intenso. Somos tão próximos que antigamente eu poderia contar suas histórias com muito mais detalhes do que ele próprio; e ele podia fazer o mesmo com as minhas.

O Humvee pára a certa distância de nós. No banco direito está sentado um elegante major. Com seus pequenos óculos de armação de metal, ele parece mais um contador numa roupa blindada Kevlar'. Ele está tão limpo que duvido não ter saído do banho há poucas horas. Eu nem me lembro quando tornei banho pela última vez. Temos nos virado com banhos secos - lenços úmidos nas axilas e partes íntimas - já que água corrente é um luxo não conferido à infantaria.

Nesse momento nos deparamos com a dicotomia que define nosso Exército. Todos usam o mesmo uniforme, mas podemos ser de dois Exércitos diferentes. Somos os comedores de bala da linha de frente. Esse oficial representa tudo o que odiamos na outra metade do Exército. Ele está limpo; nós estamos imundos. Sua pele raramente vê

o sol. Nós estamos tão queimados que nossa pele parece couro. Ele está bem-alimentado e até mesmo um pouco gordo. A maior parte de nossa esquadra perdeu cerca de cinco quilos desde que chegou a Diyala. Talvez porque, sempre que temos a chance de comer, não temos apetite por muito tempo. Nosso refeitório é um necrotério iraquiano abandonado.

"Rapazes", diz o major, "digam ao seu sargento que a Quarta Cavalaria está aqui!" O major obviamente pensa que tem talento para o teatro. Ele não percebe que acaba de nos insultar. Ambos, Fitts e eu, somos sargentos e nossas insígnias não estão escondidas. Fitts fica vermelho de raiva.

No nosso mundo, o mundo da infantaria, esse major é um canastrão. Senta-se seguramente atrás de seus óculos, mas tenta agir como um líder de combate. É muito comum termos que enfrentar idiotas como ele enquanto realizamos nosso trabalho.

**1. Kevlar é o nome dado pela DuPont a uma fibra sintética muito resistente e leve, usada na fabricação de coletes à prova de balas, blindagens, capacetes etc.* (N. do E.)

11

Eu estou preparado para essas coisas. Fitts, por outro lado, tem pouco autocontrole. Ele tem alergia à idiotice e não tem medo de ninguém. Fez muitos inimigos em nosso batalhão por causa disso, mas você deveria admirar um homem que reage com pura honestidade a cada situação e nunca, nem mesmo uma vez, considera as conseqüências de seus atos em sua carreira. Ser assim custa caro também. Ele já

perdeu muitas insígnias, mas sempre encontrou uma forma de recuperar seus postos. Fitts faz um aceno de cabeça em confirmação ao major e grita para o líder do Time A, do outro lado da estrada: "Ei, sargento Misa! A Quarta Cavalaria está aqui. Como é? Você está cagando pra ela? Bom, então isso faz de nós dois 250 mil, considerando todo o setor". Meu queixo despenca. Fitts acaba de irritar um major da mesma forma que irritaria qualquer comum. Vai sobrar para mim também. O major gagueja, ajeita os óculos no rosto, vira-se ao motorista e diz: "Ande, vá". O Humvee acelera na estrada para a segurança da Base Avançada de Operações Normandia. O fato de estarmos dispostos a nos submeter a tais condições imundas e lutas brutais, às vezes, confere-nos passe livre com a outra metade do Exército. É a única coisa que salva nossa pele de punições por insubordinação. O sargento Warren Misa pula por cima de um cadáver iraquiano estraçalhado e se aproxima de Fitts. Filipino musculoso, nascido em Cebu, criado em Cincinnati, Misa é o único homem que conheci capaz de falar filipino com sotaque de Ohio. Mas conseguimos entendê-lo. "Sargento Fitts?" "Sim, Misa?" "Estão tentando falar com o senhor pelo rádio. Há problemas em Muqdadiyah, novamente." Todos se dirigem aos carros blindados Bradley e se amontoam lá dentro. O interior desses blindados é como um forno móvel no calor do Iraque. Com nossos 25 quilos de aparato de guerra - capacete e colete à prova de balas Kevlar, armadura, munição, armas, água e visor noturno - nós suamos litros a cada viagem. Isso faz com que fiquemos desejando ardentemente pelo menor calor possível nos banheiros da base de operação.

12

O solavanco dos Brads deixa o posto de fiscalização destroçado coberto com sua poeira. Depois de uma curta viagem, chegamos ao centro de Muqdadiyah. Foi aqui que, um dia antes, nossa esquadra

havia testemunhado a luta mais dura de sua curta carreira em combate.

"Puta que pariu", diz a voz do sargento do nosso pelotão, James Cantrell, no rádio interno do Bradley. Espio pela portinhola e engasgo.

Estamos cercados por caixões. Caixões de madeira novos em folha alinham-se em ambos os lados da rua. Em alguns lugares estão empilhados em dois ou três. Perto do local, um homem inclinava-se sobre duas tábuas e erguia um martelo. Percebo que ele está montando uma tampa de caixão. Outras tampas espalhavam-se em redor dele, bloqueando nossa passagem. Cantrell nos ordena a descer. A rampa do nosso veículo abre e se finca na estrada. Saímos e damos de cara com o sol brutal da manhã. Ainda há fumaça nos prédios. Uma casa danificada pela batalha já havia sido destripada por homens brandindo marretas e martelos. Ao nosso redor, em meio aos caixões, mulheres choram e crianças olham ao longe. Velhos homens, sobreviventes do reino de violência de Saddam Hussein, da guerra com o Irã e da Guerra do Golfo nos observam com olhos fundos.

Passamos lentamente pela casa que havíamos usado como ponto de encontro no dia anterior. Três caixões alinhavam-se em frente. Fiquei me perguntando se um deles continha o adolescente que eu tive que matar.

Em meio à luta de ontem, meu esquadrão alcançou uma casa com portões e muradas. O sargento Hugh Hall, o baixinho entroncado mais agressivo do nosso pelotão, destruiu o portão e guiou a tropa até o que parecia ser um quintal de fundos. Assim que entramos, a parte da frente da casa explodiu. Um enorme pedaço de concreto

despencou sobre Hall fazendo com que o resto de nós corresse atrás de abrigo. Logo formou-se uma barreira composta por três Bradley blindados abrindo fogo com seus canhões Bushmaster de 25 milímetros em resposta à explosão do canhão inimigo. As salvas altamente explosivas destruíam a parte de fora da casa e o estrondo era tão grande que eu mal podia ouvir.

13

Pelo rádio, Cantrell gritava: "Bellavia, me dá a porra do SITREP (relatório)". A voz de Cantrell é a única coisa que consegue se sobrepor à cacofonia de uma batalha. Ele tem o dom para isso. Tonto e confuso, não consegui responder no início. Cantrell não gostou daquilo. "BELLAVIA, VOCÊ ESTÁ BEM, PORRA?"

Finalmente encontrei a chance para responder. Eu só ouvia os tiros do Bradley, então gritei em resposta: "Pare de atirar! Você está acertando nosso local!". "Seu cuzão, não éramos nós. Era um RPG da porra", estrondava a voz de Cantrell pelo rádio. "E aí vem outro."

O topo de uma grande palmeira no quintal dos fundos explode acima de nossas cabeças. Cantrell e os outros Bradleys revidam imediatamente abrindo fogo. Pedaços de madeira e folhas em chama caem sobre nós. Hall, já coberto por poeira de concreto, sujeira e sangue, pergunta: "Já mataram aquele filho da puta?".

"Entrem e vão para o telhado", gritei em meio aos tiros do Bradley. Os homens se moveram para a porta. Ao forçarem sua entrada, eu espiei por um canto da parede e vi um atirador num telhado ali perto. Estudei-o por um momento, sem ter certeza de que lado ele estava.

Ele poderia ser um habitante amigável. Nós os havíamos visto antes do tiroteio na milícia negra dos Mahdi que se infiltraram nessa parte da cidade antes da luta. Nem todos com rifles nas mãos eram inimigos.

O atirador no teto era um adolescente, talvez com 16 anos. Eu podia vê-lo procurando por alvos, suas costas para mim. Ele segurava um fuzil AK-47 sem coronha. Seria ele apenas uma criança estúpida querendo proteger sua família? Seria um daqueles fanáticos xiitas de Muqtada al-Sadr? Não tirei os olhos dele e rezei para que abaixasse seu AK e apenas entrasse na casa. Eu não queria atirar nele.

Ele se vira e me enxerga, e eu posso ver o horror em sua doce face. Coloco-o em minha mira do mesmo modo que ele ajusta o AK em seus ombros. O menino não tinha chance. Minha arma precisava apenas de um leve toque na trava e um beijo de borboleta no gatilho. Por favor, não faça isso. Você não precisa morrer. O AK passou para completa prontidão. Ele estava mirando em mim? Eu não conseguia ter certeza, mas o cano apontava em minha direção.

14

Devo atirar? Arrisco não atirar? Estaria ele tentando me proteger de uma ameaça invisível? Eu não sabia. Eu tinha de tomar uma decisão.

Por favor, me perdoe por isso. Apertei meu gatilho. O queixo do garoto caiu no seu peito e um gemido gutural escapou de seus lábios. Atirei de novo, errei e puxei o gatilho mais uma vez. A bala rasgou seu maxilar e sua orelha. O sargento Hall apareceu do meu lado, viu o

AK e o garoto e acabou com ele disparando quatro tiros em seu peito. Ele caiu sobre o pequeno muro do teto.

"Valeu, cara. Perdi meu zero", eu disse a Hall, explicando que o visor do meu rifle estava desligado, mesmo sendo essa a última coisa a passar pela minha cabeça naquela hora. Agora, um dia depois, numa estrada cercada de caixões e famílias em luto, testemunhar a aflição deles é demais para nós. Esse pobre povo foi surpreendido, abusado pelos fanáticos que escolheram lutar conosco. Os milicianos Mahdi de Muqtada al-Sadr são os soldados rasos da insurreição Shia. Foram eles que criaram o caos em Muqdadiyah. Eles utilizam casas e negócios de pessoas inocentes como posições de batalha ou pontos de emboscada.

Essas cenas nas ruas repletas de ânsia nem se comparam ao que vemos dentro dessas casas arrasadas em batalhas. Ontem, meu esquadrão chutou uma porta e tropeçou numa mulher usando um avental ensopado de sangue. Ela estava sentada no chão, uivando de aflição. Parecia estar em meio aos seus 40 anos e tinha tatuagens Shia no rosto. Quando ela nos viu, levantou e agarrou o especialista Piotr Sucholas pelos ombros e deu-lhe um beijo na bochecha. Então ela se virou e encostou a cabeça no peito do sargento Hall como se estivesse tocando seu coração.

Eu me aproximei e falei em péssimo árabe: "La tah khaf madrua? Am ree kee tabeeb. Weina mujahadeen kelp?". Não tenha medo. Machucada? Médico americano. Onde estão os cães mujahadeen?

Ela se curvou e beijou minha aliança de casamento. "Baby madrua. Baby madrua." O desespero em sua voz foi varrido pelo som das risadas de uma garotinha. Quando a criança risonha apareceu vinda da cozinha e agarrou a perna de sua mãe, imediatamente percebemos

que ela tinha síndrome de Down. Eu fui tomado pela beleza dessa criança. O especialista Pedro Contreras amava as crianças iraquianas. Ele tinha um sobrinho de seis anos de idade em casa e, quando via esses pequenos, sofria pelo garoto.

No início não vimos o bebê machucado - ainda tínhamos um trabalho a fazer. Fui para a parte de cima procurar por um insurgente que estava atirando em urn de nossos Bradleys. Na metade do caminho, descobri um rasto de sangue nas escadas. Então encontrei um tufo de cabelo humano. Poucos passos acima, encontro uma perninha. Baby madrua. Ah, merda! Merda! A criança estava morta. Ela foi destroçada no topo da escada. O especialista Michael Gross havia me seguido até certo ponto pelas escadas. Virei para ele e gritei: "Volte para baixo. Eu falei volte pra baixo, porra!". Gross parou de repente e desceu lentamente as escadas, com um olhar de dor em sua face. Eu me excedi com ele, mas não queria que visse o que havia sobrado da criança morta.

Deixei o esquadrão no primeiro andar e fui checar o telhado sozinho. Três cabras mortas sangravam no teto perto de um miliciano Mahdi vestido de preto com uma braçadeira dourada. Ele morreu com urn AK em mãos, uma granada RPG encostada na parede ao seu lado. Meu estômago se contorceu. Seria esse o marido daquela mulher? Ele tinha realmente posto sua família em risco atirando contra nós do telhado de sua casa? Que tipo de ser humano faz isso? Revoltado, corri para baixo. O restante do esquadrão tinha encontrado sobras de munição no quarto da criança. Os milicianos Mahdi tinham atirado daquela janela, também. Nunca esquecerei aquela casa. A mulher deu, em cada um de nós, um beijo de despedida. Ao encostar seus lábios

em minha bochecha, apontei para minha aliança e perguntei onde estava seu marido.

"Weina zoah jik? Shoof nee, shoof nee." Onde está seu marido? Mostre-me, mostre-me.

Ela foi ao chão e gritou: "Kelp". Cão. Eu supus que ele fosse o cadáver no telhado. Toquei meu coração e tentei comunicar meus sentimentos, mas a barreira da língua era muito grande.

15

Sua filha sobrevivente sorriu e acenou, dizendo adeus. Agora eu me pergunto se a mulher está por perto, entre os caixões. Se eu a visse, o que diria? Cantrell ordena que voltemos aos nossos Bradleys. Eu subo e entro. A rampa se fecha atrás de mim. Saímos do local. Pelo rádio, escutamos que nosso comandante de batalhão tenente-coronel Peter Newel e seus homens de segurança haviam feito contato com insurgentes. Partimos em seu auxílio. O Humvee de Newell tem uma metralhadora automática M2 calibre 50 em sua torre. Ao chegarmos, seu armador, sargento Sean Grady, está ocupado destruindo uma barreira de árvores que os insurgentes usam para se encobrir. Em resposta, um trio de granadas salta em frente ao seu Humvee. Nosso comandante de batalhão ignora o ataque e, do banco direito, coordena a luta com um rádio em cada orelha. Ele está imperturbável. A conversa no rádio nos deixa tensos e ansiosos por entrar na briga. O comboio de dois carros de Newell é atingido por fogo disparado dos dois lados da rua. O volume cresce enquanto mais canhões são lançados de ambos os lados. De repente, um menino de cinco ou seis anos de idade aparece no meio da rua. Em pé, perto do Humvee de Newell, o menino levanta dois dedos, depois cinco. O sargento Grady

gira sua metralhadora. É óbvio que a criança está sinalizando aos milicianos quantos veículos e soldados americanos estão presentes. Enquanto Grady destrava sua metralhadora, Newell percebe o que seu atirador tem em mente. "Não atire na criança", ele ordena. "Senhor, o menino está comunicando nossa posição", diz Grady em meio ao som crescente dos tiros. "Não atire na criança", reitera Newell numa voz dura. Grady entende o recado. Nosso coronel possui um senso de moralidade que é preto-no-branco. O menino, não importa o que estiver fazendo, não será atingido. As vezes, essa tendência boa de nosso comandante nos frustra, mas sei que logo estaremos agradecendo. Ninguém quer uma criança pesando em sua consciência. Do banco traseiro do Humvee, o oficial do Corpo de Defesa Ira-

quiana que acompanhava Newell se debruça para frente e diz: "Aqueles homens lá fora, senhor, são meus". Nunca intimidado, Newell ignora o coronel iraquiano e continua focado em lutar contra sua força-tarefa. O coronel iraquiano recosta-se em silêncio e vira-se para olhar por sua janela. Grady vê que ele está sorrindo. Seria ele também um simpatizante da milícia Mahdi?

No momento que meu Bradley alcança a luta e desce sua rampa traseira, o sargento Colin Fitts está no solo em minha frente com seu esquadrão completo e meu Time B. Estão avançando para leste sob forte tiroteio. Precisamos ir até ele e fornecer reforço. Corremos uma curta distância pelo solo, causando uma desordenada colisão no meio do tiroteio de metralhadoras. O profissional em mim zomba de suas habilidades. Esses filhos da puta podem nos matar a todos se tiverem um pouquinho mais de chumbo. O calor da manhã já está intenso. Ao alcançarmos uma área de prédios, fico tonto e um pouco enjoado

com o calor exaustivo. Tiros de rifle nos tomam de assalto. Balas respingam ao redor de nós. Corremos por um muro, viramos num beco e ziguezagueamos por casas e moradias. Cada porta, janela ou telhado é uma ameaça em potencial. Mantemos nossas cabeças sempre girando, procurando por atiradores. Atravessamos dois becos antes que irrompesse uma onda de tiroteio em nossa frente. Os estrondos metálicos do rifle M4 de Fitts acompanham logo em seguida os estrondos menores dos tiros de AK-47. Fitts e uma dúzia de bons homens, seu esquadrão de nove homens e três de meu esquadrão estão sem cobertura. Preciso chegar até eles. Seguimos em frente, mirando e avançando com o som da batalha. Cruzamos outros becos, passamos por outras casas. Algumas quadras à frente, avisto três homens de Fitts abraçando uma parede e disparando seus rifles. Onde está Fitts? Eu me viro e conduzo meus homens até a passagem de um beco. Minha intenção é mover-nos paralelamente à posição de seu esquadrão com a intenção de envolver o inimigo que Fitts havia encontrado. Atrás de nós, ouço um rifle atirando. O Tenente Christopher Walls, nosso líder de pelotão, no gatilho. Na confusão de passagens por becos, sei que será difícil para ele nos achar se continuarmos seguindo. Digo ao especialista John Ruiz, ao primeiro-soldado raso Raymond Collins e ao sargento Allan Pratt que recuem e aguardem enquanto eu me movo até Fitts e encontro um modo de juntar os dois esquadrões. Alcanço uma esquina, observo ao redor e finalmente avisto Fitts

e o restante da Primeira Esquadra. Eles se encondiam em uma pequena estrada em minha frente, mais ou menos a um campo de futebol de distância. Eles estão à vinte metros de um complexo de muros. Dentro do complexo há uma pequena casa com uma metralhadora num abrigo em banco de areia, em uma das janelas. O abrigo parece estar vazio e o cano da metralhadora está apontado

para o céu. Mesmo assim, muitos dos tiros parecem vir daquela área. Fitts está tomando tiros por trás também. Insurgentes de capuz preto recortam os becos em volta da esquadra de Fitts. Mísseis zarpam e explodem sobre pequenas composições de muros baixos. Metralhadoras disparam. Eu posso ver claramente que milicianos Mahdi cercaram a esquadra de Fitts. Há apenas uma opção para Fitts: conduzir seus homens até uma casa e alcançar um telhado que possa ser usado como posição de defesa. A casa mais próxima fica dentro do complexo de muros. Essa será a escolhida. Fitts e eu pensamos do mesmo modo. Ele não me enxerga, mas eu sei o que ele está fazendo. Se Fitts for capaz de tomar aquela posição de defesa dentro do complexo, ele conseguirá uma posição segura no local e ficará protegido do fogo cruzado em que se encontra sua esquadra. Eu me preparo para conduzir meu Time A para cobri-lo. Pratt, Collins e Ruiz avançam em minha direção e tornam tiros de um beco. Eles param para revidar fogo, confusos numa luta deles mesmos. Percebo que meu time não terá condições de cobrir a Primeira Esquadra. Estamos presos a menos de 50 metros de uma floresta urbana infestada de inimigos e preocupados com nossa própria sobrevivência. Acima, no beco, vejo Fills reunindo seus homens em formação para mover-se até a casa e proteger-se do fogo cruzado. Ele os guia, abrindo caminho em formação de ferradura invertida. Fitts está -

seguindo as regras à risca. Ao alcançarem a parte externa do complexo de muros e se dirigirem ao portão frontal, metralhadoras descarregam uma torrente de tiros em direção a eles de uma posição mais alta de outro complexo fortificado, cerca de 300 metros à frente.

Eu procuro desesperadamente por alvos. Fitts precisa que eu cubra aquele complexo, mas os prédios ao meu redor mascaram minha

visão. Não consigo ver ninguém para atirar.

Fitts conduz os homens uniformemente avante enquanto Misa e outros lançam uma salva de granadas 40 mm em direção ao complexo fortificado. Elas explodem ao longe, mas o tiroteio não diminui. Ao se aproximar da entrada do complexo, a esquadra de Fitts entra no inferno. Balas vêm de todos os lados da rua. Insurgentes atiram de todos os lugares. A Primeira Esquadra foi pega em triplo fogo cruzado. Sua única esperança é entrar na construção. Enquanto uma rajada de balas rasga o chão em volta de Gross e Contreras, Fitts nunca hesita. Com seu M4 resplandecendo, ele conduz sua esquadra e meu Time B em direção à casa. Rastreadores zarpam por eles como brasas quentes de uma fogueira ao vento. Eu estremeço. Não consigo ver ninguém para atirar. Não posso ajudar. Meu primeiro instinto é correr para a área aberta e deixar que meus inimigos atirem em algo diferente.

Estou prestes a me mover, quando aconteceu. Fitts está rastejando e atirando para o outro lado do complexo quando seu braço direito é atirado para trás. Um espirro de sangue corta o ar. Ele não pára. Dá mais dois passos, troca o rifle para a mão esquerda e o encaixa na axila. Ele dispara como uma criança com o braço que ainda estava bom. Então seu braço esquerdo é repuxado e atingido por outra bala no bíceps esquerdo, bem acima do cotovelo. Seu rifle cai no chão e dispara várias salvas no solo. Ele cambaleia, solta o rifle e cai. Três metros atrás de Fitts, o especialista Desean Ellis cai para trás, gritando. Mesmo com meu ponto de vantagem distante, quase 200 metros ao longe, escuto um terrível som de algo rasgando, como jeans, como se estivessem rasgando uma calça jeans. Uma bala o atingiu no quadríceps direito. Quando ele se vira, posso ver uma mancha vermelha nas calças de Ellis. Ele despenca no chão.

Convocando reservas de força, Fitts recupera seu rifle M4 e consegue ficar em pé. Ele dispara quatro ou cinco tiros para dentro da casa e tropeça à frente. Atrás dele, seus homens "circulam" com suas armas automáticas em fogo. Soldados propriamente treinados não fazem isso em combate, exceto em circunstâncias de desespero. Com a morte de seu líder, eles não têm outra escolha além de transformarem suas armas em chuveiros mortais. uma figura aparece na entrada da porta. Fitts dispara em direção ao insurgente, engatilhando a arma com seu dedão e o dedo indicador da mão oposta. O sargento Hall dispara uma saraivada também. O inimigo é destruído na entrada da casa. Segundos depois, outro toma seu lugar. Contreras o mata com duas salvas bem posicionadas. A metralhadora abandonada na janela repentinamente balança para baixo. Eu vejo o movimento e percebo o que acontece. Alguém está manejando a arma agora e nossos homens estão descobertos. Eu ainda não tenho nenhum alvo claro. Não posso ajudar. Meu estômago se revira. Eu entro em fúria com minha própria impotência. A arma dispara. Balas surgem em redor do esquadrão. Os homens espalham-se por suas vidas. Fitts não tem chance. Vejo-o se dobrando sobre chafarizes de sangue de seu joelho direito, seu terceiro ferimento. Ele cai na sujeira, sangue escorrendo ao seu redor. Não posso acreditar no que estou vendo. Fitts, meu amigo mais próximo, levou três tiros e eu não tenho como fazer nada para ajudar. Um calor queima minha coluna. Quase não sinto minhas pernas. Não consigo me mexer. Não consigo pensar. A única coisa que consigo fazer é observar horrorizado. Penso na esposa de Fitts. Ela está em casa, grávida do terceiro filho. Como vou explicar isso para ela? Não consigo olhar. Mas tenho que olhar. Fitts está deitado de bruços na sujeira a quase dez metros da porta frontal da casa. Misa lança outra granada de 40 mm no abrigo da metralhadora no mesmo momento em que dois homens cobrem a porta frontal. Para minha surpresa, Fitts agarra seu M4 novamente e abre fogo. Ainda há muita luta restando nele.

O especialista Michael Gross mata o primeiro homem na porta da

frente. O segundo, um homem magro com barba escura sai da porta e passa diretamente pela linha de fogo do soldado raso Jim Metcalf. Ele e o especialista Lance Ohle disparam vários tiros e o homem magro cai morto apenas a alguns passos de Fitts. Simultaneamente, dois milicianos saem de uma casa próxima. O especialista Jessé Flannery os corta enquanto Contreras vai até Fitts, levanta-o e começa a arrastá-lo para trás em direção a um refúgio.

"Porra, me solte e vá dar segurança naquele abrigo", ordena Fitts. Atrás do esquadrão há um pequeno abrigo no interior do complexo de muros. Ao lado da casa, é sua melhor esperança. A casa parece estar sem inimigos presentes. O perigo está nos disparos vindos do prédio ao lado. No meio do complexo, Fitts e Contreras estão abaixados.

"Não vou deixar você aqui", argumenta Contreras. "Me solta, porra! Me deixe aqui!" Relutante, Contreras larga Fitts no mesmo momento em que outros disparos atingem a esquadra à esquerda. Contreras se apóia em um joelho, vira-se, e dispara em direção aos tiros. Ele está exposto, mas não se importa. Ele continua atirando em alvos que não posso ver. Cartuchos vazios saltam do ejetor e caem em cima de Fitts, que havia começado a engatinhar em direção ao inimigo.

Escuto um rifle atirando em minha frente. Consigo ver um iraquiano de face escura usando um óculos ray-ban. Ele está num telhado

usando um rifle iraniano. Não sei dizer se ele está do nosso lado ou não, mas ele parece estar suprimindo o inimigo em volta de Fitts e da Primeira Esquadra. Perto do complexo, um miliciano carregando um míssil sai da tocaia. O Sr. Ray-ban no telhado o mata com uma série de disparos precisos. Estou tão confuso agora, porra. Fitts se levanta. Usando seu rifle como bengala, ele caminha mancando pelo resto do caminho até o complexo sem auxílio de ninguém. Hall se move em direção a Fitts, mas eu o vejo repentinamente balançar e girar. Um gêiser de água salta de seu CamelBak. "Hall, você foi atingido, cara?" grita Misa. "Eu sei. Eu sei, meu." Hall apressou-se, mesmo tendo sido atingido nas costas por três balas. Apenas sua armadura o havia salvado.

22

A esquadra ganha cobertura para entrar no complexo de muros. Segundos depois, uma granada direcionada ao Bradley do sargento Cory Brown se desvia e explode contra o lado de fora de uma parede. Um miliciano aparece num telhado, procurando por um novo ângulo para atirar na esquadra encurralada. Ele foi o primeiro alvo real que tive e eu descarreguei nele. Ele cai e desaparece e eu me fulmino por ter errado. Meu zero acabou. Atrás de mim, Pratt e Ruiz ainda estão batalhando pela passagem no beco. Insurgentes disparam contra eles por entre dois prédios. Eles não estão em posição de nos ajudar. Balas se espalham ao redor deles com sons agudos e zunidos fortes. Decido que preciso me mover. Levanto e ando em ziguezague por uma passagem no beco e viro uma esquina. Paro imediatamente. Estava bem atrás de um homem fumando um cigarro. Sua braçadeira dourada que indica que ele é membro da milícia Mahdi havia caído de seu pulso. Ele não percebe minha presença. Está preocupado com o Sr. Rayban no teto, apenas alguns metros à frente. Está de costas para mim. Ele continua fumando com seu AK apoiado no ombro direito. No começo, penso estar tendo alucinações. Esse idiota acha que há

pausas para fumar durante o combate? Minha arma se eleva automaticamente. Eu nem sequer penso. No segundo em que preparo o rifle para disparar, minha surpresa dá lugar à cólera. A mira faz contato com sua nuca. Foda-se um zero. Não posso errar agora. Meu dedo se contrai duas vezes. Seis salvas atravessam crânio dele. Seus joelhos caem juntos como se eu tivesse quebrado suas duas pernas. Ao cair, ele emite um som chiado como se fosse um porco. Abaixo minha arma e disparo três rajadas em seu peito, só para ter certeza. Ele despenca no chão como um pedaço de carne. Sua cabeça pende para frente e para trás. Ele chia novamente. Eu me convenço de que esse homem havia atirado em Fitts e minha fúria cresce ao extremo. Seu rosto parece uma máscara de Hallloween e recebe um chute da minha bota, até que ele finalmente morre.

23

Enquanto eu quebro sua arma, dobrando o cano para que ninguém mais a utilize nem se machuque com ela, noto que minha bota está ensopada de sangue.

Mísseis voam. Nossos atiradores nos Bradley agora podem ajudar. O especialista Shane Gossard, atirador do Bradley do sargento Brown, dispara na direção dos insurgentes enquanto eles se dirigiam à esquadra de Fitts. O atirador de Cantrell, sargento Chad Ellis, mata dois homens que corriam com mísseis nas costas. Na cobertura desse caos, meus homens correm atirando em direção ao complexo. Eu finalmente atravesso o portão e encontro Fitts.

Ele está deitado de costas, seu rosto mole. Acho que está em choque. "Como você está, cara?" "Já estive melhor. Esses espertinhos de

merda." Foi tudo o que ele disse, mesmo tendo levado três tiros de três armas diferentes.

Eu peço para que Cantrell traga um veículo de evacuação e retire Fitts e Ellis. Quando o nosso sargento descobre que dois de seus homens estão feridos, ele enlouquece. Acelera seu Bradley para nos resgatar. No início, ele não nos encontra e sua ira explode, deixandome com medo que estivesse à beira de um aneurisma. Ele grita repetidamente pelo rádio.

Eu retiro as coisas de Fitts, arma, depositório, visor noturno e ferramentas. Ele entende. Ele não tem condições para lutar e precisaremos de tudo que estiver disponível para continuar. Eu retiro tudo dele, menos sua lata de tabaco Copenhagen.

24

O Bradley de Cantrell chega. Rapidamente colocamos Fitts e Ellis dentro. Mesmo quando a rampa está sendo levantada, escuto Fitts dando ordens aos seus homens enquanto Ellis grita para ir embora. O Bradley bate em retirada com meu melhor amigo sangrando dentro dele.

Pouco depois, voltamos ao combate. Combatemos de prédio em prédio. A matança continua enquanto a escuridão se aproxima. No escuro, a vantagem será nossa. Com nosso equipamento de visão noturna, ganhamos a noite. Os milicianos Mahdi são fanáticos, mas mal treinados. Eles só sabem como morrer.

Um jato Air Force F-16 chega e sobrevoa o local e, debaixo de suas asas, bombas despencam. Eles permanecem naquelas ruínas. O piloto não tem permissão de soltar a sua artilharia. A divisão não quer reconstruir o estrago que suas bombas causarão. Aparentemente, estamos lutando numa guerra mais amável, numa guerra mais gentil. Bem-vindo à infantaria. Onde prédios hajji valem mais que nossas vidas. Tudo bem, viveremos com o fardo. E somente outro teste, outra medição que nos separa dos semelhantes ao major da Quarta Cavalaria. Em Diyala, em 9 de abril de 2004, estamos em plena batalha. As lutas urbanas de alta intensidade que temos praticado desde os treinamentos básicos agora finalmente podem ser descarregadas no nosso inimigo. Não há nenhum general medroso de quatro estrelas nos segurando. Nós somos, mais uma vez, a Primeira Divisão de Infantaria do Vietnã e das praias da Normandia. Andamos com rifles nos ombros, alvos caindo enquanto engatilhamos nossas armas. Milicianos Mahdi correm de esquina à esquina, mas somos rápidos e precisos com nossas miras. Acertamo-los em cheio. Nossos Brads andando, descarregando salva após salva de tiros dos seus Bushmasters para dentro dos prédios próximos. Ainda assim, os milicianos se recusam a desistir do combate. Rastreadores de inimigos invisíveis formam uma teia sobre nossas cabeças. Eles nos fazem ganhar cada casa e cada centímetro.

Essa é nossa guerra: não podemos disparar em qualquer alvo e nem sempre podemos dizer quem é um alvo; mas nós cuidamos um do outro e não nos importamos de fazer o trabalho sujo da nação. Pilotos da força aérea e majores do Exército especializados em Microsoft PowerPoint têm uma visão perfeitamente clara disso. Não ganharemos apoio de houver uma bagunça. Que venham. Somos a infantaria. A guerra é uma merda, use um capacete.

CAPÍTULO UM

Na merda

2 de novembro, 2004 Província de Diyala Nossa última missão antes de Fallujah

Sete meses depois, sob a luz da lua cheia, caminhamos através do esgoto na altura do peito. Seguimos vagarosamente, os braços acima da cabeça seguram nossas armas longe da sujeira. O excremento que nos banha é intensamente espesso. Os insetos se aglomeram. Mosquitos fazem a festa e moscas rastejam sobre nós. Se meu primeiro dia no Exército tivesse sido assim eu teria deserdado. Atrás de mim, meus homens estão putos da vida. Temos uma missão, mas alguns deles a questionam. O que está fora de questão é o fato de que eu os trouxe até aqui em plena madrugada para que atravessassem uma trincheira de excremento humano. Olho rapidamente para trás exatamente na hora em que Piotr Sucholas quase enfia a cabeça na sujeira. John Ruiz tira um dos braços do esgoto e segura Sucholas antes que ele afunde. Os dois cospem para limpar a boca e em seguida me olham por um nanosegundo. A difícil situação em que eles se encontram faz com que uma parte

de mim se sinta culpada. Saber que eles estão furiosos comigo faz tudo ficar ainda pior. Chame esse de meu lado humano. Por outro lado, o profissional em mim, o lado sargento do meu cérebro está

cagando para como meus homens se sentem. Esse conflito interno normalmente não dura muito tempo. A missão é o que importa.

Mas essa noite eu não estou conseguindo me segurar. Quase sussurrando pergunto: "Vocês estão bem?". Ruiz e Sucholas acenam com a cabeça. Assim também responde Hugh Hall que está do lado de Ruiz. "Parem de pensar tanto. O pior que pode acontecer é morrer no fim desta merda." Eles me observam sem demonstrar nenhuma emoção. Filetes de água e merda escorrendo por suas faces. Sucholas cospe novamente, mas o faz muito silenciosamente. Eles entendem. O fato de meus homens não responderem nada mostra disciplina. Estão irritados e miseráveis, mas não o mostram. Nós todos jogamos conforme as regras do jogo, soldados e sargentos. Tenho orgulho de sua disciplina, no entanto, ao mesmo tempo, estou totalmente alerta para o primeiro sinal de quebra de regras.

Cobrei muito da minha esquadra durante esses dez meses no Iraque - esses homens devem me odiar. Na nossa base há um boato antigo sobre uma meia, cheia de notas de cinco dólares, que o pelotão encontrou e, de certa forma, estão apostando para ver quem será pego primeiro: Fitts, Cantrell ou eu.

Seguimos caminhando pelo fosso. Ainda temos quase dois quilômetros para andar. A luz da lua nos guia. Está tão brilhante que nem estamos usando nossos visores noturnos. Caminhamos em direção a um enorme cano que atravessa a fossa bem no nível de nossas cabeças. É velho, enferrujado e parece instável. Eu me viro e faço um sinal para o sargento Mike Smith. Smitty passa para minha frente e engata uma perna no cano.

Um grunhido metálico ecoa pela noite. Smitty tenta equilibrar seu peso e o cano guincha em protesto. O metal começa a se desprender e um bom pedaço dele cai, deixando um buraco em um dos lados. A floresta de palmeiras ao redor de nós está repleta de cães de guarda

amarrados em suas correntes - a versão hajji para um sistema de segurança. Os cães ouvem o barulho e latem em resposta. Os latidos aumentam. Smitty afrouxa o cano quebrado. Não estamos conseguindo passar por ele e arriscamos ser detectados, graças aos cães. O pelotão inteiro se angustia. Eu vou ficando cada vez mais tenso. A missão está num ponto crítico.

Estamos novamente atrás de Ayub Ali, o comerciante de armas que espalhou tanta miséria na Província de Diyala desde que a insurreição Shia começou em abril. Ao chegarmos ao país não tínhamos a mínima idéia de quem ele era. Gradualmente, ao longo do verão, percebemos que havia setores de inteligência fornecendo armas e explosivos para a milícia Mahdi e, ao mesmo tempo, para os insurgentes sunitas. Ayub Ali comanda esse grupo sombrio.

Já tentamos pegá-lo várias vezes, mas ele tem uma imensa sorte e escapou em todas as tentativas. Quanto mais aprendo sobre ele, mais quero vê-lo morto. Ele não é nenhum ideólogo ou jihadista. Ele é apenas um criminoso vendendo ferramentas de morte para o comprador que oferecer a melhor oferta. Ele ajuda a explodir mulheres e crianças em nome do lucro. Matar Ali salvará a vida de um incontável número de inocentes. Nessa noite, estamos numa missão secreta para descobrir seu último esconderijo. Informações da inteligência sugerem que Ali se mudou para uma fazenda no interior,

fora de Muqdadiyah. Nosso trabalho é ficar o mais próximo possível, observar bem o local e confirmar se ele está Id. O fosso de merda oferece a maneira mais certa de nos aproximarmos sem sermos detectados pelos vira-latas. Agora, presos no cano que atravessa o fosso, estamos diante da possibilidade de estragar tudo. Nas fotos de satélite que recebi antes da missão, o cano não podia ser visto. Agora preciso agir como tinha programado. Não podemos voltar. Voltar significa admitir um erro e sargentos nunca cometem erros. Somos profissionais que protegem a imagem de infalibilidade porque é isso que nos mantém liderando nossos homens. Se eles acreditarem em você e seguirem seu exemplo, esses homens farão tudo que lhes for pedido. Essa ligação entre os soldados é um

laço profundo. É a raiz do que significa ser um homem da infantaria. Na crueldade desse momento, isso é o que dá valor e significado para a minha vida. Isso não significa que meus homens não me odeiem. A natureza de ser soldado traz intensidade a cada emoção, especialmente no combate. Nós amamos, odiamos e respeitamos uns aos outros ao mesmo tempo, porque a alternativa é a insípida certeza da morte. Eu olho para o cano e penso num plano. Os homens terão de tomar um banho. É a única forma de conseguir continuar a missão. Escolhi os homens para realizar esta missão. Escolhi o especialista Lance Ohle por sua excelência no manejo da metralhadora SAW. Numa batalha, Ohle é um artista em sua SAW. Ele fala como um rapper, mas usa chapéu de cowboy e ouve Metallica. Nem o Exército nem os outros mundos que ele ocupou o prepararam para isso. Ele resmunga um protesto sobre o incidente que nos confronta. "Oh! Oh!" "Cala a boca, porra", Hugh Hall sussurra. O sargento Mike Smiths está atrás de mim. Ele é nosso guru de localização territorial, embora seja normalmente o comandante de um dos Bradleys. Eu aceno para ele, aponto para baixo; ele faz uma cara feia em resposta e enche o

peito de ar. Um instante depois ele afunda no esgoto e passa por baixo do cano. Do outro lado do cano, ouço-o imergindo e expirando. Alguém lhe devolve sua arma. O sargento Hall vai em seguida. Ele não hesita e eu não me surpreendo. Considero-o um dos melhores soldados da Companhia Alpha. Ele mergulha no esgoto e aparece do outro lado do cano. A luz do luar acentua a miséria de Hall. Ele está coberto de esgoto; o lodo ocre pinga de seu colete à prova de balas Kevlar. John Ruiz vê seu estado, mas não titubeia. Ele afunda por debaixo do cano e imerge do outro lado, perto de Hall, um segundo depois. Eu sou o próximo. Fecho os olhos e tampo o nariz. Lá vou eu, para baixo da imundície. Então saio do outro lado. Misa, Sucholas e sargento Charles Knapp me seguem. Continuamos ao longo do fosso, mais preocupados com cães de guarda do que com tiros. Finalmente chegamos a um pedaço da floresta de palmeiras aparentemente sem cães hajji. Arrastamo-nos para fora

do esgoto e nos movemos através da floresta. Agora é meia-noite e meia e o silêncio da noite já se estabeleceu. Completamente encharcados, começamos a tremer. Eu quase tenho vontade de voltar para o fosso de merda. Era mais quente. Rastejamos até um celeiro a cerca de 350 metros do complexo principal de Ali. A esquadra entra com a expectativa de deter alguém, mas o celeiro está vazio. Movemos-nos em direção ao complexo. Nosso trabalho é conseguir uma visão interna do local e estudar seus esquemas e defesas. Se possível, o batalhão quer que eliminemos algumas pessoas do complexo. Se eles fugirem em veículos, podemos chamar os helicópteros para que os sigam até que sejam capturados pelos Bradleys. Eliminar esses caras no meio do caminho, enquanto estiverem dentro de seus carros, será mais fácil do que atacar um complexo fortificado e defendido. Rastejamos com os corpos ainda tremendo por causa do ar frio da noite. Estamos prestes a atingir um

bom ponto de defesa a cem metros do complexo quando um barulho de motores corta a quietude da noite. A cacofonia cresce definidamente. Ao redor de nós, os cães de guarda latem em fúria. Olho por sobre meus ombros e vejo dois helicópteros Blackhawk acima de nós. Eles empoeiram o solo e em seguida sobrevoam o complexo. Ouço homens gritando em árabe. Um rastro de luz rasga o céu e, em seguida, outro. Os guardas de Ali estão ligando as sondas de detecção em nosso redor. Os pássaros haviam inadvertidamente comprometido nossa missão. Falando palavrões, retornamos ao celeiro, corremos para a floresta de palmas. Atrás de nós, o complexo está em estado geral de alerta. Os cães de guarda latem. As luzes de detecção se movimentam. Não podemos ficar por perto. Os Blakhawks mergulham e deslizam acima. Seus rotores giratórios atingem as construções com mini-furacões de vento e poeira. O que antes era silêncio, agora é caos total. Caminhamos quatro quilômetros até nossos Bradley sem falar uma palavra. Aquela tinha sido uma operação perfeita até ser arruinada pela falha de comunicação com dois pilotos de helicóptero. Fedendo, frustrados e num péssimo humor, entramos em nossos veículos.

30

Sabíamos que essa era nossa última tentativa de encontrar Ali. Essa missão é o nosso canto do cisne na província. Nossa unidade deve se dirigir até a cidade de Fallujah, na inquieta província de Anbar, às margens do rio Eufrates. Fallujah tem estado sob total controle dos insurgentes desde abril, quando a Operation Vigilant Resolve (Solução de Vigilância de Operações), uma ofensiva da Marinha planejada em resposta ao enforcamento de quatro oficiais norte-americanos, foi cancelada por razões políticas. Os cabeças-dejarro adoraram aquilo. Tudo o que eles queriam fazer era acabar com os insurgentes de uma vez por todas. Marinheiros. Eles podem ser os piores revisionistas de

todos os tempos. Mas no fundo, são todos profundamente orgulhosos e detestam lutas injustas. Que Deus os ame.

Em dois dias, a miséria de Diyala ficará para trás, as bombas IEDs na estrada local, a milícia Mahdi cercando Muqdadiyah e os tiroteios de casa em casa no centro. Ainda não sabemos quanta falta sentiremos. Estamos deixando a boa vida para trás e indo em direção à mãe de todas as batalhas.

Recosto-me no assento do Bradley, meu uniforme ainda molhado. Meus homens tremem violentamente por causa do frio. Alguns limpam as faces com trapos. Piotr Sucholas, meu novo Líder do Time Bravo, está sentado ao meu lado, com a arma entre as pernas, o cano encostado do chão do carro. Fico aguardando que ele solte os cachorros no presidente Bush novamente. Sucholas é o liberal do nosso pelotão. Ele se apaixonou por Michael Moore após assistir uma cópia pirateada do documentário Fahrenheit 9111. Felizmente, sua suspeita de que o presidente Bush está tentando conquistar o mundo não tem efeito algum sobre sua vontade de lutar. Quando começa o tiroteio, ele apenas pensa em matar os outros caras e salvar seus homens. E por isso que eu amo Piotr Sucholas.

Agora ele está quieto, sentado ao meu lado. A notícia de que estamos indo à Fallujah deixou todos introspectivos. Sucholas tem sangue frio. Em batalha, fica muito calmo, mas até mesmo ele está desconfortável com a idéia do que estamos prestes a enfrentar.

Os Brads nos levam de volta à base. Descemos dos carros e nos dirigimos até nossas habitações isoladas, em alojamentos triplos. Onde

moramos, precisamos caminhar 25 minutos até o telefone mais próximo. O centro de operações do batalhão fica a um quilômetro. Ate mesmo o necrotério iraquiano desativado que serve nossa comida fica a meio quilômetro de distância.

Nossos uniformes estão imundos. Limpá-los não é uma tarefa fácil. Temos algumas máquinas iraquianas de lavar roupas, mas atualmente não temos eletricidade em nossas habitações. Teremos de lavar na mão. Eu e Fitts ordenamos que os homens juntem o maior número possível de sprays de limpeza Simple Green. Também não temos água " corrente, então o espaço dos chuveiros no primeiro andar do nosso alojamento serve principalmente como área de estoque. Na escuridão, tiramos nossos uniformes e começamos o trabalho. Logo estamos congelando de frio e tremendo incontrolavelmente enquanto esfregamos as roupas e as lavamos com água engarrafada. Quando os uniformes estiverem limpos o bastante, tomaremos banho de água engarrafada e nos ensaboaremos com o restante do Simple Green. O lodo do fosso de esgoto é tirado com a água que congela nossos corpos. Ficamos até o amanhecer para conseguir um cheiro quase humano novamente.

Uma vez que meu esquadrão está dispensado, despenco em minha cama com a esperança de tirar um cochilo. O sono não vem com facilidade, apesar da minha fadiga. Minha mente se recusa a desligar.

Ao ficar sabendo que seríamos transferidos para Fallujah, ergui os punhos e gritei de empolgação. Finalmente. Tínhamos estado no banco de reservas da guerra, caçando filhos da puta como Ali por florestas e vales sem sucesso algum. Havíamos perdido a Batalha de

Najaf em agosto, que eliminou centenas de milicianos Mahdi e aleijou o Exército de rua de al-Sadr - pelo menos por enquanto. Talvez agora tenhamos chance de fazer parte de algo realmente decisivo. Minha adrenalina já está correndo pelo sangue.

Mais tarde, naquela manhã, saímos do alojamento para combater nosso próprio equipamento. Relatórios da inteligência afirmam que os defensores de Fallujah, cujo número pode ser de quase três mil sunitas e combatentes estrangeiros, estão fortemente armados - com nosso armamento. Além dos AK-47, metralhadoras PKM e mísseis

RPG, os sunitas e combatentes estrangeiros da cidade adquiriram armas norte-americanas, armaduras, uniformes e capacetes Kevlar. Eles também usaram barricadas Texas para fortificar as estradas que chegam a Fallujah. Barricadas Texas são barricadas de concreto reforçadas, de cinco toneladas que impedem a movimentação dos nossos veículos.

Nós não sabemos ao certo como destruir as barricadas Texas e nunca antes havíamos enfrentado nossas próprias defesas e armamento. John Ruiz, que havia escrito a mensagem "foda-se" em suas juntas em honra às férias em Fallujah, pensou em voz alta durante uma reunião se nossas SAWs poderiam penetrar nossas próprias armaduras.

Descobriremos hoje. Nossos Brads nos deixam na área de combate, logo depois do alcance. Normalmente atiramos em alvos móveis, silhuetas humanas que permitem com que afiemos nossas habilidades de bons atiradores e para que zeremos nossas armas, tendo certeza de

que as miras estão precisamente ajustadas. Não hoje. Retiramos algumas placas da nossa armadura corporal e as ajustamos em vários intervalos no alcance. As placas seguram bem, mesmo contra nossos tiros perfuradores de armadura. Essa notícia é boa e ruim. Nosso equipamento é de primeira-classe, mas alguns de nossos inimigos o estarão usando.

Finalmente, com nossas SAWs, descobrimos uma fraqueza. Se atingirmos as placas com tiros múltiplos e concentrados, nossos tiros penetram as placas que protegem o coração e os pulmões do soldado. Quando acabamos, as placas pareciam peneiras. E essa descoberta também tem um duplo efeito moral - os inimigos capturaram nossas SAWs. Estamos numa corrida lado a lado com nós mesmos - sabemos como matar nosso inimigo, mas ele também pode nos matar. Em seguida, trabalhamos com as possibilidades de explodir as barricadas Texas. Operamos com Bradley e tanques nesse Exercício e descobrimos que uma salva de tiros da arma principal de um tanque Abrams é a melhor opção. A capa de 120 mm é capaz de demolir até mesmo a barricada de concreto mais espessa. Até porque temos razão de acreditar que os insurgentes não roubaram nenhum de nossos tanques.

33

Após o almoço, o sargento-major comandante Steve Faulkenburg, 46 anos, aparece com um esconderijo de produtos ocidentais. Ele se arma com granadas RPG e fuzis AK-47 e mira em alguns Humvees destruídos que haviam sido rebocados para o abrigo. Atinge os veículos com mísseis e tiros de armas pequenas, parando a cada minuto para examinar os danos. O sargento procura pontos fracos no sistema de blindagem. Passa a tarde toda nessa tarefa, tomando notas

extensas. Finalmente satisfeito, Faulkenburg parte para a confecção de "blindagens improvisadas" que cobrirão os pontos vulneráveis.

Nos movemos para a área dos veículos e trabalhamos com os Bradley e os tanques Abram M1A2, para praticar nossas técnicas de violação de casas fortificadas. Durante semanas temos trabalhado o tempo todo. Dia após dia, noite após noite, a rotina maníaca nos destrói. Ensaiamos nossas tarefas de demolição, refinando os fundamentos de evacuação. Cada missão em Muqdadiyah serve como um exercício de treinamento operacional. Aprimoramos nossas táticas; treinamos com diferentes sistemas de armamento. Cada homem do pelotão está agora intimamente familiarizado com cada item de nosso arsenal. Todos os homens sabem dirigir um Bradley e usar um rádio. Cada homem do meu esquadrão passa por aulas de medicina de salvamento em combate. Eu digo que eles devem ser seus próprios médicos. Ao mesmo tempo, continuamos com nossas patrulhas de combate de doze a quinze horas ao redor de Diyala. Estamos treinando para uma luta enquanto continuamos noutra. Isso nos deixa frágeis e exaustos. Ao entardecer, finalmente nos retiramos. Os tanques se arrastam de volta à base. Minha esquadra fica atrás, com o dever de proteger os sacos de areia e alvos móveis dos bandidos saqueadores iraquianos. Os habitantes roubam qualquer coisa. É trabalho fácil e eu me estico na rampa de um dos Bradleys. Fitts aparece e senta-se ao meu lado. Com o sargento Cantrell de licença, Fitts age como nosso sargento de pelotão. "Não quero alarmá-lo, mas estou começando a desenvolver os estágios iniciais de uma desordem de estresse pré-traumática. Eu quero que fique registrado que acredito que vamos todos morrer, amigo", eu digo com o máximo de sarcasmo que consigo expressar.

Fitts sorri. "Você sabe que é um subordinado difícil." "Talvez você não me suporte como subordinado", eu devolvo. Ele já reorganizou o pelotão, o que com certeza irritará Cantrell quando ele voltar. Enquanto nós dois fumamos descontraídos, avistando o sol iraquiano afundar no horizonte, o capitão Sean Sims, o comandante dá nossa companhia, aparece e entra no nosso Bradley. Ele se senta e coloca os pés para cima. Tem estado tenso e temperamental desde que recebemos as ordens de Fallujah. Também tenho visto que ele vai até a cabine de telefone para falar com sua esposa, todas as noites. Antes de outubro, ele raramente fazia aquilo. "Sargento Fitts e sargento Bellavia. Como os dois cavalheiros têm passado?" Fico um pouco surpreso com o tom amigável de Sims. Quando Fitts retornou junto a nós, durante o verão, com seus ferimentos apenas parcialmente curados, o capitão tentou expulsá-lo da companhia. Fitts o havia deixado puto da vida por bater com o capacete no rosto de um policial hostil de Muqdadiyah. Sargentos geralmente incomodam seus superiores, mas Fitts era particularmente bom nisso. "Estamos bem, senhor. E o senhor?" Fitts responde com cautela. Eu e o capitão Sims também temos uma relação tensa. Em abril, durante a luta de casa em casa em Muqdadiyah combatemos como esquadrões desesperados sem muita coordenação superior. Mais tarde eu soube que Sims nem sequer havia saído de seu Bradley durante a luta. Um comandante que guia no solo é muito mais desejável do que um que fica dentro de veículos blindados. Depois disso eu questionei seus julgamentos em campos de batalha. Mais tarde, nossa relação quase acabou quando eu fiz meu esquadrão matar três iraquianos que viriam a ser sobrinhos de um bom habitante, um agente de segurança iraquiano. Em vez de acreditar na minha versão dos eventos, ele tomou juramentos de meus homens e até mesmo considerou a possibilidade de abrir uma investigação formal. Sims desistiu após insistências do executivo oficial da companhia e de outros membros de liderança, mas o incidente causou rixas desconfortáveis entre nós.

O capitão Sims observa o pôr-do-sol em silêncio. Sem saber se ele havia nos escutado, eu pergunto, "Como está o senhor?"

"Já estive melhor." Isso está nítido. Ele parece exausto e tem marcas de preocupação no rosto. Desde que a notícia se espalhou, Sims tem trabalhado sem descanso. Ele raramente dorme. Em vez disso, cai sobre relatórios da inteligência, estudando e revisando os planos que a equipe do batalhão produz. Sentou-se durante horas à noite com o capitão Doug Walter, nosso antigo comandante, discutindo detalhes e trabalhando em idéias novas.

O capitão Sims queria até mesmo utilizar Muqdadiyah como um ensaio final antes de Falluajh. Ele propôs que toda a força-tarefa fizesse um cordão ao redor da cidade, evacuando todos os lugares e casas. Eu tinha achado essa idéia brilhante, pois mostrava que Sims tinha muita coragem até mesmo por expressá-la. É claro que o comando de batalha negou a idéia, corn medo de que tal decisão causasse muito tumulto entre os locais. Contudo, o fato de querer fazer aquilo fez com que ele conquistasse respeito entre nós. Nós estamos cagando para os tumultos locais; afinal, segundo o que sabemos, eles já estão bem tumultuados. Utilizar a força máxima é exatamente o que queremos fazer. O capitão Sims desvia os olhos do pôr-do-sol e olha para nós. "O que você acha do treinamento?"

Nem Fitts nem eu hesitamos. Damos nossas opiniões e ele toma notas. Eu estou muito surpreso. Ele nunca havia me escutado dessa maneira.

Nós conversamos enquanto a poeira nos cobre. Está claro que o capitão Sims quer nossa opinião. Eventualmente, a conversa toma

outro rumo.

"De onde você dois são?", Sims pergunta. "Randolph, Mississippi", responde Fitts. "Buffalo, Nova York", eu respondo. "Por que vocês entraram para a infantaria?" Eu respondo primeiro, "Stephen Sondheim." "O quê?" Ambos Fitts e Sims me encaram.

36

"Stephen Sondheim, porra!" "Você está falando do compositor?", pergunta Sims. "De que porra você está falando, irmão?", diz Fitts. Então há algo sobre mim que esse cara não sabe. "Eu fui diretor de teatro", comecei a explicar. "Nem fodendo." "Sério. Direção de musicais e direção de palco. Acabei abrindo minha própria companhia de teatro em Buffalo. Sondheim, bem, eu adorava seu trabalho. Ele era meu ídolo, cara." "Esse é um lado bem diferente de você, sargento Bellavia." "Ele escreveu um musical chamado Assassins. Em resumo, americanos destituídos matam presidentes, mas a história dele estava toda errada. John Wilkes Booth comete suicídio, Leon Czolgosz mata McKingley por causa de uma garota, Lee Harvey Osvald, na verdade, atira em JFK - porcaria desse tipo." Dou um trago em meu cigarro. Ambos Fitts e Sims estão me encarando. Acho que um oficial grisalho que gosta de Sondheim é mais chocante do que um que gosta de Michael Moore. "Muito bem, então eu reescrevi a peça para torná-la historicamente precisa e mostrar por que esses idiotas mataram nossos presidentes. Quando minha companhia de teatro comentou o que havia acontecido, Sondheim cancelou meu show e ameaçou processar-me. Eu achei que era blefe, mas ele não estava blefando." "Pouco depois eu estava carregando metralhadoras em campo." Sims e Fitts desatam a rir. Eu pergunto ao capitão Sims, "O que fez o senhor entrar na infantaria, senhor? Como acabou aqui?" "Meu pai foi coronel no Vietnã. Eu fui ao Texas A&M. Casei com o amor da minha

vida e decidi entrar para o Exército. Meu pai me disse que eu poderia ser o que quisesse, mas que ninguém me respeitaria se eu não entrasse para a infantaria. E eu adorei, por isso estou aqui."

Ele parou um instante e acrescentou, "Eu tenho um filho pequeno. Sargento Fitts, você tem dois filhos, não é?" "Três filhos agora, senhor. Dois meninos e uma diabinha de dois anos que controla minha vida."

37

"Você é casado, sargento Bell?", Sims pergunta. "Eu sou. Nós temos um filho de quatro anos, Evan." Sims olha ao longe novamente. Compartilhar detalhes pessoais parece quase antiprofissional para mim, até que percebo que o capitão Sims está tentando fazer algo. Ele está partindo o pão conosco, fazendo as pazes. Resolvendo nossas diferenças.

"Como estão os seus homens?", Sims pergunta. "Estão ótimos. São ótimas crianças!", responde Fitts. "Temos sorte, senhor." "Como eles se sentem com os relatórios da inteligência?" "Bem, eu pintei uma flecha verde em nossa área de habitação. Ela aponta para o leste. Eu penso que devemos fazer com se acostumem a rezar seis vezes por dia agora." Eu sei que os homens estão prontos, mas também estão tensos. Nesse dias, toda fofoca e intriga normal entre os homens da infantaria desapareceu. Os que tinham rixas fizeram as pazes. Até mesmo Cantrell o fez antes de sair de licença mais cedo pela manhã.

Certa noite, Cantrell caminhava de volta para a área do pelotão quando o sargento-major Steve Faulkenburg o avistou e aproximouse

num Humvee. Ele pediu que Cantrell subisse no carro. Os dois homens pareciam odiar um ao outro. Não era assim no começo, mas conflitos anteriores haviam estragado a relação entre os dois. Lá estava a oportunidade de enterrar o ódio. Quando Faulkenburg disse adeus a Cantrell, olhou-o nos olhos e afirmou "Você sabe que não teremos como trazer todos eles de volta."

Nosso sargento de pelotão confirmou com a cabeça severamente. "Eu sei, mas lidaremos com isso de cabeça erguida."

O mesmo espírito de reconciliação fez com que o capitão Sims partilhasse seu pôr-do-sol conosco. As últimas semanas já haviam mudado minha visão sobre ele. Incerto na batalha, talvez, Sims está compenetrado quando planeja e prepara um evento. Ele não investe seu ego nas idéias, ele genuinamente procura resultados para que a companhia se torne ainda mais capaz, ainda mais feroz.

"Quer saber, senhor?", eu disse finalmente, "vamos todos ficar bem". Fitts olha ao redor e cospe no chão, perto da rampa. "Do modo

que eu vejo, senhor, Fallujah não pode ser pior que o sargento Bell enchendo o saco a toda hora por não termos baterias suficientes. Esse cara é inacreditável. É chato pra caralho."

"Sargento Bell, você é exigente?", disse Sims fingindo surpresa. "Eu tenho necessidades, senhor", explico. "O sargento Cantrell supre essas necessidades. Esse cara novo que você trouxe para cá - ele é muito

cuzão. Tem proficiência doutrinal, claro. Mas ele não é humano." Fitts zomba: "Humano." Sims ri, mas logo fica contemplativo novamente. Ele não acabou o assunto conosco. Após uma longa pausa ele pergunta, "Vocês conheciam bem o sargento Rosales?". Rosales havia sido morto durante uma investida em Najaf, na primavera. Seu veículo havia sido alvo e ele foi atingido. Apesar dos ferimentos, ele continuou na batalha, atirando até morrer. Em nenhum momento ele deixara que alguém soubesse que ele tinha sido atingido.

Eu disse "Sim, senhor. Eu o conhecia. Todos o conhecíamos. Ele era um grande homem. Sua esposa estava mal financeiramente e ambos desdobravam-se juntos. Eles tinham um filho pequeno."

Nós havíamos nomeado a área de tiro ao alvo como Rosales, mas Fitts parecia amargurado com a história. "E o que damos a ele? Esse pedaço de merda em sua honra."

Eu aceno com a cabeça. "Pois é. Quando as pessoas morrem no Exército, não é como o mundo real. Elas morrem e é como se elas tivessem apenas saído de licença ou mudado para outra estação. Não é real até que acabe, eu acho."

Sims concorda com a cabeça. "Parece isso mesmo, não é?" "Quando você chegar a sua casa, senhor, sente-se com seu filho pequeno. Conte a ele sobre nós, tá bom? Nossa guerra. O jeito que lutamos. Eles não podem nos encostar. Eles nunca encostarão em nós. Vamos ficar bem."

"Falando como um homem que nunca foi atingido por várias vezes." Fitts tem dito isso várias vezes ultimamente. "Cara, eu tenho de ouvir

essa história de novo?" Sims sorri, "Fica melhor a cada vez que ouço."

39

"9 de abril, 2004. Enfrentamos uma unidade militar toda." "Besteira, era um garoto de 12 anos com um rifle de 22." Fitts encolhe os ombros, "Bem, aquele bostinha sabia atirar." Fitts levanta as mangas e a barra das calças e podemos ver o estrago. As cicatrizes daquele dia em Muddadiyah o acompanharão para sempre, como tatuagens mal feitas. Ao vê-las, o capitão Sims se sobressai. Ele escorrega do banco do Bradley e pula pela rampa até o chão. Vira-se e nos olha nos olhos. "Vocês são os melhores líderes de esquadrão do batalhão. Todos sabem disso. E todos vêem vocês dois como exemplos." O elogio toca a nós dois. "Vamos perder pessoas." "Sabemos disso, senhor." "Seremos testados. Seremos todos testados." Silêncio. Esperamos. "O único modo de passar por isso é ficarmos juntos." Concordamos. Sims está falando com o coração. "Tenho orgulho dos homens", diz ele. "Tenho orgulho de conduzir a Companhia Alpha para a luta." "Ótimo, senhor." "Obrigado, senhor." Eu precisava que ele tivesse dito tudo isso. Ao ver o capitão Sims caminhando pela escuridão que chegava, tudo que eu pensava sobre ele havia mudado em menos de vinte minutos. Eu morreria por esse homem. Eu e Fitts permanecemos na rampa. O silêncio entre nós é como um casulo. O sol já se pôs há tempos e ambos olhamos para a escuridão.

40

CAPÍTULO DOIS

Além da redenção

4 de novembro, 2004

A noite segue fria, mas não nos movemos. Fallujah pesa em nossas mentes. Fitts não fala, mas sei que seus pensamentos são os mesmos que os meus. Enfrentaremos o maior desafio de nossas vidas em Fallujah. Eu poderia estar preocupado, mas com Fitts de volta ao pelotão, sinto que podemos vencer essa batalha. De forma alguma Colin Fitts deveria estar no Iraque. Três ferimentos à bala geralmente significam o ingresso para uma aposentadoria por invalidez. Não para Fitts. Depois do ferimento na batalha, ele passou por Diyala e Bagdá até a Alemanha antes de chegar no Walter Reed Army Medical Center, o hospital militar de Washington, D.C. Lá ele ficou tempo suficiente para ver seu terceiro filho nascer e em seguida forçou seu retorno à Alemanha, onde um sargento amigável lhe deu alta e permissão para seguir. Num dia de verão, ele apareceu novamente. Não houve fanfarra, mas nunca esquecerei dele mancando de volta até a área da

Companhia. Minha moral subiu. O tenente-coronel Newell até mesmo o condecorou com a Estrela de Bronze por mérito. A verdade é que Fitts não deveria estar novamente conosco. Seu corpo não está completamente curado. Ele ainda caminha mancando. Seus braços doem. Sua perna está sempre esticada e, por vezes, encontro-o sofrendo com dores agudas.

É difícil não amar um cara que se sacrifica tanto assim por você. Conversamos frivolidades na rampa por quase uma hora antes de recebermos a confirmação para sair. Fazemos as malas e nossos Brad nos levam de volta ao alojamento, onde avistamos dezenas de trailers de tratores Het e Hemmit estacionados perto da área de nossa companhia. Esses carros enormes são os equipamentos que movem nossos Bradley e tanques por longas distâncias. Os caras do transporte praticamente tomaram conta de toda a área aberta. Espalhados ao redor dos caminhões gigantes estão sacos de roupas sujas, mochilas cheias e pilhas de equipamentos. Sua chegada confirma que algo grandioso está para acontecer. Fallujah vem aí. Alojamos nosso equipamento e vamos comer. Ao aproximarmo-nos do refeitório, Fitts e eu avistamos o tenente-coronel Peter Newell. Ele está cercado de círculos concêntricos de repórteres e câmeras. Eles se empurram para chegar perto e competem para fazer perguntas. É surpreendente encontrar tanta comoção por aqui, nos recônditos de guerra. Até mesmo durante a insurreição Shia na primavera passada havia apenas alguns repórteres em Diyala. Os jornalistas vieram à Base de Operações Normandia para irem conosco até Fallujah. Está claro agora. Diferente de abril último, não haverá desistências dessa vez. Ver tantos tipos de mídia nos deixa de mau-humor. Bons soldados não têm interesse algum em brincar de enfermeiros no meio de um combate. Fitts abre a porta do refeitório. Ao adentrarmos, quase caio de quatro. Para nossa surpresa, o lugar havia sido enfeitado bem a tempo de receber os repórteres. Em vez da sujeira empacotada e do chão de concreto, o refeitório agora está revestido de azulejos de mármore. O problema é que, seja quem for que tenha pensado nisso esqueceu do quão escorregadio esse piso ficaria, especialmente para quem usa coturnos cobertos com areia.

Conseguir chegar até nossas bandejas de refeição é como andar numa pista de patinação no gelo. Do outro lado das mesas, vejo um jovem soldado escorregar e cair. Ele cai sobre as costas, espalhando comida, talheres e bandeja para todas as direções. Os repórteres estão por

todos os lados. Eles tomaram conta do refeitório e agora nos cercam e nos olham. Esses jornalistas imaculados estão vestindo roupas caqui da Banana Republic. E difícil não ficar enojado.

Outro homem resvala e cai no chão. Os repórteres observam tudo, mas não fazem comentários. Os soldados, envergonhados, levantam-se sozinhos.

Perto da entrada do refeitório, um repórter dá um cigarro para um soldado e o acende. De repente, o resto da manada tem a mesma idéia. Mãos enfiam-se nos bolsos e polegares acendem dúzias de cigarros para fulanos exaustos.

"Isso vai ser muito estúpido", digo para Hector Diaz, sargento substituto da Companhia Alpha.

O sargento Cory Brown, um homem grosseiro de Montana, pega uma bandeja perto de nós e entra na fila ao lado de Fitts. Ele é o comandante mais experiente dos Bradley, mas não é exatamente um cientista de mísseis e eu estou com vontade de animar os nervos um pouquinho.

"Diaz. Olha só essa merda", eu cochicho ao virar-me para Brown. "Viu, Grizzly?", eu digo, "Esses repórteres de merda comeram o último bife, cara. O cara pega, dá uma mordida e cospe na lata do lixo. Dá pra acreditar nesse filho da puta? Maldita Reuters. Eu agüentaria isso de um cara da AP, mas da Reuters de merda? Fala sério!"

Brown passa de indiferente a puto da vida em um segundo. "Qual é o nome dele? Rory Turds? Royters? EI, QUEM E REUTERS?"

Fitts agarra o braço dele, "Brown, ele só está te sacaneando, cara. Reuters é uma agência de notícias."

"Eu estou cagando pra quem ele é! Ele cuspiu um pedaço de bife bom no lixo e eu vou quebrar aquela cara de idiota dele."

Eu e Diaz caímos no riso. O primeiro-sargento da Companhia Alpha, Peter Smith, também ri. Criado na Alemanha por um pai norte-americano e mãe alemã, seu sotaque é tão forte que poderia repelir uma granada. Embora ele deva se sentir mais em casa durante a

Oktoberfest do que numa parada de 4 de julho, nosso oficial é um soldado brilhante. "Bellavia e Flits", ele diz, "segurem o mongo. Eu não preciso desse cabeça-de-vento fazendo uma merda de cena na frente da imprensa". Eu tento fingir estar indignado, "Primeiro-sargento, o que sou eu, um encantador de retardados? Eu não consigo segurar esse cara. Isso é trabalho pro Fitts."

"Não dou a mínima pra quem deve fazer o trabalho. Faça-o, ou Corv vai acabar usando uma insígnia corporativa e um capacete de lacrosse para trabalhar." Eu e Fitts tentamos acalmar Brown, que ainda parecia estar procurando o repórter que cuspira o bife. Ao nos sentarmos para comer, o tenente Ed Iwan passa por nós com um jornalista que o seguia como sombra. Iwan, nosso oficial executivo forte e de cabelos

ruivos, teve o trabalho por todos os quatro meses. Para seu desgosto, Iwan tinha conduzido essa imprópria entrevista com o repórter desde a linha de alimentação até o balcão de saladas e agora na frente da nossa mesa. Iwan apóia a bandeja na mesa enquanto coloca molho na salada. Ele pisca com uma preocupação sucedânea capaz de deixar qualquer graduado em Julliard com inveja. Sorri educadamente para as mais ridículas perguntas sobre a operação de Fallujah.

"Ah, eu não sei muita coisa sobre armas nucleares no programa espacial. Acho que está muito acima da média de salários de urn oficial júnior da infantaria. Mas o sargento Fitts e o sargento Bellavia poderiam responder a essas questões melhor do que eu." Iwan levanta as sobrancelhas para nós e aperta a mão do repórter gentilmente.

Eu e Fitts nos encaramos enquanto o repórter dispara perguntas sem uma introdução conveniente. Iwan desaparece na massa de desconhecidos, vagando em meio ao nosso novo local de alimentação. "Como descreveria o combate para americanos comuns que estão em casa?" "Combate? Você já jogou paintball, senhor?", pergunto a ele com muita seriedade. "Não, mas conheço o esporte."

44

"Diga aos EUA que o combate é como o paintball. A única diferença é que o inimigo é motivado por devoção fanática e usa balas de verdade para tentar matá-lo. Mas é basicamente a mesma coisa." "Certifique-se de anotar aquela parte das "balas de verdade', ok?" acrescenta Fitts.

"Vocês dois sabem pilotar helicópteros?" Iwan volta para nossa mesa, dessa vez com dois outros repórteres. Ele acompanha o jornalista

confuso para longe de nós e deixa os repórteres embutidos no nosso pelotão para Fallujah. Eu e Fitts cumprimentamos Michael Ware e seu fotógrafo, um russo carrancudo chamado Yuri Kozyrev. Esses dois diferem muito do resto dos enxeridos e da corte perpetuamente confusa. Nenhuma roupinha engomada da Banana Republic para eles. Bandoleiras de baterias de câmera cruzam seus peitos. Eles usam calças-cargo verdes que são mais sujas do que qualquer coisa que o especialista Tristan Maxfield possa usar. Maxfield é um dos meus melhores soldados, mas enfaticamente se recusa a praticar até mesmo o básico dos cuidados pessoais. Seu fedor há muito já virou lenda e graças a ele meu esquadrão ganhou o apelido de "Os Meninos Sujos". Ware e Yuri também comem como nós. Não se importam com talheres, guardanapos ou maneiras à mesa. Afundam as mãos na comida e encharcam pedaços de pão no molho como se não soubessem quanto tempo têm para comer ou quando receberão a próxima refeição. Devoram qualquer coisa. Eles seriam retirados de qualquer restaurante nos EUA, mas eu estou do lado deles. Suas maneiras são estranhamente apropriadas para este lugar, que antigamente abrigava autópsias. Eu já tinha ouvido falar de Michael Ware. Ele é um jornalista da Time que desenvolveu laços profundos com insurgentes em Bagdá. Infiltrou-se na milícia Mahdi durante a ofensiva em An Najaf, no verão de 2004. Em várias ocasiões, ele quase foi morto por tiros de tanques americanos. A Al Qaeda lhe passava vídeos de decapitação até que ele parou de aceitá-los em setembro. Também escreveu um artigo de cortar o coração sobre um tiroteio em Samarra. É a cara do jornalismo ocidental para o jihadistas. Ele também é australiano, um fato que vem à tona quando brinca de forçar o seu sotaque.

45

Ao redor de nós, no refeitório, dois mundos entram em colisão. Homens da infantaria chupam seus dedos sujos de comida enquanto

jornalistas elitistas balançam fastidiosamente os talheres e limpam o canto da boca com guardanapos. É demais para mim. Eu largo minha bandeja e fujo para a segurança da noite.

Na escuridão, acendo um cigarro e dou uma longa tragada. Passo por um pequeno pátio e vejo o capelão Ric Brown com um halo de soldados em redor dele. Eles estão rezando. A primeira vista, não sei dizer quem está no grupo. Mas quando meus olhos se ajustam à escuridão, percebo alguns rostos. Um soldado está com a cabeça curvada e segura uma cópia do Novo Testamento debaixo de um dos braços.

Encontro uma parede e encosto-me a ela. A noite engole muito das preces de Brown, mas eu consigo ouvir alguns trechos. Ele é enérgico, um bom homem que parece destoar de toda a depravação que enfrentamos na guerra. Todos nós o respeitamos. Uma vez, alguns soldados georgianos (antiga república soviética) começaram a brigar com ele depois que ele ordenou que a pornografia fosse removida de seus computadores. Todos os norte-americanos no local ficaram do lado do capelão Brown. As preces acabam e os homens debandam. Eu fumo em silêncio, pensando em meu próprio destino ou no que resta dele. Tenho três irmãos, dois dos quais são formados em seminários. Um se tornou ministro. Quando eu tinha cinco anos, meus irmãos mais velhos brigaram e um deles sofreu um ferimento no pescoço. Lembro-me de vê-lo deitado no chão, engasgando, gaguejando e babando. Caí sobre meus joelhos e rezei por ele com tudo que eu tinha. Não sabia o que mais poderia fazer.

Poucos minutos depois, ele abriu os olhos. Depois disso, durante minha infância, eu realmente acreditava que podia salvar pessoas com o poder da minha prece. Mais tarde, quando um amigo da família por quem eu rezava morreu, eu me culpei por não ter rezado o suficiente.

Tive pesadelos sobre aqueles que não consegui salvar de algum modo por não ter rezado com devoção total. A culpa me assolava por meses cada vez que isso acontecia.

46

Dou outra tragada no cigarro e começo a andar de novo. Faço um desvio e vou em direção às latrinas. Ao chegar lá, uma mão sai da escuridão e agarra meu braço. "Sargento Bellavia", diz a gentil voz do capelão Brown, "você gostaria de rezar comigo?" Sou cristão, mas meu tempo no Iraque fez com que eu me convencesse de que Deus não quer mais ouvir sobre mim. Eu fiz coisas que nem Ele pode perdoar. E fiz tudo conscientemente; tomei decisões com as quais deverei conviver para o resto da vida. Não sou uma vítima. Em cada instante ouvi minha consciência gritar por recuo. Mandei que ela calasse a boca e me deixasse resolver meus problemas. Todos os pecados que cometi, os fiz com um objetivo: manter meus homens vivos. Aqueles garotos do meu esquadrão, aqueles garotos meus, eles são tudo. Minha esposa não entende esse trabalho ou porque eu o faço. Meu filho é muito novo. Meu pai não entenderia se eu tentasse explicar. Minha mãe teria um ataque cardíaco. A necessidade de manter meus homens vivos torna tudo negociável e tudo e todos se tornam uma ameaça em potencial. Minha mente se volta rapidamente para o dia 9 de abril, quando invadimos uma casa cheia de homens, mulheres e crianças. Separei os homens. As crianças gritavam. As mulheres despencavam em choro. Meu esquadrão havia encontrado fuzis AK e metralhadoras RPK em armários pela casa. Eles ainda estavam quentes e cheiravam a pólvora. Riram da nossa situação até que nossos Bradley atiraram e mísseis explodiram dentro da casa. Um homem apontava seu dedo para mim em tom zombeteiro e superior: "Convenções de Geneva. Você deve fazer bom, Amrekee. Você bom Amrekee." Eu não podia deixá-los na casa com um de meus soldados como guarda, pois já estávamos em poucos homens. Também não

tinha como deixá-los sozinhos. Teriam nos atingido pelas costas ao sairmos. Decidi algemá-los no portão da frente e voltar depois que a luta acabasse. Mas ao deixarmos a casa e avançarmos acima pela rua, uma salva de metralhadora estourou atrás de nós. Os quatro homens tinham, de algum modo, se soltado das algemas e corriam por todas as direções.

47

Um Bradley deu fim a um dos homens - ao atingi-lo com suas balas de 25 mm, ele explodiu. Seus braços algemados espalharam-se pela rua espatifando-se no pavimento.

Um insurgente começou a rastejar de volta ao seu complexo. Um homem barbudo de outra casa correu para cortar suas algemas com grandes tesouras de podar. Movi-me para dentro da área aberta de perigo e atirei várias vezes no homem que resgatava. Meus tiros faiscavam na tesoura até ela se despedaçar.

Tiros de metralhadoras revolvem o solo ao redor de nós. O insurgente algemado rola, acertado por uma bala perdida do inimigo. Estorcendo-se de dor, ele começou a gritar apenas a alguns passos de sua própria casa. Sua família o ouviu e duas crianças chorando vieram correndo para fora, ver o que havia sobrado do pai. Joguei uma granada de fumaça que espalhou as crianças e fez com que voltassem para a segurança do lado de dentro da casa. Fiz isso para evitar que as crianças se machucassem, mas também para negar ao seu pai a chance de dizer adeus. Meus irmãos que morreram em campo não tiveram a chance de dizer adeus àqueles que amavam e eu não permitirei que esses homens o façam. Queria que ele morresse sozinho, coberto de fumaça, engasgado com seu próprio sangue.

O homem, totalmente desesperado, fitava-me com olhos misericordiosos e a fumaça branca preencheu o ar ao redor dele. Ele morreu sem outra chance de ver seus filhos. Eu roubei sua última alegria terrena. Deleitei-me ao ver sua vida ir embora. Senti-me justo. Em que me tornei? Como o menor dos quatro irmãos da minha família devota, já fui uma vez considerado o elo mais fraco. Cada filho tinha, no mínimo, uma formação universitária, alguns tinham duas. Eu lutei por muito tempo na universidade, mas não consegui me graduar. Era o filho que precisava ser abrigado e protegido.

O ponto decisivo aconteceu logo depois do meu aniversário de 23 anos, quando me mudei de volta para casa. Eu estava no quintal quando ouvi uma comoção dentro de casa. Quando fui ver o que era, dei de cara com dois bandidos viciados que haviam arrombado a sala de estar. Minha mãe acabara de retornar do hospital após uma cirurgia

complicada e não conseguia sair da cama. Meu pai ficara na porta do quarto, pronto para protegê-la. Os marginais riam e zombavam, não me consideravam ameaça alguma. Corri para o porão e encontrei a espingarda do meu pai. Segurei a arma, mas percebi que não estava preparado para usá-la. Eu nem sequer sabia como. Eu estava lá, arma na mão, impossibilitado de sair do porão, enquanto aqueles drogados aterrorizavam meus pais e roubavam nossa casa. Lentamente, deixei a arma de lado. Não sabia como usá-la e provavelmente seria um perigo para minha família. Em vez disso, encontrei um taco de basebol.

Quando reapareci, os marginais uivavam de contentamento ao carregar nossos bens. Um deles segurava uma faca nas mãos. Ele havia cortado cabos dos aparelhos eletrônicos e levado os equipamentos para seu carro. Eu não podia intimidá-los e não encontrava forças para atacá-los. Ao passarem a última revista pela casa em busca de objetos de valor, eles me ignoraram completamente. Fiquei paralisado de medo e os observei. Ao entrarem em seu carro no lado de fora, meu pai saiu do quarto e me fitou com um olhar que misturava desgosto e pena. Eu ainda era o menino tímido que ele e minha mãe tinham de abrigar contra o mundo real. Eu ainda não era um homem, mesmo aos 23 anos.

Tentei fugir. Minhas pernas se libertaram da paralisia e eu me encontrei no pátio da frente, procurando os arrombadores enquanto eles fugiam. Atirei o bastão e rachei o pára-brisa deles. Mas eles fugiram, o som de suas risadas arrastava-se atrás deles.

Eu mal podia encarar minha família, tinha sido um covarde aquele dia. Desapontei a todos e provei que não podia tomar conta de mim mesmo, nem das pessoas que eu mais amava.

Eu brinquei que Steven Sondheim foi a razão pela qual entrei no Exército. Nos meus momentos mais honestos, preciso confessar que foi o olhar do meu pai naquele dia. Aquele olhar me envergonhou e a humilhação fez com quem eu me juntasse ao Exército em busca do coração e espírito que faltavam em mim. Precisava entender a coragem e me tornar um homem.

Seis anos depois, o menino que falhou com sua família naquele dia

está morto há tempos. O homem que o substitui fica à vontade com o medo. É sua motivação. Raiva, agressão, ódio - eles sufocaram aquele estado de timidez. Em questão de dias, eu me tornarei um arrombador de casas, só que dessa vez, dentro das casas de Fallujah, não haverá nenhum rapaz paralisado de medo. Serão assassinos de sangue frio motivados pelo fervor religioso, mergulhados em adrenalina e narcóticos. Tudo bem. Eu também sou um assassino agora. Quero matar. Desejo matar meus inimigos. Estou eu além da redenção? "Sargento Bellavia?", o capelão Brown aparece novamente. Eu não sei o que dizer. Ele se aproxima de mim e eu vejo a sinceridade em seu rosto. Aquilo me chacoalha. Eu começo a rir para desviar seu foco, mas ele me encara nos olhos. Minha fé está sendo testada e eu sei que não estou na medida do que Ele quer para mim. Isso é difícil de enfrentar.

Quero perguntar ao capelão Brown, como Deus perdoará tais atos. Mas ele é um homem bom demais para ouvir os horrores perpetrados por mim - minha arrogância e falta de compaixão. Quero contar a ele que não sou como aqueles outros meninos assustados. Tenho fé, mas não quero conversar com Deus sobre as coisas que fiz. Não sei como. Capelão Brown, deve haver pessoas que precisam mais de você. Vá falar com quem ainda pode ser salvo.

Eu não posso verbalizar nenhum desses pensamentos. Tudo que posso fazer é curvar minha cabeça quando o capelão Brown toma a minha mão. "Senhor, dê a este jovem homem a força e a sabedoria para proteger seus soldados. Dê-lhe a coragem e a convicção para guiá-los ao desconhecido. Dê-lhe fé e orientação para que saiba escolher seu caminho, Senhor. Dê-lhe a perseverança de continuar. Em nome de Jesus, nós rezamos. Amém."

Eu sei que, quando voltar para casa, serei um alienígena em meio à tranqüilidade. As preces do capelão Brown fazem com que eu pense em meu

futuro. Isso me deixa aterrorizado. Sinto-me sozinho. O capelão está em pé ao meu lado, sua mão segura a minha. O silêncio é um golfo entre nós. O capelão Brown aperta meu braço e parte, sem consciência do seu impacto em mim. Dê-lhe a coragem e a convicção para guiá-los ao desconhecido. uma hora depois, encontro com Sims, Iwan e Fitts para um resumo final. Sairemos pela manhã e nossa missão está definida. Sims detalha o plano de ataque e explica nosso trabalho com precisão em cada passo. Cada pelotão terá um papel diferente no ataque. Fallujah é uma cidade que foi criada para armazenamento. Todas as construções da cidade são como fortalezas. As casas são mini-casamatas com rampas e há rachaduras cortadas em todos os telhados e paredes para disparar tiros. As mesquitas são antigos castelos persas com paredes de concreto de um metro e meio de espessura. Dentro dessas paredes, os quintais oferecem perfeitos pontos de emboscada através de cada janela. Até mesmo as lojas e os mercados locais são fortificados. Quadra após quadra, Fallujah é uma sofisticada armadilha mortal. Arquitetura à parte, os insurgentes tiveram meses para se preparar para essa batalha. Eles cavaram pontos de disparo, minaram as ruas, montaram armadilhas nas casas, construíram casamatas e evacuaram áreas de fogo. Todas as estradas para a cidade estão vigiadas, minadas e bloqueadas com as barricadas Texas capturadas. Enfrentaremos uma batalha de atrito dentro de uma malha de fortalezas interligadas. O atrito é um mundo estéril. Estaremos trocando nossas vidas pelas deles.

Sims deixa claro que nossos objetivos iniciais serão fortemente defendidos. Os insurgentes desdobraram combatentes estrangeiros nas cercanias da cidade. Eles formam a crosta externa de suas defesas mais internas, então são eles quem encontraremos primeiro. Relatórios da inteligência afirmam que enfrentaremos sírios, iranianos, sauditas, filipinos e até mesmo italianos e chechenos. Eles são bem-treinados, motivados ideologicamente e armados com munição e equipamento pesado. Eles treinaram por anos para matar infiéis. Alguns cresceram na Chechênia, Afeganistão e Somália. São veteranos como nós - urn time regular de islamitas cinco estrelas.

51

"Podemos esperar 35% de atrito numa área urbana como essa", diz Sims.

Eu tenho tomado nota de tudo que Sims fala. Eu agora paro e fito a estimativa de infortúnio inicial. Trinta por cento só para entrar na cidade? Não há como manter todos vivos.

"Uma vez dentro da cidade, obviamente não utilizaremos as estradas principais. Estão cheias de minas IED. Nós devemos definir nosso próprio caminho com a ajuda de engenheiros. Veja os mapas; teremos de improvisar a maioria dessas rotas." O capitão Sims abre um laptop que estava próximo e nos mostra uma gravação feita por um Air Force F-16C.

"É nessa vizinhança que estaremos. O Askari do Distrito dos Soldados", ele diz ao assistirmos o vídeo.

O F-16 lança uma bomba de 250 kg guiada por satélite. Ela cai sobre uma das principais estradas de Fallujah - a estrada que devemos usar para avançar. Forma-se um cogumelo gigante de fumaça e fogo no ponto de impacto. Um segundo depois, uma série de flashes espalha-se ao longo da rua. A bomba ativara mais de vinte explosivos improvisados apenas naquela única estrada. Assistimos em silêncio. Logo depois, a rua toda está coberta de fumaça. É uma visão triste. Seu um pelotão desmontado estivesse no meio de algo como aquilo, não restaria nada para identificar.

"Eu não vou tagarelar sobre qual o atrito aceitável de acordo com o comando, senhores. Nós confiscaremos a Estrada 10 e entraremos no distrito industrial. Aguardem algumas das lutas mais pesadas nessa área. Jihadistas estrangeiros utilizarão técnicas de ataque-e-fuga, mas há lutadores suficientes na cidade para que eles tenham uma reserva móvel. Podemos sofrer contra-ataques logo no primeiro dia. O inimigo tem forças para vir em massa sobre nós." "Assim como em Muqdadiyah, não haverá como pedir reforços depois de estar dentro da cidade. Será muito quente para os Blackhawks. Evacuaremos dos nossos infortúnios para esse trevo ao leste da cidade." As más notícias continuam e o capitão Sims fecha o laptop e se

vira para nós: "É esperado que os insurgentes tenham pilhas de drogas estocadas. Enfrentaremos lutadores drogados mais uma vez." Eu olho para Fitts e sei o que ele está pensando. Se isso for verdade, será difícil matar esses caras. Em Muqdadiyah, meu esquadrão havia testemunhado um miliciano Mahdi louco de droga atacando o Bradley de Cory Brown. Ele escalara as placas frontais, gritando como um lunático. O atirador o acertou com tiros de metralhadora,

estraçalhando suas pernas. Ele tombou do Bradley e estatelou-se de cara no chão. Ao nos aproximarmos ele começou a rir. O riso evoluiu para uma grasnada histérica e acabou com um agudo de arrepiar os ossos. Aquilo nos paralisou de medo. Fitando-nos com olhos selvagens, ele então puxou um frasco de pílulas do bolso encharcado de sangue e engoliu seu conteúdo. Então ele procurou por algo dentro de sua jaqueta. Pensando que ele estava prestes a detonar um colete-bomba, três de nós abrimos fogo e o atingimos. Atiramos várias vezes até que ele parasse de se mexer. Deixando meus homens de lado, fui investigar o cadáver. Seu braço direito estava arrancado. Suas pernas não eram nada além de carne perfurada. Seu rosto quase não existia mais e apenas um caroço ensangüentado sobrou de seu nariz. Ambos os olhos haviam saltado para fora. Encostei uma de minhas botas em seu peito. O miliciano Mahdi não se movia. Eu o chutei. Nenhum movimento. Dada a quantidade de vezes que ele havia sido atingido eu não esperava outra coisa, mas só para ter certeza, disparei duas vezes em seu estômago. Então eu o marquei com luz química para que as equipes de descarte de corpos o encontrassem mais tarde, durante a noite. Alguns minutos depois, um Blackhawk aterrisou e começamos a carregar insurgentes feridos para dentro dele. Enquanto trabalhávamos, dois homens carregavam as partes destrocadas daquele miliciano Mahdi até o helicóptero. Para nossa surpresa, ele ainda estava vivo. Bolhas de sangue borbulhavam através de seu nariz e sua boca mutilada. Cego, em agonia, ele ainda conseguiu gritar através de dentes quebrados e pulmões perfurados. Carregamo-lo até o helicóptero e nunca mais o vimos. Mais tarde descobrimos que os milicianos Mahdi haviam tido

acesso a epinefrina - adrenalina pura que consegue manter um coração batendo mesmo que seu dono tenha sido exposto a gás nervoso ou armas químicas. Um cara com aquilo no sistema é quase

um superhumano. Ele continuará lutando até que seja despedaçado por nossas armas maiores ou até que seja desmembrado e sangre até a morte.

No final do resumo, o capitão Sims traz visitantes: repórteres que irão conosco até Fallujah. O batalhão já determinou quem vai com cada unidade. O tenente-coronel Newell e a equipe de batalhão encurralaram o pessoal da televisão, deixando-nos com os jornalistas de mídia impressa, aparentemente menos desejáveis. Um repórter do New York Times seguirá o Primeiro Pelotão, Alpha. O Terceiro Pelotão recebe Michael Ware e seu fotógrafo russo.

Nós temos de decidir qual esquadrão tomará conta desses dois. Eu não os quero. Fitts também não. Já temos uma dupla de forasteiros para tomar conta. Dois controladores de vôo da aeronáutica, o piloto sênior Michael Smyre e o sargento Greg Overbay estão conosco para essa operação. Eles não sabem nada sobre combate de infantaria e eu suspeito que serão uma grande responsabilidade quando o tiroteio começar. Antes disso, durante a semana, um dos rapazes da aeronáutica pediu que eu lhe desse algumas aulas de evacuação de local. Já é muito tarde para isso, então eu lhe disse: "Não se preocupe com isso. Preocupe-se com as bombas. Eu juro que nada acontecerá com você. A única coisa que vai sangrar aqui são as hemorróidas que você vai ter de tanto ficar sentado dentro de um Bradley."

Fitts deve acompanhar Ware e Yuri. Eu fiquei com os rapazes da aeronáutica. Meu esquadrão ficou com o melhor negócio, mas Fitts parece achar que está muito além. Acho que vamos ver quem está certo muito em breve. O resumo está prestes a ser finalizado e Iwan continua falando. Sorrindo, ele diz: "Se o pior acontecer, tem uns vídeos de umas mulas no meu laptop que eu gostaria que alguém apagasse..."

Eu ofereço um sorriso profundo, o melhor que posso. Iwan já havia dito aquilo antes e todos nós caímos na gargalhada. Agora as coisas não parecem mais ter tanta graça.

54

Fitts e eu partimos para organizar o pelotão. Eles ouviram partes do que estamos prestes a fazer, boatos sobre quem estão prestes a encontrar, mas agora é a hora de contar a história completa. Ao caminharmos de volta para o pelotão, Fitts está de mau humor. "Estou trazendo o Lawson para comandar o esquadrão de armamento", diz ele sem nenhuma razão aparente. "Ele é um puta cara. Ótima decisão", eu disse. "Cantrell vai ficar puto da vida." "Sim, mas Lawson é um cara legal. E precisamos daquelas metralhadoras na porra da batalha de uma vez por todas." "Os meninos precisam saber o que está acontecendo." "Sobre o laptop do Iwan?" Rimos. Então Fitts volta a ficar sério. "Isso pode ficar horrível, merda." Concordei e terminamos a caminhada em silêncio. Ao alcançarmos a área da companhia, descubro que meu líder do Time Alpha, sargento Charles Knapp, tem estado muito ocupado. Ele e o resto do meu esquadrão estão cercados de depositórios e balas 5.56 mm. Knapp decidiu limpar manualmente cada salva de munição que levaremos conosco para Fallujah. Eles têm 400 depositórios, o que significa que passarão a noite limpando doze mil balas. O esforço será válido. Limpar cada uma das balas minimiza as chances de ocorrerem situações críticas em meio à batalha. Aquela visão emana uma pulsação de orgulho dentro de mim. Esse trabalho é uma merda de chatice, mas eles estão fazendo.

Chamo meu esquadrão para longe da limpeza das balas e peço que eles se reúnam. Começo a ler minhas notas. A probabilidade de

infortúnios ao chegarmos na cidade. Os combatentes estrangeiros. O número completo de combatentes inimigos. As minas IED. As drogas. As armas. Eu sinto a tensão crescendo. Embora ninguém diga, eles entendem que não há como todos nós voltarmos para casa depois daquilo. Continuo com meu resumo e estudo cada um de meus homens.

Piotr Sucholas parece afetado. Sua mãe é uma imigrante polonesa e havia escrito ao capitão Sims pedindo que não deixasse seu filho fazer nada de perigoso. Para proteger sua mãe, Sucholas havia criado todo

um desenvolvimento fantasioso para ela. Ele havia lhe escrito longas cartas contando como era a vida de escalão de retaguarda, deixando a vida de Riley dentro da composição da base. A verdade é que ele está florescendo como um líder de primeira linha que nunca recua de uma batalha e enfrentará essa batalha com novas responsabilidades. Ele se tornou meu líder do Time Bravo há apenas algumas semanas. O fardo de sua nova liderança pesa muito sobre ele. Apesar da forma como ele aparenta estar nesse momento, minha intuição me diz que ele ficará bem. Fora de um tiroteio em batalha ele pode ser um mentiroso do inferno. Quando o transformei em meu líder do Time Bravo, Cantrell praticamente teve um ataque. "De jeito nenhum aquela almôndega de merda vai ser líder de time em meu pelotão. Aquele cara é um marciano." Cantrell provavelmente estava pensando em todas as coisas estúpidas que havíamos visto Sucholas fazer. Na manhã após termos voado da Alemanha para o Kuait, no meio do deserto, Sucholas cambaleou até mim pedindo ajuda. Tendo bebido na noite anterior, ele havia acidentalmente se machucado com uma faca, deixando urn rasgo em umas das pernas. Ele havia tentado resolver

aquilo com cola. Mais do que qualquer coisa, ele ficara petrificado pelo fato de que Cantrell poderia descobrir aquilo.

Sucholas podia ser um estranho, mas Cantrell nunca havia o visto em batalha. Eu sim. No dia 8 de abril, eu o vi atirando no pescoço de urn insurgente. O homem caiu e começou a sangrar. Em vez de acabar com ele, Sucholas esperou pacientemente que o homem ferido fosse resgatado por camaradas. Realmente, três homens vieram em reforço para ajudar seu amigo ferido e Sucholas friamente matou-os todos. Ele nunca entra em pânico, nunca recua. Pode parecer estar aterrorizado agora, mas uma vez que estivermos na merda, sei que ele será duro como pedra. Também não preciso me preocupar com Knapp. Ele tem tanta confiança que beira a arrogância. Na Alemanha, aquela arrogância me irritava profundamente. Aqui, no Iraque, é um conforto. Ele é imprescindível em batalha e dependo dele já há muito tempo.

Essa noite, ele está ouvindo meu resumo. Parece resoluto. Sem medo nos olhos. Na verdade, ele está acima de tudo e escoando -

profissionalismo, Francamente, ele é um brilhante suboficial - agressivo, confiante e disponível para executar qualquer ordem. Confiarei nele cegamente nos próximos dias. Ruiz está sentado durante meu resumo e, de tempos em tempos, esfrega nos dedos as cartas que escrevera. Ele está mais controlado do que nunca. Está pronto. Ruiz pode lidar com o que vier. Não preciso me preocupar com ele. O soldado Brett Pulley, o atirador de Sucholas e também o homem mais novo do esquadrão, fita-me com olhos confusos. Ele é novo e novato. Nós tivemos de trabalhar dobrado para impedir que

ele fosse morto até agora. Sua falta de experiência é um fardo que todos carregamos juntos.

Quando criança, estudou em casa e foi superprotegido pelos pais, por isso Pulley não estava preparado para encarar o mundo real. Por alguma razão, ele havia trabalhado como roadie de uma banda de rock. Quando Pulley falava daqueles dias, seus relatos eram repletos de trabalho manual misturados com uma dieta de drogas e bebidas. Líderes de esquadrão escutam tantas histórias exageradas sobre drogas de suboficiais novatos que raramente lhes dão atenção. Mas as histórias de aflição de Pulley eram contadas demoradamente. Eu geralmente me pergunto se tudo isso é encenação ou se o cérebro dele esteve mesmo imerso numa sopa farmacológica por tanto tempo que não há mais esperanças.

Procuro por algum sinal de compreensão no rosto de Pulley. Será que ele entende a enormidade do que vamos enfrentar? Onde está o medo? Um pouco de medo é bom; ele nos mantém alertas.

"Que porra você está olhando, seu merda?", eu tento provocá-lo. "Nada." "Nada... cuzão? Nada... filho da puta? Nada... viado?" "Nada, sargento." Knapp, num salto, fica a centímetros da face de Pulley. "Melhor você se ligar, Pulley, ou você não vai voltar pra casa. Tá me ouvindo, viado?"

"Ententido, sargento." Não vejo medo em Pulley, mas estou me esforçando para ver algum sinal de vida, pelo menos. Ele é um que terei de vigiar.

Termino meu resumo. "Sairemos na escuridão. Santos, como estamos em relação aos C-4?" "Sargento, nós temos tantas bombas que não posso contá-las." Antes disso, durante a semana, eu havia dado ao soldado raso Victor Santos, meu granadeiro, uma paleta de cem quilos de explosivos plásticos. Os engenheiros o ensinaram o suficiente para matar a todos nós. Ele havia passado a semana toda enchendo garrafas de Gatorade com explosivos, fios detonadores e C-4. Santos e eu temos o mesmo amor por essas porcarias. Knapp havia ensinado ao jovem Santos tudo que ele sabia e eu posso ver sua mente trabalhando duro, reunindo cada uma das bombas que ele montara. O couro cabeludo de Santos ainda exibe a cicatriz de um míssil inimigo que destruíra sua torre vigia em junho passado. Ele passara duas semanas no hospital militar em Landstuhl, Alemanha, antes de retornar junto a nós. Mais recentemente, Santos renunciou a sua saída para ter certeza de que não perderia Fallujah. A única coisa que ele quer fazer é matar bandidos. "Liguem para suas famílias", eu disse. "Os telefones serão desligados como parte do plano OPSEC, então façam isso hoje à noite." Após dispensar meu esquadrão, Sucholas vem até mim. "Sargento Bell, não acredito que vou morrer em nome dessa conspiração para reeleger o George Bush de merda." Eu tento animá-lo enquanto ele continua: "Eu vou morrer também, você sabe disso. E será sua culpa e você vai pro inferno por causa disso." Ele havia dito isso dezenas de vezes nesses últimos dias e eu geralmente ria. Nessa noite, não há graça, não depois do meu encontro com o capelão Brown. O fato é que ele pode estar certo. O inferno deve ser meu destino final. Sucholas parte, intrigado por eu sequer ter fingido que achei o que ele disse engraçado. Ele pode sentir minha apreensão. Eu passo o resto da noite com meus afazeres, em busca de mais equipamento, munição e armas para meu esquadrão utilizar. Reúno vestimentas, torniquetes e baterias complementares. Pego também cinco outros sacos de dormir do sargento Diaz. Finalmente preciso dormir um pouco ou não farei bem para ninguém. O ritmo operacional tem sido brutal nessas últimas semanas. Treino, patrulha, treino,

patrulha - todos nós estamos desgastados até os ossos. Essa pode ser a última chance de uma noite de sono decente antes de vários dias que se seguirão. Vou para a cama, mas minha mente se recusa a desligar. Penso nos conflitos e tiroteios em que estivemos durante o verão. Revejo as lutas de 8 e 9 de abril em minha mente, mais uma vez, examinando todas as decisões que tomei e questionando todos os momentos a fim de aprender mais lições, ter mais idéias que possam nos ajudar em Fallujah.

Estaremos lutando de casa em casa novamente. Evacuaremos locais e lutaremos dentro de passagens em pontos neutros. Esse será meu maior teste. Eu procuro por uma luta como essa desde o dia em que entrei para o Exército. Domine o local. Use pares controlados. Lento é suave, suave é rápido. Não se apresse. Recarregue sua munição a cada pausa. É a forma mais brutal e custosa de guerra moderna. Os infortúnios serão intimidadores. Eu estou pronto. Fecho meus olhos para iniciar uma oração. Utilizando o exemplo fornecido pelo capelão Brown, decido seguir o tema da liderança e invencibilidade sobre o mal. Cory Brown está assistindo a um filme num laptop duas camas abaixo de mim.

O Exorcista. Não consigo me concentrar com tanto barulho, não que comungar com Ele seja uma troca fácil, de qualquer forma. Estou pronto. Querido Senhor, eu gostaria de dizer que... Penso em meus soldados mais uma vez. Vejo suas faces e lembro de mim quando tinha a idade deles. Eles são dez vezes o homem que eu era naquela idade.

Eu já fui um menino submisso com um coração fraco. Não aqui. Não mais. Agora sou uma alma perdida com o inferno nos ombros. E eu estou chegando.

58

CAPÍTULO TRÊS

A medida de um homem

8 de novembro, 2004 Campo de Fallujah Hora H menos 20 minutos

Ah. Vamos pegá-los. Isso é tudo que temos ouvido desde que chegamos ao Campo de Fallujah, há três dias. Qualquer um com insígnia maior do que a de major ganhou vinte minutos para falar com uma audiência restrita - nós. O capitão Sims até gravou seus discursos em vídeo. Todas as manhãs, ele reúne sua companhia para outra conversa preparatória. Antes elas eram inspiradoras. Agora eu só quero que o combate comece para que eu seja poupado de outra lição de retórica de um Knute Rockne* de merda.

Hoje, ao espalharem-se os primeiros traços da madrugada pelo horizonte, estamos em pé, em formação de força-tarefa, diante do tenente-coronel Newell, enquanto ele nos fala suas últimas palavras. Ele precisa aumentar sua voz para conseguir ser ouvido acima da artilharia explodindo ao longe, algumas milhas ao sul.

Ao redor de nós, veículos se aquecem enquanto equipes se -

*1. Um dos maiores jogadores e o melhor técnico da história do futebol americano. 59

preparam para nos levar até a área de pré-organização. Uma vez que estejamos abastecidos e prontos para partir, iremos para a área de organização, então à posição de ataque e, finalmente, à posição de pré-ataque. Essa é a coreografia com a qual o exército dos Estados Unidos move milhares de homens e veículos para um ataque e ainda mantém uma aparência de ordem. Aprendemos a fazer isso fora da Normandia, em Okinawa, em Iwo Jima, Inchon e Hue. Para nós, parece um funil. Seremos alimentados e agitados até que a grande máquina nos cuspa para dentro da cidade. O tenente-coronel Newell continua seu discurso. A CNN está filmando. Na Alemanha, minha admiração por ele cresceu ao observar o exemplo diário que ele passava. Ele sempre tem uma boa razão para acordar mais cedo, correr mais longe, trabalhar com mais afinco, ao contrário de seus oficiais e soldados. No Iraque, Newell provou para mim uma grandeza em batalha muito incomum. No começo, no entanto, seu discurso parece igual a todos os outros. Não consegue me prender. Mas suas palavras finais me arrebatam. "Essa é a mais pura luta entre o bem e o mal que possivelmente veremos em nossas vidas." Agora ele tem minha atenção. "Ninguém no mundo está mais bem preparado para o que vai acontecer do que você. Nós vamos até lá e vamos acabar com eles. Eles mataram nossa gente. Vinte e sete de nossos irmãos estão mortos e esses são os filhos da puta responsáveis. Isso é pessoal para mim, e deveria ser para vocês também." Ele está certo. Vinte e sete homens da nossa brigada de combate morreram desde que chegamos ao Iraque há oito meses. Isso me motiva. Não há dúvidas de que esse ataque rasgará o coração da insurgência. Newell acaba com brindes e gritos. Um momento depois, somos dispensados. Vamos até nossos Bradleys carregando uma grande quantidade de suplementos pessoais. Antes que pudéssemos nos mover para longe, o sargento-major Faulkenburg aparece. Normalmente ele olha para nós como se tivéssemos cagado em sua salada de taco, mas essa manhã seu rosto é

uma máscara absoluta. Eu não consigo interpretá-lo de forma alguma. Todos sentimos sua ira, mas, ao mesmo tempo, todos queremos sua aprovação. Nos seus 26 anos de Exército, ele já viu todos

os cafundós de cada local crítico desde a Coréia até Kosovo. Tememos seus discursos varonis e louvamos o homem ao mesmo tempo.

Ele já fez quase tudo o que se pode fazer no Exército, mas isso ele nunca fez. Fallujah será mais difícil do que qualquer outra batalha desde o Vietnã e o olhar em sua face faz com que eu perceba que ele não se ilude quanto a isso.

"Ramrods, ajoelhem-se", ele nos ordena com aquele sotaque lento e arrastado. As vezes eu acho que ele está falando outra língua, pois seu sotaque sulista é quase indiscernível. É como uma mistura entre John Wayne e Ross Perot. Nossa força-tarefa é conhecida como os Ramrods. Os da Companhia Alpha são os Exterminadores. A Companhia Alpha forma uma ferradura de cavalo em volta do sargento-major Faulkenburg. Apoiamo-nos em um joelho e esperamos. No começo, ele não diz nada. Cospe um chumaço de tabaco de mascar Red Man e nos fita com uma piscadela. Leva um tempo olhando cada um de nós diretamente nos olhos.

Eu o encaro. Para mim, ele sempre foi grande como um urso selvagem e duas vezes mais amedrontador. Mas agora, ao estudá-lo, percebo que ele é baixo e fraco. É o peso de seu caráter que o torna tão grande.

"Homens, eu não teria tanto orgulho de vocês nem se vocês fossem meus filhos."

Esperamos que ele continue. Ele hesita. Lutando com suas emoções e podemos ver seus olhos umedecerem. Aquilo emana uma onda de emoção para mim - em parte amor, em parte desespero, em parte lealdade cega.

"Não há como ficar mais orgulhoso vendo o quão longe vocês chegaram e o que estão prestes a fazer."

Ele faz uma pausa novamente e abaixa a cabeça, pois sua disciplina de ferro em combate está perdendo a batalha com seu coração.

62

"Isso é tudo. Acabem com eles." Os mecânicos e os homens do suporte começam a vibrar. Alguém grita: "Inferno para eles!" Outros gritam também. Por um momento, eu não consigo me mover. O sargento-major Faulkenburg é nossa figura paterna. Ele é o homem a quem eu mais quis impressionar. Eu quis e precisei acreditar que ele tinha orgulho

de mim e do que eu tenho feito com meu esquadrão. Eu nunca senti ter feito nada para o orgulho de meu pai. Meu pai foi a única pessoa da história do Estado de Nova York que estudou da escola básica até a faculdade de odontologia, começando com absolutamente nada e

conquistando tanto por si próprio. Eu procurei por sua afirmação, mas sempre aparentemente em vão. Sempre senti que nunca me equiparei aos seus olhos. Para mim, a culpa era minha por ter desperdiçado tantas chances. Aqui, agora, mais do que qualquer coisa, quero estar ao lado do sargento-major Faulkenburg ao dirigirmo-nos para a batalha e equipararme finalmente. Dessa vez estou determinado a não falhar. Suas poucas palavras tiveram mais impacto sobre mim do que qualquer conversa preparatória que ouvimos na última semana. Um grande discurso é apenas parcialmente sobre o que é dito. Normalmente o que importa mais é quem diz e como diz. A vulnerabilidade do nosso sargento-major e seu amor por nós significaram muito. Enquanto todos se levantam para entrar em seus Bradleys, eu permaneço um pouco ao longe. Faulkenburg vira seus olhos azuis para mim. Nenhuma palavra é dita, mas em seus olhos eu posso ver algo, um sentimento vindo em minha direção. Respeito. Alguns meses antes, durante uma batalha noturna em Muqdadiayah, eu me encontrava apoiado numa parede do outro lado da rua onde estava o sargento-major Faulkenburg, que atirava coin sua M16 com visor de aço. Ele poderia ter usado uma arma mais nova, enganando um de seus homens. Pois preferiu um rifle antigo a trair um de seus homens. Essa é uma das razões pelas quais todos o amamos: ele nunca pediu nada além do que estivesse disponível para o homem menos equipado do batalhão. Recordo-me de ter trabalhado com o sargento-major naquele dia. Eu tinha uma M4 com todo o tipo de porcarias tecnológicas acopladas. Cento e cinqüenta metros à nossa frente, algo despertara o interesse do sargento-major. Faulkenburg posicionou a arma, apoiou, parou e disparou um tiro apenas. Eu fiquei tão intimidado por ele que nem tive coragem de perguntar se ele tinha atingido algo. Ele olhou para mim e esboçou um sorriso. "Mais um dia no paraíso, filho."

Depois daquela luta, o sargento-major Faulkenburg olhou-me do mesmo modo que agora. Eu havia permanecido com ele enquanto as balas se espalhavam ao nosso redor e ele respeitava aquilo. Agora, vinte minutos antes de rolarmos para a batalha de nossas vidas, posso ver que ele confia em mim com seus soldados.

Nenhuma palavra é dita. Eu faria qualquer coisa por esse homem e ele sabe disso. Eu mataria por ele e ele sabe disso também. Eu o seguiria para qualquer lugar, pois confio que ele sempre fará o que é certo. Poucos homens são líderes. Menos ainda são exemplos. Faulkenburg é ambos. Hoje lutaremos como demônios por ele.

Então o momento se esvai, carregado pela aparição dos homens ao redor de nós. Fico em pé e me junto à Fitts. Lideramos nossos esquadrões até nossos Bradleys em espera.

Nosso sargento de pelotão, James Cantrell, juntara-se novamente a nós pela manhã. Ele havia sido dispensado, mas quando descobriu que Fitts havia reorganizado o pelotão, quis exigir uma explicação.

Fitts fez o que era certo. Nosso líder do esquadrão de armas havia falhado em Muqdadiayah em 9 de abril. Sob tiroteio pesado, ele liderou seu esquadrão atravessando a estrada para juntar-se ao Primeiro Pelotão em vez de abrir caminho até nós. Quando desesperadamente precisávamos de suas metralhadoras, não havia como encontrá-los de forma alguma. Depois disso, eu não consegui mais confiar nele. Em direção à Fallujah, simplesmente não poderemos ter metralhadoras reservas em algum lugar para repor a falta de alguém. Elas precisam estar conosco. Uma vez que Cantrell ganhara licença para ir para casa, Fitts o trocou pelos Bradleys e

retirou o sargento Scott Lawson da Companhia de Quartel e Quartéis (HHC), onde ele estava como oficial reserva.

Lawson é um espertalhão. Ele tem costeletas de estilo Elvis que estão muito longe do regulamento e se recusa a raspá-las. Sua falta de atenção a própria aparência e sua personalidade sarcástica haviam lhe conferido uma reputação de rebelde no batalhão. Antes de ir para o HHC, ele serviu no Segundo Pelotão, Companhia Alpha, antes do nosso desenvolvimento em Kosovo. Eu e Fitts o havíamos visto lá e ficamos impressionados. Fitts rolou os dados e decidiu dar a ele uma

segunda chance com uma unidade de linha. Aquilo irritou Cantrell, mas sabíamos que Lawson seria um lutador. Na área de organização, muito perto da base de operações de Fallujah, alcançamos nossos Bradleys e começamos a organizar nossa engrenagem. Nossos veículos estão alinhados e sendo abastecidos, prestes a nos deixar no próximo ponto. Usamos o tempo para distribuir nossos suprimentos mais importantes: tabaco de mascar, tabaco e cigarros. Ouvimos dizer que ficaremos na cidade por cerca de vinte dias. Precisaremos de tabaco para suportar. Eu me certifico de que cada homem possui uma porção de tabaco, fósforos e isqueiros. Eu havia conseguido uma máquina de café no dia anterior, mas Cantrell deu ao mecânico-chefe sargento Jason Ward, porque não tínhamos conversores AC em nossos Bradleys. Ficar sem minha xícara de café matinal me deixou muito irritado. Quando fui ver Ward para resolver o assunto, ele já havia passado um pouco de café. Só o cheiro já me deixa louco. Sou viciado em café e tive razão para carregar sacos de grãos da Starbucks. Pelo menos, Ward me oferece uma xícara. Quando retorno para meu próprio Bradley com o café, vejo o capelão Brown por perto, passando de trilho em trilho, conversando com os soldados. Eu

o evito. Hoje não é um dia para outro momento espiritual. É dia de agir. Eu vejo meus homens ocupados carregando equipamentos para dentro dos veículos. Os Bradleys do Terceiro Pelotão estão abarrotados de munição, lançadores de foguetes, dezenas de minas Claymore, granadas, refeições prontas (Meals ready-to-eat MRE), mísseis Javelin e água. Precisaremos nos apertar para que todos caibam lá dentro até chegar à cidade. Cantrell chega para nos checar. Ele vê um de meus atiradores de SAW, o soldado raso Alex Stuckert, pegando um pacote de cigarros. Cantrell estoura: "Tire seus dedos sujos do meu cigarro, seu cuzão." Acuado, Stuckert diz: "Eu achei que eles fossem meus, sargento." Cantrell é um interiorano de Missouri que aprendeu a matar qualquer coisa desde que começou a andar. Enquanto outros sargentos de pelotão querem saber como seus meninos estão se ajustando nos

desenvolvimentos, Cantrell quer saber quanto tempo será desperdiçado com "essa baboseira sobre sua família estúpida". Ele nem finge dar alguma importância à sua mulher e filhos. Tudo que importa para ele são os resultados e manter seus meninos vivos enquanto eles infligem o caos ao inimigo. A personalidade de Cantrell ajusta-se perfeitamente à sua posição. Ele não duraria uma semana como um diretor de escola primária, mas como sargento de pelotão ele é duro e malvado e lidera somente por meio do exemplo. Se ele me mandasse comer um sanduíche de bosta, eu o comeria sem pensar ou até mesmo sem mostarda. Ele erra, com certeza, mas nunca repete um erro. Em combate, sua única fraqueza é o temperamento. Grita em fúria para nós em todas as batalhas. Chame isso de amor durão. Ele é o melhor na Terceira Brigada e sabe disso. "Sargento Bell, você tem cigarros de qualidade ou se contentou com aquelas porcarias baratas que trouxe de casa?" Cantrell está enchendo meu saco, como de costume. "Consegui uma porcaria boa, sargento. Se as coisas ficarem

ruins, voltarei para a marca Miami que os iraquianos tanto amam." "Miami? Seria melhor limpar a bunda com as mãos, sargento Bell. Esses cigarros são uma merda." Perto de nós estão alguns cavaleiros de uma unidade da Força de Intervenção Iraquiana que parecem mal-humorados. Estão sentados, em seus caminhões de cinco toneladas avistando o sul de Fallujah com expressões em suas faces que dizem: Estou indo para meu própri funeral. Eles contrastam muito conosco. Nós fumamos, brincamos mantemos a calma. Estamos relaxados, prontos e com mais vontad do que nunca. Talvez estejamos negando a situação, mas não estamos com vontade de explorar o assunto no momento. Cantrell observa os iraquianos por um longo momento. Ele puxa um isqueiro Zippo, clica e acende um cigarro na chama amarelada. Fuma em silêncio enquanto os observa. Um minuto se passa. Cantrell dá outro trago, exala uma nuvem de fumaça e balança sua cabeça com tristeza. "Olha esses coitados. Eles precisam de socorro, sargento Bell. Vá fumar um cigarro com eles."

66

Não entendo bem porque eu sou a pessoa indicada para dar aos iraquianos alguma motivação moral, mas ordens são ordens. Pego Stuckert, Santos e Ruiz e peço que nosso intérprete venha até nós. Eu chamo nosso intérprete de "O Enigma" - ninguém sabe ao certo qual o seu gênero. Discussões foram feitas durante meses sobre o assunto. Alguns juram que o viram mijando em pé nas latrinas. Outros juram que ele/ela é uma mulher. Apostamos dinheiro e a aposta ainda está correndo. Apenas gostaria muito que alguém chegasse e perguntasse: "Então, você é um homem?" Eu chamo nosso intérprete andrógino de "Pat". Ele/ela vai conosco até o carro dos iraquianos. O primeiro iraquiano que olha para mim parece ter matado o próprio cachorro. Eu dou-lhe uma batida nos ombros e um grande sorriso. Santos e Ruiz fazem o mesmo. Um iraquiano faz uma pergunta e Pat traduz: "Ele quer saber por que vocês estão tão felizes". "Estamos felizes," eu

começo, "porque vamos matar uns bandidos de merda hoje". Pat traduz e eu acrescento: "E. isso mesmo, rapazes. Todos naquela putaria..." eu paro e aponto para Fallujah, "... são maus. E nós vamos matar esses porras.". O tom foi perdido na tradução? Eu não sei, mas de repente os iraquianos se reúnem ao nosso redor. Um deles até mesmo sorri. Rapazes pulam do caminhão para se juntar a nós. Eles pegam mais cigarros de Santos e Stuckert. Ruiz está ocupado numa conversa em mímica com alguns iraquianos. Outro iraquiano faz uma pergunta para mim. Pat traduz: "Ele quer saber se sua unidade entrará na cidade primeiro". Eu sei que nós deveremos guiar. Meu pelotão será o primeiro elemento de infantaria a atravessar a área. Mas no espírito da cooperação aliada, eu não disse isso aos iraquianos. Viro para Pat e digo: "Não. Vamos entrar juntos." Assim que minha frase é traduzida, os iraquianos irrompem em alegria com a notícia. Eles deviam estar pensando que iriam primeiro para servir como bucha de canhão. Agora eles se abraçam e começam a cantar. Alguns começam a dançar. Em poucos momentos o grupo todo está saltando e girando.

67

"Que merda", diz Santos, "é aquela porra de dança gay dos iraquianos de novo'.

Essa dança realmente não é coisa de soldado. Os movimentos são claramente femininos. Eles fazem uma quebra pélvica tipo Shakira, de vez em quando. Às vezes eles olham à distância passivamente enquanto se esfregam uns nos outros. Ao assistir a dança, lembro-me da inseminação do meu mastin inglês há alguns anos. Sinto-me muito desconfortável.

"O que há de errado com esses caras, sargento?", Stuckert pergunta totalmente pasmo.

"Parece uma festa na piscina do Rock Hudson aqui. Vamos logo com isso antes que eles se fatiguem."

"Aquele cara lá está me comendo com os olhos." "Qual deles?", pergunta Santos. "Pat." Nosso tradutor está no meio da roda dos iraquianos, danç do entre três homens que empurram ele/ela para lá e para cá com s quadris, como uma espécie de peteca homoerótica.

Não é uma visão bonita. Retornamos até nossa linha, nos despedindo uns dos outros enquanto os iraquianos continuam dando seu espetáculo. Pat relutantemente se desliga do grupo e se junta a nós. Agora os iraquianos estão felizes. Dirigir por cima de minas IED como aquelas que vimos naquele filme, em caminhões não-blindados, não será uma grande diversão para eles. Abriremos caminho para eles.

De volta aos nossos Bradleys, descubro que os homens estão partilhando seus segredos mais íntimos uns com os outros. Ainda estão fumando e brincando, mas o humor se tornou mais sério. Soldados, que normalmente não saem juntos, aconchegam-se e conversam em vozes apressadas. Eu ouço partes de dezenas de conversações ridículas de uma vez só.

"Eu olho e vejo o vermelho nos meus dedos. Dou uma lambida, certo? É a porra do batom. Cara, eu dei um murro na cara da puta. Pensei que ela era um homem, mas era a porra de um batom..."

"Passei por quinze horas de cirurgias plásticas de merda depois daquele acidente de carro. Cara, meu couro cabeludo tinha saído até

a parte de trás. Sem brincadeira. Minha mãe quase teve um ataque do coração, porra. E a gente também não tinha seguro. Essa porra foi séria." "Olha, eu quero que você saiba que, desde a primeira vez que te vi, achei que você fosse um cara legal..." "Você também, cara, vamos tirar uma foto." Em toda a Companhia Alpha, câmeras digitais aparecem e logo os homens estão posando uns para os outros. Perto deles, nossos repórteres absorvem tudo. Eles se agrupam como alunos novos no colégio, assistindo a cena como estranhos no ninho. Essas fotos são crucialmente importantes, uma forma de seguro contra nossa própria mortalidade. Alguns meses atrás, perdemos um homem e percebemos, para desgosto geral, que ninguém tinha uma foto dele para mostrar como memória no seu funeral. Foi infame. Com certeza isso está na mente de todos agora. Dessa vez teremos registro de cada alma prestes a entrar na área de batalha. Michael Ware se separa do grupo de jornalistas com Yuri como estepe. Eles vêm até o Terceiro Pelotão e se oferecem para fazer nossa foto. O pelotão se alinha e eles trabalham. Os outros jornalistas, ao verem isso, prontamente correm até suas unidades, pegam as câmeras e fotografam seus homens. Ao fotografarem, não são mais estranhos no ninho. Agora que encontraram uma forma de nos ajudar, eles circulam entre os soldados e tentam se encaixar. Eles nos mostraram que são humanos e a companhia aprecia isso.

Depois que Michael e Yuri terminam, eu acendo um cigarro e me estico no chão perto da linha. São quase nove horas. A manhã está refrescante, fria e pontuada por barragens de artilharia ao longe. De minutos em minutos um helicóptero Apache troveja acima. Jatos de

caça de alta velocidade riscam o céu acima deles. Viro para Ware, que está irritado com uma câmera. "No caso deste homem cair", eu digo dramaticamente, "quem carregará seu microfone?" É uma paródia daquele grande momento de Matthew Broderick em Glory, logo antes do seu regimento carregar Battery Wagner. Ware ri, mas eu acho que ele não entende. Yuri está com aquela cara de pedra como de costume. Eu concluo que ele é um filho da puta difícil.

69

Olho adiante para os rapazes da Força de Intervenção Iraquiana. Eles não estão mais dançando. Em vez disso, estão fumando e brincando, assiras como nós. Alguns têm câmeras digitais e estão tirando fotos em pequenos grupos. É uma cena confortante.

É aqui que eu pertenço. É a primeira vez na vida que encontro meu lugar. É um pensamento tranqüilizador que acalma algumas das borboletas que batem asas em minhas entranhas.

Eu me pergunto se foi assim para os soldados do Exército da União durante a Guerra Civil. Tenting Tonight on the Old Camp Ground e All Quiet on the Potomac foram trocadas por nossos acordes de metal de alta percussão de Mudvayne e Dope, mas ainda somos basicamente os mesmos. Os detalhes variam de guerra para guerra, mas, independentemente de época, a camaradagem continua. É uma proximidade que nenhum civil jamais entenderá.

Um Bradley contorna a coluna e vem em nossa direção. O tenente-coronel Newell, de metralhadora montada na torre, grita para as

tropas ao passar por elas. Parece que Patton deve tê-lo visto correndo ao

longo de uma das colunas num jipe, vestido como se estivesse pronto para um desfile. Patton, às vezes, ficava no assento de passageiro para gritar aos seus soldados rasos. Newell não pode fazer isso em um moderno Veículo de Combate Bradley, mas as similaridades são impressionantes.

Nossa força-tarefa tem a potência de cem veículos. O caminho de Newell passa pelo comprimento da nossa coluna como um cão-pastor que nos guia adiante. Ao passar por nós, escuto-o gritando, "Vamos! Vamos! Vamos! Vamos! Vamos!"

CAPÍTULO QUATRO

Corrida em solo

O tenente-coronel Newell contorna a frente da coluna e, num relâmpago, aparece do outro lado. Ao seu comando, os soldados da Forçatarefa 2-2 se espalham. Cigarros são atirados para longe. As últimas palavras são trocadas. Temos todo nosso armamento à disposição, que inclui proteção ocular à prova de balas, granadas de fumaça para ocultação, proteção de joelhos reforçadas que causariam inveja a qualquer skatista, um reservatório de água CamelBak que pode ser acessado por uma peça bucal, armadura à prova de balas de quinze quilos totalmente carregadas, capacete Kevlar de um quilo e

meio, visor noturno, granadas, armas e munição. São quase 30 quilos de equipamentos, mas estamos tão acelerados que nem sequer notamos o peso da carga. Aprontamo-nos para a viagem até a posição de ataque. Assim que chego até a rampa do meu Bradley, o tenente Iwan aparece. Ele está fazendo uma última varredura na companhia para ter certeza de que todos estão prontos para partir. Ele está em um Humvee blindado. Isso, para mim, soa estranho, então eu sorrio para ele e o incomodo um pouco.

"Ei, Senhor!", eu grito da rampa, "onde está o Brad?". "Quebrou. É uma merda. Relíquia de merda de 1988."

71

Da rampa, eu grito: "Não importa o que aconteça, sempre teremos Paris."

Ele ri: "Sim, sargento Bell, sempre teremos Paris." Eu noto que Joey Seyford é seu atirador. Joey é um grande ami- go meu. É também o ser humano mais azarado que já conheci. No treinamento básico, ele quase morreu num acidente com os veículos. Mais tarde, numa seção de treinamento, um de seus próprios atiradores de SAW acidentalmente acertou-o na bunda. Ele mal se recuperara daquilo e escorregou no escuro enquanto mijava. Aquela confusão havia lhe conferido danos em dois tendões no pulso. Existe azar e existe Joey Seyford.

"Joey? Senhor, como ele pode ser seu atirador? Esse cara é amaldiçoado!"

O tenente encolhe os ombros e sorri. Joey parece ofendido. "Eu sou de ouro, cara. Essa porra ficou no passado. Olha só, eu quase consigo fechar a mão agora". Ele ergue os punhos e balança seu braço. "Eu sou de OURO, Bell. Uma merda de OURO!" Ele sorri e acena enquanto o Humvee acelera, deixando-me na rampa do meu Bradley. Logo estou na barriga da nossa besta de aço. A rampa se fecha e eu escorrego para o lado de Lawson. Normalmente, os Brads carregam de cinco a seis homens. Hoje, iremos até a cidade com oito. Eu tenho meu Time Bravo, guiado por Sucholas e ainda tenho Lawson e Pratt do esquadrão de armas. Pratt havia sido um de meus soldados, mas Lawson precisava de um líder de time, então eu retirei Pratt do meu esquadrão. Com todo nosso equipamento armazenado e empilhado ao nosso redor, a viagem será rígida e desconfortável como de costume.

Começamos a rodar. Os trilhos soam, o Brad nos empurra para todos os lados. Através das portinholas de observação eu vejo coluna após coluna de veículos - ambos da Marinha e do Exército - movendo-se em direção à área de organização. A terra treme abaixo, como se uma gigante máquina subterrânea tivesse sido ativada.

Meia hora depois, alcançamos a posição de ataque que não passa de um vasto espaço de deserto vazio mais ou menos uma milha ao norte de Fallujah. A rampa desce e nós saltamos para fora, pela manhã, novamente. Estamos cercados de veículos. Por toda a linha do

horizonte eles atapetam o deserto como longas trilhas de formigas. Há caminhões de armas e portadores pessoais blindados de cinco

toneladas, veículos Humvees, Bradleys e tanques Abrams. Eu posso ver os Veículos Blindados Leves da Marinha (LAVs) em direção ao oeste e seus veículos anfíbios em forma de barcos. Atrás deles, uma nova unidade Stryker tomou sua posição no flanco oeste. Helicópteros Longbow Apache sobrevoam fornecendo-nos proteção. E então os Paladins - trilhos de artilharia de autopropulsão de 155 mm, essencialmente canhões gigantes sobre rodas - soltam seu poder de fogo. Cascos enormes passam sobre nossas cabeças e explodem dentro da cidade. O solo treme. A Força Aérea, a Marinha e a Aeronáutica mandam ondas de jatos de caça F-16 e F-18. Eles silvam sobre a cidade e lançam bombas guiadas por laser e Munições de Ataque Direto (JDAM) guiados por satélite. O som da detonação pode ser ouvido e sentido, mesmo à essa distância. Eu a assisto tudo isto em reverência enquanto uma nova onda de helicópteros Apache e Cobra fornecem segurança para nossos flancos. Tanto poder. Tanta força. Como alguém pode resistir a tanto? Eu tento perceber tudo, cada detalhe, cada explosão. Não quero perder nada. Este é o momento pelo qual temos treinado desde que entramos no Exército como inexperientes recrutas. A Grande Geração tomou a Normandia. A Geração X tomará Fallujah. O Sargento Charles Knapp se aproxima de mim e, em meio a areia esvoaçada, abre uma refeição pronta para comer (MRE). Trocamos algumas palavras. Ele está querendo comer. Eu estou querendo assistir. Se este é o caso, eu devo estar apto a contar tudo aos meus netos algum dia. Quero lembrar de como sinto a areia, uma mistura de chocolate quente. Quero lembrar os guinchos e barulhos dos mísseis. Quero lembrar como é o som desses 155. Preciso estar apto para explicar a eles o que este dia significou para nós.

Knapp come uma MRE e se prepara para abrir outra. Eu não consigo comer. Estou muito empolgado, muito nervoso, muito tudo. Yuri e Michael Ware aparecem. Eles se sentam na areia e começam a assistir ao show do meu lado. Knapp come outra MRE e eu começo a me perguntar: Quantos estômagos ele tem? Ele é voraz.

Todas as armas disponíveis em nosso arsenal estão viradas para Fallujah. O bombardeamento de pré-ataque não é brando. Vários jatos soltam suas bombas e mísseis. Warthogs - as grandes e temíveis aeronaves de contato direto A-1O Thunderbolt II - metralham as avenidas principais da cidade com seus canhões antitanques de 30 mm. Faliu- jah está coberta por bombas, encoberta por fumaça. Edifícios entram em colapso. Minas detonam. A artilharia ruge. Enquanto isso, Knapp continua a comilança das MRE. Nunca tinha visto um homem comer tantas MREs. Ele beira o obsceno. Estamos na frente da coluna da nossa força-tarefa. Logo atrás de nós estão as linhas dos engenheiros, relíquias da era do Vietnã. Ao entrarmos no ponto de pré-ataque, eles passarão por nós e avançarão até os diques da estrada, que se estendem pelo norte dos subúrbios de Fallujah. Esse é o nosso ponto liminar. Para poder entrar na cidade, devemos abrir buracos nesses diques. Nossos engenheiros planejam usar Carga de Linha de Limpeza de Minas (MICLIC) para fazer o trabalho. Essencialmente, um MICLIC é uma corda de cem metros de comprimento com pacotes de explosivos C-4 anexados. Eles foram criados durante a Primeira Guerra do Golfo para abrir estradas através de campos minados. Um lançador hidráulico ejeta o MICLIC por centenas de metros. Quando detonado, qualquer coisa que esteja perto de um MICLIC é evaporada. O que os explosivos não destroem é finalizado com as ondas de choque. Hoje, se houver minas de IED no ponto liminar, o poder de devastação dos MICLIC fará com que detonem com segurança. Assim que os engenheiros fizerem as aberturas, dirigiremos através delas dentro de nossos Bradleys, protegidos por um par de tanques Abrams. Nós, os Exterminadores, minha Companhia Alpha, seremos os primeiros soldados americanos na cidade. O sargento Bryan Lockwald, um dos engenheiros, salta na areia perto de mim. Ele expressa um cumprimento e então sorri diabolicamente. Eu conheço Lockwald há um ano. Ajudei a treinar seu

pelotão de engenharia com técnicas de evacuação de local na Alemanha e instantaneamente nos tornamos amigos. Eu posso dizer que ele está empolgado. Ele olha por cima da fumaça para o horizonte e diz: "Imagine o que nossos MICLIC podem fazer dentro daquela cidade".

74

"O quê?" "Basta explodir essa coisa numa rua e tudo que existe perto dela

estará destruído ou morto quando ela acabar de funcionar. Se você quer evacuar um bairro com rapidez, é esse o vilão que você precisa

numa batalha." Como engenheiro, Lockwald ama os MICLIC por serem as flechas mais poderosas de seu arco. No entanto, Lockwald passou o desenvolvimento todo evitando matar alguém. Ele e seus colegas engenheiros lançaram explosivos por diversas vezes quando estávamos em nossa base, mas Lockwald não era como os outros. Ele parou de fumar no Iraque. Estudava literatura e falava sobre Deus e a natureza. Usar óculos de armação de arame e ter paixão por explodir coisas contrastam muito com explodir pessoas. Ele faz essa distinção a todo instante. Eu sempre o tive como um beatnik frustrado. Ele ama as árvores e toca música folclórica em sua guitarra acústica. Com seu bigodão e nostalgia pelo mundo natural, há muitos anos ele se tornara o líder espiritual do nosso pelotão de engenheiros. Engenheiros normalmente são abusados pela infantaria, mas a verdade é que eles são os intelectuais da batalha. Eles possuem um milhão de soluções complexas para problemas que fariam nossa infantaria matuta coçar a cabeça e parar para pensar. Eu rezo para que ele não pegue sua guitarra. Suas sessões de música folclórica são insuportáveis.

Felizmente, ele apenas se senta comigo e observa o bombardeamento em execução com a mesma reverência que eu sinto. "Onde você conseguiu este café?", ele me pergunta. "Cara, nem começa." Atrás de nós, o tenente Joquin Meno reúne o pelotão. Ele espalha um mapa na areia e começa a falar. Eu me levanto e vou até o grupo. Fitts chega na mesma hora. Ambos notamos que Michael Ware e Yuri estão ocupados fotografando e filmando essa reunião espontânea. Isso rue desanima profundamente. Será que a falação de Meno se transformará numa sessão de fotos? Eu fico para trás e evito a discussão.

Meno quer revisar o que faremos uma vez que tenhamos entrado pela brecha. Diferentemente do que aconteceu no passado, ele quer

certificar-se de que lutaremos como um pelotão integrado, não em esquadrões dispersos. Isso soa bem para todos nós.

Fitts diz: "Muito bem, Bell, tomaremos o primeiro edifício. Você traz seus homens até nossa posição de segurança e nós saltamos. Não fique muito distante. Então traremos os atiradores de Lawson e os colocaremos na batalha. Ficaremos juntos, Hooah!"

"Hooah!", os outros entoam o grito de guerra. "Escolheremos bons telhados e ajustaremos as armas para observação superior", eu acrescento.

Meu esquadrão deve dar o primeiro salto depois que os homens de Fitts tiverem conquistado uma posição de segurança e o primeiro salto geralmente traz o primeiro contato. Ao finalizarmos nosso resumo, o tenente Meno recebe uma ligação do capitão Sims que o ordena pegar um Humvee e reconhecer o ponto de abertura. Meno agarra o sargento Knapp e sobe num Humvee carregando o capelão Brown, capitão Fred Dente e nosso observador sargento Shaun Juahsz. O Humvee acelera e passa por nós deixando uma nuvem de areia para trás.

Eles encontram um pequeno cume e param logo perto da crista. Desse ponto avantajado, eles têm uma excelente visão da cidade. Enquanto eles estudam a abertura, o capitão Dente avista um raio de luz refletindo no vidro. É um insurgente com um par de binóculos. Ele os tem observado desde o canto nordeste da cidade. Dente e Juhasz chamam uma missão de fogo para derrubá-lo. O Homem Binóculo tem a mesma idéia. Ele chama seus companheiros insurgentes e de repente o Humvee de Meno desaparece numa torre de fumaça e areia.

"Que porra é essa?", alguém grita. A fumaça se esvai. O Humvee está intacto. O capitão Dente e o capelão Brown ligam para avisar que estão bem. É um milagre - um morteiro 82 mm acabou de errar o alvo. Juhasz finaliza seu pedido por fogo. Segundos depois, nossa própria artilharia atinge um prédio. Eles estão no nosso alvo, então agora atiram para acertar. Tudo acaba em segundos. Tudo que resta do Homem Binóculo é uma mancha cor-de-rosa e uma névoa de sangue no ar.

O carro de Meno volta para nossa formação, vencedor desse duelo

incomum de artilharia. Eu me pergunto o que o capelão Brown deve estar pensando. O rádio do nosso Bradley chia. Os fuzileiros navais do batalhão que estarão avançando juntamente conosco para o oeste querem saber se estamos prontos para partir. Estamos. Eles nos dizem para nos preparar e esperar o sinal para avançar. Lockwald aperta minha mão em adeus e retorna ao seu veículo. Eu vejo Ware e Yuri subindo a bordo do Bradley de Fitts, que já está lotado. A rampa sobe e fecha-os como sardinhas em lata blindada. Então é minha vez. Sento-me ao lado de Lawson. Estamos prontos. Nossas sinapses estão atirando; adrenalina corre pelo nosso corpo; agarramos nossas armas e aguardamos até chegar ao campo de batalha. Se a Marinha precisar que entremos primeiro, entraremos primeiro. Em vez disso, esperamos. Os Brads esperam sem se mover. O ar fica tenso. O calor aumenta dentro das nossas latas de metal. Nós suamos e começamos a feder. Lawson murmura para si mesmo. Eu fico ansioso, desejando começar de uma vez. O Brad avança alguns metros e penso que estamos a caminho. Então paramos novamente. Alguns minutos se passam e então estamos nos movendo novamente. É agora? Estamos rodando agora? Não. Merda. Avançamos novamente e paramos. Alguém reclama: "Puta que pariu, é uma provocação atrás da outra". O sol começa a sumir no oeste. O céu fica alaranjado, e então, vermelho. Imóveis, sentamos na posição de ataque. Precisamos esperar a caída da noite, afinal. Obrigado por nos avisar. O crepúsculo escurece o deserto em nossa volta, nosso motor se aquece e nosso motorista avança nosso Bradley. Estamos nos movendo. A área de pré-ataque é nosso último ponto de parada antes da abertura. Novamente, não se trata de nada além de um vasto pedaço de deserto, perfeito para organizar um ataque armado massivo. Cada unidade se espalha numa linha e chega numa detenção ao longo da linha leste-oeste da extensão de partida em nossos mapas.

É um momento dramático e eu posso ver que formamos ondas gigantes com nossos veículos que logo entrarão no funil das brechas abertas pelos engenheiros. Enquanto isso, nós temos todas as nossas linhas de batalha alinhadas. Não podemos desmontar, então estamos presos no lado de dentro. Enfrentamos o jogo de espera novamente. É interminável. À distância, uma salva de morteiros explode. Outra salva explode em seguida. Estamos dentro da linha indireta de fogo e os insurgentes estão jogando tudo que podem em nossa direção. Espio por uma portinhola e vejo um morteiro explodir a cerca de 200 metros de um de nossos Bradleys. Não é tão perto, mas nosso inimigo é conhecido por mover seus disparos, mirando firmemente para um alvo até que ele seja atingido na terceira ou quarta tentativa.

Mais disparos ao nosso redor. Alguém fala laconicamente pelo rádio: "Acho que estamos chamando tiros por aqui". "Foda-se", vem a resposta. Não longe de nós, Lockwald e os engenheiros saem de seus veículos e começam a trabalham no MICLIC. A arma é carregada numa espécie de trailer em forma de U que os engenheiros rebocam atrás deles.

Boom! Um morteiro 60 mm explode bem ao lado de seu rebocador blindado. De alguma forma, Lockwald e seus homens escapam dos ferimentos. Pasmo, eu assisto o especialista Michael Sievers ajustar o equipamento no MICLIC como se nada tivesse acontecido perto dele. Mais disparos ao nosso redor. As coisas começam a esquentar. Pelo rádio, ouvimos que dois fuzileiros morreram quando sua escavadora capotou durante a movimentação pela abertura. As notícias nos enraivecem. Nós apenas queremos ir, porra. Mas aguardamos imóveis, envenenados na linha de início, motores acelerando. É assim que deve ser uma corrida NASCAR logo antes de balançarem a

bandeirinha verde, no entanto, nossos segundos de espera duram horas. Nossas bundas começam a doer. Quando tentamos nos ajeitar, espremememos nossas bolas. Eu checo meu relógio por reflexo. O minuto se estende.

78

Bombas explodem. Mais disparos caem sobre a cidade. O bombardeamento de pré-ataque se aproxima do clímax. A cada três ou quatro segundos uma bomba 155 mm cai. Solavancos maiores e mais profundos balançam o Brad. Esses são os JDAM de precisão guiada de 250 quilos. E nós esperamos. O ar se torna vil. Cada respiração é desagradável. Estou espremido entre a rampa e Lawson, incapaz de mover-me mais de um centímetro ou dois em qualquer direção. No carro de Fitts, Michael Ware começa a enlouquecer. Ele grita: "Desça a rampa! Desça a rampa!" A equipe quase desce a rampa até que Fitts o acalma. Quando aquilo não funciona, Ware apóia-se sobre a rampa e grita mais ainda. Ele está longe de ser um covarde, é apenas um claustrofóbico. Todos sentimos a mesma coisa. Enfrentar disparos não se compara a nada disso. Outra hora se passa e alguns de nós precisam mijar. Os músculos das nossas pernas começam a ter espasmos. Os meus estão com câimbras. Ainda assim não nos movemos.

Outra rodada de artilharia 155 mm explode mais perto do que o comum. O Brad sacode pela onda de impacto. Eu posso ouvir um jato de caça surgindo no local e voando ao norte do limite da cidade. Um helicóptero Spectre AC-130 ronca acima a dez mil pés e cospe cumprimentos aos insurgentes com suas armas Gatling e obus 105 mm. Não há nada mais aterrorizador do que a visão e o som desse helicóptero. Ele descarrega uma barragem de balas e disparos nos seus alvos. "Grrrrrrrrrrr - Booom - Booom - Grrrrrrrrrrr...". O AC-

130 é a imitação mais próxima que o homem conseguiu fazer do punho de Deus.

O motorista engata a marcha. Nós nos agitamos. E agora. Eu faço uma rápida oração.

Cinco metros à frente, paramos outra vez. Filho da puta. A espera continua. Nós suportamos, mas quase não conseguimos. No carro de Fitts, Ware está completamente aturdido batendo contra a rampa. Todos estão no limite.

E então, tudo começa. Vários de nossos tanques cruzam a linha de partida e vão em direção aos diques. Eles disparam seus canhões 120 mm em direção aos edifícios próximos ao ponto de abertura. Essa é

a deixa para que os engenheiros apareçam. Guiados pelo tenente Shawn Gniazdowski, eles passam por nós e aceleram adiante.

Rodamos para frente, novamente. É agora? A adrenalina corre dentro de nós. Paramos. Estamos aqui para fornecer cobertura aos engenheiros. Alguns Bradleys da companhia escolhem alvos. Seus canhões latem.

Ainda estamos presos dentro das nossas latas de metal, incapazes de enxergar qualquer coisa maior que um buraco de fechadura do que está acontecendo na batalha ao redor de nós. Nossos corpos estão

totalmente confusos. Eles deveriam estar relaxados ou acelerados? A antecipação nos deixa enlouquecidos.

Finalmente partimos. Nosso motorista se movimenta e o Brad avança. Ao redor de nós, cada veículo, tanque ou carro acelera a esmo pelo local da abertura. Nós temos fé em nossos engenheiros. É o caos total, uma versão moderna das corridas em solo da tradição do Velho Oeste. Nosso Brad acelera até sua velocidade máxima e nós somos jogados de um lado para o outro, como pinos de boliche. Bato minha cabeça contra o teto e então sou atirado contra a rampa. Assim que me recupero, o Kevlar de Lawson é atirado contra meu queixo. Os equipamentos começam a voar sobre nós. O cinto de uma metralhadora cai sobre nós e de desenrola como uma cobra. Mais cintos caem e logo estamos enroscados na nossa própria munição.

Do lado de fora, os explosivos crescem em volume e intensidade. Eu olho através do visor periscópico na parte de trás do Bradley. Imagens tremidas e embaçadas piscam diante de mim. Vejo rastreadores, fogo e mais luzes no horizonte. Olho para a esquerda e lá estão os Bradleys em ambos os lados, mantendo-se juntos.

Os veículos dos engenheiros aparecem. Estão enfrentando o inferno nos diques, apesar do fogo supressor que a força-tarefa consegue reunir. Rastreadores formam teias faiscantes sobre eles. Balas faíscam os flancos blindados de seus caminhões. Uma IED é detonada. Os engenheiros a ignoram por completo. Sievers e Lockwald disparara seu foguete MICLIC carregando a longa corda de explosivos. uma enorme série de explosões acontece. As ondas de choque se impactam contra nosso Bradley e agitam nossas entranhas. O dique agora tem um novo buraco de abertura.

O "Vai, crepita: vai, vai, vai". Rapidamente nos movemos para uma coluna. Fechamos no dique da estrada. Barn! Nosso Brad entra nos trilhos. Uma IED explode perto de nós.

Outra é detonada e em seguida mais uma. Logo estamos engolfados numa série de explosões contínuas. Metralhadoras rangem em nossas grossas paredes de metal. Mais metralhadas acima atingem o carro ou a torre. Não saia do trilho. Não saia do trilho. Riscos e flashes cortam o horizonte. A oeste, posso ver uma série de IEDs explodindo. Os fuzileiros navais estão sendo atingidos com tanta força quanto nós. Estamos em coluna agora e nosso Bradley está no comando. Vemos a abertura à frente. Avançamos através dela com cuidado para permanecer entre as luzes químicas e fitas que os engenheiros usaram para marcar a passagem que limparam. Em segundos, estamos do outro lado em direção à cidade. A frente, segue um tanque Abrams, abrindo caminho. Outro tanque está do outro lado, lançando chamas do tubo de sua arma de 120 mm. O Humvee do tenente Edward Iwan, com o eternamente azarado Joey Seyford, bate numa parada perto da abertura. Os veículos altamente blindados não têm dificuldades em ultrapassar os trilhos abertos na estrada, mas os leves Humvees e os caminhões estão com problemas. "Faça essa porra passar pelo dique", Iwan diz para seu motorista. Enquanto o sargento Lockwald e os engenheiros preparam outra carga para explodir a abertura e deixá-la mais larga, uma salva de morteiros assovia e cai bem ao lado do Humvee de Seyford e Iwan. SHHH-FROMMMM! Metralhadas atingem cada centímetro do pára-brisa e das janelas do carro.

"Mas o que é isso que nos atinge?", Seyford grita embasbacado do topo da cúpula do Humvee. "Com você por perto, não é nada de

mais, Seyford. Quando isso se acalmar eu quero você o mais longe possível de mim. Você é amaldiçoado, porra."

81

"Amaldiçoado? Somos sortudos, porra. Aquilo era pra tcr arrancado fora a minha cabeça", Seyford responde com uma risada. Buum! Uma RPG. Buum! Buum! Duas outras atingem as proximidades. Mais IEDs explodem. Minas, mais explosões, sujeira, fumaça e chamas se erguem ao nosso redor. Estamos cercados por detonações e nossos Brads avançam em meio a rajadas de metralhadora, que soam como granizo em um teto de latão.

Um Humvee dirigido pelos controladores da Força Aérea patina entre dois Bradleys do Primeiro Pelotão e o carro emprestado do tenente Iwan. A visão dos Humvees incapazes de cruzar a abertura encoraja o inimigo. Eles direcionam seu fogo para esses veículos vulneráveis. Duas RPGs chamuscam a noite. Uma delas acerta o Humvee da Força Aérea, ferindo seriamente o pé do Piloto Sênior Michael Smyre.

Joey Seyford, em pé na torre de Iwan, recebe uma metralhada e suas mãos voam para o rosto.

"Merda! Meu olho!", ele grita. Seyford aperta o ferimento aberto com as duas mãos. O sangue escorre por sua face. "Você está certo, cara. Você tem sorte. Você vai pra casa, Joey. Seu sortudo do caralho", grita Iwan em meio ao estrondo da batalha.

"Não vou a lugar nenhum, senhor. Foda-se esta merda." Seyford limpa o sangue da face, destrava seu 50-cal M2 e castiga o inimigo com ele.

82

Outro míssil desce chiando e acerta o Bradley do sargento McDaniel à nossa direita. Ele explode abaixo da torre. Atrás de nós, o Brad do sargento Cantrell é atingido diretamente e rebenta em chamas. O fogo chamusca os lados do veículo que segue em solavancos. Segundos depois, ele cruza uma IED que explode com tanta força que toda a parte de trás do Bradley se ergue do chão do deserto. Depois bate no solo fazendo com que a parte da frente se erga também. Merda. Nosso Bradley pára de repente. Batemos uns contra os outros e xingamos. Nosso motorista, Luiz Gonzales bateu em alguma coisa. Ele dá ré e passa por cima. Nós saltamos para frente, eliminamos o 1 obstáculo, mas batemos no lado errado da faixa dos engenheiros. Vozes ecoam pelo rádio. "Que merda! Você saiu do caminho! Acer- i te o caminho! Acerte o caminho!"

Começamos a voltar para o caminho. Uma explosão nos atinge. A parte de trás do nosso Bradley é atirada para cima. Poeira e fumaça espiralam ao nosso redor. Eu me engasgo e tento gritar para meus homens. Tudo que recebo é uma voz rouca. Não consigo ouvir ninguém responder. Lawson, apenas alguns centímetros longe, não me responde também. Eu me pergunto se fui derrotado pela explosão. Ou talvez todos, exceto eu, estejam mortos.

CAPÍTULO CINCO

Máquinas de amor e graça

Fumaça. Olhos ardendo. Eu puxo o ar que queima minha garganta. Esfrego os olhos sujando as duas bochechas. Pisco. O interior do Brad aparece aos poucos. Através da fumaça vejo as luzes vermelhas no painel do nosso atirador. Gossard está disparando o canhão de 25 mm, mas eu não consigo ouvi-lo. O único som é um contínuo e agudo zunido.

Com os pulmões cheios de fumaça, tento gritar novamente. Tudo que sai é uma rouquidão dizendo: "Bate no meu joelho, bate no meu joelho se você estiver bem". Lawson se vira e aproxima seus lábios na minha orelha. Ele deve estar bem. Está vivo, de qualquer forma. Grita algo, mas eu não consigo ouvir nada.

Formas escuras começam a se formar ao redor de mim. Vejo meus homens, silhuetas escurecidas dentro de nossa lata de titânio. Não sei dizer se mais alguém está vivo ou morto.

O Bradley avança para cima e então despenca para baixo. Minha cabeça rebate no anteparo atrás de mim. Pelo menos ainda estamos nos movendo. O zunido fica cada vez mais alto. E então começa a se

metamorfosear em algo diferente. Percebo que estou ouvindo o motor de 600

cavalos que faz nosso monstro de 30 toneladas gritar e chorar em protesto. Alavanca aberta, nosso motorista vai além do limite da sensibilidade para nos tirar dessa zona mortal. como se viesse do fundo de um longo corredor, começo a escutar a voz de Lawson, ainda emudecida e difícil de compreender. Por um momento, eu o ignoro. Eu grito de novo: "Bate no meu joelho se você estiver bem!". Uma mão sai da escuridão e golpeia meu joelho. Outra segue. E então outras três. Lawson dá uma inspirada profunda e berra bem perto do meu ouvido. Dessa vez eu o ouvi. "Estamos todos bem, sargento Bell. Você está gritando como se estivesse pegando fogo!". Como é que sobrevivemos àquela explosão? Outro som se dilata em meus ouvidos. Explosões. Elas golpeiam o casco do Bradley, buum-buum-buum. Nossa artilharia mantém um ritmo contínuo de fogo e eu agora posso sentir as vibrações do 25 mm através do traseiro das minhas calças. Inclino-me para frente e tento enxergar o Bradley atrás de nós. Consigo ver o carro do sargento de primeira classe Cantrell. Fitts e Ware também estão nele. Na última vez que os vi, os insurgentes atiravam neles tudo que tinham à disposição. Sabe-se lá como, a tempestade acalmou. Os lados chamuscados por inúmeros disparos rangem contra a areia de Fallujah, mantendo-se lado a lado conosco enquanto a torre procura por alvos. A julgar pelo silêncio do rádio deles, ao menos, Ware está calmo. Então um míssil corta a escuridão e se choca contra o lado do Bradley.

"Isso foi uma IED", Ware anuncia. "Não, isso foi um míssil", Fitts responde com concisão. Poucos segundos depois, outra explosão os

engolfa. O Bradley deles desaparece no meio de fumaça e areia para, um segundo depois, emergir aparentemente incólume.

"Isto foi uma IED", diz Fitts. O rádio está cheio de vozes competindo. Não dá pra entender muita coisa com o barulho da batalha. Então a voz de Cantrell se sobressai: "Calem essas bocas de merda, porra!".

85

Mais vozes. Elas atropelam umas às outras. A voz do tenente Iwan se sobressai: "Limpar a rede! Todos os elementos Exterminadores, I. par a rede!".

Minha ficha cai de que a transmissão de alguém está vazando para a rede do nosso pelotão e companhia. Isso não é bom, especialmente porque estamos a apenas alguns minutos de baixar as rampas e atacar a cidade a pé.

O tenente Meno e o capitão Sims estão penosamente tentando penetrar em meio à tagarelice para passar as instruções finais. Suas vozes estão adulteradas, algumas ordens são perdidas. Eu ouço vozes intrusas em nossa freqüência e logo fica claro que trata-se de um bando de fuzileiros navais.

Que merda eles estão fazendo na nossa rede? "Saiam da porra da nossa rede!", Cantrell guincha. Sims tenta falar, mas é abafado.

"Base de fogo Thunder, aqui é Alpha 2 Bravo..." Tudo bem: os fuzileiros são uma equipe de retransmissão, passando instruções dos seus observadores adiantados para a linha de artilharia na nossa retaguarda. Eles nos mandam para o inferno e continuam conversando. "Base de Fogo Thunder, Base de Fogo Thunder...!"

Nosso carro pára de repente. A rampa desce. Meu coração salta para a garganta. A adrenalina explode em minhas veias. E agora. Essa é a nossa a primeira praia conquistada da Normandia. Viro-me para saltar para a luta e vejo Ruiz me encarando. Que foi, porra? Ele parece embaraçado, o que é bizarro em meio ao caos que nos rodeia.

"Que merda você está fazendo?" Eu ordeno, nesse momento metade dentro e metade fora do carro. Atrás de mim, o resto dos homens paraliza antes de desmontar.

"Eu tenho que... hum, trocar seu rádio, sargento. Temos que trocar nossos comunicadores." Você tem que fazer o quê?" "Eu tenho de trocar seu rádio, sargento. Alguém está na nossa rede."

"Você só pode estar tirando com a minha cara, Ruiz." "Não, sargento Bell. Eu acho que o batalhão conseguiu outra rede da companhia para nós." Eu salto da rampa para a areia empoada. Ruiz salta ao meu lado e puxa meu rádio de dentro da manga da minha armadura. Ele começa a apalpar o rádio enquanto agacho. O pelotão está enfileirado em forma de coluna, talvez a cem metros da cidade. Posso ver a silhueta da linha do céu de Fallujah pelos disparos de artilharia ao nosso sul. Estamos à beira do nosso ponto de entrada na cidade, mas

nossa carga deu uma pausa abrupta. "Estamos fazendo uma troca de COMSEC (Comunicação de Segurança) a cem metros da cidade", eu grito para qualquer um ouvir. "Depois de tudo isso? Vocês estão me sacaneando. Vocês só podem estar me sacaneando, certo?" Ruiz se inquieta com o rádio. Eu solto fumaça. Os Brads giram suas torres para a direita e para a esquerda à procura de alvos. "Cara, fica com essa porra pra voce. Você é meu novo OTR". Meu novo operador de telefonia a rádio. "Ótimo, este rebaixamento era tudo que eu estava esperando." "Seu sinal de chamada é Cannabis 2. Entendeu?" "Entendido, sargento. Cannabis 2". Ruiz pega o rádio e começa a detectar diferentes freqüências. É uma piada, é claro - eu preciso daquele rádio e ele tem um trabalho a fazer. "Você ainda vai matar mais gente do que a varíola, Ruiz. Você precisa avisar todo mundo disso agora." "Obrigado", ele pausa e depois diz, sem expressão, "Isso me deixa satisfeito". Dentro do nosso carro, o rádio está chiando. É o jovem tenente e líder do pelotão de tanques, que tem estado junto a nós. Ele diz ao sargento Biden Jim que não consegue usar nenhuma das ruas do nosso ponto de entrad, a. "Você vai ter de abrir seu próprio caminho para dentro da cidade"ele diz. Jim nasceu em Saipan, não tem tolerância alguma para bobagens. A escolha entre avançar com seu tanque contra as construções ou abrir uma trilha através do campo minado, parece não lhe preocupar.

87

"Como posso saber onde estou, senhor? Eu não tenho Aim mapa. Lembre-se que você perdeu o seu e pegou o meu."

"Você não vai precisar de mapa. Eu te digo aonde ir." Confiar nesse jovem tenente é a última coisa que Jim quer fazer. "Puta que pariu, tenente, bobagem. Você me segue. Eu sou a porra do carro líder."

"Calminha aí, sargento." "Foda-se, tenente." O sargento Brown se recupera do choque. Ele olha para mira e aponta para seu capacete/fones do rádio, com um grande sorriso no rosto.

"Ouviu este garoto falando do seu querido tenente?" "O sargento Jim e o sargento [Matthew] Phelps são meus heróis, porra. Foda-se aquele tenente, sargento. Ele que se foda."

Ruiz termina. "Ok, sargento Bell, estamos prontos pare ir". Ele corre para o carro de Meno.

Eu subo novamente no nosso Brad. A rampa se ergue e estou enlatado novamente ao lado de Lawson.

Juro que não agüento mais essa besteira. Vamos entrar nessa cidade de uma vez. Rolamos para frente, removendo a areia nesse despertar- O resto do pelotão segue atrás de nós. A cidade assoma à frente- Até que enfim atingimos o asfalto, a estrada que corta leste-oeste ao 1 ongo da extremidade norte de Fallujah. Estamos quase lá. Os trilhos roçam sobre pavimento quebrado, moendo escombros e nos atirando para todos os lados.

Nós viramos para a esquerda, giramos para a direita, balançamos novamente e de repente a rampa desce. Eu olho para a esgiierda na escuridão total.

"Desmontar esquerda", Brown grita no intercomunicador- "Vamos, vamos! É agora!", eu grito. Saltamos para fora do carro. Os outros Brads estão agrupados ao nosso redor para que possamos usá-los

como cobertura. Espalhamo-nos e tomamos posição ao longo de nossos Bradley. Ao nosso redor, a escuridão é quebrada por fogos de todos os tamanhos e formas. Construções brilham. Entulhos esfumaçam- -

88

Escombros queimam nas ruas. Brasas avermelhadas em fogo ainda não queimadas pontilham e salpicam a contrastante vista negra da cidade. Eu procuro por alvos, vejo bombas químicas em todos os lugares ao redor de nós. Estamos cercados por essa coisa. É o maná do inferno. Ele me lembra aquele líquido incandescente de metal no Exterminador do Futuro 2. Rios inteiros de chamas cortam a noite e dançam com pequenas crestas de chamas vermelhas e brancas. Essa coisa é morte certa para qualquer coisa que a toque. Não se pode extingui-la com água. Agua só faz queimar mais quente e mais alto. Extintores de incêndio também não conseguem aderir à coisa. Sufocar com areia é o único jeito de apagar. Nossas divisões de artilharia de 155 mm tinham lançado fogo na cidade antes do ataque, alternando entre bombas químicas (WP - white phosphorus) e explosivos de alta tecnologia (HE - high explosives). Os artilheiros usam o WP para desviar o inimigo de sua posição, então atiram HE enquanto eles estão em área aberta. É uma tática chamada "Mover e Assar", e é mortal. Utilizando nossos Brads como cobertura, vemos a artilharia preparando nossa primeira área objetiva. Rastreadores são emanados dos canhões e desaparecem nas construções à nossa frente. Baixo meu visor noturno em frente ao meu olho esquerdo e estudo as construções. Nada parece familiar. Na verdade, a área toda não tem semelhança alguma com o ponto de desmonte o qual passamos estudando nos últimos dias. Nós praticamente memorizamos nossas fotos de reconhecimento aéreo, imagens de satélite e mapas rodoviários. Conhecemos todas as construções que devemos atacar,

cada canto em que devemos dar cobertura e cada rua que devemos observar em nossa área designada.

Mesmo assim, nada disso parece familiar. O bombardeio de préataque transformou esta parte da cidade num holocausto de destroços retorcidos, prédios mutilados e veículos quebrados. Casas foram partidas em duas partes, como se um gigante sádico tivesse efetuado uma vivissecção arquitetônica em todo o bairro. Andares e cômodos foram deixados vazios, expostos aos saques noturnos. Móveis foram atirados a esmo pelo local. Mesas quebradas, sofás queimados, televisores sem tela amontoam-se entre essas casas demolidas.

Os Brads cessam fogo. O tanque Abrams do sargento Jim libera

ainda uma salva de 120 mm, que faz um pedaço enorme de um prédio despencar no meio da rua. Então seu Abrams silencia também.

Nenhum disparo em nossa direção. A cena é melancólica, repentinamente quieta. Faz minha espinha se arrepiar.

Onde está o contra-ataque? Onde estão as ondas de muçulmanos prontos para contra-atacar?

Nós aguardamos, sem saber direito o que pensar. O tenente Meno decide consolidar o pelotão à esquerda dos Brads. Movemos-nos contra uma construção em ruínas e tomamos posições. Agora Meno

descobriu que desmontamos a quase 50 metros do nosso ponto específico. Estamos a uma quadra de onde deveríamos estar. Não que isso importe; nosso plano original é irrelevante. Os prédios que pretendíamos tomar não são nada mais do que pilhas de tijolos e concreto rachados.

Meno esboça um novo plano, que se resume em "tomar qualquer prédio que ainda esteja em pé". Usando seu visor noturno, Fitts escolhe uma casa de três andares que parece relativamente intacta. Pelo menos ainda tem as paredes. Fitts declara que ela será nosso primeiro objetivo. Atrás de nós, ao norte, o som de motores cresce até um ronco constante. Eu olho para trás e vejo o brilho de luzes no horizonte. Consigo detectar motores de Bradleys e caminhões de cinco toneladas. Mas também há outros motores e eu não os reconheço. Suponho que sejam fuzileiros navais. Alguns caminhões de cinco toneladas aparecem. Eles param bem na extremidade da cidade. Dezenas de soldados iraquianos saltam para a areia. Em vez de procurar segurança, eles se reúnem em grupos, largam seus equipamentos e caem ao lado deles. Pouco depois eles estão fumando e brincando de novo, exatamente como havíamos visto antes, durante o dia. Inacreditável pra caralho. "Senhor", eu digo ao tenente Meno que está no rádio, "que porra está acontecendo?". Meno caminha até meu esquadrão. Ao fazer isso, suas botas atola . numa poça de WP e pegam fogo. Eu olho sem reagir.

"Escute", ele diz. "Algo aconteceu na abertura. O capitão Sims está recebendo informações do Ramrod 6." Tenente coronel Newell. "Assim que ele souber o que está acontecendo, disseminará para nós. Enquanto isso, o que vamos fazer é o seguinte..." A perna da sua

calça pega fogo. Uma chama corre para sua panturrilha. "Senhor, você está pegando fogo", alguém aponta.

Meno olha para baixo e vê as chamas. Ele sacode suas botas, mas aquilo faz a chama crescer. Alguém deveria pôr um aviso: NÃO BRINQUE COM FÓSFORO BRANCO. O fogo consome a perna da calça dele. Ele corre perigo de ser cozido. Vários homens o agarram e o jogam no chão, onde eles o rolam para frente e para trás até que as chamas suavizem. Felizmente, Meno não está machucado. Nasceu na ilha de Guam e cresceu em Inarajan, uma cidade do tamanho de uma cabine de fotografia automática. Ele não é um nativo da infantaria; foi transferido da Filial Geral Adjunta. Ainda assim, foi transformado em líder de primeira-classe de pelotão de infantaria. Seus superiores são severos com ele e quando comete um erro, nós fazemos questão que perceba. Mas há um respeito mútuo entre nós. É um bom homem e eu sei que mesmo se metade de sua panturrilha tivesse queimado, ele ainda estaria conosco. Ele nunca deixaria seus homens em momentos como este. Felizmente, não acabou assim. Enquanto o observamos, a voz do sargento Jim aparece pelo rádio: "Eu tenho um furgão branco vindo pra casa!". Estamos sob ordens de destruir qualquer veículo que encontrarmos. Mesmo que esteja estacionado numa garagem, devemos tratálo como um VBIED (Vehicle-Borne IED - veículo portando IED). Um furgão branco passando pelo meio da carnificina e destruição para chegar até nós é uma clara ameaça. O atirador de Jim, sargento Denny Taijeron, é primo de Meno de Guam. Eles foram colegas de colégio e mais tarde entraram para a Universidade da Comunidade de Guam, onde evidentemente graduaram-se em destruição urbana brutal. Entraram para o Exército na

mesma época e foram à Alemanha juntos. Taijeron não hesita u segundo. A arma de 120 mm dispara, banhando a rua numa luz infernal. O disparo explode o furgão em pedaços que voam pela escuridão. Quando a fumaça abaixa, não resta um pneu sequer.

Um segundo depois, um AK 47 dispara e um insurgente levanta-se e é visto.

Pelo rádio, ouvimos Jim dizer: "Olha só esse cara". O pistoleiro solitário atinge o tanque com suas balas. Seria •mais fácil se ele fosse uma formiga atirando sementes de grama num corta. dor de grama.

"Fala sério. Olha esse idiota." Outra voz de algum tanque responde: "Ahhh, cara, aquele rapaz é uma graça". A torre de Jim gira, a elevação da arma muda. De repente a rua toda se ilumina novamente. O insurgente é evaporado.

As armas de Jim e Taijeron levantam a cada segundo. Eles estão usando salvas de disparo para matar insurgentes individuais.

Uma granada de auto-propulsão vem chiando de uma viela e explode contra a grossa parede do lado do tanque. A torre gira novamente e o tubo de 120 mm solta chamas.

"Time RPG destruído." A tagarelice do rádio nos ajuda a passar o tempo. A espera é interminável e não temos como saber por que não temos permissão para prosseguir. Depois de uma hora, soubemos que houve um atraso atrás de nós. Sabe-se lá por que razão, unidades da Marinha estão usando nossas aberturas e aconteceu um

engarrafamento por lá. Se os insurgentes soubessem o que estava acontecendo e pudessem contra-atacar com força, nós estaríamos com problemas.

Rifles em prontidão, SAWs niveladas para o sul, esperamos pelo contra-ataque. Passaram-nos tantos resumos das piores situações possíveis que a tranqüilidade geral parece mais uma armadilha do que um conforto. Mas as ondas de inimigos não vêm.

Eu me inquieto, incomodo-me e fico mais ansioso. Não foi assim que eu havia imaginado nossa primeira hora em Fallujah. Eu esperava avançar e me jogar contra o inimigo com todas as armas que

tivéssemos à disposição. Em vez disso, o avanço se tornara uma completa parada antes de fazermos contato e estamos desmontados. Estou frustrado com essa situação ridícula. Mas, ao mesmo tempo, totalmente desperto e constantemente relembrando das piores situações possíveis.

Aquela janela lá... aquilo é uma ótima posição para um atirador... não tire os olhos de lá... tem um beco ali acima - ótimo local para esconder um time de RPG... O trabalho de um soldado em combate é como jogar infiltrado no basebol. Você está sempre pensando. O que vou fazer se a bola vier para mim? Você deve avaliar ameaças constantemente. Deixe-me quebrar esse primeiro round. Fazer esses garotos se focarem na tarefa. Olho para meus meninos. Estão avaliando tudo a sua frente. Tristan Maxfield, meu atirador de SAW de Denver, está suando sem parar. Ele também está totalmente focado.

Inclino-me para frente e cochicho em seus ouvidos: "Em seu primeiro dia em missão com esse esquadrão, você cortou um cara que tentou passar por cima do tenente em dois pedaços, lembra disso?". "Câmbio, sargento." "Nem todos são loucos a ponto de ficar na frente de um carro em alta velocidade e descarregar 150 tiros. Nesse momento há um muçulmano estúpido raspando sua cabeça. Purificando-se. Rezando. E eu não tenho medo, porque tenho você. E cara, você vai dobrar as costelas desse filho da puta para dentro, certo?" Maxfield começa a acenar com a cabeça em confirmação, cuidando para não desviar o olhar das suas janelas e portas vazias. "Talvez devêssemos raspar nossas cabeças também. O esquadrão todo", ele cochicha. "Cara, se eu quisesse andar por aí com um bando de meninas carecas, eu teria sido técnico do time de futebol da minha filha. Preste atenção no seu setor e não me desaponte, seu bosta." Finalmente, não consigo mais agüentar a espera. "Ei, Senhor!" eu grito para Meno: "Estamos aqui sentados como patos. Vamos derrubar a porra de um prédio.". Antes que ele possa responder, uma chama estrelada explode a oeste.

93

Toda nossa área está iluminada. Outra explosão segue. E bem ao lado de onde os fuzileiros navais deveriam estar alcançando sua posição de segurança, então devem ser eles que estão disparando. A luz da explosão encobre nossos visores noturnos. "Jesus", alguém sussurra. "Espero que essa porra não continue." "Sim, como é que vamos usar nossos NODs" - aparelhos de observação noturna (night observation devices) - "se aquela merda continuar?"

Meno pega o rádio. Segundos depois ele grita: "Ok, Primeiro Esquadrão: Vai! Vai! Vai!".

Fitts e seu esquadrão saltam para dentro da noite. Fitts corre obviamente mancando, mas ele ainda é mais ágil do que eu em meus melhores dias. Vejo vários homens tropeçarem sobre escombros e destroços, mas ninguém perde o equilíbrio por completo. Eles chegam até a porta de entrada da casa alvo e escorrem para dentro. Cada homem carrega uma lanterna SureFire em seu rifle e quando o esquadrão entra na casa, Fitts ordena que seus homens as liguem. Pelas janelas podemos ver as luzes brancas dançando pelo interior das paredes enquanto eles evacuam cada cômodo. O esquadrão está em seu ponto mais vulnerável agora. Ah, meu Deus. Algo terrível está prestes a acontecer. A construção foi armada para explodir. É um ponto de emboscada. Estamos afunilados em uma armadilha. Minha mente imagina a destruição. A espera parece interminável. Então é nossa vez. "Segundo Esquadrão. Vamos!" Avançamos com Lawson e as metralhadoras em mãos. Pilhas de escombros espalham-se pelo nosso caminho. Parte da sujeira está na altura no peito, incluindo pedaços quebrados de concreto com barras de metal saindo para fora. Ao correrm os, estas farpas de metal rasgam as pernas das nossas calças como minigarras do Freddy Krueger. Eu escorrego, recupero-me e continuo correndo. Alcançamos a construção de Fitts. Não há mais porta de entrada, apenas um enorme buraco convidativo feito pela bala de um tanque. Deslizamos para dentro. Fitts grita para mim: "Como subimos até o teto?".

Usando nossas lanternas SureFire, procuramos pelas escadas. Passo por um canto, as botas amassando pedaços de vidro quebrado e

encontro uma porta. Meu SureFire explora e descobre que a entrada foi emparedada. No próximo cômodo, os homens encontram outra saída emparedada por tijolos. O inimigo preparou essa casa para

nossa chegada. Eles conhecem nossas táticas num ambiente urbano. Eles sabem que depois que um local está seguro, nós subiremos para os telhados. É lá que gostamos de lutar. Tetos são o melhor solo com os melhores campos de fogo. O morteiro contra essas paredes faz com que elas pareçam frescas, como se tivessem sido construídas a poucos dias. Na verdade, ao estudarmos a casa que tomamos, descobrimos que há somente uma porta exterior que não foi emparedada com tijolos. Todos os caminhos para cima estão bloqueados. Todas as saídas estão fechadas, exceto o ponto de entrada e a porta dos fundos. Os insurgentes estão tentando nos afunilar para dentro de uma emboscada. Eu olho pela porta dos fundos. Ela dá para um enorme campo aberto carpetado de escombros e destroços. Cada lado do campo é flanqueado por esqueletos de prédios enegrecidos. Dezenas de janelas escuras apresentam pontos superiores ao campo. É isso que os homens da infantaria chamam de área de perigo. Em combate, espaços abertos como este podem ser letais. Só há três maneiras de lidar com uma área de perigo: evitá-la por completo; marcar pontos próximos e distantes com segurança antes de cruzá-la; ou utilizar a tática de boxe que consiste em correr pelas extremidades evitando o espaço aberto. É aqui que eu e Fitts decidimos iniciar o trabalho de saltar para dentro da cidade. E agora parece ser um local perfeito para que os insurgentes nos peguem enquanto manobramos. Os insurgentes querem que passemos por aquela porta e teremos de fazer o que eles querem. "Knapp, Knapp, suba aqui!" "Sim, sargento Bell?" Knapp aparece ao meu lado. Ele está suando e está muito sujo, mas pronto para ir. Direciono minha luz infravermelha para um prédio a cerca de 30 metros de distância atrás de nós.

"Todos vão cobrir sua movimentação. Tem aquele prédio após da área de perigo. Boxeia-a." Quero que ele trabalhe na extremidade do campo para pegar o prédio a nossa frente.

"Eu posso ir longe e forçar a porta", diz Knapp após avaliar a área. "Tudo bem, me parece bom. Deixe-me ativar a segurança. Você vai até a extremidade lateral e depois sinaliza para o Time B e Sucholas". Uma vez que ele e seus homens estiverem naquele prédio eles podem nos sinalizar com raios de luz para que o próximo time os siga.

"Entendido." Quando a segurança está pronta, Knapp corre pela porta, com Ruiz, Santos e Doc Abernathy atrás dele. Eles correm pelo contorno da área de perigo, abraçando os prédios, sem despertar nenhum disparo. Na extremidade final, dobram e continuam pelas laterais. Chegam ao canto distante do outro lado de onde estamos, andam agachados pela esquerda até alcançarem a porta de entrada da nossa próxima construção-alvo. Knapp entra primeiro, como todos os líderes de combate do nosso batalhão. Ele fica visível por tempo suficiente para conseguir mandar uma sonda de infravermelho.

"Sucholas, sua vez! Vamos!" Meu Time Bravo salta para a noite. Desta vez, ao invés de usar a tática de boxe, eles passam direto pela zona de perigo enquanto Knapp e Fitts os cobrem de ambos os lados. Na metade do caminho, vejo Stuckert tropeçar e cair no chão como uma tartaruga virada. Ele continua correndo e o resto do seu time passa por onde Stuckert caiu. "Stuckert, levanta e vem até aqui!", eu grito para ele. Eu grito: "Sucholas! Atrás de você!". Ele não ouve minha voz rouca e ríspida. Ele não diminui o passo e não olha para trás. Stuckert está com problemas.

Knapp o vê e grita para Santos. Ele corre até a porta, vê Stuckert e corre para a área de perigo passando pelo resto do meu Time Bravo ao correr. Sucholas alcança a porta e guia os homens para dentro.

Eles forçam a entrada na casa no momento em que Santos chega até Stuckert.

96

Stuckert foi pego num emaranhado de fios elétricos de alta tensão. Os fios o amarraram como numa teia de aranha. Quanto mais ele luta, mais os fios o prendem. Felizmente, Santos tem um cortador e começa a trabalhar. Mas suas pernas logo estão no meio dos fios e ele fica preso também.

É aqui. Minha pior situação. Desamparado. No aberto. É aqui que vai acontecer. Meu coração começa a bater na minha garganta. Não consigo sentir minhas pernas. Tenho dois homens numa área de perigo, totalmente expostos. Eles trabalham freneticamente para se livrar, mas eu não vejo progresso.

Uma quadra a leste, bem do outro lado do nosso campo, escuto um AK disparar. Então outra. Um M4 responde. Uma metralhadora dispara. Eles vão matar Stuckert e Santos. Não posso perder homens dessa forma. Não posso. Deixo a porta de Fitts e corro até eles para ajudar, puxando minha faca Gerber do bolso da minha calça. Chego até eles e vejo disparos atrás de disparos ao redor dos dois homens. Eles estão irritados e sem esperanças. Santos está mordendo furiosamente, mas nada parece estar funcionando. Enrolo a faca num dos fios e puxo. A lâmina corta a capa de cobertura, mas não corta o fio de cobre que está dentro. Eu começo a serrar para frente e para trás. E um trabalho lento e enlouquecedor. Uma bala 7.62 mm bate nos destroços a menos de dez metros de nós. Merda. Assim não. Não dessa forma. Por favor, Deus... Outra bala. Dessa vez ela chia sobre nossas cabeças e cai no chão como uma pedra perto de nós. Outros

disparos a oeste. Se tivermos que morrer, deixe-nos morrer em pé no meio de uma batalha e não encurralados desse jeito. Eu vou para cima dos fios com fúria, golpeando-os com minha Gerber. Santos grunhe, corta e xinga. Stuckert puxa e empurra. Estamos enxarcados de suor agora e enquanto lutamos contra os fios, uma nuvem de pó de concreto gruda em todas as partes expostas dos nossos corpos. Nossas faces são cobertas pela coisa. Parecemos fantasmas. A uma quadra de nós, metralhadoras ecoam pela noite. Disparos de AK-47. Respostas de M4. A batalha cresce.

CAPÍTULO SEIS

O primeiro anjo

Enquanto isso, a oeste, caos total. Os soldados da Força de Intervenção Iraquiana encontraram um engarrafamento logo na entrada da cidade. Seus caminhões de cinco toneladas se enroscaram enquanto as unidades da Marinha tentavam ultrapassá-los e ir para oeste. Ouve-se alguns tiros. Disparos de fuzis AK-47. Balas saltam dos caminhões de cinco toneladas. Os iraquianos conhecem pouco de liderança. Alguns desmontam e correm para as ruas, sem saber o que fazer. Outros se mantêm em seus caminhões. O trânsito não se move. Os veículos estão vulneráveis. Os homens estão vulneráveis. Um desastre está prestes a acontecer.

uma célula de jihadistas em forma de esquadrão aparece a oeste. Eles se movem por telhados e becos e trazem suas armas na mão. Eles têm alvos fáceis. O engarrafamento da Coalizão oferece poucas chances de cobertura. Os iraquianos, nem na cidade, nem com a possibilidade de retirada, estão encurralados. O comandante sargento-major Steven Faulkenburg sai de um Humvee blindado. Logo antes do ataque, ele tinha se oferecido como voluntário para acompanhar os iraquianos da unidade da FII como contato norte-americano para o restante de nossa força-tarefa. Ele

percebera que os iraquianos precisavam de um líder seguro e veterano e elegeu-Se para realizar o trabalho ele mesmo. Sua personalidade incansável havia ajudado aos iraquianos atravessarem a abertura na estrada até o limite da cidade. Quando eles pararam e apenas saltaram na areia ao entrarmos em Fallujah, fói Faulkenburg que fez com que se movessem novamente. Agora balas voam. Os insurgentes atingem o comboio com longos disparos dos seus AKs. Outra força toma posição no lado leste da rua. Os jihadistas têm os FII em fogo cruzado. Homens caem. É um pesadelo. Faulkenburg percebe que deve agir rápido. Ele grita para seu atirador, sargento Raymond Wray e lhe dá comandos para abrir fogo. Wray ajusta sua metralhadora enquanto Faulkenburg grita ordens aos soldados iraquianos que estão na rua ao redor dele. Sua face, enrugada e ríspida, exala força e confiança. Ele se move pelos iraquianos confusos e instáveis, eletrificando-os somente com sua presença. Alguns gestos rápidos, algumas rápidas palavras e os iraquianos montam formação com ele. Embora separados pela cultura e pela língua, os FII não vêem um americano, mas um líder de combate. Eles estão prontos para ficar ao lado dele e lutar. Faulkenburg intui isso; o momento decisivo chegou. Falkenburg nivela seu rifle. Ele sabe que a única forma de livrar sua força dessa situação difícil é com um ataque vigoroso diretamente pela rua. Os

inimigos devem ser desviados de seus pontos de vantagem e afastados do engarrafamento antes que comecem a usar morteiros e mísseis. Faulkenburg chama sua força iraquiana e então, meio mancando, corre avançando. Os iraquianos seguem atrás dele sem questionar. Com os rifles disparando, eles correm pela rua. Os insurgentes os pegam frios. Os prédios em ambos os lados estouram em luzes e flashes. A batalha está organizada. É a primeira grande luta de armas da batalha. uma bala acerta Faulkenburg bem acima da sua sobrancelha direita, um milímetro abaixo de seu capacete Kevlar. Ele cai. A luta se intensifica. Inspirados pelo seu exemplo, os iraquianos abrem fogo e fazem o inimigo recuar. Outros arriscam suas vidas ao correrem para ajudar Faulkenburg. Nosso sargento-major está imóvel, deitado na rua.

99

Os iraquianos o levantam da rua e carregam-no para retaguarda.

é posto numa maca, enquanto um de nossos médicos, doutor WilliaEle m Smith o atende. Faulkenburg parece tão pequeno e vulnerável, tão diferente de sua persona indomável. Smith nota que seus pés nem sequer tocam a extremidade da maca. A luta continua. Os FII encontram mais infortúnios, mas os insurgentes recuam. A brecha é nossa.

100

CAPÍTULO SETE

De faca na mão, eu golpeio os fios que prendem Stuckert e Santos enquanto o som dos fuzis AK preenche a noite. Santos esfrega o rosto e os olhos com as mangas, então volta a trabalhar com o cortador de arame. Eu ainda estou desesperado, mas parte de mim percebe que os tiros que escutamos não são dirigidos a nós. Seja quem for que deveria estar cuidando desse ponto de emboscada foi morto ou está ocupado com algo mais urgente. Stuckert finalmente se livra dos fios. Santos dá uns puxões e livra seus pés. Estamos prontos para ir. Ofegando, corremos pelo resto da área de perigo e entramos na casa. No oeste, cresce um furioso espasmo de metralhadora. Espiando por uma janela, vejo rastreadores ziguezagueando em todas as direções na escuridão. É a vez de Fitts se mover. Cobrimos a área de perigo e eu o chamo. Ele toma seu esquadrão e passa por uma parede que lhe dá uma área muito menor para transitar e chegar até nós. E uma solução criativa Para nosso dilema tático. Alguns segundos se passam e ele corre para nosso novo ponto de segurança e se junta a mim. Knapp e Sucholas já evacuaram a casa, ou as partes que conseguiram, seja lá o que for. Eles descobrem que as escadarias foram outra vez barricadas coro paredes novas. Fitts e eu abrimos a porta dos fundos. Ela dá para o sul e abriga um

quintal nos fundos. Flannery, um dos atiradores de SAW de Fitts já está lá fora ao lado de três ou quatro tambores de 55 galões.

"Quase não há luz para os NOD", digo a Fitts enquanto estudamos o quintal. Além dos rastreadores cortando a noite a uma quadra de

distância à nossa direita, estamos num dos lugares mais escuros que já vi. Nosso visor noturno precisa de um pouco de luz para funcionar, algo como o olho de um gato. Sem nenhuma luz, não serve para nada.

Flannery se apóia em um dos barris. Ele balança e uni fluído é derramado. "Ah, merda!", ele exclama, "sinto muito, sargento".

O cheiro de gasolina invade meu nariz. Eu caminho pelos barris. "Olha, Fitts. Dá uma olhada nisso".

Em um dos nossos resumos de pré-ataque, ficamos sabendo que o inimigo tentaria neutralizar nossos térmicos (ópticos infravermelhos) e visores noturnos ateando fogo. Gasolina, por exemplo, faria o trabalho com perfeição. No lado de dentro, o resto dos homens encontram mais tonéis. Eles estão amarrados uns aos outros com cordas cobertas de cera. Fusíveis. A casa toda é um grande dispositivo incendiário. A casa ao lado da nossa tem quatro pisos e telhado fortificado. Essa parece mais promissora. O pelotão escala uma parede em brasa no quintal para ganhar acesso a ela. De uma escadaria exterior, nós escalamos até o telhado. Parece construída de propósito para um combate. Os muros contornando as extremidades do telhado são grossos e altos. Com certeza pode impedir disparos de AK. Dispostas pelo muro estão aberturas decorativas que podem ser utilizadas como frestas de disparo. O melhor de tudo é que a visão é espetacular. Podemos ver o bairro todo daqui. Temos nossa primeira posição.

Fico em pé no telhado e observo o fogo cruzado a oeste. Não consigo ver muita coisa entre os prédios naquela direção, apenas flashes de luz e rastreadores ocasionais. A batalha parece estar morrendo.

Olho para trás de nós em direção ao nosso ponto de entrada na cidade. Há alguns caminhões com aliados iraquianos se movimentando ao redor deles no chão. Eu vejo um corpo na rua. E outro. E mais outro. Os três estão sendo atendidos pelos iraquianos que colocaram cobertores sobre dois deles. Outros soldados trabalham para colocar o terceiro num saco.

intensidade do combate que acontece perto de nós, tudo Apesar de está calmo do nosso lado. A luta urbana é diferente da luta de campo onde cada pelotão ou companhia pode ajudar um ao outro. Numa cidade, o confinamento fragmenta a batalha. Cada pelotão deve lutar isolado, apoiado somente nas vantagens que cada um tern. Precisamos promover alguma ação. O tempo todo eu estou no telhado e a pele atrás da minha nuca me diz que estou sendo observado. Q inimigo está por aqui em algum lugar. Eu sei. E sei que eles estão nos estudando e aguardando o momento certo para atacar. Tivemos sorte na área de perigo. Podemos não ter tanta sorte novamente. Desço do telhado e volto para o quintal com o gás. No momento em que chego lá, o fogo cruzado ao nordeste parece se intensificar. Explosões furiosas de disparos automáticos ecoam pelas ruas vazias. Um segundo depois, não se ouve um tiro sequer. O silêncio é de outro mundo. Segundos atrás estávamos gritando uns com os outros só para sermos ouvidos: agora começamos a cochichar, pois não queremos quebrar a calmaria. O tenente Meno aparece. "O capitão Sims está vindo." Fitts não está contente. Ele sussurra: "Que merda, isso aqui não é um show de cães e pôneis." Meno balança a.cabeça: "Não", ele diz, "Você tem uma boa casa. Vamos observar o bairro nela." Fitts parece estar puto da vida. Eu estou bem com a decisão. Sims aprendeu com Mugdadiyah. Ele não vai ficar em seu carro. Não obstante, Fitts e Meno continuam discutindo sobre méritos

de capitães na linha de frente enquanto eu caminho até um portão no fim do quintal. Abrindo-o, descubro nosso acesso correto à Fallujah. A rua atrás de nós vai para o sul através de bairros residenciais. As casas são tão próximas umas das outras que provavelmente conseguiríamos nos mover de um telhado ao outro, pelo menos nessa quadra toda. A uns 100 metros de distância, está uma construção municipal, talvez uma escola. Um tanque de propano do tamanho de um trailer está anexado àquele prédio, no lado esquerdo. Isso me dá uma idéia. Eu chamo Ruiz, nosso homem dos mísseis. Ele já disparou mais AT4s do que os outros três do nosso batalhão.

103

Esses mísseis de 84 mm não são totalmente precisos, mas podem fazer um grande estrago. Desde Muqdadiyah, provamos o valor de carrega, los e usá-los. Ruiz é nosso especialista.

Juntos, começamos a preparar um míssil AT4. Meno termina sua conversa ríspida com Fitts e corre até o telhado. Fitts, não mais distraído, vê o que estamos fazendo e vem até nós.

"Que merda vocês vão fazer agora?"

"Vou atirar naquele tanque de propano com um míssil", eu respondo.

"Por quê?" "Para ele explodir." "Sim. E por quê?" "Bom, precisamos instigar algo. Você sabe que há uns merdas nos observando por aí", eu aponto minha mão para o sul. "Não temos Brads nem tanques - eles ainda estão no ponto de entrada. Se explodirmos essa coisa, eu

garanto que os filhos da puta começarão a atirar contra nós. Aí podemos matá-los"

"Cara, aquele tanque é grande pra caralho. Qual você acha que será o raio da explosão?"

Eu faço o melhor que posso para calcular e avaliar sem dizer bobagem. "Fittsy, estou pensando... cinco, dez... talvez 59... metros. Não tenho a mínima idéia, cara. Só sei que vai ser barulhento pra caralho."

Fitts confirma. "Vale a pena tentar. Só esteja certo de que Ruiz o acerte".

Quando terminamos de preparar o míssil, o capitão Sims e seu grupo de comando chegam e sobem até o telhado vizinho. A maior parte do pelotão permanece lá, mas o time de Knapp desce até onde estou.

"Ok, escute, Knapp", eu começo a falar quando ele chega até mim, "você será o primeiro a sair. Vamos passar por esta merda de porta aqui no quintal dos fundos. Vocês correm pro outro lado da rua - cinco metros no máximo - e tomam aquela casa grande pra caralho que está ali". Eu aponto para uma casa que parece relativamente tacta. Knapp concorda com a cabeça.

"Ruiz, o AT4 está pronto?" "Sim, sargento."

Era me movo até a porta de entrada. Fitts me segue. Espio para o tanque de propano. Oitenta e cinco metros. Eu me viro fora e vejo e cochicho para Ruiz: "Cara, mire alto. Se você não acertar o tanque, ai acertar um prédio e aí alguém vai nos acertar. O ponto principal disso tudo é fazer alguém instigar a luta. Precisamos começar a matar esses cuzões, entendeu?". Ruiz concorda com a cabeça. Então eu escuto vidro estilhaçando. Parece que tem alguém lá fora andando pelos escombros com chinelos de dedo. Baixo meu visor noturno e observo a rua. Do outro lado, bem perto do tanque de propano, está um homem sozinho. Ele está com um AK pendurado no ombro que faz um pequeno som metálico quando bate em sua perna, a cada passo que ele dá. Suas mãos estão cheias. Ele carrega algo. Vira a esquina e começa a caminhar diretamente em nossa posição. Eu vejo que é uma bateria de carro. Os insurgentes as usam para detonar grandes IEDs. A visão do nosso inimigo lança um raio de terror diretamente para o meu organismo. Já vi milicianos Mahdi nessa proximidade antes. Já vi a face do nosso inimigo. Mas aqui, em Fallujah, é diferente. Esses combatentes são conhecidos como os jihadistas mais comprometidos do mundo. Eles são a elite do inimigo. E um deles está caminhando em nossa direção, com sua arma nos ombros. Ele não me vê. Essa percepção dissipa momentaneamente o espasmo de terror. Agora eu estou no controle. Não sou mais a caça. O inimigo está bem aqui, na minha frente. E estou em vantagem. Meu coração estava batendo mais rápido que as asas de um beijaflor, há poucos segundos. Agora estou repleto de calma e meu batimento cardíaco está praticamente normal. Estico minha cabeça de volta para o quintal e sussurro para Fitts: "Ah, meu Deus. Ah, meu 1ieus, dá urnaolhada nisso".

Fitts vem até mim, sua arma Mossberg 500 em prontidão. "Pegou o que, cara? Pegou o quê?" Fitts e eu olhamos para a rua e aponto o insurgente. Ele havia dado mais algumas dezenas de passos em nossa direção e está a uns 50

metros de nós. Ele tem uma grande barba peluda coberta de sujeira. Suas roupas estão imundas. Sua face está toda encardida. Parece um mendigo.

Fitts e eu o observamos. Eu empunho minha M4. Darei o primeiro tiro, já que a arma de Fitts não tem visor óptico.

Suish... suish... suish... pegadas numa noite infernal. Esse homem está prestes a morrer.

Ser o caçador não é comum para mim. Geralmente reagimos a emboscadas armadas por outrem. Normalmente usamos nossa habilidade e poder de fogo para não sermos as presas.

O sargento primeira classe Cantrell adora caçar. Sua mãe que mora no Missouri havia lhe mandando vários vídeos e revistas de caça. Meses atrás, para espantar um tédio absurdo, comecei a ver alguns DVDs com ele. Eu nunca havia caçado antes, mas esses vídeos contém preciosidades em informações úteis, algumas as quais foram postas à prova em nossas missões contra IEDs. Agora eu lembro de um vídeo que dizia que os melhores caçadores sempre faziam um pequeno barulho pouco antes do momento de disparar. Eles fazem isso porque o veado se vira para eles, oferecendo um alvo muito melhor para ser acertado.

Será que aquilo funcionaria agora? O insurgente dá mais alguns passos. "Opa", eu digo no tom mais casual possível. Ele pára e olha para cima, bem como a presa do video de caça. Isso me causa um sentimento magnífico. Aperto meu gatilho. Um rastro sai da minha arma e desaparece no peito dele. Um pequeno sopro de fumaça, como se fosse um cigarro, salta do local do disparo. Eu o acertei nos pulmões? Aperto o gatilho de novo. O disparo o acerta o ombro. Seus olhos incham. É sua vez de cair em terror. Eu aperto de novo. Ele urra em agonia. Mais um. Ele uiva um longo e choroso grito de dor.

106

No entanto, ele ainda está em pé. E a bateria ainda está em suas mãos. Ele está surpreso demais para soltá-la e pegar sua arma. Fitts contorna o portão e apóia sua arma bem em cima do meu capacete Kevlar. Seus cotovelos amassam meus ombros. Ele está me usando como a porra de um tripé. A arma ruge. Um jato de chamas sai do cano, banhando a rua num brilho alaranjado e vermelho. A bala estabilizada arranca um pedaço do braço do insurgente. Ele engatilha outra bala, nivela a arma sobre minha cabeça e atira novamente. A bala abre um buraco nos quadris do insurgente. Ele atira de novo e acerta nos quadris novamente. Silêncio total. O jihadista larga a bateria e despenca na rua. Ele deita imóvel por alguns segundos. De repente, uma SAW do nosso telhado descarrega uma salva no homem. Ele já morreu faz tempo. As balas rebitam na rua e salpicam o cadáver que não se move. Fitts e eu já fizemos estrago demais. Minha avó sempre me disse para lutar de forma justa e nunca acertar alguém que não esteja me olhando.

Errado, vovó. Essa é a melhor hora de acertar. Se você conseguir um tiro livre, acabe com ele.

"Você viu isso?", Fitts pergunta com um grande sorriso no rosto. Ele sente o mesmo que eu. Ele dobra seu visor noturno para cima e eu sorrio também.

"Não consigo ouvir porra nenhuma. Você precisava me usar como seu tripé, caralho?", eu pergunto.

Fitts bate no meu ombro e continua sorrindo: "Aquilo sim foi desnecessário, não foi?".

Ruiz aparece e olha para a rua. "Uau! Demais!", ele comenta. Sims chama do telhado. "Bom tiro". "Você o viu, senhor?" "Sim, eu vi." "Por que não atirou nele, senhor?" "Queria ver aonde ele estava indo. Além disso, ele não era perigo algum para nós... pelo menos enquanto ele não ligasse aquela bateria."

Eu olho novamente para a rua.

107

Nunca acerte um homem quando ele está caído? Bobagem. Mostreme um momento melhor que esse.

O combate destilado até sua forma humana mais pura é um teste de hombridade. Quem é melhor soldado? Quem é melhor homem? Qual guerreiro sairá triunfante e qual será amontoado na rua? Na luta moderna, esse desafio homem-a-homem é geralmente substituído pela tecnologia avançada - o disparo da artilharia pode ser anônimo. Isso

torna o combate um jogo de dados. Você pode morrer ou não; suas habilidades pessoais não têm muito a ver com isso. Mas nessa rua e nessas casas, o combate pode ser homem-a-homem. Minhas habilidades contra as do inimigo. Eu o peguei desprevenido e ele morreu. É assim que se joga o jogo. Amanhã eu posso ser o cadáver amontoado na rua. Mas esta noite estou vivo e me regozijo com o fato.

Grito com toda a força dos meus pulmões. É um berro de vitória. Estou eufórico. Matei o inimigo e sobrevivi. Soldados vivem no limite. Estamos totalmente em alerta sobre nossa própria mortalidade. Isso nos torna mais vivos, mais poderosos. A morte está sempre presente, é nossa companhia constante. Podemos utilizá-la ou sermos vítimas dela. Ou deixamos a violência nos engolir ou ficamos loucos. Não há lugar para o capelão Brown por aqui.

como homens da infantaria, nossa existência é uma série de testes: Você é homem o suficiente? Duro o suficiente? Você tem coragem para isso? Você consegue apertar o gatilho? Consegue matar? Consegue sobreviver?

Sim. Sinto-me solto por dentro, como se meus órgãos vitais tivessem se reorganizado pela euforia que me consome. Eu grito de novo. A loucura da batalha me agarra. O combate envolve as partes mais obscuras da alma humana. Um lugar onde a mais exaltada nobreza e a mediocridade mais destruída coexistem naturalmente. O que um homem encontra em batalha define o modo como ele mede a si mesmo para o resto da vida. Será que libertamos nosso poder de humanidade básica para sermos melhores soldados? Será que nos rendemos à insanidade que nos cerca e passeamos em suas ondas para onde quer que ela vá?

108

Sim. Abraço totalmente a batalha. Eu a acolho em minha alma. Fodam-se as futuras conseqüências. Estou comprometido e não há caminho de volta. Levo minhas mãos à boca e inspiro profundamente. "Vocês não podem me matar!" Eu encolerizo. "Estão me ouvindo, seus bostas? Vocês não podem me matar! Vocês nunca me matarão!" "Bell, cala a porra dessa boca." Fitts está agachado perto de mim, apertando um chumaço de tabaco no queixo. Tarde demais. Eu sou a loucura.

109

CAPÍTULO OITO

Portais

"Cara, você parece um retardado. Pare de gritar."

Fitts traz-me de volta à realidade. Eu paro de uivar. Não é hora para dar uma de filósofo. O silêncio preenche a rua e eu me acalmo.

Eu e Fitts conferimos. Descartamos a idéia de disparar o míssil contra o tanque de propano. O inimigo sabe que estamos aqui. Não precisamos instigar mais nada.

Pegadas pela rua indicam que o inimigo está se movendo. Nos deslocamos em direção ao prédio municipal, mas não vemos nada. Mais pegadas. Vidro moendo. Parece que são várias pessoas.

"Eles estão vindo até nós ou fugindo de nós?" "Shhh." Escutamos. As pegadas se distanciam. "Cara, você os assustou com sua falação", diz Fitts. "Sim. E os disparos que você lançou contra aquele Johnny Talibã deviam fazer o que, iluminar o caminho deles?"

Fitts me encara e eu percebo que ele está puto de raiva com minhas brincadeiras. "Eu só estou dizendo... Ah, foda-se. Vá em frente, grite como um idiota."

Ruiz vem até nós. O trabalho da arma de Fitts prejudicou seus

ouvidos mais do que os meus. "O QUÊ? VOCÊ PRECISA DE MIM, SARGENTO BELL?" Negamos com nossas cabeças e Fills cospe tabaco na parede. "Fitts, você está repleto de negatividade. Precisamos de uma intervenção aqui. Essa merda me motiva. Isso é meu júbilo. Lembre-se dos bons tempos. Era seu júbilo também. Cadê aquele cara? Ele pode sair pra fora e matar terroristas com seu amigo?" "Perdão por não escoar otimismo. Ser atingido repetidamente tirou a alegria da coisa para mim." Não estamos mais brincando um com o outro e eu percebo o quão profundamente o dia 9 de abril afetou meu amigo. Pouco antes estávamos sorrindo por ter matado o homem. Eu fui além dos limites e agora estamos os dois desconfortáveis. Isso salientou as duas direções que tomamos depois daquele dia em Muqdadiyah. Eu amo esse trabalho. Fills não mais,

mas ele o fará porque acredita nele. "Fitts, você está diferente", eu gaguejo. Ele olha para Ruiz que ainda está observando a rua. "Não vamos ter essa conversa na frente do Ruiz." "Cara, ele está completamente surdo. Sério. Olha isso. RUIZ. RUIZ." Ruiz não responde. O tenente Meno grita do telhado, "Por que vocês estão gritando?" "Nada, senhor. Entendido." Ficamos em silêncio. Há uma brecha entre Fitts e eu agora que não existia antes. Está claro e ambos entendemos. Isso me deixa intrigado e abatido. Nossa rua está quieta. Voltamos ao trabalho e decidimos nos mover ao sul pela rua e tomar uma casa com uma melhor visão do prédio municipal. Nossos tanques e Brads ainda estão ao norte, aparentemente incapazes de atravessar as estradas principais. Teremos de continuar nosso avanço sem eles. Isso faz com que eu e Fitts fiquemos nervosos. Uma companhia mecânica de infantaria está pela metade apenas com os desmontados. Lutamos como um time integrado com nossos carros. Complementamos um ao outro. Eles são o nosso suporte pesado

Nós somos seus olhos e ouvidos. É um equilíbrio perfeito e, para sermos mais efetivos, temos de trabalhar unidos. Ainda assim precisamos pressionar avante. Não podemos deixar os insurgentes se retirarem e se reorganizarem. Conseguimos uma posição segura na cidade. Agora devemos explorá-la e ir o mais fundo que conseguirmos. Eu chamo meu líder do Time Alpha. Knapp vem até mim. Grande e pesado, ele é duro e oscilante, com um canhão no lugar do braço, resultado de seus anos como jogador no colégio. Ele entrou para o Exército em 2001 e pulou de E-5 para sargento em apenas dois anos, uma taxa de avanço fenomenal. "Knappy, eu quero que você tome aquela casa do outro lado da rua. Aquela grande." "Entendido, Sargento." Knapp vira-se para seus homens, dá algumas ordens e volta ao portão dos fundos. O sargento Hugh Hall, líder do Time B de Fitts joga uma granada contra o prédio municipal. Quando

ela explode, fumaça e sujeira espalham-se pela rua. Atiramos mais alguns rounds de M203 de 40 mm. Eles explodem e se juntam à cena de fumaça anterior. Misa passa pelo portão e dispara para a rua. Se alguém tivesse sido deixado lá, já estaria morto ou cego.

Knapp escorrega pela porta até a rua, gira e joga uma granada na parede frontal da nossa casa-alvo. Um som abafado segue. Acima, Pratt e Lawson nos dão cobertura com suas armas pesadas. Agora Knapp se joga totalmente para o meio da rua. O homem é puro aço nas veias. Durante um tiroteio em Muqdadiyah no último agosto, ele subiu em uma construção e atirou num grupo de cerca de vinte insurgentes. Balas e RPGs voavam ao seu redor, mas ele nem sequer se mexia. Ele permaneceu lá e depois teve de lidar com o pior.

Ele alcança o lado distante da rua. Ao fazê-lo, eu ordeno que o próximo grupo avance. "Vai! Vai! Vai!"

O esquadrão de Fitts nos segue para sairmos do quintal. Corremos pela rua e entramos na nossa casa-alvo. Ao me aproximar, vejo Knapp paralisado na porta de entrada. "Que porra é essa, Knapp? Entre na porra da casa!"

O resto do esquadrão se amontoa atrás dele e, embora eu tente parar, choco-me contra os homens. Temos uma grande confusão do caralho bem na entrada, onde estamos muito vulneráveis. "Entra, porra!", eu ordeno. Knapp discorda imediatamente, "Não! Não! Saiam, porra! Saiam agora!" "O que você viu?", eu pergunto ainda tentando me desembaraçar do resto do esquadrão agora cobrindo a entrada. Ele se

vira e agarra minha armadura. Enquanto o restante dos homens recua indeciso, ele me arrasta até a porta de entrada. "Knapp, que merda você... "OLHE!", ele ruge. A primeira coisa que vejo são os fios. Fios são comuns em todas as ruínas que encontramos até agora, mas eles estão sempre sujos, rasgados e sem cor. Os fios que vejo dentro da casa são novos e limpos, amarrados com presilhas novas em folha. Isso não é bom. "VAI! VAI! VAI! Cai fora daqui!", eu grito para o meu esquadrão. Um conjunto de fios afunila-se até uma parede e então espalha-se pelo outro cômodo como vinhas verdes e alaranjadas. Sigo alguns deles com os olhos e vejo que terminam em paredes de tijolos pequenos. Isso me intriga por um microssegundo, então percebo que os tijolos são pedaços de explosivos plásticos C-4.

Outro grupo de fios se estende até um par de tanques de propano encostados na parede mais próxima. Mais explosivos estão espalhados ao redor dos tanques.

Mas a pièce de résistance, o golpe de mestre dos insurgentes aqui, é o tanque central suspenso, que está no meio da sala. Criado para dar mais alcance ao jato de caça MiG, é um tanque de combustível que parece uma lágrima. Os insurgentes colocaram sacos de lixo em suas barbatanas. O nariz foi removido. Os fios desaparecem desse ponto. Usar combustível de avião como bomba foi o que causou as bolas de fogo do World Trade Center em 11 de setembro. Esse tanque é uma arma do caralho.

Nós podemos perder o esquadrão todo. Podemos perder a maior parte do pelotão - bem aqui, bem agora.

Ele troca um olhar comigo e pergunta casualmente: "Você tem tabaco aí pra mim?"

Era típico dos papéis que eu e Fitts jogávamos um com o outro. Quando eu piro, ele fica calmo e me tranqüiliza. Ele me controla quando estou à beira de perder a razão. Do mesmo modo, quando eu extrapolo os limites e corro riscos, ele está sempre lá para impedir que eu vá longe demais. Seja qual for o meu estado mental, seja qual for a situação que nos meta, Fitts está sempre comigo. Mas ele nunca tem tabaco. Filho da mãe.

Fitts está muito desconfortável. Percebo que eu devo ser o calmo da vez, pelo menos para retribuir o que ele fez por nós no campo minado. Essa reversão de papéis não é fácil para mim.

Eu puxo ar e tento permanecer calmo. Preciso pensar nisso. O que aprendemos com o campo minado? Um campo minado é um obstáculo. O inimigo arma obstáculos para atrasar a infantaria e afunilá-la para zonas de morte. Zonas de morte significam que eles estão observando o obstáculo. Alguém deve estar de olho neste local. No canto da casa, eu examino o buraco feito na parede por onde passam os fios que dão para a sala em que quase entramos. Isso me faz pensar aonde eles vão e em que estão anexados, se estiverem.

Fitts e eu andamos pelo quintal para explorar. Os fios correm por um túnel escavado abaixo da parede sul externa do complexo. "Eles escavaram embaixo daquela porra?", eu digo incrédulo. "Isso parece trabalho pesado pra caralho. Por que eles simplesmente não cercaram a casa com os fios?"

Porque eles estariam facilmente visíveis pelo lado de fora e vulneráveis a disparos de artilharia ou bombas. Isso mostra um nível de sofisticação que me arrepia. Quem quer que tenha construído essa armadilha, é bom. Deslizamos para a rua e nos movemos ao longo das paredes do complexo até a casa do lado. Os insurgentes escavaram este jardim também. Eles não estavam armando emboscada na casa. O túnel passa por outro quintal. Isso deve ter exigido horas de escavação e não há terra sobrando em nenhum lugar visível. Realizaram o trabalho com cuidado.

116

Seguimos o túnel até outra casa, onde ele acaba em um buraco propriamente camuflado. Bem ao lado do buraco estão os restos despedaçados do Homem Bateria. Bem, o capitão Sims tem sua resposta. Agora sabemos aonde ele estava indo. Agora é fácil ver o que ele estava fazendo quando atiramos nele. Sua missão era sentar no buraco e esperar até que nós tomássemos a casa-armadilha. Então ele teria encostado os fios da bateria e explodido todos nós. Se tivéssemos sido cinco minutos mais lentos, estaríamos à toa na brisa dos ventos do deserto. O pelotão de infantaria retalhado em pedacinhos. Pouco tempo atrás, uma unidade das Forças Especiais teve uma dica e atingiu um armazém em Bagdá. Após o terem atingido, os insurgentes detonaram uma BCIED. A melhor parte daquele time altamente treinado foi despedaçada. Tais armadilhas são quase impossíveis de detectar antes que seja tarde demais. Eu digo para Fitts: "Você percebe que roubando minha caça e evaporando esse merda você salvou o pelotão inteiro, percebe?" Fitts brilha num sorriso confiante: "Eu roubei a sua caça, hein?" "Fittsy, se você fosse um oficial de campo, acho que isso resultaria num prêmio de valorização. Este filho da puta estava prestes a nos engolir. Agora ele está no inferno com o Hitler." Ele ri daquilo e por um instante consigo ver uma fagulha do velho Fitts. Nós nos reportamos. Transmito o que

encontramos para Cantrell. Ele passa para Meno, que transmite para o capitão Sims. Nosso comandante quer mais explicações. Ele fala pelo rádio diretamente na rede da nossa patrulha. "O que é que vocês encontraram?" "Uma BCIED", eu respondo. "Uma enorme, senhor." "Tem certeza?" A pergunta me aborreceu. Quem era Sims para duvidar do meu julgamento? Então percebei que eu havia feito a mesma coisa com Knapp. Knapp deve ter sentido o mesmo aborrecimento comigo. "Sim, tenho certeza, senhor."

117

Fitts pega o rádio. "Senhor, essa porra é uma BCIED." "Ok, retornem."

Retornamos para o nosso quintal. Sims esteve pensando sobre essa nova ameaça. Quando transmitimos a localização exata da casa corn a BCIED, ele escreve e nos chama. Então ordena que nós a marquemos. Lançamos uma sonda de infravermelho no telhado da casa. Dessa forma, os tanques ou aeronaves a reconhecerão como ameaça.

"Ok, mudança de planos", diz Sims. "Não vamos mais nos separar dos veículos. Manteremos nosso suporte na base de fogo."

Fitts e eu ficamos muito aliviados ao ouvir isso. Significa que não estaremos mais batendo em portas sem os tanques e os Bradleys nos dando cobertura.

Sims pega o rádio. Eu ouço ele dizendo aos carros: "Não dou a mínima pro que acontece se tivermos de ir para a linha de fase Abel ou linha de fase Cairn". Essas são as duas barricadas mais fortes e repletas de IED do nosso setor. "Não vamos mais deixar os soldados desmontados sozinhos."

Sims nos ordena a sair. Seu plano é ir para o sul, até uma intersecção para reunirmo-nos com nossos blindados.

O pelotão sai para a rua, a BCIED pesando em nossas mentes. Qual porta nos trará outra dessas? Poderemos ter tanta sorte novamente, ou encontraremos um insurgente solitário com uma bateria, enfiado em algum buraco esperando por sua grande chance?

Se enfrentarmos isso de novo, devemos lidar de forma diferente com a situação.

Para começo de conversa, eu deveria ter confiado em Knapp. Eu o cortei na frente de seus homens. Não posso fazer isso de novo. Tenho de ser o líder deles e não subadministrar, não pensar duas vezes.

Certa noite, algumas semanas atrás, Fitts cortou-me. "Bell", ele disse, "você precisa parar de ser um soldado e começar a ser um líder de esquadrão". No momento, o comentário doeu, mas agora entendo o que ele quis dizer. Parte de ser um líder é confiar que seus subordinados realizarão o trabalho, e isso implica confiar no julgamento que eles fazem. Não posso ser um filho da puta mandão. Knapp precisa saber que eu

confio nele. Se ele me diz para correr, eu corro. Seu julgamento é correto.

O garoto está com tudo. Alcançamos a grande intersecção, nosso ponto de encontro com os blindados. Já é cedo pela manhã agora e o frio da noite ensopa nossos uniformes, fazendo-nos tremer. Minutos passam. O tanque do sargento Jim vira uma esquina e se junta a nós. Cantrell em seu Bradley não está muito longe. Logo, o pelotão inteiro esta reunido. Nossos carros tiveram um grande trabalho para chegar até nós. Foram atirando na direção sul da cidade, matando todos os insurgentes em seu caminho. O tanque do sargento Jim estava ocupado explodindo casas com IED e barricadas Texas com sua arma de 120 mm. Agora montamos e continuamos a avançar. Chegamos num novo bloco de casas. Estamos no coração do Distrito do Soldado, o bairro requintado dos legalistas de Saddam. Baatistas e militares aposentados. Os Brads param. A rampa desce. Fluímos para a rua e entramos numa casa. Pouco antes de arrombarmos a porta, minha mente se acelera. O que a casa conterá? Será que vamos morrer e nem sequer saber o que nos matou quando uma BCIED nos evaporar? Que outras armadilhas eles aprontaram para nós? A primeira casa é evacuada sem incidentes. As escadas foram retiradas para que não houvesse acesso ao telhado. Encontramos comida apodrecendo na cozinha e uma grossa camada de poeira sobre a mesa. Essa foi abandonada há tempos. Movemo-nos para o próximo cômodo e encontramos brinquedos de criança espalhados por todo o chão. Roupas atiradas ao léu; o lugar parece como se uma família tivesse fugido às pressas ou como se alguém o tivesse saqueado. A casa tem fedor humano. Alguém esta morando aqui. Estamos hipervigilantes, mas não encontramos nada. Noutra casa, uma escadaria tapada por tijolos, dando para o telhado é uma visão acolhedora. As paredes parecem fracas. Damos uma série de empurrões e ela despenca numa

pilha de tijolos e morteiros quebrados. O caminho para o telhado está livre. O pelotão sobe ao telhado e Lawson ajusta nosso armamento pesado. Agora podemos evacuar o bairro pulando de casa em casa. Em vez de entrar pelas portas, podemos cair para dentro das casas. Despencar

do telhado com certeza deve surpreender qualquer um que esteja den tro. Há dificuldades quando encontramos paredes tapando as escadas que estão seladas e os insurgentes construíram caminhos serpentinos ou obstáculos na hora de descer por elas. Em algumas casas, as janelas com barricadas e tijolos. Eles são criados para afunilar-nos em armadilhas

mas em todos os casos, eles dão para posições de combate vazias. Os vilões escapam de nós. Isso nos deixa intrigados.

Em direção ao final da quadra, alcançamos uma casa que é separada das outras do bairro. Parece estar a um metro e meio do parapeito do telhado. Eu vou primeiro e me atiro para o outro lado.

Em vez de apenas um metro ou dois, eu caio a mais ou menos dez. Caio com força contra o segundo andar da casa. Por um momento, penso ter quebrado minhas costas. Não consigo me mexer. Tudo dói. Ruiz e Santos repentinamente caem ao meu lado.

Olho para cima. Não há mais teto. Pulamos para dentro da casa. Não termos quebrado nenhum osso é um milagre.

"Veja! Isto é da artilharia", alguém diz. "Besteira", eu respondo, "isto foi feito com uma marreta". Aponto para as raspas e arranhões ao longo da parede onde estava o teto. Não há marcas de balas nas paredes. Os próprios muçulmanos retiraram este teto, o que significa somente uma coisa: eles esperam que nos movimentemos pelo topo das construções. Esta foi outra de suas armadilhas. E pensamos que os estávamos enganando. Eles parecem estar a um passo a frente de nós. Mas onde é que estão?

Levantamos e guiamos o resto do pelotão de volta para a casa. Após a evacuação dela, nos movemos para o próximo telhado. Cruzamos para a outra casa. Essa aqui tem uma sala em forma de caixa com paredes grossas no centro do telhado. É nossa entrada para a construção abaixo.

120

Knapp guia seu esquadrão para a porta da caixa. Sucholas e o meu Time B estão prontos atrás dele. Os homens de Fitts esperam por perto. Eles estão prestes a entrar quando algo me faz correr para a janela à esquerda da porta. Os homens param e me encaram. Não sei por que estou fazendo isso, mas algo me induz a seguir. Eu pulo pela janela.

Quando pulo, Knapp encontra um fio parcialmente partido debaixo da porta. Dentro da casa, começo a me movimentar para a porta. Antes que eu dê urn passo completo, vejo um fio. Ele corre pela porta até o batente. Pendurada no fio, está uma granada vermelho-alaranjada do tamanho de uma bola de futebol Nerf. O pino de segurança está pendurado no fio. Se abrirmos a porta, puxaremos o pino e

detonaremos a granada em nossas faces. "Knapp!", eu grito. Ele aparece e espia pela janela. "Olha só essa porra", eu digo. Ele aponta para o fio e suspira. "Quer saber de uma coisa? Eu mandei meus homens não procurarem por armadilhas. Isso é OMTU de alta intensidade". Operações Militares em Terreno Urbano. "Estamos procurando os bandidos. Não temos tempo para precisas OMTU". "Você está certo, não precisamos. Poderia haver caras nesta casa prontos para nos matar. Precisamos estar prontos para eles, não de cabeça baixa procurando por fios." Knapp concorda com a cabeça. Temos um sério dilema tático em nossas mãos. Se tivermos de tratar cada casa como se tivessem armadilhas, seremos cautelosos. E na evacuação de locais, confiança e ardil são absolutamente vitais. Se hesitarmos, se procurarmos metodicamente por armadilhas, entregamos a iniciativa para qualquer insurgente que possa estar dentro da casa. Mover-se rápida e decisivamente de cômodo em cômodo é a única forma de surpreender o inimigo e minimizar nossa exposição ao fogo. Até então não vimos ninguém dentro das casas. No entanto, se continuarmos a nos mover tão rápido, arriscamos encontrar uma armadilha dentro de uma das casas. No momento, não consigo ver como vamos sair desta sem que ninguém se machuque. Ou nos movemos rápido e encontramos uma armadilha, ou nos movemos lentamente e somos acertados por disparos. "Ok, Knapp, vamos manter isso entre nós." "Certo. Não queremos deixar os caras mais assustados do que já estão. Eu não quero que eles entrem nas casas com isso em mente."

121

Knapp puxa um cortador de fios e solta a granada. O pino voa e a coisa começa a assobiar. Eu agarro-a e grito: "Protejam-se!".

No telhado, todos se abaixam. Jogo a granada na parede mais próxima e segundos depois ela explode.

Fitts vem até mim: "Bell, você poderia ter me dado algum aviso de que faria isso."

"Tente entender, sargento. Não foi planejado." Terminamos a evacuação da casa e nos movemos para a rua. Esta quadra está limpa. Entramos nos Brads e vamos à direção sul. O tanque do sargento Jim se move primeiro. Ele acelera rua acima, gira a oeste e nos dá segurança lateral.

Enquanto Jim contorna mais ou menos uma quadra da nossa rota, um atirador solitário aparece no meio da rua e descarrega uma salva do seu AK.

A arma do tanque de Jim dispara. Segundos depois, o rádio no fundo do nosso Bradley chia: "Meu Deus. Aquilo foi horrível, cara."

Jim responde: "Aquele cara tinha um AK e estava atirando em mim. Ele não devia ter feito isso."

De repente, o comandante do nosso Bradley, sargento Cory Brown, corta a nossa tagarelice. "FURGÃO! Nós temos um furgão!"

Com certeza o inimigo mandara um furgão cheio de explosivos. O especialista Shane Gossard, atirador de Brown, gira sua torre e avista o furgão se aproximando de nós. Gossard é geralmente conhecido

como o melhor atirador de Bradleys da brigada. Fora da torre, ele é uma alma gentil que toca guitarra e canta. Na torre ele é um verdadeiro assassino.

Ele mira com cuidado e engatilha uma corrente contínua de disparos de canhão diretamente dentro do veículo que explode com inten sidade furiosa. Outra ameaça foi eliminada. Minutos depois, passamos por sacos de areia Hesco atados com IEDs. Gossard acende três delas. As explosões secundárias balançam nosso carro.

"Ei, estou com uma ótima mira em alguém aqui", Gossard cochicha pelo intercomunicador. Mal podemos ouvi-lo pelo autofalante, mas ele está claramente empolgado.

122

"E ele está com um companheiro". O 25 mm pinoteia duas vezes. O Brad vibra com o recuo do impacto. "Bom tiro", alguém grita. Mais dois bandidos mortos. Lutamos para chegar ao sul, através de outra quadra. Na outra extremidade, nos juntamos ao tanque de Jim e escoltamos um ao outro pelo bairro. Alguém grita: "RPG!" Um míssil corta a escuridão e acerta o tanque de Jim. Um esguicho de fumaça escorre pela lateral. O sargento Denny Taijeron, atirador de Jim, gira a grande torre do Abrams para a esquerda. Um segundo depois, o 120 mm estronda. A parte inteira da frente de um prédio colapsa. Logo em seguida, inúmeros insurgentes saem das posições de cobertura. Taijeron troca o canhão por sua arma de calibre 50. Podemos ouvi-la estourando, mesmo com o som do nosso motor. Um segundo depois, ela silencia. Os muçulmanos não escapam. Nós continuamos rodando. "Vejo barricadas T", Taijeron grita em seguida. Jim ordena que ele atire.

BUM! "Barricadas limpas." A Companhia Alpha avança para o sul até nosso maior objetivo, a Mesquita Imam al Shafi. É o comando, centro de controle e base de fornecimento para a maioria dos insurgentes do Distrito dos Soldados. É o coração de suas defesas e nós vamos destruí-la.

123

CAPÍTULO NOVE

Dorothy e o portão de Oz

A noite é surreal e confusa. Acima de nossas cabeças, os AC-130 circulam como urubus, escolhendo alvos e os esfolando com seu armamento pesado. O eco das armas e da artilharia engana nossos ouvidos. Na cidade vazia, qualquer ruído é ampliado, cada som bate de prédio em prédio e cria uma cacofonia sem ponto de origem. É combate no vácuo, uma mistura gigantesca de som e fogo que nos deixa incapazes de distinguir quem está atirando ou de onde.

A vista da cidade se encaixa perfeitamente num filme do Godzilla. Pilhas de tijolos bloqueiam as ruas. Fios elétricos no chão encortinam o entulho. Casas estão partidas. Fachadas de lojas, destruídas. Dentro dessas lojas, pouca coisa resta além de prateleiras e mobília quebradas. A escuridão é aliviada apenas pelos pequenos pontos de fogo queimando nas ruínas. O horizonte brilha vermelho-alaranjado. Fallujah está em sua agonia de morte.

O trabalho noturno nos deixa encharcados de suor, o qual a brisa da madrugada rapidamente esfria. Nossos uniformes estão escorregadios. Sentimos dor e trememos de frio. Ao evacuar casas, tropeçamos num esconderijo de luzes de alcance Starlight, da era Vietnã, equipamentos de visão noturna que nem são mais fabricados, além de uniformes e medicamentos americanos. No momento, todos nós temos

cortes e arranhões nas mãos, nos braços e nos rostos; as pernas das nossas calças estão rasgadas ou queimadas. O ambiente urbano é um constante desafio físico para nós. Cada passo traz o perigo de uma queda nos escombros. Vidro quebrado cobre cada ruína como pedaços de gelo na neve que acabou de cair. Nossas botam estilhaçam o vidro, mas quando caímos, nossas mãos aparam a queda e acabam cheias de farpas de vidro. Nós os retiramos o melhor que podemos e continuamos em frente. Encontramos um ritmo. Não devemos limpar cada casa e eliminar todas as armas e suplementos que encontramos. Isso levaria dias. É uma caçada. Procuramos por bandidos e vamos em frente. O sargento Jim e seu tanque Abrams são vitais para nosso avanço rápido. Ele usa suas armas principais para abrir buracos em construções que nós utilizamos como pontos de entrada. Isso é muito mais seguro do que arriscar chutar e derrubar portas. A arma de 120 mm é tão poderosa que abre buracos em três ou quatro casas ao mesmo tempo. O poder de fogo deste monstro permite que nos movamos através de cada quadra por um caminho novo, evitando os afunilamentos e zonas de morte que os insurgentes prepararam tão meticulosamente para nós.

Duas horas antes do nascer do sol, alcançamos a mesquita. Ela fica no centro de uma quadra de residências. Essa é a ligação dos Askari ou

do Distrito dos Soldados. O bairro é imponente. Cada casa possui um grande e grosso muro externo com portões de metal. Nos quintais, há varandas construídas como praças de castelos que oferecem excelentes pontos para dar cobertura às paredes externas. O lugar todo parece ter sido criado por arquitetos de guerra.

Mesmo assim, não encontramos nenhum inimigo. Alcançar nosso primeiro grande alvo dentro da cidade se torna um anticlímax.

O pelotão se move até o portão central da mesquita. As paredes ao redor têm, pelo menos, três metros. Há vidro quebrado grudado no parapeito - uma alternativa muito eficiente ao arame farpado. O próprio portão de metal espesso se ergue a três metros. Temos de passar por ele para entrar na mesquita.

Hall é nosso especialista em arrombar portas. Membro do esquadrão de Fitts, ele não é muito alto, mas é forte como um bate-estacas e

têm ombros musculosos e um centro de gravidade baixo. Eu o chamo. Ele olha para o portão e diz: "Não vou quebrar essa merda, sargento. De jeito nenhum".

Viro para Fitts: "Vou explodir essa porra com C-4". Fitts concorda com a cabeça e recua o pelotão para fora da área de explosão. Eu pego um bloco de C-4 e anexo ao portão. Poucos segundos depois, finalizo a fiação. O bloco explode mas quando a fumaça baixa o portão está virtualmente intacto.

E agora? "Vamos usar um torpedo Bangalore", sugere Santos. Estas são ferramentas dos engenheiros da época da II Guerra Mundial, criadas para explodir barricadas e obstáculos. Essencialmente, o Bangalore e uma carga de explosivos montada em um tubo ou, nesse caso, num piquete de cerca. Colocamos urn contra o portão, acionamos o fusível e recuamos.

Buum! O portão resiste a esse ataque também. "Inacreditável, porra", eu murmuro. Fitts ordena que Knapp e Misa atirem algumas granadas por cima do muro, caso haja alguém do lado de dentro. Os dois trabalham atirando granadas para dentro do pátio da mesquita.

Eu tenho uma idéia melhor. Digo para Ruiz: "Prepare um AT4". Viro-me para Fitts, "Amigo, mantenha todos afastados".

"O quê? O que vai fazer, Bell?", ele pergunta. "Vamos atirar contra o portão usando um AT4." Todos recuam. "Ruiz", eu digo, "você consegue acertar o mecanismo de travamento?".

"Posso tentar, sargento." "Faça-o." Ruiz mira quase à queima-roupa. Ele engatilha o AT4. Com um enorme rugido e um enorme flash, o foguete é lançado contra o portão. A fumaça baixa. O portão ainda está em pé.

"Ruiz, seu estúpido, filho da puta, como é que você erra a porta? Está a quase dois metros de você, caralho!"

"Eu juro que achei que tinha acertado, sargento." Viro-me e caminho até o portão. Realmente, Ruiz acertara

diretamente o mecanismo de trava. Na verdade, seu foguete de 84 mm acertou o buraco da fechadura. Um buraco chamuscado, perfeitamente simétrico, foi aberto através do portão. Mas ele ainda se recusa a abrir. Obstruídos por uma porra de portão hajji. Só podem estar brincando comigo. Santos gruda uma mina Claymore na dobradiça. Ela explode, mas novamente o portão agüenta o impacto. "Santos, pegue o Javelin." "Sem essa, cara", Fitts diz. Ele não quer nenhuma parte do grande míssil antitanque FGM-148. Esses merdas têm mais de dez centímetros de diâmetro. A voz de Jim aparece no rádio. Ele havia escutado novidades sobre o nosso enigma. "Ei, sargento Bell, você precisa empurrar este muro". "Bem, esta seria a melhor solução", eu respondo. Nós normalmente não usamos nossos Brads para golpear. É muito fácil de estragá-los e se eles quebrarem, perdemos um produtor de acidentes muito importante. Mas dessa vez vamos precisar de um Brad. O mais próximo é o do tenente Meno. Meno havia descido do carro para se juntar a nós, deixando o veículo nas mãos do sargento Chad Ellis, um atirador com porte de buldogue. Ellis está no Terceiro Pelotão desde 2001 e personifica a face e a atitude de nossa família, conhecida carinhosamente como Terceiro Rebanho. Ele é um sólido oficial não comissionado e excelente atirador de Bradley, mas não tem o costume de comandar o carro. Seu motorista, o especialista Gregory Marcoot, também é relativamente novo. Não é uma ótima situação, mas nós o chamamos de qualquer forma.

O tanque de Jim ronca em nossa direção e margeia um lado da rua para que Ellis passe por ele. É muito duro agir como os olhos de

Marcoot e dar cobertura ao mesmo tempo num Bradley. Quando o Brad avança, Ellis desvia a torre para longe do tanque de Jim. O canhão colide com a lateral da mesquita num baque. Ellis reage ao impacto e Macoot choca o Bradley contra a traseira do tanque do sargento Jim.

"Mas que merda é essa?", alguém comenta. O Brad pára, mas Ellis continua rodando a torre. como o

machado de Paul Bunyan, o cano se choca contra uma cabine telefônica pró, xima. A cabine é partida ao meio, atirando fios que parecem serpentes na rua. "Cara, que porra você está fazendo?", Fitts grita. Ellis finalmente deixa a torre realinhada com sua linha de avanço O carro avança em direção ao muro. Ellis mira e atira. O 25 mm dispara algumas salvas que fazem pouco mais do que abrir alguns buracos no muro. Então a arma se estraga. Isso não surpreende, levando em conta tudo que ela acabou de passar. Ellis troca para a metralhadora de persuasão e executa um rápido disparo contra a fechadura antes que essa arma também se estrague. 40 Resta apenas uma arma no Brad, o reboque dos mísseis antitanques. Ellis tenta erguer a caixa que serve como base da arma, mas ela se recusa a subir para a posição de disparo. Seu carro está neutralizado. Nenhuma arma funciona. Pelo menos ele ainda pode ser usado como um bate-estaca gigantesco. Marcoot avança e coloca sua defesa esquerda no portão, mas o Brad está posicionado num ângulo errado e ele não consegue pegar tração. O portão resiste até mesmo a esse ataque.

Jim assiste a tudo e finalmente diz: "Venha para trás de mim que eu vou fazer uma tentativa". O Abrams avança e choca sua lateral no

canto do muro de concreto da mesquita. Então ele gira para a esquerda. A força das turbinas de 1500 cavalos do tanque é impressionante. A pressão que essa manobra cria fratura o muro. Do portão até o canto, o muro racha e colapsa para o lado de dentro. Eu nunca tinha visto algo assim. "Uau!", eu digo pelo rádio. "Obrigado por essa, cara." O pelotão entra no complexo e encontra pilhas de armas, equipamento e munição. Ao nos movermos para o quintal, encontramos inúmeros cascos de morteiros, pilhas de RPGs, engradados de munição e outros explosivos. Se entrássemos num fogo-cruzado agora, essa seria nossa única cobertura. Exploramos o quintal e encontramos ainda mais coisas, incluindo artefatos de rádio e suplementos americanos. Devido às regras do comprometimento, não temos permissão para entrar no interior da

mesquita. Isso ofenderia a sensibilidade iraquiana, já que somos infiéis cristãos sujos. Nós certamente não queremos fazer isso e destruir sua cidade de merda ao mesmo tempo. Enquanto isso, nosso inimigo usa seus lugares sagrados como base de provisões. O batalhão da Força de Intervenção Iraquiana, que nos acompanhou através da brecha, aproxima-se e desmonta. Dessa vez, os soldados estão comprometidos. Eles parecem bem mais ágeis ao se aproximarem para se alinhar na entrada. Eles chutam a porta frontal e entram com as armas nas mãos. Nós ficamos do lado de fora, escutando o tiroteio e nos perguntando se estamos sendo necessitados no fogo-cruzado. Poucos minutos depois, o líder da FII retorna para a porta frontal. Ele olha para Meno, sorri e levanta os polegares. "Ok!", diz ele no seu parco inglês, "Você está bom". Objetivo-chave seguro. Enorme esconderijo de munição descoberto. Nenhum bandido à vista. É um estranho começo para o Gbtterdãmmerung° do Iraque.

Ainda restando quase meia hora de escuridão, Meno nos ordena a tomar uma casa, estabelecer segurança e descansar um pouco. Fitts lidera seu esquadrão para atravessar a rua e tomar posição dentro de uma casa intacta ao norte da mesquita. Eu e o Segundo Esquadrão vamos até o final da quadra e evacuamos uma casa de dois pisos a nordeste da mesquita, atravessando a rua. Estabeleço segurança no telhado. O resto do esquadrão desce para tirar um rápido cochilo no segundo andar da casa, bem na entrada do enorme telhado. Eu protelo mais alguns minutos para dar instruções aos meus soldados. Lawson concorda em ficar de olho pelos próximos vinte minutos. Feito isso, desço pelas escadas e monto guarda no primeiro andar.

129

No cômodo acima de mim, Michael Ware e Yuri Kozyrev estão espreguiçados no chão. Doe Abernathy está ao lado deles. Alguns outros estão fumando ou limpando suas armas. Daremos a esses rapazes uma hora para dormir e então faremos rodízio com os homens do telhado para que eles também descansem.

Eu me sento, acendo um cigarro e dou uma longa tragada. Os nervos estão tensos, mas sinto que poderia dormir por uma semana. Mesmo assim eu sei que esse é apenas o começo.

O esquadrão foi muito bem até agora e estou orgulhoso dos meus homens. Estamos trabalhando bem juntos e os homens confiam uos nos outros. Não costumava ser assim. No começo do nosso rodízio, meses atrás peguei um de meus soldados cheirando ar comprimido, tentando ficar chapado com as substâncias químicas. Eu fiquei furioso. Fiz com que se alinhassem e exigi saber quem mais estava envolvido. Eu, Fitts, sargento Omar Hardaway e Brown inquirimos cada membro

de meu esquadrão. Voltei ao ano de 1965, quando oficiais não comissionados ainda tinham permissão para fornecer aconselha. mento "de porta em porta". Sentimentos foram feridos, costelas foram amassadas, rostos foram espancados, mas nenhuma lágrima foi derramada. Mais importante, nenhum soldado entregou seus camaradas. Em vez disso, dois rapazes que não tinham nada a ver com o incidente assumiram total responsabilidade. Aquele foi o dia em que meu esquadrão se juntou. Eles haviam permanecido leais uns com os outros e eu respeito isso. Aprenderam que podiam confiar uns nos outros. Foi também o dia em que percebi o quanto gosto desses homens. Agora trago meu cigarro novamente e solto meu equipamento. Estou ocupado reorganizando minhas bolsas de munição quando Lawson aparece no topo da escada. "Sargento Bell", ele chama com a voz baixa e sussurrada. "Sim?" Lawson está branco como papel. "Stuckert acha que viu alguma coisa." Agarro meu equipamento e corro até o telhado.

CAPÍTULO DEZ

Sombras e fantasmas

"O que você pegou?", eu pergunto a Stuckert quando subo ao telhado. "Sargento", ele sussurra, sua SAW apontando para uma janela barrada a poucos metros no telhado da casa ao lado. Nosso telhado divide uma parede em comum com a próxima casa. As duas são ligadas leste a oeste. "O que você está fazendo?", eu digo em voz alta. Eu não sei ao certo, mas suspeito que Fitts e seus meninos estejam naquela casa.

"Sargento", Stuckert cochicha, "Tem um cara lá dentro. Eu vi uma mão mover a cortina".

Os olhos de Stuckert estão arregalados e os pêlos de sua nuca estão em pé, em atenção. Algo lhe deu um susto como Nightmare on Elm Street (Pesadelo na Rua Elm).

Eu me inclino na parede e avisto a janela. Não vejo mãos. Eu vejo as cortinas, rasgadas e sujas, balançando gentilmente pela brisa. Agora sou eu quem cochicha: "Cara, sem essa Stuckert, o vento está balançando as cortinas. Você está com frio. Eu estou com frio. Você está exausto. Eu estou exausto."

Eu pauso. Ele parece decepcionado. "Stuckert, você tem certeza que viu isso?" "Positivo, sargento Bell."

Comece a confiar nesses rapazes. Stuckert é um californiano que entrou para o Exército por ser o garoto-problema de uma família abastada. Seu tio é o prefeito da cidade onde nasceu e seu pai é muito rico. Desde que entrou para o Segundo Esquadrão ele está totalmente alerta. É um bom soldado, um bom garoto que teve grande progresso em se tornar um homem. Ele não tem tendência a histeria e sua bravura não pode ser questionada.

Seja um líder. Confie nos seus homens. Eu preciso ter certeza. "Ei, Maxfield, sargento Lawson, vocês viram alguma coisa?"

"Não, sargento Bell." Eu não sei onde Fitts está agora. Ele está em algum lugar a oeste de mim no mesmo lado da rua. Será que eles se moveram para a casa ao lado sem que soubéssemos? Antes de começar a atacar a janela, preciso ter certeza de que não vamos matar nossos próprios homens.

Stuckert ainda está atrás de sua SAW. Mesmo que Fitts não esteja na casa ao lado, corremos o risco de acertá-lo acidentalmente se dispararmos em sua direção.

"Ok, Lawson pegue a sua nove. Stuckert, pegue uma também". Lawson desembainha sua pistola e a empunha, sem tirar os olhos da janela. Stuckert pega uma dos atiradores. Ele desliza para sua posição e aponta o cano para a janela.

"Ok, dê cobertura com as nove milímetros. Se vir algo, não hesite. Use seu discernimento, use seu discernimento, Stuck. Eu confio em você."

"Entendido, sargento", diz Stuckert. Eu pego meu rádio e aciono o microfone: "Ei, Fittsy, onde você está? Meus homens estão vendo um cara numa casa e eu quero ter certeza que não vou atirar em você."

"Estou a duas casas para baixo. Não vejo porra nenhuma aqui." Doe Abernathy aparece na porta de um cômodo. Ele se move até nós, agachado para manter seu corpo abaixo do nível da parede. Ele se alinha perto de Lawson e gruda os olhos na janela. Será que realmente temos bandidos na casa ao lado? Por que eles não atiraram

em nós quando estávamos no meio da rua, tentando entrar na mesquita?

132

Lawson recua. O movimento súbito me faz pular e então olho para meus rapazes. Doc Abernathy se abaixa e vira para mim: "Sargento Bell, o sargento Lawson viu algo". Os olhos de Lawson rebitam na janela. "Que é que está acontecendo aqui, porra?" "Cara, uma mão acabou de mexer naquela porra de cortina". Lawson me encara e ele tem a mesma expressão de horror que Stuckert tinha. "Stuckert, bote a porra do seu nove milímetros no canto daquele buraco. Você vai atirar a 45 para a esquerda, certo?" "Entendido, sargento Bell." "Lawson, você vai atirar a 45 para a porra da direita. Quando você ficar sem munição eu enfio uma metralhadora lá." "Entendido", eles dizem ao mesmo tempo. Lawson engatilha. Stuckert faz o mesmo. Eles apertam seus gatilhos e a nove milímetros estala. "B GGGH!" Alguém está gritando atrás da cortina. É tão rápido e tão alto que nos assusta pra caralho. Estou tão surpreso que por um momento fico paralisado no local. Como num reflexo, os meninos disparam novamente contra a janela. "Aaaaaaagh!" Lawson dispara novamente e um borrifo de sangue escorre pela cortina. Entre os tiros, ouvimos uma pancada, como se alguém tivesse caído de uma cadeira ou de uma mesa. "Aaaaaaaai!", a voz atrás da cortina é dolorosa e apavorante. Nós o pegamos completamente de surpresa e ele está seriamente ferido. Tentamos acabar com ele atirando uma granada pela janela, mas as barras estão tão próximas umas das outras que não conseguimos fazer a granada passar por elas. Stuckert e Lawson continuam atirando. Acima dos estrondos, os gritos continuam. O homem grita, chora e resmunga em árabe. Não podemos vê-lo e isso parece misterioso. Outros homens adicionam suas armas à situação. Estamos enchendo o cômodo por detrás daquela janela com um ninho

de vespas de disparos. Como é que esse cara ainda está vivo? "Cessar fogo! Cessar fogo!", eu grito. Os homens param de apertar

os gatilhos. Inclino-me no muro para encostar minha cabeça contra as barras de ferro. Está muito escuro lá dentro, mas eu posso ouvi-lo se movendo. Seus passos são lentos e parece que ele está descendo as escadas.

"OOOOOOOn!" Isso parece ter vindo de fora. "Aaaaaagh!" "Ele está no quintal!" Eu giro e olho para baixo, ao norte. As duas casas dividem um quintal em comum, com pilares ornados. Eu noto que a maior parte da parede norte do complexo foi totalmente destruída por disparos de artilharia, tornando nossa casa uma posição de defesa muito menos segura do que eu havia pensando originalmente. "Lá! Lá está ele!" O Gritão ora corre, ora se apoia contra um dos pilares decorativos. Ele se esconde atrás dele e desaparece antes que possamos atingi-lo. Fitts aparece no rádio: "Que merda foi essa?". "Ei", eu respondo, "nós acabamos de acertar um cara. Acho que ele está no seu nível agora". "Ele está bem perto de mim, mas eu não vou mandar meus homens a menos que saiba exatamente onde ele está."

"Ok. Nós vamos movê-lo com uma granada 40 mm. Sacudiremos ele para fora. Se ele se mover, vocês tem o alvo. Se não, nós o pegamos."

"Parece bom." Eu viro e grito: "Santos! Dê-me um 40 mm. Atire com o lançador 203 naquele pilar!".

Santos desliza ao longo da parede até conseguir um alvo claro no quintal. Ele dispara duas salvas. Metralhadas rasgam o insurgente, que lamenta como um gato atingido por um carro.

"Knapp!" Knapp sobe e dispara para baixo, no pilar. Disparamos mais algumas 40 mm. Lawson prepara uma granada e a atira no quintal. Para nossa surpresa, ela não explode. Santos mira com seu lançador 203 e descarrega. A granada explode e faz a granada de Lawson voar para a rua. Outro tiro faz com que ela detone.

134

Durante todo o tempo, o Gritão lamenta. Fizemos estrago suficiente Agora vamos ver se ele aparece no aberto para que possamos acabar com ele. Sem sorte. Ele fica imóvel e continua nos irritando com sua agonia.

Nesse momento, o sol já começara a despontar no horizonte. O céu mudou de preto para dourado alaranjado e longas sombras enrugam a rua em nosso redor. Há uma baixa neblina e fumaça por cima da cidade, limitando nossa visão e somando-se ao desconforto do momento. O Gritão fica quieto. Ouvimos tiros a oeste. O Primeiro Pelotão deve estar engajado em seu primeiro objetivo, uma escola. Olhamos uns para os outros e nos perguntamos se o Gritão sangrou até morrer. Seguramos o fogo, mas tensos, os dedos ainda nos gatilhos. O Gritão berra algo em árabe com toda a força que pode e alguém o responde. Segundos depois, outro grita uma resposta. Três, quatro, mais gritos. Ao sul, atrás de nós, uma quinta chamada vem da cidade em ruínas. Ao nosso redor, vozes assombram a neblina e a fumaça. O terror me possui em suas garras.

O que foi que acabamos de desencadear? Fitts chama pelo rádio: "Bell? Irmão? Você está ouvindo essa merda?". "Cara, o que você acha? Vinte a 50?" "Estou pensando em 40 a 50." "Porra de A, cara." "Porra de A." Uma explosão nos apavora. Outra responde. Outras duas se seguem. Meu Deus. Nós estamos cercados. Nossos Brads estão no oeste entre nós e o Primeiro Pelotão. Ellis está na intersecção ao sul e a leste, mas as armas do Brad dele não estão funcionando. Temos uma posição abrangente nessa área de Fallujah. É uma posição sólida, mas não temos profundidade. Eu giro, ouvindo o coro, lembrança dos lendários chamados de corneta que os chineses usavam antes de seus ataques à Coréia. "Preparem-se para se defender!", eu imito Sam Elliot

interpretando o Sargento-major Basil Plumley em We Were Soldiers (Fomos Heróis). Não é tão engraçado como eu achava que seria. Os homens parecem abalados, mas decididos. Michael Ware e Yuri agora estão no telhado conosco.

"Veja isso, cara", eu digo para Ware, "Essa porra é a história. Aqui e agora."

Ware me encara. Eu viro para o meu esquadrão: "Essa é a história que vocês vão contar para seus filhos. Olhem, temos uma cobertura perfeita. Esses filhos da puta estão prestes a nos atacar e nós vamos acabar com eles, certo?".

Todos concordam com a cabeça. Eu continuo, "Não traremos nenhum Brad até aqui, certo? Vamos deixar que pensem que nos encurralaram desmontados no aberto sem suporte. Eles vão nos apressar e nós vamos matar esses filhos da puta! Hooah?"

"Hooah!" "Ok, peguem suas armas. SAW nos joelhos. Coloquem suas armas onde possam pegá-las com rapidez. Não vamos deixar esse telhado. Não vamos nos mover. Ficaremos e lutaremos nesta merda de lugar."

Os homens mexem em suas bolsas e espalham suas armas na base da parede. Eu, Knapp e Sucholas dividimos o esquadrão e apontamos setores de fogo. Os Bravos M240 de Lawson são o centro da nossa força. Colocamos as duas metralhadoras médias 7.62 mm para o norte, onde os atiradores, especialista Joe Swanson e o soldado raso Jamison McDaniel podem procurar por alvos na extensão da cidade. O sargento Allan Pratt se ajusta entre eles, pronto para prestar assistência a qualquer uma das armas. Eu coloco dois homens na parede sul com Mos. Se formos atacados com força nessa direção, teremos problemas, mas terei como usar homens do oeste e do norte se necessário.

Temos excelente cobertura. Temos uma posição central de cornbate. Meus rapazes confiam uns nos outros. Eu confio neles. Nós vamos ganhar.

Use o medo. Não deixe que ele tome você. Tome-o. Essa é a luta que você sempre quis. Essa é a luta que você nasceu para ganhar.

Eu quero estar na parede com os homens, pronto e alerta, mas isso

não é meu trabalho. Preciso ser um líder, não um soldado. Caminho por minha linha de fogo, checando meus homens. Eles estão prontos e eu não posso ter mais orgulho deles. Os silvos silenciam. Agora vem o som de pegadas, como cavalos galopando, ecoando através das ruas e becos vazios ao nosso redor. Eles estão chegando. Estão chegando para nós. O Gritão lamenta e geme. Sua salvação está próxima.

CAPÍTULO ONZE

Telhado Álamo

O primeiro ataque vem do nordeste, em direção ao esquadrão de Fitts. Ouvimos as pegadas nos escombros e nos reforçamos. Santos se vira, aponta na direção do Gritão e fala alguma coisa, mas suas palavras não competem com as explosões vindas do setor do Primeiro Esquadrão. SAWs remexem as ruas. Disparos de MP4. Uma granada explode. Cresce um coro de armas combinadas. Por quinze segundos, a rua a oeste de nós é uma zona de morte, graças a Fitts e seus meninos. A última bala ricocheteia no asfalto. Os homens comemoram. "Weeeeehaww!", Fitts grita pelo rádio. "Fim do jogo, cara! Acabamos de destruir um time de fogo. Emboscada linear." A primeira onda corre bem na frente de Fitts. Seus homens aguardavam nas janelas e portas da casa que ele tomara. Os insurgentes não

tinham idéia de que ele estava lá. Eles atacaram sua linha de conflito e sete ou oito morreram antes mesmo de saber o que os tinha atingido. É uma ótima maneira de começar essa luta.

"Ótimo trabalho, amigo!", eu respondo. "Ei, Bell. Isso é quase tudo que tenho nessa casa. Vou sair daqui. Nós vamos até você." "De acordo."

138

Viro-me para meus homens: "Ei, cessem fogo. Os Exterminadores estão vindo para cá." Para Fitts, eu digo: "Você sabe onde eu estou?". "Sim, estamos indo aí agora. Precisamos consolidar." Ele tem razão. Vamos precisar de cada rifle e cada SAW que pudermos aqui no telhado para encarar o que vem em seguida. Abaixo, eu ouço Fitts gritando: "Exterminadores entrando!". E o Primeiro Esquadrão entra em nossa casa. Os homens correm para cima, para o telhado. O Terceiro Pelotão é novamente um só. Fitts e eu reorganizamos nossos esquadrões e definimos campos de fogo. Stuckert é movido para o lado distante do telhado para cobrir um beco. É avenida menos provável de aproximação dos insurgentes, e Stuckert não fica muito contente. Afinal, ele ajudou a escolher essa luta, para começo de conversa. O sol ainda está abaixo do horizonte, mas podemos sentir o brilho de mais uma manhã na Mesopotâmia. Eu vou até a parede norte. De alguma forma, durante a noite, o inimigo nos evadiu. Eles se infiltraram em nossos flancos e retaguardas. Agora estão equilibrados para atacar. Observo os telhados, primeiramente vendo apenas grandes reservatórios de água. Vejo alguns sacos de areia e uma posição de disparo. Todos os telhados estão preparados com posições de defesa. Alguns têm cobertura acima. Alguns telhados até têm abrigos de tijolo ou madeira. Estamos bem no meio de uma grande rede de defesa dos insurgentes. Uma calmaria nos rodeia. Não

há mais pegadas nas ruas e nenhum barulho que indique a presença do inimigo. Um barulho repentino chama nossa atenção. Veio de um telhado a nordeste. Olhamos, mas não vemos nada. Em seguida há movimentação a nordeste. Viro meu pescoço, bem a tempo de ver um tijolo caindo de um abrigo. Ele cai no telhado. Ainda nenhuma alma à vista. Fique calmo. Eles provavelmente ainda nem sabem onde estamos. Vou até Joe Swanson, um dos atiradores de 240. "Lembre-se Swanny, mira baixa, ajuste alto. Entendeu?" "Entendi, sargento." "Alá! Alá!"

139

Que foi... "Arghhhh!" Movimento-me pelo telhado para olhar a nordeste. Uma figura solitária está no meio da rua. O homem está encoberto pela sombra, mas vejo seu contorno, rígido e alto.

Ele começa a cantar. Uma onda de terror sobe pela minha espinha. Sua voz é determinada e cheia de paixão. Esse é um crente. Será que você está pronto para morrer? Ele sai das sombras e fica na luz alaranjada da manhã. Repete seu canto. Segura uma metralhadora no braço direito. A munição está no braço esquerdo, num estilo Rambo. Ele curva os dedos e nos chama.

Nós o encaramos, impressionados. Ele está sem cobertura. Não procura proteção. Anda a passos largos no meio da rua, sua metralhadora pronta. Ele age como se ela não pesasse nada.

O que este homem está fazendo? Está implorando para ser acertado. Que tipo de homem joga sua vida fora desse jeito? Até agora eu tive desprezo pelo inimigo. Mas ao ver este homem, eu tenho de

respeitálo. Ele é um guerreiro, um homem que acredita que sua causa tem valor e que vale sua vida. Temos isso em comum.

Mas ele ainda deve morrer. Está a menos de cem metros agora. Sua voz está mais baixa, mas não há nela nenhum traço de medo.

Quando não sabemos onde nosso inimigo está, atiramos ao léu e esperamos para ver o que acontece. Isso é chamado reconhecimento por fogo. A única explicação que tenho para esse comportamento suicida é que os muçulmanos estão nos sondando. Este combatente solitário é um carneiro sacrificado, servindo como isca para que nós disparemos, revelando nossas posições. É uma maneira arrepiante de empregar um camarada. Nós não somos combatentes amadores. O homem grunhe e repete seu canto. Eu adoraria saber o que ele está dizendo. Embora eu entenda um pouco de árabe, não consigo separar as palavras.

140

Certo, já chega. g "Swanson, dê a este rapaz o que ele está querendo. Acabe com ele." O 240 ruge para a vida, o som é como um zíper gigante sendo aberto. A mira de Swanson é baixa. Seu primeiro tiro faz saltar lascas de asfalto na frente do insurgente. O homem vira para nós e grita com ódio. O ódio cru de sua voz manda outro arrepio para a minha espinha. A arma do insurgente dispara. Ele está no meio da rua atirando contra a arma de Swanson, arma a arma. Swanson dispara novamente e as balas dançam em volta dos pés do insurgente. Ele ajusta a arma novamente. Seu próximo disparo corta as pernas do homem. Ossos expostos, o insurgente colapsa sobre suas pernas cortadas, com o dedo ainda no gatilho. Ele grita em agonia, mas se recusa a desistir de lutar. Sangue escorre em volta dele pela rua. Ele

ainda dispara e as balas ricocheteiam perto de nós. Swanson dispara novamente. Balas cortam o peito do insurgente, mas ele se recusa a morrer. Agora Jamison McDaniel abre fogo com seu 240. Steven Mathieu acrescenta sua SAW. A metralhadora PKC do insurgente cai no asfalto. O insurgente está em pedaços. Pedaços de carne espalham-se pela estrada. Ainda assim, nossos homens não tiram os dedos dos gatilhos. "Cessar fogo! Cessar fogo, porra!" Todos estão um pouco enlouquecidos, mas as armas silenciam. Mal disparamos nossa última bala e o mundo explode. Balas acertam a borda de nosso muro. Uma RPG cruza o telhado. Em todo lugar que olho, flashes piscam em portas, janelas e cantos das construções. Agora o inimigo sabe quem somos e o que temos. A luta começa. Eu olho para cima e vejo Stuckert. Ele deixara sua posição para atirar nos insurgentes com os outros.

"Stuckert", eu grito, "você não está no seu setor, precisa ficar na porra do seu setor de fogo, está me ouvindo?" Ele concorda e volta para guardar o beco. É preciso ter muita coragem para confiar em seus companheiros e ficar em seu setor, especialmente quando o fogo mais pesado está vindo em direção à sua nuca. O inimigo está nos atacando com tudo que tem em mãos. Está

tentando nos encurralar para nos atacar novamente. Precisamos ficar alertas e armados ou seremos abatidos.

Swanson está ficando sem munição. Ele abaixa e começa a recarregar. O cara é um profissional, muito metódico, mas às vezes parece trabalhar em câmera lenta.

"Swanny, carregue logo essa merda! Precisamos dessa arma na luta!" Swanson olha para mim. Ele é um ótimo garoto, um soldado robusto, mas que às vezes precisa de um chute na bunda para pegar no tranco. Suas mãos passam pelo receptor. Ele o trava e quando está prestes a levantar, alguém grita: "Foguete!" Todos se abaixam. Fsssssssssst - BUUM! Uma RPG se choca contra a parede que nos protege e explode. Pedaços de concreto, tijolos e metralhadas nos banham. Nós os ignoramos e voltamos para a borda da parede, armas resplandecendo. Misa repentinamente dá uma pirueta e cai no telhado, batendo seu rosto. Eu corro até ele.

"Acertaram meu rosto!", ele murmura. Um fragmento de bala do rastreador de fósforo branco está grudado em seu queixo, assobiando. Sua pele está cozinhando e corre um sangue negro do ferimento. Eu arranco o pedaço de bala com minhas mãos dentro das luvas. Um segundo depois, minhas mãos parecem estar derretendo. "Você está bem, cara, ok? Você só está queimado. Eu vi aquela merda. Você me assustou, cara." Misa, tonto, acena com a cabeça. Suas bochechas estão em péssimo estado. Qualquer ferimento aberto num esgoto como Fallujah é um ímã para infecções. Misa não se importa. Ele fica em pé e retorna para a luta. Michael Ware e Yuri se movimentam entre nós, fotografando e filmando a luta. Nenhum dos dois tem medo de ser atingido e meu respeito pelos dois cresce. Por duas vezes, balas ricocheteiam na beirada do muro perto de Yuri. Ware quase é atingido por uma RPG. Ainda assim eles se mantêm atrás dos nossos homens e filmam o contra-ataque. Estamos nos segurando, mas o volume dos disparos dos

insurgentes está aumentando. O inimigo grita e berra para nós. É enervante, mas nós gritamos e xingamos em resposta. Num

determinado momento, um insurgente aparece em um telhado diretamente acima do atirador suicida. Eu o vejo nos apontando para seus companheiros. Que ele se foda. Eu subo numa cadeira, aponto para trás e rujo: "Eu me tornei a Morte, a destruidora de mundos... seus filhos da puta". Ware acha isso muito engraçado. Ele sabe que estou citando Robert Oppenheimer citando Vishnu. O insurgente não entende. Vejo Stuckert saindo de seu setor novamente, morrendo de vontade de entrar na batalha. Eu chuto sua bunda de volta para seu ponto de cobertura do beco. Ele xinga frustrado. Eu me movimento para falar com Fitts, mas ele está nervoso por estarmos os dois tão perto. Ele tem razão. Enquanto falamos, uma bala atravessa a parede perto do pescoço dele. Fitts estremece, se abaixa e olha para mim. Está pensando nos três disparos que levou em 9 de abril. Eu tento distraí-lo. "Fitts, quão longe você consegue atirar estas balas?" "Eu não sei." Ele se levanta e dá seis tiros de seu Mossberg 500, destruindo uma parede a 150 metros de distância. "Você viu aquilo?", ele pergunta orgulhoso. Senta-se numa cadeira atrás de seus homens e volta a organizar o fogo. Então levanta-se e está novamente atirando com seu Mossberg. "Ei, tem urn cara atrás daquela parede!", grita Hugh Hall apontando para o quintal a nordeste. Ohle e Metcalf disparam suas SAWs contra a parede. Ao pararem, o insurgente corre para um portão, mandando um longo disparo em nossa direção. O sargento Hall prepara um lançador de foguete antitanque. "Fogo no buraco!" Todos saem de perto do recuo da explosão. Fuuuuush! O foguete lanceia o portão. Ohle e Metcalf seguem atirando e pegam o insurgente no aberto. Ele morre gritando epítetos em árabe.

143

O tenente Meno está no rádio, coordenando com o capitão Sims, no posto de comando, enquanto passa informações. As coisas estão ficando quentes. Estamos correndo sério risco de perder superioridade de fogo. Se isso acontecer, os insurgentes podem tanto nos cercar ou

evitar contato para lutar no outro dia. De ambas as formas, perderemos. Meno pede por um Brad. O único disponível é o do sargento Brown. Ele está na intersecção ao sul cobrindo o sargento Ellis, cujo carro não tem armas funcionando.

Brown sobe a rua. Gossard, seu atirador, gira sua torre da direita para a esquerda, aniquilando qualquer insurgente idiota o suficiente para se expor.

Enquanto isso, uma força de insurgência ao sul começa a dispara em direção ao Brad de Ellis. Ele está numa intersecção atrás da luta principal, incapaz de se defender. Ellis havia tentado consertar sua arma, mas foi acometido por cólicas estomacais. Ele procura uma sacola de comida pronta para usar como privada, abaixando suas calças enquanto RPGs saltam na rua ao redor dele. Uma explode contra o Brad bem no momento em que ele se aliviava. Ele espalha diarréia por sobre todo o console de Meno. Outro espasmo espalha mais ainda pelo interior do Brad. O cheiro parece uma trincheira de esgoto de Bagdá e Ellis está coberto em sua própria sujeira. Ele continua lutando. Três insurgentes aparecem num telhado próximo. Ellis abre sua portinhola e aparece com um rifle M16 e os ataca. Aquele rifle é agora a arma principal de seu carro.

Disparos lanceiam nossa parede. Por um momento estamos todos abaixados para nos proteger. Então Ruiz fica exposto e grita: "Fogo no buraco!". Saímos do seu caminho para que ele mande um AT4. Flannery dispara outro. Estamos usando tudo que temos, mas o inimigo está lentamente ganhando superioridade. Fitts dispara sua arma. Lawson avista alvos com seu rifle M14 do tempo do Vietnã. Somos atingidos por mais disparos que vêm do leste e quando eu olho para lá, vejo inúmeras construções mais altas que a nossa. Meu

estômago dói. Se esta última tentativa permitir que o inimigo alcance aquelas plataformas, ele descarregará seu fogo sobre nós. "Knapp!"

144

"Sim, sargento Bell?" Eu aponto para a construção mais próxima ao leste, maior que a nossa. "Você consegue atirar lá?"

"Claro." Eu junto tudo que posso e ordeno que Knapp comece a trabalhar.

Meno vê o perigo e ordena que Brown, em seu Bradley, acerte o prédio que Knapp está acertando com granadas. juntos eles o iluminam e impedem que qualquer um fique acima de nós. Hall avista um veículo. "Ei, tem um caminhão branco na garagem desse homem". Misa grita: "Você consegue acertá-lo com um AT4?" "Sim, deixa comigo", responde Ruiz. "Fogo no buraco!" Ele coloca um AT4 nos ombros e mais uma vez, saímos do caminho. O foguete dispara, mas não explode. Brown sobe a rua para permitir que Gossard o acerte com o Bushmaster. Uma RPG se choca contra a parede. O telhado todo balança com o choque. Mais metralhadoras inimigas e AKs se juntam ao fogo. Eu sinto: estamos no limite de perder superioridade de fogo. Temos de fazer algo muito rápido. "Fitts?" "Sim?" "Você acha que Brown faria uma corrida de disparos?"

"Do que você está falando?" "Dirigir por toda aquela área de perigo a oeste, atirando em tudo que se mova e então recuar bem lentamente. Eles podem pensar que ele está louco? Então quando ele estiver passando por aqui, nos levantamos acima do beiral do muro e atiramos contra eles. Você acha que eles caem nessa?" "Eu não sei,

mas vou fazer um homem descer lá e atrair todo esse fogo." Falamos com a fera do Terceiro Pelotão, sargento Cory Brown. Ele luta com a tenacidade de um urso pardo. Ele ouve o plano e gosta do que ouve. O "Pardo" não precisa de muita persuasão para entrar para a briga. O Bradley desce a rua em direção aos insurgentes. Primeiro eles ficam surpresos por ver um Brad contra-atacando sozinho, mas

eles rapidamente fervilham o Bradley com rastreadores. RPGs atingem a rua ao redor dele. Em troca, Gossard usa seu Bushmaster num tiro perfeito. Sua arma balança para frente e para trás, disparando. Ele acerta construções, detona telhados, varre a rua pela frente. As vezes os alvos estão tão perto que ele não consegue baixar tanto o canhão para acertá-los.

Brown alcança a extremidade da área de perigo, um grande campo aberto para noroeste. Repentinamente o carro desaparece numa nuvem marrom e negra de fumaça e poeira. Alguma coisa grande acaba de explodir. Gonzales, motorista de Brown, troca para o reverso. Lentamente, o carro reaparece em meio à poeira esfumaçada. Ele recua em direção a nós e Meno ordena pelo rádio que ele vá ajudar Ellis. Ellis está em perigo na intersecção atrás de nós. Se ele for tomado, todo nosso flanco sul terá problemas.

O Brad recua, ainda levando fogo. De fora da poeira na área de perigo, eu e Fitts vemos insurgentes correndo pela rua. Eles acham que têm um Brad aleijado e estão abusando da sorte, tentando capturá-lo.

Fitts fala para todos: "Segurem o fogo! Não atirem, porra. Quarenta milímetros, então todos os outros, entendido?"

Santos acena com a cabeça. Ele é nosso melhor granadeiro. Quando o Bradley de Brown continua sua reversão até nós, Fitts grita: "Agora!".

Santos lança uma granada. Ela arqueia perigosamente sobre o carro de Brown e acerta sem perigo nenhum, um grupo de sete insurgentes. Eles tentam cercar o Brad de Brown. Quando a poeira baixa, o resto do pelotão cai em cima deles com o resto de tudo que ainda temos. Eles morrem na rua ou fogem para se proteger.

Quando o Brad recua, vemos um time de insurgentes sair do esconderijo em um telhado. Eles preparam um lançador de RPG ao lado de uma gigantesca cisterna e apertam o gatilho. O foguete atinge a rua e explode perto do Bradley. Eles cometeram um erro terrível. Eles não só erraram o alvo, mas também foram vistos por Gossard e Brown.

Brown ergue a caixa de míssil TOW. Se há uma arma que os insurgentes não querem enfrentar nessa luta, é esse lançador de míssil

antitanque. Preciso, poderoso e mortífero, é a maior arma do arsenal de nosso pelotão. Alguns dizem que os grandes mísseis guiados saíram de moda depois que paramos de enfrentar inimigos com armamento pesado. Eu digo o contrário: quando se trata de luta urbana, um TOW

é um presente dos deuses do Pentágono. O míssil escorrega pelo lançador como um foguete em chamas. Os insurgentes têm alguns segundos para que apreciem seu tamanho monstruoso. Alguns saem da cobertura e tentam fugir, mas é tarde demais. O míssil explode a cisterna em pedacinhos. Segundos depois, os poucos sobreviventes correm. Nossas armas cortam sete deles. Vejo Ruiz matar mais um com seu M4. O insurgente corre o máximo que pode até que Ruiz o acerta na barriga. Nossos homens comemoram e gritam insultos. Ainda assim, enquanto comemoramos, um novo perigo aparece atrás de nós. Do outro lado do distrito industrial no outro lado da Estrada 10, reforços insurgentes correm para o norte. Sentindo que possuem um aleijado, eles correm para o Bradley de Ellis. A 400 metros, eles se escondem atrás de barricadas reforçadas de concreto e começam a atirar RPGs em Ellis. Os foguetes voam até o fim de seu alcance e explodem ao redor do carro. Outros insurgentes começam a se mover rua acima em grupos, sob aproteção das barragens de RPG. Precisamos ajudar Ellis. Nosso norte está se aquietando. Os dois massacres que acabamos de realizar parecem ter afastado grande parte dos insurgentes. Podemos tirar rapazes das laterais do muro e movê-los para o outro lado do telhado. Mas nós não temos um bom campo de disparo nos insurgentes ao sul. No entanto, a casa mais alta perto de nós, ao leste, o tem. Precisamos chegar naquele telhado, mas ele não é ligado a nossa casa. Há um espaço entre as construções com uma queda de cinco metros, direto no concreto. Precisamos chegar até Ellis. Eu grito para Fitts: "Se você tiver uma arma de alcance, preciso que você vá até esse telhado agora. Dê-me um 240 e uma SAW. Precisamos pegar esses bostas que estão atirando no Ellis." Fitts gargalha: "Whoaaaaaaa, Bell. Esse é um salto perigoso - são

quase dois metros, cara. Primeiro atravesse aquilo com alguma mobília"

Não há nada que funcione. Então eu me lembro da escada de passagem amarrada no Bradley de Brown. Antes de virmos à Fallujah, eu insisti para que a trouxéssemos. A porcaria é construída com liga de titânio e pesa 30 quilos. O resto do pelotão achou que eu era louco por querer trazê-la, mas agora realmente temos um uso para ela.

"Sucholas... Ruiz... desçam e peguem a escada de passagem!" Os dois homens galopam escada abaixo. Segundos depois eles aparecem na rua atrás do carro de Brown. Quando eles o alcançam, os insurgentes escondidos no complexo que abriga o caminhão branco salpicam a rua com suas armas automáticas. Balas ricocheteiam no Bradley. Rastreadores passam pelos meus dois homens. Tendo os insurgentes esquecido de Ellis, Brown avança sobre eles enquanto Gossard descarrega as chamas de seu Bushmaster.

Ruiz e Sucholas são deixados para trás, no aberto, no meio da rua. Sua cobertura os abandonara. Disparamos fogo supressor. A arma de Gossard acerta o caminhão novamente. Ele dispara no complexo e nas construções em redor. Ruiz e Sucholas começam a correr atrás do Brad. É um mórbido momento Keystone Kops'. O caminhão branco finalmente explode, e espirais de fumaça sobem da garagem. Gonzales acalma os disparos e o carro faz uma parada.

Sucholas e Ruiz alcançam o Brad. Ruiz ajoelha-se e dispara enquanto Sucholas pula na parte de trás do Brad. Ele rapidamente solta a escada enquanto disparos cinzelam o asfalto ao redor deles. Eles alcançam nossa casa e se jogam para dentro. Pouco depois eles entregam a escada para mim. "Essa é a escada errada, seus idiotas! Eu quero a escada de PASSAGEM!" Pausa. Eu começo a rir do absurdo da minha própria piada. Eles me olham com os olhos estalados, ofegantes. Para fazê-los se sentirem um pouco melhor, eu atiro um

maço de cigarros para eles. Ruiz e Sucholas merecem uma pequena pausa para um cigarro depois do que acabaram de fazer. Atiramos a escada de passagem contra o espaço entre os telhados.

148

Ela serve como ponte para nossa nova posição de fogo. McDaniel, Santos, Ruiz, Lawson e Knapp se movem para o novo telhado quando alguém atira uma RPG da janela da mesquita. Ela passa voando e explode no outro lado da casa. Alguns dos homens se posicionam ao sul do nosso novo telhado. Logo, temos Hall, Pulley, Pratt, Meno e-eu dando cobertura do nosso antigo telhado. Michael Ware olha e filma a ação. Os insurgentes continuam sua barricada de foguetes em Ellis. Eles estão a pelo menos 400 metros de distância de nós. As SAWs começam a trabalhar. Ruiz posiciona-se ao lado de Knapp. Ele está com seu M68 de visão a laser e faz uma observação agressiva na estrada em frente ao Brad de Ellis. Um insurgente sai do esconderijo perto de uma barricada Texas. Ele ataca lateralmente pela rua e dispara uma RPG. Ruiz atira contra ele. O insurgente se abaixa atrás da barricada e volta pedindo mais. É um tiro de inclinação muito difícil, mas Ruiz quase o pega dessa vez, disparando contra os dois lados dos seus quadris. O insurgente tropeça, mas continua. Ele lança outra RPG e mergulha novamente para trás da barreira Texas. Com a RPG nos ombros, o insurgente sai da cobertura, novamente. Esse cara tem coragem. O MP4 dispara. Acho que Ruiz o pega dessa vez. Clank! Ele está sem munição. "Puta que pariu, eu tinha aquele merda nas mãos!" Só para ver o que acontece, Santos lança uma granada 40 mm contra a barricada Texas. Ela não alcança tal distância. Lawson e nossas armas M240 são nossa única esperança de acertar esses caras. Enquanto isso, ao leste, um insurgente atirador de precisão aparece na rua. Ele mira o soldado Brett Pulley, aparentemente inconsciente do que está acontecendo em volta dele. O atirador de precisão dispara

seu AK. As balas passam por Pulley que não reage. Ele dispara novamente e erra. Pulley está como uma estátua.

O tenente Meno está perto. Ele ouve os tiros, olha para o leste e vê Pulley que ainda não reage. Meno se atira sobre ele e o puxa para baixo, bem na hora em que as balas atingem o beiral do muro, exatamente onde estava Pulley.

149

Hugh Hall vê o atirador: "Ele está bem aí atrás!". Antes que qualquer outro homem pudesse atirar, o grande sargento perfura o esterno do atirador. O atirador de precisão morre, mas seus companheiros abrem fogo de janelas e portas próximas. Mais balas can- tam acima das cabeças.

Meno se levanta e descarrega seu rifle para o leste. Ele acerta cada janela, porta ou canto que podemos ver. Mais disparos atingem seu redor vindo dessa nova direção. Nosso tenente os está infernizando. Ele baixa sua arma, recarrega-a e volta ao trabalho.

"Pulley, lance uma granada neles!", Meno grita. Pulley lança um par de 40 mm e as granadas explodem rapidamente. Não há mais nada vindo do leste. Pulley tem sorte de estar vivo.

Ellis ainda está com problemas. Não estamos tendo muita sorte para alcançar o time de insurgentes escondido atrás daquelas barricadas Texas. Nossas armas os atingem, mas suas RPGs continuam atacando nosso Brad. Brown e sua equipe ainda estão engajados no outro lado e não têm como chegar até Ellis.

Finalmente, o sargento primeira classe Cantrell chega ao seu Bradley. Nosso sargento de pelotão estava ocupado em algum lugar, jogando sua ferocidade e seu peso na luta para salvar o Primeiro Pelotão. Estamos felizes por tê-lo novamente. Ele dobra a quadra, passa por Ellis, e dispara um TOW. uma janela de canto em uma construção na metade da estrada desaparece em meio à fumaça. A explosão do míssil e uma segunda grande explosão remexem a rua. Cantrell e seu atirador, sargento Brad Unterseher acabaram de matar um insurgente que devia estar guardando um estoque de RPGs. Logo atrás de Cantrell vem o Sargento Jim, dirigindo aquele Abrams glorioso. O Primeiro Pelotão com certeza se beneficiou do seu serviço. Aquela batalha está sob controle e eles agora vieram nos ajudar.

O atirador de Jim explode as barricadas Texas com HEA' . O 25 mm de Cantrell perfura a rua onde um esquadrão espalhado ou dois insurgentes estão correndo. Feito o ataque, eles retornam à Estrada 10 e desaparecem no distrito industrial.

Durante toda a manhã, Stuckert permaneceu tomando conta de

seu beco, enquanto seus colegas recarregavam suas armas. Ele ainda Precisa acertar alguém. Frustrado, ele permaneceu em seu setor de fogo enquanto o fogo cruzado acontecia atrás dele. De repente, um homem aparece no beco de Stuckert. Ele está usando um capacete Kevlar e uniforme americano. Stuckert não hesita. Ele mira sua arma e dispara uma longa salva contra o homem. Ele continua no gatilho, engatilhando e disparando a arma loucamente contra seu alvo. Qualquer ser humano, com armadura ou não, simplesmente não conseguiria agüentar o absurdo volume de disparos da SAW de

Stuckert. O homem desaparece na fuzilaria. Stuckert finalmente está no jogo. Ele se vira para os outros meninos, sorri e acena, então recarrega. Ele olha para Flannery e ri. "Ei, Flan-tástico. Gostou daquilo? É gostoso, né?" Agora Stuckert se sente recompensado. Eu não. A sua vítima estava usando nosso equipamento. Mesmo tendo sido avisados pela inteligência de que isso aconteceria, temo que tenhamos matado um de nossos homens. Faço uma rápida contagem de cabeças. Fitts percebe e diz: "Sargento, ele fez bem. Stuckert fez bem. Estamos todos aqui". Eu aceno. Fitts se dirige ao pelotão: "Olha só, esse inimigo de merda está usando nosso equipamento, cara." Bem, pelo menos agora sabemos que 200 rounds de uma SAW ganham dos capacetes Kevlar e armaduras. Paramos o inimigo. Seu contra-ataque falhara, graças à chegada oportuna dos Bradleys. Se não fosse pelos nossos carros e o tanque do sargento Jim, estaríamos em apuros agora. Pelo que sei, o primeiro ataque veio da parte de trás, do norte. Como eles ficaram atrás de nós? Tínhamos evacuado aquele bairro inteiro e não vimos uma alma viva enquanto estivemos desmontados. Mesmo assim eles deram um jeito de ficar atrás de nós. Nós temos consciência de que enfrentamos um inimigo habilidoso e astuto. Nós os vimos ligados ern times de dois soldados-companheiros. Esses caras não são como os inexperientes milicianos Mahdi que matamos em Muqdadiyah. Eles são uma força militar. No entanto, nós conseguimos uma vitória significante essa manha. Sofremos apenas alguns ferimentos e matamos muitos, muitos

bandidos. Mais importante ainda, resistimos a um ataque multidirecional por quase três horas e meia. Eu tenho orgulho dos meus homens e minha confiança neles foi cimentada hoje por causa de suas ações.

Minha própria confiança cresce. Nessa manhã, eu fui um líder. Eu cruzei a linha de fogo, encorajando e guiando os homens. Quando precisávamos aumentar nosso campo de fogo, fomos flexíveis e encontramos formas para passar para outros telhados. Em nenhum momen- to engatilhei minha própria arma; eu estava ocupado demais administrando meus meninos. Fallujah está me tornando um verdadeiro líder de esquadrão. Tenho orgulho disso. Esgota-se o último tiro de AK. Nossas armas silenciam, seus canos soltando fumaça no ar frio da manhã. E hora de continuar o avanço. Embora ainda tenhamos algum trabalho de eliminação de resistência a fazer, estabelecer segurança na Estrada 10 é crucial para cortar a resistência de Fallujah pela metade.

CAPÍTULO DOZE

Um pau de marshmallow

Agora eles estão nos seguindo. Menos de cinco minutos depois de deixarmos a casa para montar em nossos Brads, os muçulmanos se espalham para os becos e ruas laterais. De uma distância reservada e segura, eles observam nosso comboio, acompanham nossa passagem de avanço ao sul em estradas paralelas, seguem no nosso encalço não muito longe do nosso alcance. O tanque do sargento Jim lidera o caminho, enquanto o resto de nós segue atrás em seus Bradleys. O meu carro, o do sargento Brown, está uma bagunça. Os disparos seguidos que Brown executara na batalha deixou nosso Brad severamente marcado por balas. Duas das portinholas para desmontar estão destruídas e todo o equipamento no exterior do carro foi

perfurado. Contudo, ele ainda tem combustível suficiente e bastante munição para o Bushmaster. Brown e sua equipe estão mais do qUe prontos para outra luta. Em formação de coluna, dirigimos estrada abaixo passando pelas ruínas das barricadas Texas que Jim destruiu com seu 120 mm. Distanciamo-nos por 400 metros do reduto do nosso telhado. Ao nosso redor, insurgentes se arremessam de esquina a esquina, sempre fora da nossa visão e alcance. É uma cena parecida com o filme Escape From New York (Fuga de Nova York) que nos deixa tensos e cheios de adrenalina.

153

Alcançamos uma intersecção de três vias com uma estrada frontal que se estica em direção leste-oeste paralela à Estrada 10. A Estrada 10 foi designada "Linha de Fase Fran". É nosso principal objetivo em Fallujah. Nós a alcançamos em menos de doze horas após abrir caminhos pelos diques no norte. Gossard e os outros atiradores de Bradley acertam as construções em volta de nós, preparando a área com salvas de explosivos disparados para dentro de janelas e portas.

Desmontamos para a rua silenciosa e entramos numa bela casa logo na extremidade da estrada. É uma construção de três andares e o segundo andar dá para uma sacada que cobre quase 500 metros. Uma escadaria exterior dá acesso ao telhado no terceiro andar, fornecendo uma excelente visão da área em nossa volta.

Ficamos sabendo que o Primeiro Pelotão também alcançara a Estrada 10. Eles se posicionam numa construção a cerca de 500 metros ao nosso oeste. O capitão Sims estabelece seu posto de comando entre nós. Novamente, formamos uma frente sólida, mas falta profundidade em nossa posição. E dessa vez sabemos que o inimigo está se

aglomerando em volta de nossa retaguarda e flancos. Não podemos impedi-los. Onde está o batalhão de fuzileiros navais do nosso flanco norte, não sabemos. Felizmente os muçulmanos se mantêm ao nosso alcance e se recusam a ficar expostos. Eles parecem felizes por serem sombras. O tenente Meno estabelece posição no telhado do segundo andar. Pratt leva McDaniel e uma metralhadora Bravo 240 para o telhado do terceiro andar. Parte de meu esquadrão sobe para se juntar a eles. Fitts e eu estabelecemos cobertura de 360 graus enquanto Michael Ware puxa seu telefone por satélite e tenta se comunicar com a CNN para uma transmissão ao vivo. Fitts e eu não temos interesse nenhum na CNN, então descemos pela casa e despencamos em duas cadeiras de plástico. Resta-nos aproveitar a quietude do momento. Eu pego um precioso cigarro e o acendo. Fitts pega um dos cigarros Black & Mild que o Sargento Hall lhe dera. No momento, nos sentamos e tragamos com tranqüilidade. As paredes em volta estão rasgadas com metralhadas. Além dessas duas cadeiras, nenhuma mobília foi deixada intacta. Os

cômodos parecem queijos suíços. Há vidro espalhado no chão e todas as louça objetos decorativos estão em pedaços. Esses são os lendários sinais do trabalho de Gossard no Bushm ter. Ele preparara esta casa antes de desmontarmos e fez um excelente trabalho, mirando os cantos com todas as salvas de explosivos que ac tou. Ao acertar os cantos, ele maximizou o efeito das explosões. 1 valorizou cada tiro e economizou munição. Do lado de fora, no segundo andar, Micahel Ware faz cont com a CNN. Ele começa sua reportagem exclusiva para a rede televisão. Yuri está ao seu lado. A quietude do local melhora a transmissão de Ware. ilk Até que um solitário atirador aparecesse na estrada frontal. Ele minha no aberto, sua arma em posição. Os insurgentes estão explorar por meio de sacrifícios, novamente. O pelotão não hesita. Os telhados explodem em metralhadas e disparos

dos nossos rifles. O muçulmano corre e disparos o caçam por todos os lugares. Cento e cinqüenta sal depois, ele está de cara no asfalto, seu corpo perfurado e rasgado. Rastreadores se entusiasmam sobre nós vindos de uma posição nordeste. Nossos homens do terceiro andar revidam fogo. Mais fc vem do noroeste, perto da mesquita que acabamos de evacuar. Enquanto nos movíamos para o sul, os insurgentes devem ter retornado para aquela área. Isso não é um bom sinal. Não tivemos tempo de destruir todos os suplementos e equipamentos que encontramos por lá Um insurgente salta de um beco em direção à mesquita. Ele tinha uma M16 pendurada nos ombros, um capacete Kevlar na cabeça e um protetor para o peito de cor parda. Ele tem até mesmo protetores de pescoço e virilha anexados em sua armadura. Os soldados hesitam, sem saber se ele é um insurgente ou um soldado iraquiano. Ninguém havia visto um inimigo com uma M16 antes. Ele vai para uma construção atravessando a rua, ao nosso norte. Ao correr, nossos homens vêem que ele está usando botas do exército americano e uma camiseta americana de camuflagem no deserto debaixo de sua armadura.

Ele também está carregando uma bateria de automóvel. O pelotão abre fogo, mas é tarde demais. Ele entra na construção e desaparece.

155

Michael Ware acaba de receber a oportunidade de sua vida. Ele está ao vivo com a CNN e nosso atual tiroteio acrescenta drande e empolgação em sua reportagem. Ele está ao telefone do satélite, falando com pressa entre as explosões dos disparos.

Um trovão ensurdecedor engole nossa casa. Então outro. E outro. Minha cadeira se quebra e eu caio no chão. Fitts cai ao meu lado

quando uma onda de choque massiva explode pela sala. O chão treme. Metralhadas ceifam as paredes e os telhados. Ondas de fumaça atravessam as janelas. Eu tento me sentar, mas outra explosão remexe a casa, atirando fragmentos de metal pela sala.

Eu estou no chão tentando ficar vivo em meio aos escombros. Outra detonação gigante se choca contra nossa construção, que balança violentamente. Pergunto-me se as paredes entrarão em colapso. Estou vagamente consciente de que os homens do lado de fora estão disparando furiosamente. Preciso ir lá para fora. A fumaça começa a sumir. As paredes foram atingidas com novas cicatrizes. As janelas têm sido breves afunilamentos de morte. Se eu ou Fitts estivéssemos atrás delas, seria o fim. Temos sorte de estarmos vivos. A cadeira quebrada provavelmente me salvara do perigo.

Espalhamo-nos pelo segundo andar, onde encontro Ohle atrás de sua SAW. Ele dispara-furiosamente para a estrada ao norte. Estou aliviado por ver todos os soldados seguros atrás da robusta cobertura do parapeito do telhado. Não consigo distinguir o que acontece no telhado acima, mas suas armas estão disparando o suficiente para que eu pense que todos estão bem.

"No que estamos atirando?", pergunto a Ohle. "Tem um merda de um cara. Ele entrou naquela casa lá." Ohle pausa, aponta e então volta para trás de sua SAW. A quadra toda está envolta em fumaça. As cabines telefônicas estão rachadas em palitos. A estrada pela qual viemos está pipocada com buracos. Pedaços de asfalto estão espalhados em volta. Para o oeste, um prédio todo não passa de um monte de escombros em chamas. Balas que estavam dentro do prédio periodicamente explodem com o calor das chamas, disparando em várias direções aleatórias.

O muçulmano armado com a M16 devastara esse bairro. Ele conectara

sua bateria detonando mais de dez volumosos aparelhos explosivos todos ao mesmo tempo. Metade estava amarrada nas cabines telefônicas A altura dos olhos do comandante do nosso Bradley. O resto emaranhava-se pela estrada ou se escondia ao longo da área. A emboscada de explosivos de todos os níveis criara um furacão de aço no meio da rua. Não vemos nenhuma construção intacta; todas estão perfuradas com buracos de metralhadas e outras têm grandes pedaços arrancados das paredes. Mas o melhor fora a explosão final. A casa que agora está queimando fora um grande aparato improvisado de explosivos. Se o tivéssemos escolhido como nosso próximo ponto de segurança, estaríamos todos mortos agora. Outra vez, um insurgente sozinho poderia ter matado nosso pelotão inteiro. uma metralhadora pesada abre fogo contra nós. Ela perfura a rua ao lado de nossa casa. Tentamos impedir o atirador, mas não conseguimos avistá-lo. Nem sabemos qual das construções ele está usando como cobertura. O tiroteio começa. eitir Felizmente, um Brad está ao alcance. Lá vem Brown, rolando sobre

a rua esburacada. A torre gira. O Bushmaster dispara. Os insurgentes respondem com RPGs. Um foguete passa logo acima da cabeça de Brown e explode numa casa do outro lado da rua. Brown não está intimidado. Ele permanece imóvel enquanto Gossard despeja tiros contra as posições inimigas.

Ao mesmo tempo, o observador avançado de nossa companhia, sargento Shaun Juhasz avista movimentações do outro lado da Estrada 10. Os insurgentes estão tomando posições de disparo ao nosso sul. Segundos depois, o ar é tomado pelo uuushh... buum! das balas de 155 mm. É a primeira vez, desde que entramos na cidade, que temos suporte indireto e o capitão James Cobb, nosso oficial de suporte de força-tarefa, despeja tudo sobre eles. Logo, os prédios do distrito industrial do lado sul da Estrada 10 estão cobertos por fumaça e chamas.

No telhado, descarregamos granadas no inimigo ao norte. Knapp acrescenta algumas granadas de fragmentação ao cenário, só para esquentar um pouco as coisas. Esse fogo e a presença do Brad de Brown finalmente convencem os muçulmanos a bater retirada novamente.

157

Enquanto os cascos de 155 mm caem atrás de nós, os disparos do norte cessam. A barreira de artilharia se cansa. A luta acabou. "Aquele rapaz era inimigo ou era alguém da sua equipe de mídia entregando baterias para você?", eu brinco perguntando a Michael Ware. "Aquilo foi doido, cara. Explodiu do nada." Ouço um som arrastado e vejo o sargento Allan Pratt vindo em minha direção. Ele está andando para os lados com as pernas tortas e parece ridículo. Eu caio na gargalhada e dou-lhe um grande sorriso, feliz por ele conseguir rir mesmo em meio a tudo isso. "Sargento Bell", Pratt diz numa voz fraca, "Fui acertado. Levei um tiro." "O quê?" Ele manca até mim, deixando pegadas de sangue ao caminhar. A leveza que sentimos segundos atrás evaporara. Pratt realmente foi atingido. Todos correm até ele. Ele está com dores tremendas. Suas pernas e as duas mãos estão cobertas de sangue.

"Que merda está acontecendo?", eu grito para o telhado do terceiro andar. "O sargento Pratt foi atingido", Sucholas responde. Obrigado por nos avisar, caralho. O médico Lucas "Doc" Abernathy auxilia Pratt dentro da casa. Deitamo-lo no chão e os homens de Oklahoma começam o trabalho. Eu apóio sua cabeça. O pior para um soldado ferido é ver os próprios ferimentos. Eu seguro sua cabeça para que ele não possa olhar para baixo. Doc corta as calças de Pratt. Pratt urra de dor. "É meu pau!" Ele tenta olhar para baixo. Eu o impeço e ele continua com a cabeça para cima.

Mas eu olho para baixo. "Oh, meu Deus! Pratt, você está pendurado como um conspirador Lincoln". Ele ri um pouco em meio à dor. "É..." Doc está focado em seu paciente e Pratt não tem vontade de sorrir.

158

É demais para manter todos relaxados. Então eu vejo porque Doc está tão absorto. Fincado ao lado do pênis de Pratt está um pedaço de um parafuso da trava de um portão exterior. Quando o prédio explodiu, ele estava no telhado do terceiro andar. Pedaços do portão e das paredes voaram pela rua como metralhadas e vieram em nossa direção. Pratt estava no caminho. Doc Abernathy retira o pedaço de trava da carne de Pratt. O sargento Pratt agarra minha mão e aperta. Está repleta de sangue que escorre com o aperto. "Sargento Bell, eu sei que é o meu pau!" "Pratt, está tudo bem. Você foi atingido na perna." "Não minta para mim, sargento Bell. Meu pau dói." Ele agarra minha mão de novo, mas ambos estamos escorregadios por causa do sangue e eu não consigo segurá-lo. Eu limpo minhas mãos e agarro as dele, tentando acalmá-lo enquanto Doc Abernathy continua trabalhando. Doc realmente me impressiona. Ele trabalha metodicamente, mas rápida e profissionalmente. Ele encontra outro

ferimento. Pratt foi atingido no escroto e o rasgo e está sangrando seriamente. Doc luta para estancar o ferimento. Pratt fecha os olhos e se contorce em agonia. Ele está aterrorizado pela possibilidade de perder seu equipamento, mas ele não geme. Ele suporta. Ele é um homem.

Ware e Yuri entram e tiram algumas fotos. Pratt abre os olhos e eu vejo que ele está em desespero total.

"Meu Deus, dói pra caralho...". Eu olho para Ware: "Ei, cara. Que porra é essa? Você não vai tirar fotos dele." Ware promete: "Não vou colocar na revista... você não vai ver o rosto dele."

"Ah, pára com isso, esse não é o momento, cara." "Queremos mostrar que vocês estão se sacrificando." "Um dia você pode publicar isso." Ware balança a cabeça: "Nunca faria isso, cara. É pelo sacrifício...". Ele faz mais algumas fotos. Pratt tenta manter a dignidade dominando

sua dor com uma autodisciplina notável. Ele não reclama. Ele não grita. Ele agüenta.

Esse garoto é macho pra caralho. Doc Abernathy aplica Betadine sobre os dois ferimentos. Eu nem consigo imaginar o quanto deve estar doendo.

Doc pega um pouco de gaze e começa a fazer um curativo no escroto ferido. Meno fala no rádio com Cantrell, que está perto, em um Bradley. Meno está no telhado, mas eu o escuto dizendo, "Pratt foi atingido".

A voz de Cantrell estronda: "Quem foi atingido? Quem foi atingido, caralho?".

Eu me levanto e vou até o telhado, então ligo meu microfone, "Sargento Cantrell, Azul Três Alpha foi atingido."

"Foda-se o cartão de alimentação. Foda-se o número de batalha dele! Apenas diga-me quem é, porra!", ruge Cantrell. Ele está tomado pela fúria.

"É o Pratt", eu digo. "Pratt?" "Sim, Pratt." A maior fraqueza de Cantrell é seu temperamento. É diretamente ligado com seus sentimentos para com o pelotão. Ele nos ama. Quando ouve que alguém foi atingido, é como se fosse esfaqueado no estômago.

Ele começa a fazer um escândalo para tirar Pratt daqui. "Azul Sete, aqui é Azul Dois. Ele está ferido no... perto do... da virilha, dos genitais. Não foi ferimento à bala, ferimento por destroços na area do pau."

Pratt olha para cima. "O que você disse, sargento Bell?" Fitts olha para baixo: "Você está bem, Pratt." Eu reafirmo: "Sete, passe mais informações." Cantrell exige respostas: "Onde está o ferido? É sério?".

"Prioridade, possivelmente urgente", eu pauso e então acrescento. "Depende do que você chama de membro."

Estou tentando ficar sério. A regra para requisitar um helicóptero de socorro é "vida, membro ou visão". Não tenho certeza em qual

categoria encaixar o ferimento de Pratt, mas sei que precisamos retirá-lo daqui e mandá-lo para a estação de socorro, e rápido. Cantrell agora está confuso e com raiva. Ele grita no rádio: "Bellavia, de que porra você está falando?". Eu me afasto de Pratt e olho para o telhado para o sargento Cantrell que está na altura da sua torre. Seus berros chegam a mim um nanosegundo após sua boca se mover. Eu cochicho para ele: "O pinto dele. Ele tem ferimentos no pau, sargento.". "O que você está cochichando? O que há de errado com você, caralho? Vamos evacuar Pratt da área. Traga ele aqui", diz Cantrell. Eu volto para dentro. Doc Abernathy está furiosamente enrolando o pênis de Pratt com gaze. "Ei, o sargento Cantrell quer carregá-lo e levá-lo ao trevo rodoviário. Vamos tirá-lo daqui", eu digo a Doc. Ao dizer isso, Pratt entra em desespero. "Não! NÃO! Eu estou bem! Eu posso continuar!"

Infelizmente, Cantrell escuta Pratt pelo rádio do tenente Meno e perde a cabeça: "QUE PORRA VOCE QUER DIZER COM ELE ESTÁ BEM?". Eu Tento acalmar Cantrell: "Ele está dando uma de herói, sargento, mas não está bem. O garoto está fora dessa luta. Está fora dessa luta, ok?". Pratt recusa-se a aceitar: "Eu ainda posso lutar. EU AINDA POSSO LUTAR!".

Fitts diz: "Pratt, você está sem a porra das calças. Como você vai ficar nessa luta? Você trouxe um outro par de calças?".

"Eu trouxe, sargento Fitts. Eu trouxe! Elas estão no Bradley. Eu estou bem."

Sucholas aparece. Ele estava no telhado do terceiro andar o tempo todo. "Sargento Fitts, Pratt foi ferido durante as explosões. Tem muito sangue aqui em cima. Eu joguei sujeira em cima."

Pratt está pálido e lustro. "Pratt, você perdeu muito sangue. Vamos tirar você daqui. Não vamos brincar com isso, certo?"

Lawson aparece, olha para Pratt e concorda: "Precisamos tirá-lo daqui".

161

Pratt resigna-se ao seu destino. Doc Abernathy termina de fazer a bandagem em seu pênis. Parece gesso e tem tanto peso em cima que quando levantamos Pratt, o curativo pende tanto que começa a sangrar novamente. Novamente o deitamos no chão. Doc precisa imobilizar o ferimento.

Ele arremessa o pênis de Pratt contra seu estômago. Todos ficam espantados. Parece que ele tem um terceiro braço envolto em gesso.

"Cara, você devia ser estrela pornô." Pratt oferece um leve sorriso. Fitts diz: "Ok, peguem as coisas dele. Precisamos das armas.". Tomamos as armas de Pratt. Ele também tem um M4 visor telescópico e eu não tenho alcance no meu rifle, portanto pego para mim.

Cantrell grita: "Retardados! Estou esperando. Tragam-no para cá, caralho!"

Eu vou até o telhado e olho para a rua. O sargento do pelotão está com o Bradley estacionado logo à frente da nossa porta. Ele espera impacientemente, fervendo de ódio. Ele faz contato visual através da portinhola do comandante e liga seu microfone. Um segundo depois, sua voz explode pelo meu rádio: "Sargento Bell, diga-me que porra está acontecendo?".

"Ele está descendo, sargento." Pouco depois, Pratt caminha para fora em direção ao Bradley. Cantrell o avista de cima enquanto os homens o carregam a bordo do carro. Seus olhos passam sobre mim. Ele faz uma carranca, atira o cigarro para o lado e parece querer mastigar minha cabeça.

Em vez disso ele cai na gargalhada. Aquele pênis absurdo é demais até mesmo para o nosso sargento de pelotão. Eu relaxo um pouco e Fitts se aproxima de mim.

"O pau dele parece o de marshmallow", eu digo sorrindo. "Geladinho, O Pau de Neve".

Ser atingido na virilha é o pesadelo de todo soldado. Ou nos acostumamos com a idéia ou ficamos loucos. Rir é nossa única defesa.

A cirurgiã do nosso batalhão é uma major chamada Lisa DeWitt. Todos nos lembramos dela como uma figura maternal do nosso batalhão de infantaria. Só de pensar nela confrontando-se com o

ferimento de Pratt, eu e Fitts rimos incontrolavelmente. Eu digo para ele: "Quando a major DeWitt o vir na mesa de operação... não se ensina como enrolar um pinto em nenhum manual de campo que eu tenha lido". O Brad desce a rua em direção ao socorro do nosso batalhão no trevo rodoviário ao leste de Fallujah. É também onde a maioria dos repórteres está agora. Com certeza Pratt chamará atenção quando chegar. Muita atenção. Pobre coitado. Fitts e eu subimos ao telhado do terceiro andar e a visão que temos corta nossas risadas. Sucholas não estava brincando. Há sangue por todo o parapeito do teto. Pratt foi ferido bem no começo do engajamento. Ele ficou ao lado dos seus companheiros, ignorou seus ferimentos e permaneceu na luta. Ele disparou com seu M4 até o inimigo derreter. Por quinze minutos, Pratt sangrou pela virilha sem pensar nas conseqüências para si mesmo. Eu tive meus problemas com Pratt no passado. Ele está em meu esquadrão desde o início da empreitada. Achei que ele tinha ficado mais complacente. Então se tornou líder de equipe no nosso esquadrão de armas e fez um ótimo trabalho. Mas agora, enquanto observo as evidências de sua abnegação, percebo que Pratt tem algo nele que vai além da coragem. Ele ama seu pelotão. Esse último ato conosco foi a maior prova desse amor. Ele se recusou a deixar seus irmãos. Podia ter sangrado até morrer no telhado. Ainda assim, não disse palavra alguma até que a luta tivesse acabado.

O sargento Allan Pratt, da Filadélfia, tornou-se meu herói naquele dia.

CAPÍTULO TREZE

Onde cães ferozes comem

Quando o crepúsculo começa a apagar o nosso primeiro dia na cidade, Michael Ware decide fazer com que notemos sua presença. Eu não sei o que o incita a isso. Talvez tenha sido a visão de Pratt sangrando. Talvez ele sinta uma conexão com os homens que acompanhou por tanto tempo em sua cobertura no Iraque. Ou só esta querendo ter certeza de que ele e Yuri sobreviverão. Tudo começa quando Ware está falando no telefone por satélite. O tenente Meno reúne os líderes de pelotão para nos passar algumas ordens. Líderes de equipe e oficiais se reúnem em volta dele. Meno nos conta que temos ordens de nos mover para uma nova área, mais tarde, à noite. Estudamos a área em nossos mapas. Nós já a conhecemos - devemos marchar em sentido contrário e evacuar novamente as áreas pelas quais passamos antes. Temos de eliminar a ameaça em nossa retaguarda.

Em dado momento, por cima de meu mapa, vejo Ware gritando ao telefone. "O que você disse? Os fuzileiros navais se reuniram?", eu pergunto.

"Amigo, eles estão lá para cima. Algumas unidades estão obstruídas e mal estão na cidade. Estão na outra extremidade." -

164

"Fuzileiros navais. Daqui vinte anos o Exército nunca vai ter estado em Fallujah. Escreva o que digo. Assim como Guadalcanal, Saipan e Okinawa. O Exército nunca esteve lá. Toda a campanha do Pacífico foi liderada e lutada por fuzileiros navais. General MacArthur? Também não esteve no Exército. Era tudo mentira." Fitts adora falar sobre conspirações da Marinha do mesmo modo que adora partilhar seu ódio pelas corporações de oficiais. Ele não demora nem um' segundo para morder minha isca. "Meu avô foi atingido em Okinawa. Ele era da infantaria do Exército. Ficou naquele lugar por dois dias até que o encontrassem. Nunca mais foi o mesmo depois daquela merda. Deixe eu ouvir alguém dizendo que o Exército nunca esteve em Okinawa." "Ele não estava lá. Você é um merda de um mentiroso. Aquilo nunca aconteceu. O Exército nunca lutou no Pacífico. E, além disso, não estamos lutando aqui em Fallujah. Isso é uma simulação do Forte Benning, todos vocês são parte de um experimento do tipo Escada de Jacó, Dr. Bigsby", grito contra a parede. "Comece aquele tiroteio de novo e dessa vez deixe Pulley fazer algo significante para sua nação." Nosso pelotão, incluindo Pulley, está rindo abertamente de todo esse pedaço. Fitts e eu, mais uma vez, conseguimos tirar o estresse da mente dos nossos homens. "Onde estão mesmo os fuzileiros navais?", Hall pergunta para Ware quando nos acalmamos. "Longe, ao norte", diz Ware. Meno escuta Ware e pára o que estava fazendo. "Senhor, você disse que os fuzileiros navais nem sequer estão na cidade?" "Pode me chamar de Mick. E sim, eu acabo de sair do telefone com repórteres que estão lá com eles, e eles me dizem que mal estão na cidade. E algumas outras unidades estão obstruídas perto da extremidade da cidade." Meno desce e pega o rádio. Se o que ele diz é verdade, então Mick acaba de nos passar informações mais

valiosas do que as que o capitão Sims está recebendo do batalhão. Naquele momento, todos os presentes percebem a importância de Michael Ware. Ele pode ser um cara da mídia, mas tem informações

que são vitais para nós. E mais importante, ele não tem problema em compartilhá-las conosco.

Meu interesse em Ware cresce. Ofereço cigarros para ele e para Yuri. "Então vocês têm estado por perto. A luta de hoje está entre as dez melhores que vocês já viram?" Yuri é tão quieto que acho que eu nem tinha o ouvido falar antes. Outro membro da equipe da imprensa mencionara que Yuri realmente havia sido capturado por forças mujahidin no Afeganistão durante a invasão soviética nos anos 1980. Ele acena em resposta à minha pergunta. "Boa luta".

Ware acrescenta: "Em Samarra, as coisas ficaram cabeludas. Chegou uma hora em que estávamos nos arrastando entre pedaços de corpos. Aquilo foi terrível, cara."

"Isso é foda", diz Misa. Seu ferimento na bochecha está com uma péssima aparência. O fósforo branco é uma coisa terrível. Acho que o ferimento já está infectado.

Ware continua: "Mas em relação ao volume de fogo, hoje teve muito. Mas quanto ao fator perigo, eu não sei. Vocês pareciam ter o controle. Samarra parecia mais perigoso."

Yuri concorda com a cabeça. Estou pensando sobre o que acabou de dizer quando Ware continua: "Vou lhes dizer uma coisa: esse inimigo não está eliminado. Não por muito tempo. Aqueles homens lá fora estão aqui para matá-los ou morrer tentando."

"Você esteve aqui em abril. O que tem de diferente agora?" Ware pensa em sua resposta. Yuri olha para o nada. Estabelecemos a segurança numa extensão de 360 graus e tudo está quieto no momento. Eu me sento e acendo outro cigarro. Sempre pensei que repórteres e jornalistas não fossem muito diferentes das prostitutas. Eles se prostituem para tirar qualquer história que possamos contar. E nunca se importam com nada. Talvez Ware seja diferente.

166

Ware finalmente diz para Fitts: "Veja, esses combatentes são descarados, calculistas e organizados. Eles não eram os garotos que estavam aqui em abril. Estes são estrangeiros, ou sunitas experientes em batalhas por todo o país. Mas com certeza não são os garotos que vocês pegaram em Diyala." "E, estou ouvindo", responde Knapp. Ware tem razão. Há um nível de profissionalismo nesses homens que nunca havíamos visto. Ware me olha nos olhos e diz: "Eles estão aqui por uma razão somente: para morrer na jihad. E isso." Estamos em silêncio. Ware continua: "Eles sabem que não podem vencer. Veja toda a força de fogo que enfrentam. Mas, antes de morrer, tentarão levar o maior número possível de vocês. Essa é a razão de suas existências." Quanto mais Ware fala, mais surpreso eu fico pela confiança que ele tem em suas afirmações. Ware está nos dando uma palestra. E quanto mais ele fala, mais nós percebemos que ele sabe do que está falando. Ware se lança numa história sobre insurgentes que ele conhecera. Antes, em 2003, ele sentara e bebera cerveja e fumara cigarros com

eles. Conversaram sobre dinheiro, garotas, futebol e pan-arabismo. Um ano depois da invasão, no entanto, as coisas mudaram. Os que sobreviveram se radicalizaram. Eles usam barbas até o peito e citam o Corão. Eles não bebem mais com ele. Só falam de Deus e destino. Tornaram-se jihadistas. Não estamos lutando com nacionalistas aqui. Estamos lutando contra extremistas infectados por uma forma virulenta de Islã. Eles não procuram apenas nos destruir aqui no Iraque, mas destruir o poder americano e sua influência em qualquer lugar. Insultam nossa cultura e a querem varrida, substituída pela lei Xariá. A crueldade da lei Talibã no Afeganistão nos mostrou o que eles querem. Ware percebe que conquistou a atenção completa de sua platéia. Ele aproveita a oportunidade para retratar os diferentes grupos com quem estamos lutando em Fallujah. Fala sobre o Hezbollah e o tipo de treinamento dado aos insurgentes pela Guarda Revolucionária Iraniana. Isso o leva para uma discussão tática. Ele compara os insurgentes que lutaram em Samarra com aqueles de Najaf. Fala da influência

iraniana sobre os sunitas wahhabi. Explica como os esquadrões treina, dos pelo Hezbollah às vezes não carregam nada além de RPGs e então batem em retirada. Todas essas coisas fazem parte das conversas eu e Fitts tivemos durante meses. Estou impressionado por ouvir as mesmas coisas de um jornalista.

Então há as táticas de emboscada do inimigo. Ware ouviu ou viu todas elas. Ele explica como eles sondam uma unidade americana apenas para obter uma resposta. Então o elemento de sondagem cortará contato e eles se retirarão na esperança de que os americanos os procurem. Se os americanos de fato os procurarem, eles correrão

diretamente para uma emboscada em formação de ferradura de cavalo ou na forma de um L, e se defenderão.

Em Fallujah, enfrentamos uma equipe de elite de insurgentes globalizada. Incluindo atiradores de elite chechenos, atiradores filipinos, atiradores de morteiro paquistaneses e homens-bomba sauditas. Todos eles esperam por nós rua abaixo. Ware é uma autoridade sobre o inimigo. Ele sabe mais sobre eles do que nossos oficiais da inteligência. Eu presto atenção em cada palavra e tento lembrar o que ele nos diz. É a melhor e a mais completa discussão que já ouvi sobre o inimigo desde que cheguei ao Iraque.

E vinda de um repórter. A conversa continua até quase escurecer. Nosso tenente a interrompe para pedir que eu leve uma patrulha ao norte para checar a casa para a qual o insurgente carregando a bateria de carro fugira na hora do almoço. Fomos ordenados pelo quartel do batalhão a fazer uma BDA', que eu aprendi a odiar em abril durante as batalhas em Muqdadiyah.

Reúno meu esquadrão e vamos para as ruas. Nosso plano é tomar outra casa ao norte com uma visão melhor da última posição conhecida dos insurgentes. Acima de nós, Fitts, Lawson e os atiradores nos fornecem cobertura. Um Brad está perto de nós, rua abaixo. Lutamos para seguir em meio ao asfalto rachado, driblando crateras e escombros das explosões.

Logo antes de entrarmos na casa, uma barreira de fogo nos paralisa) "Aquele merda ainda está vivo lá dentro!"

1.* Sigla para "Battle Damage Assessment", Avaliação de Danos em Batalha. (N. do E.)

É isso. Foda-se a BDA. Eu chamo o sargento Brown no rádio e seu Brad avança na estrada até nossa posição. Nós recuamos enquanto ele dispara contra a casa. Gossard mira cuidadosamente e atira em todos os pilares de suporte da casa. O telhado colapsa e a casa toda se dobra para dentro. Morto pelo menos um insurgente. Rua acima, vemos outro insurgente através da superfície danificada da estrada. Atiramos nele e erramos. Esse filho da puta é determinado. Ele sai da tocaia novamente e corre para a casa, onde facilmente dispara contra nós de uma janela. Recuamos para nossa posição de segurança na casa de três pisos. Quando voltamos, Fitts ainda está tentando abater um insurgente ao nordeste do telhado. "Santos!", eu grito. "Sim, sargento?" "Prepare um Javelin." O Javelin é o maior míssil antitanque que temos à mão. Se fizermos tudo certo, podemos conseguir arruinar a construção inteira onde está o canalha. O Javelin tem duas configurações de disparo diferentes: uma para atirar um míssil diretamente contra um alvo em trajetória linear e outra que arqueia o míssil no alto para que ele caia do alto. Configuramos o último. Nunca antes havíamos disparado um assim. Santos prepara o Javelin. Ele vai até o parapeito e mira. "Estou pronto, quando quiser." O Javelin fura a crescente escuridão com um rabo de chama alaranjada. De repente, ele desvia para cima e despenca para baixo, em cima do telhado da casa-alvo. Ele penetra profundamente na estrutura antes de explodir. Uma fumaça preta sobe com o impacto enquanto as coisas de dentro da casa explodem para fora das janelas. Chovem pedaços de destroços por todos os lados. Será que nós o matamos? Seu contrafogo pára, mas isso não significa nada. Precisamos ir até lá para fazer BDA. Não vale a pena arriscar os homens. Um cachorro

aparece na rua perto dos escombros que explodiram pela janela. Seus lábios estão revirados e suas orelhas em pé. Ele é um

dos muitos cães ferozes que perambulam por Fallujah. Nós os vimos sempre ao redor de nós, mas geralmente ficam à distância nos observando em silêncio. Este cão dá mais alguns passos em direção aos escombros cheirando o ar enquanto se move. Sua ousadia encoraja outros cães e, logo, três ou quatro surgem na rua junto com o primeiro. Eu os observo, curioso para saber o que estão fazendo.

Estão comendo. Os escombros são restos despedaçados do insurgente. Os cães mordem e rasgam sua carne. Um aparece com o focinho ensopado de sangue. Eles são vorazes. Meu estômago se embrulha.

'Torra, os cachorros estão comendo aquele cara", eu escuto alguém dizer.

Os cães enchem suas panças. "Bem", eu digo segurando meu estômago, "aí está nossa BDA". Nós olhamos horrorizados. De repente, uma onda de disparos vem do sul. A arma do soldado McDaniel dispara em resposta. Estamos levando fogo da área industrial novamente.

Esquecemos os cachorros e vamos até o canto sul do telhado. Através da Estrada 10, podemos ver flashes piscando para nós de um depósito desativado. Cerca de doze insurgentes estão entocados lá.

Na verdade, isto é uma atitude muito idiota da parte deles. Decidiram trocar tiros com um pelotão de infantaria mecanizada, usando nada além de armas leves. Dois pelotões, na verdade: o Primeiro Pelotão vê estes homens também e abre fogo contra eles.

Eu caminho até McDaniel: "Vê aquele depósito? Quero que atire. Atire! Atire!".

McDaniel dispara seu 240. Swanson se junta a ele com seu 24 O depósito está a 450 metros de distância, realmente muito longe para nossas SAWs e Mos. As metralhadoras farão o trabalho desta vez. Eu fico entre eles e ajo como observador. "Z!", eu grito. Os atiradores movem seus canos para frente e para trás, fazendo intersecções padronizadas em Z por todo o depósito. Eles seguram o gatilho apertado e as metralhadoras cospem fogo. Eu os ajudo a ajustar o fogo batendo em seus ombros. Uma batida no ombro esquerdo significa atirar mais para a esquerda. Uma batida na cabeça significa atirar

mais para cima. É a única forma de comunicação quando as armas estão em funcionamento. É quase impossível gritar mais alto que elas. Agora, menos flashes piscam contra nós. Cada vez que McDaniel e Swanson varrem as paredes com disparos, o contraataque vai enfraquecendo. É como um gigantesco e real videogame. Os Brads avançam e seus Bushmasters começam o trabalho. Os insurgentes do depósito estão prestes a receber uma aula sobre o poder de fogo americano. É inspirador. Os 240 arrancam pedaços do depósito. As 25 salvas dos mike-mike (arma de 20 mm) abrem buracos e mandam

metralhadas profundas para dentro da construção. Nós riscamos o céu noturno com ondas de rastreadores vermelhos. Parece um show de laser. O sargento Juhasz entra em ação. Ele chama uma missão de fogo pelo rádio. Tiros de morteiros de 81 milímetros logo caem sobre os insurgentes. Juhasz ajusta e então ordena fogo certeiro. Em segundos, uma quadra inteira da cidade está em chamas. Juhasz ajusta o fogo novamente. Uma construção decrépita colapsa sobre a barragem.

E então, quando os últimos raios de luz da manhã despontam no horizonte, o Time Tanque desce a Estrada 10. Cada Abrams cruza arrogantemente. Eles são os filhos da puta mais malvados desse vale e não têm medo do mal. Seguem em direção oeste numa missão e por acaso entram em nosso tiroteio. Obrigatoriamente, eles param para nos ajudar. Os tanques viram as torres para o sul. Seus canos de 120 mm cospem chamas. O depósito está em meio às chamas. Um a um, cada tanque dispara seus tiros antes de continuarem dirigindo pela cidade.

Quando o último tanque se retira, o inimigo está em silêncio. Os que sobrevivem quebram contato. Juhasz impede a barragem de morteiros. O primeiro pelotão cessa fogo. Mais uma vez, a beleza do silêncio da batalha nos banha. Nossos ouvidos zumbem, mas o silêncio é mais que bem-vindo. Todos estão com dificuldades para ouvir graças às armas pesadas que nos rodeiam nessas últimas 24 horas.

Eu olho para Ware. Ele filmara grande parte da luta de uma posição entre nossos atiradores e a parede. Não hesitou em se expor. Yuri é assim também. Eles farão qualquer coisa para capturar a ação.

Permanecemos alertas e mantemos a segurança alta em todos os

cantos dos nossos telhados. Mesmo assim, conforme a noite avança o inimigo sabe a nossa posição. Pouco antes da meia-noite, recebemos o comunicado que o tenente-coronel Newell tem comida quente es. esperando por nós no trevo rodoviário. Cantrell manda dois soldados de cada esquadrão e um par de Bradleys para buscá-la. Enquanto esperamos que eles retornem, gasto alguns minutos para me limpar. Temos pouca e preciosa água, então hoje eu dou um jeito com um banho seco.

Mais tarde, volto ao telhado do segundo andar e ouço Michael Ware deleitar os homens com mais histórias sobre insurgentes que ele conhecera. Os Brads retornam e os soldados recebem sua comida. O tenente Meno, Fitts, Lawson e eu esperamos. Um bom líder jamais come antes de seus homens, não importa a situação. Ware e Yuri comem esfomeados. Stuckert me dá uma refeição e então desce do telhado. "Ei, ficou sabendo que mataram o sargento-major?" Eu paraliso. Esqueço a comida, viro-me para ver Stuckert falar com um grupo de soldados. "Morto por um atirador de elite, cara." O quê? Explodo em fúria.

"STUCKERT!", eu grito. Ele fica acuado, mas se vira para mim. "Sim, sargento Bell?" "Escute seu pedaço gordo de merda: que porra é essa que você esta falando? Você não sabe um caralho do que está acontecendo fora deste telhado. Você não sabe que ele está morto, porra, entendeu?"

"Sargento, eu ouvi alguns homens do apoio falando sobre o sargento-major Faulkenburg ter morrido, quando eu estava no trevo rodoviá1.1

rio", diz ele com a voz fraca. Eu perco o controle. Todo o autocontrole voa pela janela e eu vou para cima de Stuckert gritando e berrando com ele, cuspindo em sua cara enquanto falo. Yuri e Ware me encaram chocados. Se não estivessem com tanta fome, tenho certeza que morderiam um pedaço da parede.

"Se eu ouvir você tocar mais uma vez no nome dele, Stuckert,

Deus me livre, eu mato você. Está me ouvindo? Você está espalhando boatos e fofocas da porra. Você não sabe de merda nenhuma!" Nunca estive tão irritado em toda a minha vida. Eu quero estrangulá-lo, quero bater nele. Eu quero infligir nesse garoto a mesma dor que suas palavras me infligiram. É porque sei que elas são verdadeiras. $ no exato momento, não consigo suportá-las. "Desculpe, sargento Bell, foi só o que eu ouvi", o rosto de Stuckert está vermelho. Ele está aterrorizado. Eu ainda estou alterado. "Você não é pago para informar as massas. Você é pago para atirar com uma porra de uma SAW. Ficou claro? Faça o seu trabalho e fique longe da minha frente, está entendendo, seu pedaço de bosta? Você não sabe porra nenhuma sobre o sargento-major. E vê se não fica fazendo fofoca, seu merda ignorante." Sei que passei dos limites, mas não consigo me segurar. Estou rezando para que esta notícia não seja verdadeira. Ultrapassei todos os limites com Stuckert e ele parece despedaçado. Sei que me arrependerei mais tarde. Agora, eu simplesmente não me importo.

No andar de baixo, Cantrell ouvira meu descontrole da cabine de comando do Bradley. Ele liga seu rádio e me chama. Eu deixo Stuckert e corro para baixo. Quando chego à rua, Cantrell baixa a rampa e vejo Fitts lá dentro. Ah, não. Não, merda. Cantrell desliza

para o fundo do Bradley com Fitts. Ele me põe para dentro e fecha a rampa. Quando temos reuniões de líderes como esta, sempre me sinto parte de um grupo secreto e, no momento, a traseira do Brad se torna nossa Bat-Caverna. Cantrell aponta para meu uniforme e diz: "Você precisa de outra roupa, sargento Bell. Essa aí está quase imunda, não acha?".

174

Eu olho para mim. Meu uniforme de deserto está coberto com o sangue de Pratt, sujeira e imundície. "Eu não sei, sargento, acho que ele dura mais alguns dias". Cantrell me olha nos olhos. "O primeiro-sargento Smith me contou que o Ramrod Sete foi morto na abertura." Aí está. Meu sargento-major está morto. Fitts olha para meu uniforme e diz: "Sargento, eu não posso fazer

173

esse cara tomar um banho na Normandia. Ele não tem tocado em nada desde que chegamos aqui."

Fitts está tentando me distrair. Mantenho meu rosto inexpressivo. Eu amava pra caralho aquele cara. "Tente se manter mais limpo", Cantrell acrescenta balançando a cabeça.

Ele era à prova de balas. como conseguiram matá-lo? Cantrell me dispensa. A rampa desce e Fitts e eu pulamos para a rua. "Olhe, Bell, tente dormir um pouco. Temos três horas", diz Fitts. Concordo com a

cabeça. Não confio em minhas palavras. Entramos na casa em silêncio e procuramos um lugar para nos deitar.

Os muçulmanos começam a disparar morteiros. Deito no escuro, escutando as explosões ao meu redor enquanto tento cair no sono. Não consigo desligar minha mente. Estou fisicamente exausto e precisando desesperadamente descansar um pouco, mas minha mente não deixa.

Em algum lugar em meio à noite, os cães ferozes grunhem e rugem entre salvas de morteiros. Carne humana. Eu tento não ouvir.

Faulkenburg está morto. Os iraquianos ajudaram a carregá-lo para um helicóptero de socorro M113 logo depois que ele foi atingido. O carro o levou para nossa estação de socorro do batalhão no trevo rodoviário ao leste de Fallujah, mas era tarde demais. Ele morreu antes de cair na rua. Não teve chance.

Nossa eterna figura paterna está morta. Minutos depois que o corpo de Faulkenburg alcançara a estação de socorro, um dilúvio de soldados da FII também chegara. Dezessete deles sobreviveram aos ferimentos, mas três não. Se não fosse pelo último ato de bravura de Steven Faulkenburg, muitos outros fariam companhia a eles.

Faulkenburg foi nosso primeiro Anjo, o primeiro americano morto por fogo inimigo em nossa segunda batalha em Fallujah. Seria o corpo de Faulkenburg o que eu vi no chão, ontem à noite na abertura? Ele estava entre os mortos que vi os iraquianos cobrindo e carregando? Teria eu testemunhado seus últimos momentos sem me dar conta?

Este pensamento me deixa angustiado. Sei que agora não é a hora de lamentar. Ternos uma batalha para ganhar e eu devo reprimir meus sentimentos para fazer meu trabalho. Minha mente me amaldiçoa com as imagens de Faulkenburg na rua. As vezes eu gosto disso, boa imaginação se torna nosso pior inimigo.

Se eles conseguem matar o sargento Faulkenburg, como diabos eu consegui sobreviver? Ele tinha muito mais experiência do que eu e qualquer outro dos nossos soldados. É mais uma questão de sorte do que habilidade. Se for, estamos a um passo do mesmo destino de Faulkenburg. Eu fico deitado no chão por mais algum tempo e minha vulnerabilidade dói. A vida parece perigosa, tão frágil, agora - só não consigo entender como posso sobreviver e ele não. Pela primeira vez, desde que entramos na cidade, sou forçado a reconhecer minha própria mortalidade. Fazendo isso, tenho uma idéia do que Fitts passou esse tempo todo. Será que Fitts enfrenta esse pensamento todas as noites? O dia 9 de abril ainda deve consumi-lo na escuridão. Eu peço desculpas por já tê-lo incomodado com isso. Os morteiros caem. Os cães famintos não acabam nunca. A noite não tem fim.

CAPÍTULO CATORZE

Os melhores jardins e casas

Fallujah 10 de novembro, 2004

Muito antes de o nascer do sol, começamos nosso terceiro dia na cidade. Ontem a noite foi muito fria e os homens rasgaram cortinas para usar como cobertores. Outros se enrolaram como burritos em tapetes imundos. Passamos a noite em guarda, ansiosos e irritados.

Pego meu equipamento e vou ao telhado checar as coisas. Dois dias de batalha e nossos meninos já estão destruidos. Cada rosto é adornado por cortes. Nossas mãos estão esfoladas por escalar escombros dos prédios em ruínas. Entre os corpos em putrefação, moscas e cachorros ferozes, Fallujah abunda em bactérias. Não podemos evitar os germes e a maioria do pelotão está com diarréia. Ontem, houve momentos em que os homens cagavam enquanto atiravam. Estamos imundos, exaustos, machucados e sangrando. Nossas articulações doem e nossos músculos protestam a cada movimento.

Hoje temos uma nova missão. Os marinheiros se atrasaram atrás de nós. Uma abertura foi feita entre nosso flanco direito e o esquerdo

deles. Os insurgentes sabem que é lá e eles se esforçam para se infiltrar em nossa retaguarda. Hoje, faremos uma contramarcha ao norte e evacuaremos completamente o distrito Askari enquanto esperamos os marinheiros avançarem. Meno nos passa o resumo do plano do capitão Sims para o dia de hoje. Iremos de casa em casa,

matando qualquer um que encontrarmos pela frente e destruindo todas as armas e munições que deixamos intocadas durante nossa investida inicial na Estrada 10. Logo antes da madrugada, a companhia inteira se alinha e inicia a viagem ao norte em meio ao chão destruído de ontem. A noite fria deixara as ruas pegajosas com uma mistura. Resvalamos com nossas botas enquanto tentamos andar em direção ao Objetivo Lobo, novamente. Em contramarcha dentro de nossos tanques e Brads, noto que os cães nos acompanham. Quando paramos para procurar uma casa, eles também param. Eu saio de um prédio e vejo uma linha de cães na rua, seus rabos abanando no asfalto. Estão esperando que nós forneçamos sua próxima refeição. O cheiro de morte nos rodeia. Cadáveres de insurgentes apodrecem em construções e becos da cidade. Nossa ordem é que devemos dar duas batidas em cada insurgente que encontrarmos, não importa em que condições estejam. No entanto, muitos já estão cobertos por musgo e mofo. Eles já estão tão podres que até mesmo os cães lhes viram as costas. Enquanto evacuamos outra quadra residencial, vejo um insurgente encostado contra a parede. Atiro nele e minhas balas furam seu estômago como um balão. O cadáver exala um longo som de peido enquanto o gás se esvai. Viro para Sucholas e digo, "Desculpe, estou segurando este desde Bagdá".

"Se eu deixar escapar um como aquele", diz Sucholas, "você precisaria raspar meus intestinos da parede".

Pela manhã toda, batemos contra tantas portas que perdemos as contas. Diferente do primeiro dia, estamos entrando deliberadamente em cada habitação. Supomos que todas tenham armadilhas. Movemonos com cautela e não tocamos em nada que não seja necessário. Não levamos muito tempo para encontrar toda a sorte de armadilhas diabólicas: calcinhas e sutiãs cobrindo granadas manuais, cômodos com

fios que detonam explosivos, morteiros sobre pias, minas enterradas nos jardins frontais e dos fundos. Ultrapassamos todos esses perigos e encontramos armas durante o processo. Tudo desde rifles da II Guerra Mundial até as armas de elite direto das fábricas russas. Achamos até mesmo um manual de 1941 com anotações dos árabes escritas nas margens.

Levamos horas para limpar três quadras. Fitts e eu decidimos que poderíamos poupar tempo se nos separássemos. Ele toma um lado da rua e meu esquadrão toma o outro. Os Brads ficam perto para cobrir ambas as equipes.

Mais casas. Mais apreensões de armas. Encontramos rifles FAL iranianos, armas de assalto alemãs G3 feitas pela Heckler & Koch, espingardas, rifles de caça e M16. Fitts tem um soldado em seu esquadrão chamado Matthew Woodbury que é colunista da revista Guns & Ammo (Armas & Munição). Ele já leu tanto sobre rifles que consegue dizer de onde veio uma arma só pelo número de série.

Improvisamos formas de explodir tudo que encontramos. As vezes explodimos com C4, outras vezes usamos nossos Bradleys atirando morteiros letais. É um trabalho muito perigoso. A artilharia é instável, freqüentemente antiga, e mantida impropriamente. Em certo ponto, retiramos cerca de doze granadas de propulsão e as colocamos em um carro. Já que devemos explodir cada carro que encontrarmos, essa parece uma boa forma de matar dois coelhos com uma cajadada só. O sargento Jamie McDaniel avança. Na torre do carro, seu atirador nascido na Nigéria, é o sargento Olakunle Delalu. Ele é um

engenheiro elétrico formado na Universidade de Columbia e entrou para o Exército para conseguir cidadania americana. Delalu mira no carro e descarrega seu míssil TOW. Num piscar de olhos, o carro evapora numa bola de fogo. Vamos para a próxima casa e encontramos um caminhão na garagem. Carregamo-lo com explosivos, armas e munição que encontramos dentro da casa e então detonamos tudo com uma granada incendiária. A granada espirra fogo para perto de alguns barris de gasolina e óleo. Logo as chamas se espalham e quatro casas pegam fogo. Em uma delas, o fogo alcança mais munições e vemos explosões subseqüentes.

178

O dia inteiro brincamos com o destino enquanto achamos e destruímos esses estoques inimigos. É um trabalho perigoso. Sinto-me como um delinquente juvenil que perdeu a cabeça numa cidade devastada. Não sei como ainda não explodimos todos. Acho que é simplesmente sorte. Quando o crepúsculo chega, sentimos dor. Costas, braços e panturrilhas estão doloridos e inchados. Ainda precisamos procurar por algum insurgente vivo. A certa altura, tropeçamos num esconderijo de umas quinze granadas de propulsão. Enquanto debatemos sobre como descartá-las, Cantrell nos chama pelo rádio. O tenente Iwan decide ajudar. Ele está a algumas quadras para o sul. Sims está com o Primeiro Pelotão a cerca de 400 metros rua acima e o sargento de pelotão nos avisa para tomar cuidado com as RPGs. Eu quero levá-las conosco, mas ele não concorda com a idéia. Ofereço-me para lançar um foguete contra elas. Ele me diz que não temos tempo. Precisamos chegar até Iwan. Eu desisto e vou até meu carro. Logo que entro, escuto Knapp gritar para Cantrell pelo rádio. Cantrell havia ordenado a ele que explodisse as RPGs com uma granada térmica. "Sargento", Knapp grita comigo, "não vou deixar meus meninos explodireis RPGs desse jeito. É muito estúpido." Eu

pego o rádio e digo para Cantrell que sua idéia é péssima e eu não arriscarei meus homens.

"Bem, então faça você, herói. Estou cagando para quem vai fazer. Se você não tem coragem, mande seus homens fazerem. Pegue alguém para fazer. Apenas exploda esta merda." Eu olho pelo interior do Bradley. Meus homens estão me encarando, esperando meu próximo movimento. Eles estão se perguntando se eu vou mandá-los fazer essa loucura. Foda-se. Eu pego uma granada térmica e caminho até o saco de RPGs. Os Brads se alinham, prontos para ajudar Iwan quando eu terminar. A rampa sobe. Os homens estão seguros do lado de dentro.

Eu coloco as RPGs dentro de um tubo em meio às ruínas de outra casa. Olho para o Brad de Cantrell e dou-lhe a ralhada mais fria

que posso. "Não, sargento", eu digo com a voz áspera, "veja isso o que acontece".

Estou me sentindo um mártir. Pego a granada incendiária e se- guro-a contra os foguetes. Eu puxo o pino de segurança e o fósforo branco espirra como Mentos dentro de Coca Diet. O fósforo explode contra as RPGs. O foguete dispara e é lançado no bairro. Ele explode perto dali. Eu começo a correr para o Brad enquanto outros foguetes disparam.

Porra, perdi a cabeça. Mais à frente, um Brad começa a descer a rua. Um foguete passa por cima dele e explode num prédio. A rampa do

Brad baixa. Outra explosão remexe o chão. Eu alcanço a rampa e pulo para dentro. Estou salvo entre meus irmãos agora, mas estou puto da vida. Avançamos ao norte. As dores, a exaustão, os esfolamentos e a loucura não significam nada para nós. Somos a infantaria. A matança é tudo.

Enquanto vamos ao norte em contramarcha, o tenente Iwan lidera uma missão de busca e ataque contra a célula inimiga onde ele está. O inimigo é agressivo e disciplinado. O Brad de Iwan tenta derrubá-los com o seu canhão. No calor da luta, o canhão não funciona direito, deixando o Brad de Iwan apenas com sua metralhadora. Os insurgentes desaparecem em meio à quadra de residências requintadas na retaguarda do batalhão.

Um insurgente corajoso se separa do resto de sua célula. Ele encontra refúgio em uma casa ao norte de onde estão seus companheiros. Iwan chama o pelotão de exploração do batalhão para que eles o retirem da casa. Três exploradores entram pela porta da frente. Quando eles abrem a porta, dão de cara com disparos de uma metralhadora. O sargento Jason Laser morre, acertado no peito. Um segundo, sargento Andy Karnes tenta ajudar seu camarada ferido, mas é atingido. O atirador é incansável. Um terceiro explorador sofre u ferimento sério no estômago.

O sargento J. C. Matteson avista outro insurgente que está prestes a entrar pela porta dos fundos de uma casa. Da torre de um Humvee, Matteson explode o inimigo em pedacinhos.

O capitão Sims alcança a cena no momento em que o insurgente começa a gritar pela janela: "Fodam-se os EUA!". Ele corre de cômodo em cômodo da casa fugindo dos disparos do sargento Sims. Quando as balas não funcionam, Sims chama uma escavadora. Ao empurrar a casa, os insurgentes a acertam com balas. Mesmo cercado pela melhor das infantarias mecanizadas, este homem não desiste. Enquanto Sims enfrenta o atirador solitário, Iwan e o tenente Meno juntam-se fora de uma casa que nosso pelotão acaba de evacuar, a meio quilômetro de distância. Iwan diz para Meno que atravessar a célula será nosso trabalho. Se os outros rapazes estiverem tão comprometidos quanto o que Sims enfrenta, será uma luta dos infernos. Meno esboça um plano. Ele quer que os Bradleys do pelotão formem um cordão de isolamento no bairro. Com um carro em cada esquina e um tanque como cobertura, procuraremos de casa em casa. Iwan aprova o plano, sobe em seu Bradley e se move ao sul para nos ajudar a formar o cordão. Casa por casa, começamos a evacuar a quadra. Arrombamos portas, invadimos cômodos e tentamos manter nossa atenção na situação. Mesmo sob ameaça, é difícil não ser descuidado, às vezes, por causa da repetição. Evacuamos muitas habitações desde que começamos pela manhã. Em uma casa, encontramos foguetes e munições. Em outra, tropeçamos em um esconderijo de capacetes americanos e antigas jaquetas Kevlar. Os imensos Abrams avançam rugindo e rodando, deixando construções em ruínas chamuscadas. Seguimos atrás deles. Espirais de fumaça erguem-se dos tetos. Estamos destruindo o melhor bairro da cidade. Eu vejo um Bradley e um Abrams abrindo fogo contra uma casa. Um round de 120 mm explode dentro dela quando as balas de canhão penetram os escombros, caindo a centenas de metros de distância. A área a nossa volta de repente explode com granadas e tiros de metralhadoras. As balas caíram perto de onde alguns fuzileiros estavam, pois finalmente haviam chegado ao local. Já era hora de mante contato conosco. Novamente, é bênção confusa tê-los por perto. Eles não reagem

com suavidade ao ataque de 25 mm. Sua resposta nos faz correr atrás de cobertura enquanto o fogo de uma metralhadora de calibe 50 inunda a rua. Rodriguez surge no rádio. Os fuzileiros navais não sentem remorsos. Ficamos sabendo que eles responderão a qualquer disparo, amigavelmente ou não.

Pouco tempo depois, os marinheiros mandam uma barreira de fogo e estrelas chamejantes sobre nossas cabeças. Eles deveriam estar se movendo ao sul, conosco em uma linha a trezentos quilômetros ao oeste. A coordenação exige trabalho. Eles mandam chamas ao menor sinal de contato e banham nosso bairro com luzes brancas e brilhantes. Isso é a última coisa que queremos. Estamos operando bem no escuro; todos nós temos visores noturnos. Mas os fuzileiros navais só escutam seus líderes. Somos os donos da noite; os fuzileiros a alugam.

Fico impressionado com o poder de fogo coeso dos fuzileiros navais. Quando um marinheiro atira, seu pelotão todo faz o mesmo. Abaixo-me para evitar a morte. Fingir ser um insurgente até mesmo por dois minutos é muito tempo para um pelotão da companhia dos fuzileiros navais. Não importa o que você seja, é preciso respeitar isso.

Seguimos para outra casa enquanto a barreira amigável continua. Quando entramos, meu esquadrão encontra pilhas de IVs, gaze e sacos de fluídos. Arrombamos a próxima casa e encontramos dois conjuntos de botas GI entulhadas numa sala. Alguns homens encontram oito uniformes completos da Guarda Nacional Iraquiana.

Quatro horas depois, estamos além da exaustão. Eu olho para Fitts. Ele está mancando mais ainda.

Knapp avista algo à frente, na rua. Mesmo com a escuridão, vemos um homem deitado na estrada, uma metralhadora russa ao seu lado. Eu abro fogo e acerto duas vezes em suas costas, e posso ouvir seus pulmões expelindo um sopro de ar repentino. Knapp dispara diretamente contra sua cabeça e termina o trabalho. Aproximamo-nos do insurgente. Há uma pequena piscina de sangue no seu estômago. Deve ter sido atingido por uma bala de canhão ao se esconder nas casas próximas. Pouco antes de morrer, ele engatinhara para a rua ainda arrastando sua arma.

É nosso trabalho certificar-nos de que cada insurgente está morto e

não apenas fingindo. Devemos afastar suas pernas com chutes e depois acertar um chute direto na virilha. Se não se mexerem, estão mortos e podemos inspecioná-los em busca de armadilhas e informações. Eu tento afastar as pernas desse insurgente, mas uma delas já foi arrancada e a outra não passa de um pedaço rosado de carne. Quando eu chuto seu saco, minha bota afunda em sua cavidade. Percebo que o cara não tem mais nada sobrando. "Cara", eu me pergunto em voz alta, "o que você faz quando o cara não tem pernas? Isso não estava no treinamento." Puxo minha faca e espeto suas costas repetidamente. Provavelmente deveria ter apenas enterrado a faca nele, mas nunca usei uma em combate e não sei como fazer isso. Espeto-o mais algumas vezes, envergonhado pela minha falta de habilidade. Lawson puxa uma faca maior e crava nas costas do homem. Ele olha para mim, balançando a cabeça. "Que dia,

hein?" É óbvio que este insurgente está morto eu levanto sua cabeça e Knapp o varre por baixo. "Pronto", diz ele e eu solto o homem contra o pavimento. Pegamos sua arma e o deixamos para os cachorros. Que dia? Que nada. Feliz aniversário! Continuamos nos movendo e Ruiz cai e machuca os tornozelos. Eles começam a inchar dentro de suas botas. Vamos para uma casa próxima para que nosso médico possa tratar dele. Enquanto isso, os homens disparam suas MREs e Cantrell está no rádio enlouquecido, querendo relatórios da situação. É profundamente irritante. Nós mentimos e dizemos a ele que ainda estamos evacuando casas.

Perto da meia-noite, saímos de novo. Estamos exaustos e nossos passos são lentos. A parada esvaíra a adrenalina de nossos corpos. O rebote da adrenalina produzida em combate é quase tão ruim quanto uma ressaca.

Atravessamos a rua e alcançamos uma parede intocada por balas ou por Bradleys. Atrás dela há uma casa também deixada intacta. O pelotão entra e vai para um quintal. Quatro colunas decorativas feitas de tijolos pontilham o quintal. Elas são a única cobertura entre a porta da frente e a parede.

183

Entro atrás de Fitts e seu esquadrão. Esta casa deve ter pertencido a um rico batista. É tem um formato quadrado, com um segundo andar em forma de casamata que se abre sobre uma varanda que dá vista ao jardim. A porta da frente fica à nossa esquerda. Duas janelas estão, dispostas no centro da sala de estar, ladeada por uma janela barrada numa cozinha à extrema direita.

Ali, há um lindo jardim com palmeiras e árvores. É um lugar agradável e belo, perfeito para Melhores Casas e jardins: Edição Fallujah. A porta frontal é ornada. Temos arrombado portas por todo o Iraque desde fevereiro; já virei um especialista em portas. Sei dizer quais são finas, grossas, leves ou resistentes o bastante para exigir homens corpulentos como sargento Hall para demoli-las.

Essa porta é uma mistura de metal folhado e aço com uma linda partição de vidro ao centro. Estou surpreso que uma coisa tão bela tenha sobrevivido à matança que derramamos no bairro.

Num bairo onde impera a arquitetura de guerra, quem construiu este lugar sabia o que estava fazendo. É uma microfortaleza, uma base de verão perfeita para um cartel de drogas. Será um verdadeiro inferno evacuá-la.

Nós protegemos o quintal. Fitts se move para a porta, eu o sigo e vou até uma janela. Olho dentro e não vejo nada de incomum. Meus instintos não estão indicando nada, o que me faz crer que este lugar está vazio como todos os outros da quadra. Os homens também não estão muito preocupados. Eles se espalham pelo quintal e esperam ordens.

Fitts está em pé ao lado da porta e espera seu esquadrão se reunir. Como ninguém o segue, ele fica bravo. Espera ao lado da porta e eu sei que ele está começando a ferver.

Ele cospe um chumaço de tabaco e depois grita numa voz rouca: "Estou cagando para qual é o esquadrão de vocês, entrem no time agora". Atrás de nós, os homens se agitam. Misa alcança a porta

antes de todos. O ferimento de ontem à noite com o fósforo branco agora parece uma gigantesca bolha queimada. Ohle segue atrás dele. A sujeira de Fallujah não fora gentil com o rosto dele também. Além dos cortes que todos temos, Ohle tem fragmentos fincados na face. Metcalf fica

gris de Ohle. Ruiz manca até a porta com Maxfield. Fitts agora tem seu time. Ele se move para a retaguarda para observar seus homens entrando. Misa. guiará o caminho. Hall se prepara para derrubar a porta mas a encontra destravada. Desapontado, ele a abre do jeito convencional e Misa corre para dentro logo atrás. Segundos depois, a maior parte do pelotão, menos o esquadrão de armas de Lawson e o tenente Meno, segue o despertar do time. Eu fico do lado de fora mantendo os olhos sobre o cômodo adjunto que o resto do pelotão está prestes a limpar. Se algum inimigo estiver espreitando do lado de dentro, eu posso disparar contra os bandidos antes que os homens se exponham. Através da janela eu posso ver as luzes SureFire pulando de parede em parede enquanto os homens evacuam os cômodos. Eles não precisam que eu os cubra agora, então eu vou em direção à porta da frente para me juntar a eles. Dentro da casa, Misa e Ohle lideram o time de entrada através de um vestíbulo e para dentro da sala de estar. Há uma porta trancada na parede ao fundo. Ohle a arrebenta para abrir. Instantes depois, rastreadores vermelhos cortam a escuridão em volta de Ohle. Ele não se move com o fogo surpresa. Ele apóia sua SAW nos ombros, destrava-a e descarrega no inimigo. Incapaz de vêlo, Ohle pode morrer se ficar naquela porta. Misa o agarra por trás retirando-o da linha de fogo. Os dedos de Ohle permancenem no gatilho e disparam rastreadores contra o outro cômodo e para cima, no telhado da sala onde estão. Pulando de volta para a janela eu posso ver as balas de Ohle no teto da sala. Elas ricocheteiam

loucamente em todas as direções. Mais rastreadores são disparados pelos insurgentes da sala ao lado.

Estou totalmente confuso. Suponho que Fitts e seus homens estejam fazendo reconhecimento por fogo, mas algo saiu do controle. Nossos próprios rastreadores passam sobre nossas cabeças mandando pedaços de gesso, concreto e tijolos através da sala.

"Cessar a porra do fogo! O que vocês estão fazendo?", eu grito. Depois de toda a excitação na mesquita ontem, minhas cordas vocais

estão danificadas. Minhas palavras saem raspando. Eu pareço a Demi Moore falando.

"CESSAR FOGO, PORRA!", o sargento Hall ecoa meu comando. Uma voz rouca erige da sala de estar: "NÃO! Não cesse fogo, Continue atirando, porra!".

"Eles estão atirando em nós", grita Ohle em resposta. Ele não consegue se mover.

O tiroteio continua. Rastreadores saltam por todos os lados do Vestíbulo e da sala de estar, batendo nas paredes, tetos e chãos de cimento. Estamos numa colméia de abelhas.

Preciso dominar a situação. Grito novamente: "Cessar fogo, porra! No que estamos atirando?".

Eu olho pela porta que dá para a sala de estar e vejo o pelotão apinhado contra a parede. Ohle, Misa, Fitts e o resto dos homens estão sangrando por causa de dezenas de ferimentos causados por pedaços de concreto e tijolos. O que está acontecendo?

Fitts me enxerga. "Ei, Bell", ele diz, "por que você não diz aos merdas da outra sala para cessar fogo?".

Oh, meu Deus. Estamos em contato. Percebo o quão precária é nossa posição agora. Fitts sente o que percebi e concorda com a cabeça: "Sim, cara."

O volume de nossos dois esquadrões está preso dentro da sala. Os insurgentes estão em posição numa escada central, logo depois de uma porta do vestíbulo e têm clara visão de outra porta para a sala de estar. Eles têm um campo de fogo do tamanho de uma pista de boliche dentro da sala e uma em forma de torta no vestíbulo. Eles estão cheios de munição e não têm medo de usá-la.

Eu espio pela porta do vestíbulo para ver a escadaria e avisto duas figuras. Eles se protegem atrás de um par de barricadas de concreto Jersey de um metro e meio de altura, expondo pouco mais que suas cabeças e ombros. Eles criaram uma verdadeira casamata no meio da casa. Um dos insurgentes segura uma AK-47 contra cada urn dos ombros com os canos apoiados numa barricada. O outro maneja uma metralhadora russa PKM encostada sobre a outra barricada.

De que jeito eles conseguiram colocar aquelas barreiras naquele

lugar? Elas devem pesar meia tonelada cada. Oito homens precisariam de muito esforço para levantá-las. A casa é uma zona de morte planejada. Eles queriam que nós a evacuássemos e ficaram nos esperando na emboscada. "Cuidado com o telhado! Cuidado com a porra do telhado!", grita Knapp do lado de fora do quintal.

Knapp ao iauu ue iula uo (piiiidi. Eu me apóio no vestíbulo exatamente quando a parede explode em faíscas. Balas racham ao nosso redor, vindas de todas as direções. Metcalf cai no chão. "Fui atingido! Oh, merda! Fui atingido!", ele grita segurando o estômago.

"Uuuui, fui atingido!", imita um deles. O comediante e seu camarada caem na risada. Ao ouvir a zombaria, meus pêlos da nuca se arrepiam. Todos os homens do pelotão reagem do mesmo jeito. Nossos olhos estão arregalados. O pânico está próximo. Metcalf aperta as mãos contra o estômago. A bala perfurou sua armadura. Os outros não estão muito melhores. As mãos estão laceradas; os dedos escorregadios com sujeira e sangue. Os dois debaixo da escada abrem fogo novamente. A sala de estar e o vestíbulo são preenchidas com a dança dos rastreadores. Eles chiam, assoviam e iniciam pequenas chamas em pilhas de restos de lixo e papéis espalhados no chão em ambas as salas. A parede da sala de estar, nossa única cobertura contra a casamata da escadaria, começa a ceder. O fogo automático explode tijolos dela. Outros tijolos se desprendem, ainda intactos, mas retirados da sua posição inicial com as balas do inimigo. Três tijolos são arremessados da parede contra a cabeça de Fitts. Uma fissura

causa um sulco na parede do chão ao teto. Não temos muito tempo. Quando a parede ceder, meu pelotão enfrentará um massacre. Do lado de fora, o atirador de metralhadora Jamison McDaniel está deitado inclinado no pátio. Ele está totalmente exposto para quem quer que esteja atirando da janela da cozinha. Chuva de balas ao redor dele. Mas o garoto é um iceberg. Ignorando as balas ele apóia nos ombros seu 240 e dispara uma explosão devastadora de fogo em resposta. É uma visão incongruente; McDaniel tem dezenove anos, mas parece muito mais velho. O atirador com cara de bebê está arrazando no 240.

187

Outras balas perfuram o chão em volta dele, mas ele se mantém no gatilho. Sua demonstração de coragem faz meu coração pulsar. No caos da batalha, a força verdadeira do espírito humano às vezes emerge. Esse momento é um deles. Nesse duelo de metralhadoras, centenas de balas voam para frente e para trás. O sargento José Rodriguez, o rapaz do rádio de Meno, foi atingido. Ele desce gritando por ajuda. O tenente Meno o agarra pelos braços e o arremessa para dentro de um banheiro nos fundos do pátio. Por enquanto ele está fora da luta. A enorme metralhadora de McDaniel havia redecorado a parede da cozinha, que está arruinada por furos. O contraataque se mostra demais para os insurgentes, que batem em retirada. Sem saber que não está mais ameaçado, McDaniel continua descendo fogo. Suas balas rasgam os gabinetes e destroem louças e vidros. Algumas acertam a parede comum com a sala de estar, empurrando e soltando ainda mais os tijolos. Não conseguimos fazê-lo parar. Debaixo da escadaria, os insurgentes disparam contra nós. A sala de estar está cheia de rastreadores nervosos novamente. Vejo Fitts através da escuridão. Estamos em lados opostos do campo de fogo do inimigo. Ele está preso. Eu não. Parcialmente iluminado pelas chamas queimando em lugares espalhados da casa, examina os tijolos saindo

para fora da parede acima de sua cabeça. Ele deixa escapar um olhar frustrado. Então rola os olhos para a direita e olha para mim. "Bell", ele diz, "preciso de você, irmão. Preciso muito de você".

CAPÍTULO QUINZE

"O poder de Cristo the ordena"

188

Fitts nunca mostra medo. Mesmo depois de ter levado três tiros em abril, ele mostrou menos preocupação do que um civil com uma farpa no dedo. Aquele dia, enquanto sangrava nos dois braços e numa perna, ainda manteve sua mente controlada, focando na missão antes de seus ferimentos graves. Agora Fitts está com aquela cara receosa que ele fica quando os médicos estão prestes a nos aplicar uma vacina antitetânica. Foi a única vez que consegui ver medo em sua expressão. Se eu continuar olhando, ficarei enervado. Deixe o restante do pelotão ver isso e será o suficiente para pressionar os meninos além dos limites. Eles já estão à beira do pânico. A escuridão, a fumaça e o brilho avermelhado das pilhas de lixo queimando são macabros. "Preciso de você, irmão", Fitts diz novamente. "Está bem, está bem... está bem", eu respondo, parando por um momento enquanto tento fazer meu cérebro funcionar para pensar numa forma de sair desta bagunça. Minha mente começa a eliminar opções. Obviamente, não podemos chamar um ataque aéreo. Não temos como ligar e as bombas aéreas explodiriam o complexo inteiro, incluindo nós. O mesmo serve para a missão de artilharia de fogo. Um

tanque ou um Bradley não tem serventia alguma no momento, pelo menos enquanto estivermos dentro da casa. Essa emboscada é o resultado do estudo de um inimigo que analisou profundamente as nossas forças e fraquezas. Eles criaram uma posição de fogo que nega nossas vantagens de poder de fogo e mobilidade. Tudo o que podemos fazer é lutar com eles em curta distância com nossas armas nas mãos.

Eu pensava que estávamos prontos para tudo. Mas não estamos prontos para isto.

Perto do canto da sala de estar, Misa puxa uma granada. "Granada! Granada!", ele grita. Isso paralisa Fitts. "Não", ele sussurra. Misa congela. Fitts continua: "Eles vão jogar aquela puta de volta para nós. Você não sabe onde eles estão."

Misa não desiste. Ele espia pela porta e responde: "Eu os vejo... Eu vejo onde estão".

O sargento Hugh Hall vê Ware e Yuri e lhes diz: "Fiquem atrás de alguma coisa!". "Alguém foi atingido?", grita Doc Abernathy de dentro. "Deixe-me jogar a granada", Misa não desistirá tão fácil. Fitts diz: "Você não sabe quantos merdas estão lá dentro. Não jogue. Largue isso". E Misa abandona a idéia da granada.

Outra salva de balas preenche a sala de estar. Os rastreadores cortam o ar esfumaçado, brevemente iluminando o ambiente perto da porta.

Arrisco espiar o cômodo da escadaria. No brilho vermelho do fogo, vejo um dos insurgentes. Ele está agachado atrás das barricadas Jersey segurando uma AK em cada mão. Ele está sorrindo como um demônio e eu noto seus dentes perfeitamente brancos e alinhados. Como isso é possível? Nós temos dentistas de campo, plano de saúde e todo o aparato da medicina moderna e nossos dentes parecem pipoca de caramelo. Aparentemente, esses filhos da puta não gostam de Red Man [uma marca famosa de tabaco].

Eu desço de volta para o vestíbulo. O plano abortado de Misa me faz ter uma idéia. Alguns dias atrás, nós atacamos Fallujah. O sargento Hector Diaz, nosso oficial não-comissionado de apoio, trocou

algumas coisas com as Forças Especiais para obter uma granada de explosão de luz. Ela tem dois fusíveis secundários e cegará qualquer urn que estiver perto quando ela explodir. Eu poderia atirá-la, aturdindo os insurgentes por tempo suficiente para que nós pudéssemos escapar. Eu pondero sobre o assunto enquanto seguro o tubo cilíndrico da granada. Ela parece um grande rolo de filme Kodak. Nunca usei uma

dessas antes e isso me faz parar. Se eu estragar tudo, deixaria todo nosso pelotão sem ver nada e incapacitaria meus homens e a mim mesmo. O risco é muito alto. Abandono a idéia da granada de luz. Estou ficando sem idéias. Não podemos atacá-los. Eles estão cobrindo o lado de fora da casa e a porta dos fundos se abre para a sala da escadaria perto das barricadas Jersey. Conseguir ficar atrás deles não é uma opção possível.

O inimigo criara essa armadilha para nos prender numa luta corporal e muito próxima. Muito bem, jogaremos o jogo deles. Eu espio pela porta da sala de estar. Metcalf permanece no chão, checando seus ferimentos. Nuvens de fumaça agora obscurecem os detalhes, mas posso dizer quem é quem pelas suas posturas. Eu sei tudo sobre esses homens e posso dizer que não demorarão muito para atingir um colapso nervoso. Agora só há uma opção e é exatamente aquela que os merdas da sala de baixo querem. "Dê-me um atirador de 240 e uma SAW", eu grito. Ohle me entrega sua SAW e eu imediatamente foco o canto da sala sem olhar. O pino aciona a trava. Estou sem munição. "Dê-me outras armas. Eu preciso de uma SAW e uma porra de um 240", grito em frustação. "Traga um 240 aqui para cima", Hall grita de fora. Segundos depois, McDaniel voa para dentro do vestíbulo pela porta da frente. Simultaneamente, cruzo olhares com o especialista Mathieu. Aos 37 anos, seu corpo ganhou peso no Iraque, fazendo com que ele tenha que se esforçar muito para acompanhar seus colegas de dezoito anos. Depois do 11 de setembro, ele deixara uma excelente posição como técnico em medicina em urn grande hospital

para se juntar ao Exército. Aquela decisão fez muita coisa mudar em sua vida, causando tensão em sua família e o divórcio de sua esposa. Seu patriotismo lhe custara a família.

Nós somos sua família agora. Através da fumaça e do brilho, posso ver sua expressão, posso ver seu queixo parecido com o de John Travolta. Ele está pronto para fazer tudo o que eu precisar. Do outro lado da sala de estar, ele aguarda pelas minhas ordens.

"Mathieu, me atire sua SAW." Eu jogo meu M4 para o outro lado da zona de morte. Meu rifle não tem óptico noturno, apenas três visores telescópicos que peguei de Pratt. Não tem serventia em lutas noturnas e combates de proximidade. A SAW é a arma para essa luta.

Mathieu atira a SAW diretamente nas minhas mãos. A porcaria pesa muito quando está carregada, mas ele a joga como se fosse de brinquedo. "Sargento", ele me chama. "Está carregada com 200 no tambor." "Beleza." Duzentas balas de 5.56 mm. Acho que é suficiente. Fitts assiste a troca. "O que está fazendo? O que está fazendo?", ele pergunta.

"Tenho um cara aqui", eu respondo. "Retirar. Formação australiana e retirada. Juntos comigo. Todos vão, menos Misa. Misa, você fica. Ultimo homem. Para que eu saiba." "Eu sou o último. Eu sou o último", Misa repete. Ouço tiroteios do lado de fora. Rastreadores explodem contra a janela da cozinha, explodindo o vidro e espalhando barras de ferro perto de nós.

Há um terceiro insurgente na cozinha e ele descarrega sua metralhadora contra o esquadrão de armas de Laswson que está dando cobertura no pátio do lado de fora. A poucos metros da janela da cozinha, Swanson se atira para trás de uma das colunas decorativas do pátio. uma chuva de fragmentos de vidro e metal atinge seus braços e pernas. Ele se choca contra o pilar, solta sua metralhadora 1VI240 e cobre a face com as mãos. Um cone de fogo quase acerta o sargento Hugh Hall, que cai no chão enquanto disparos acertam toda a sua volta.

"Meu rosto! Meus olhos! Puta que pariu!", Swanson está na pior. "Você está bem, cara? Parece que acertaram você", Michael Ware está segurando Swanson. "Estou bem, estou bem. Cadê minha arma. Dê-me minha arma." Swanson não está nada bem. Seus olhos estão quase fechados de tão inchados e há sangue pingando de seu rosto por causa dos inúmeros ferimentos. O restante dos homens parece exausto. Eles têm novos arranhões sobre os cortes e machucados antigos. Cada um desses novos ferimentos sangra abundantemente. Seus rostos estão esfumaçados e sensangiientados. Alguns param para retirar fragmentos de vidro e metal dos rostos dos outros. Doc Abernathy passa de homem em homem, fazendo curativos nos ferimentos. "Eu tenho pedaços grudados nas costas, porra", grita Hall. Hall já teve o bastante. Ele não consegue mais ver o que acontece dentro da casa. "Quem está atirando, porra?" "Alguém de lá de dentro", grita Flannery de dentro da casa. "Os merdas hajji estão lá dentro." Knapp também está frustrado e não pode fazer nada de onde está. "Merda! Meu rosto! Jesus!", Swanson está rolando no chão. "DOC! DOC!", Lawson grita chamando Abernathy. Os merdas debaixo da escada acham isso muito engraçado. Suas gargalhadas infernais ecoam pela casa e mais uma vez eles zombam de nós: "Uuuui, meu rosto, meu rosto!". "Você está ouvindo essa porra? Eles estão tirando sarro dos nossos feridos. Eles estão ZOMBANDO DOS NOSSOS FERIDOS", eu grito para Fitts.

"Sargento, que se fodam." "Não, cara. FODAM-SE. FODAM-SE ESSAS BICHAS. Ouça eles zombando de nós." "Escute, filho da mãe. Estou cagando para eles. Você precisa focar nessa merda aqui", Fitts grita para mim.

"FODAM-SE!", eu grito para os insurgentes. Eles dizem algo em resposta, mas eu não entendo. "Hein, putinhas? Vocês querem nos foder? Suas putinhas do caralho." Estou começando a pirar e Fitts percebe.

"Pare com isso, vamos. Agüente." Fitts está tentando me acalmar. Ele olha para seus homens e diz: "Vamos sair daqui".

Misa está ficando ansioso. "Pronto? Está pronto?", ele me chama. "Espere um pouco, porra.", minha voz está rouca e áspera. Sinto que os olhos de todos estão sobre mim. Eu não poderia sentir tanta pressão nem em duas vidas.

Misa responde: "Quando quiser, sargento". Eu sei que devo me mover, mas meus nervos estão explodindo enquanto minha mente se acelera furiosamente. Mil pensamentos aparecem ao mesmo tempo em minha cabeça. Eles se atropelam e tudo que eu capto são fragmentos ininteligíveis. Minhas mãos escorregam de suor. Eu preciso respirar. Preciso relaxar e me preparar para o que tenho de fazer.

O poder de Cristo lhe ordena! O quê? De todos os pensamentos que eu podia ter capturado em meu cérebro, este salta do nada. Logo antes de partirmos para Fallujah eu havia assistido a última versão de O Exorcista. Agora, essa fala memorável do filme - o mantra do padre enquanto luta contra Satã - gruda em minha mente como uma música ruim. Bem, se é para ser este o meu pensamento de morte, pelo menos não é um comercial de alguma loja da Madison Avenue.

O poder de Cristo lhe ordena. O poder de Cristo lhe ordena. Eu preciso fazer isso. Inspiro profundamente. O ar está estagnado, cheio de fumaça e odor corporal. Eu tento não engasgar. Outra longa

inspirada. O ar sujo age como um tapa na cara. Estou novamente sob controle, alerta e consciente. Estou pronto. Tenho clareza total e meu propósito é único. Eu sussurro uma curta oração e me levanto.

"VAI! VAI! VAI! VAI! SAIAM PARA FORA!", eu grito com toda a força dos pulmões. Abaixado, subo a parede e entro na sala de estar, a SAW alinhada, meu dedo tenso no gatilho. Alguns passos largos e chego à porta do cômodo da escadaria. Eu estou no funil fatal.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Reprovado no teste de hombridade

Minha aparição repentina pega o inimigo fora de guarda. Eu espero que as AKs abram fogo assim que eu me expuser. Mas elas não o fazem. Em vez disso, aperto o gatilho e seguro firme. O fogo do inferno começa a voar contra o inimigo. A SAW de Mathieu está impecavelmente limpa e bem-conservada e tenho confiança de que não terei problemas.

Os insurgentes debaixo das escadas reagem com disciplina e velocidade. O da esquerda acerta a porta com ambas as AKs. O outro maneja a PKM e posso ver sua arma comendo o cinto de munição.

O beiral da porta à minha esquerda é rachado pelo disparo de balas. Rastreadores chiam para todos os lados, remexendo os tijolos e o telhado. Estou numa tempestade de fogo, totalmente exposto. Estou surpreso por não ter sido atingido.

Ando de lado e para a esquerda através da porta, tentando chegar a uma parte da escadaria entre eu e o inimigo, e assim conseguir um pouco de cobertura. Seguro meu gatilho apertado, abandonando qualquer pretensão de fogo disciplinado. A SAW não pára de disparar balas para todos os lados. Elas arrancam pedaços das barricadas de Jersey e pedaços de concreto voam loucamente pela sala.

Eu continuo atirando, mais balas perfuram as barricadas Jersey e

penetram em seus rígidos centros de espuma. A espuma salta dos furos que fiz e se espalha pela sala. Os merdas debaixo da escada ainda atiram, mas eles são muito imprecisos. Seus rastreadores ricocheteiam num padrão que causa enjôo - parede, teto, chão, parede.

O cano da minha SAW é como uma tocha que ilumina o local. Consigo ver meus inimigos de dentes alinhados me encarando com malevolência enquanto disparam. Eu disparo minha SAW contra um deles e ele se abaixa para evitar ser atingido na cabeça. Ele está totalmente imobilizado.

Posso não ser capaz de falar com autoridade canônica sobre o poder de Cristo, mas reconheço uma arma convincente quando vejo uma. A SAW M249 é como um chicote. Eu a estalo contra outro insurgente. Minhas rotações - 725 por minuto - batem contra a parede, a escada e as barreiras. Ele se atira para conseguir cobertura. Ambos estão em defensiva agora, imobilizados e incapazes de revidar. Na sala de estar atrás de mim, Fitts grita ordens para a esquadra entrar em ação. Eles se espalham pelo vestíbulo e, em segundos, evacuam a casa e saem pela portinhola do pátio até a rua.

Meus homens estão salvos. Ainda disparando, minha mente acelera. Eu neutralizei o inimigo. Agora devo matá-lo. Meu coração me impele a avançar pela escadaria.

Vá até lá. Evacue o cômodo e acabe com estes caras. Eu tento andar para frente, mas meus pés não se movem. Minhas pernas parecem estar acorrentadas ao chão. Não consigo avançar os' poucos metros necessários para terminar a luta.

Não seja uma putinha. Vá em frente. Não enlouqueça. Eu luto contra meu próprio corpo. Não consigo me mexer. Minha SAW continua comendo a munição do cinto.

Bem, ainda tenho provavelmente umas 110 rotações sobrando. E se eu subir as escadas?

Não. Meu corpo ainda se recusa. Meu coração acelera. Disparo ainda contra as barricadas. Mais espuma voando pela sala. Ok, ainda tenho sobrando menos de 100 rotações. É hora de me mexer. Avançar. Acabar com isso. Acabar com isso agora!

Eu tento. Eu suo. Minhas pernas não obedecem. O inimigo permanece intocado, escondido atrás das barricadas.

Não consigo. Meu coração se enche de desprezo. As vezes, com essa arma, uma vez que você começa a disparar continuamente, não há como parar. O cinto se recarrega. A arma dispara cerca de 50 outras rotações e então fica presa na câmara vazia. Estou sem munição. Ainda estou no cômodo da escadaria. A qualquer momento, os merdas debaixo da escada podem subir suas cabeças, ver que sou um alvo no aberto e acabar comigo. Minhas pernas repentinamente se livram da paralisia. Preciso sair daqui.

Correr. CORRER. Giro para a direita e corro para a porta, pensando que McDaniel está no vestíbulo cobrindo minha fuga. Não vejo Misa em lugar algum. Mas a sala de estar e o vestíbulo estão vazios. Eu passo pelos dois e saio pela porta da frente. Quando chego ao quintal, uma arma dispara.

"Dê-me mais uma arma automática", eu grito do quintal. "Ei, recue", grita Fitts. "Eu preciso de 203s. Mande para mim." Balas passam pelo meu ombro e acertam a parede atrás de mim. Continuo correndo, minhas pernas bombeando furiosamente. Então estou do outro lado do portão junto com meus homens. Misa aparece no portão e me atira para o lado de fora da parede na rua.

"Peguei você, você está bem", ele diz. Estamos seguros. A parede deve nos proteger contra a metralhadora da cozinha e dar-nos tempo para nos reorganizar. A esquadra está espalhada pelo local. Todos estão gritando. Por cima do estrondo, Fitts tenta contar as cabeças. Ele quer ter certeza de que não esqueceremos de ninguém.

"Líderes de time, reportar!", eu grito. Misa responde, mesmo sendo do time de Fitts: "Estou com Ruiz e Sucholas". Alguém mais grita: "Estou com Metcalf, Flannery e Ohle." Em minha volta, tenho dois soldados de Fitts, um dos meus e um do esquadrão de armas de Lawson.

O sargento Fitts grita ordens tentando reorganizar a bagunça que havia se fornado na esquadra. Todos queriam falar ao mesmo tempo.

"Onde eles estão?" "Preciso de confirmação. Passe a porra da confirmação." "Traga os Bradleys aqui", grita Fitts. Knapp atira uma granada de fragmentação contra a parede. PFOMPT! Eu pego outro tambor de munição para minha SAW. Agarro Maxfield e Stuckert.

"Atiradores de SAW, fogo." As três armas leves disparam contra o telhado da casa. "Vamos fazer o seguinte", Fitts é cortado pela confusão. Eu tento interromper: "Alguém está ferido? Tem alguém dentro da casa?" Ninguém responde. "Alguém foi ferido na saída?" Nenhuma resposta. Todos ainda estão absortos em seus próprios problemas.

"Eu preciso saber, porra. Vocês todos estão com suas coisas?" Fitts reúne parte da esquadra. Ele quer evacuar e ocupar as duas casas do outro lado da rua, para ganhar um ponto de vantagem sobre o inimigo. Ele aponta para uma casa de três andares. "Subiremos lá e desceremos uma base de fogo!" Fitts está seguindo as regras. Meus gritos não adiantam. Ninguém me responde. Começo a caminhar, ficando mais furioso ainda comigo mesmo. Não há como escapar disso: eu cortei e corri. Quando a merda esquentou, eu corri. Sou um oficial não-comissionado, um comandante. Devo liderar pelo exemplo. Que porra de exemplo foi aquele? "Passe a porra do meu rifle. Quem está com a merda do meu rifle?" Desisti da SAW. Agora preciso da minha arma. Mathieu aparece na minha frente, entrega meu M4 e diz: "Tem algum problema com seu rifle. Está emperrado. Parece que algo danificou o gatilho." Ele me passa um relatório detalhado sobre minha arma. Estamos em uma batalha e Mathieu está se esforçando para ser claro. Mas eu tenho mais coisas com o que me preocupar. "Mathieu, vá buscar um PEQ-2 Alpha!". Isso é um sistema de infravermelho que se encaixa sobre nossos

rifles. Tudo que você precisa fazer é apontar o laser infravermelho em algo e puxar o gatilho, você pode até mesmo atirar da altura dos quadris, não importa. As balas abrirão buracos onde quer que o laser encoste. E o melhor é que só pode ser visto com visores noturnos. Dessa forma, o inimigo não saberá que está sendo identificado pelo laser. Ela permite velocidade, habilidade de manejo e tiro rápido. Santos aparece e me entrega sua M16. A longa e pesada arma está cheia de munição. Ali está o visor a laser que eu quero. A arma ainda está com o lançador de granadas de Santos acoplado, o que a torna ainda mais pesada e incômoda numa luta como esta. Eu pego o M16 e um pensamento me ocorre. Se eu voltar para dentro da casa e morrer, o inimigo pegará minha arma e minha munição. Lembrei do

insurgente de ontem que possuía uma M16. Gostaria de saber o que acontecera com o americano que segurava aquele rifle. Eu começo a entregar minha munição extra para Santos e Mathieu. Normalmente carrego quinze munições extras nos bolsos do lado direito do meu peito. Seguro apenas três delas. As outras vão para os homens. Se eu morrer dentro da casa, o inimigo não encontrará muita munição no meu cadáver.

Uma metralhadora acaba com nosso senso de segurança. Eu vejo Stuckert afundar o rosto nas mãos e se atirar contra a parede. As balas atiram fragmentos da parede contra sua cabeça. Stuckert olha para cima, puto da vida e de repente vai para a rua. Ele procura por um alvo. Uma AK dispara contra ele. Ele não desiste. Mira para os telhados e dispara com fúria. "Por que vocês não morrem de uma vez?", ele grita. Eu ligo meu rádio: "Traga um Bradley aqui em cima, agora." Precisamos de suporte. Os merdas estão tentando nos imobilizar no meio da rua." Estou mais que furioso; me sinto responsável. Se eu tivesse encerrado o assunto dentro da casa, eles não estariam atirando nos meus homens. Se alguém morrer agora, será minha culpa. Eu deveria ter cruzado aquele cômodo da escadaria, enfiar a SAW no espaço entre a escada e as barreiras Jersey e descarregado neles. Havia imaginado tal cenário centenas de vezes durante os treinamentos. Rezei para ser

testado dessa forma. Deveria ter lidado com as coisas de forma diferente. Um líder de verdade o teria feito.

Balas varrem a rua novamente em volta de mim e de outros homens. O grupo de Fitts revida com granadas e M 16s.

"Eu devia ter matado aquela bicha. SOU UM SOLDADO, PARRA! NA-0 VAMOS FUGIR! Traga um Bradley aqui, agora!". Vejo o sar e Jose Rodriguez olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça Talvez eu tenha. Ele segura o rádio contra sua boca. Não diz nada, mas posso ver o medo em seus olhos. Medo do inimigo ou de mim? Aproximo meu rosto ao de Rodriguez: "Eu quero um Bradley aqui e agora."

Rodriguez não reage e eu bato em seu capacete. Fitts me agarra.

"Acalme-se, irmão. Preciso de ajuda. Traremos um Brad aqui. Não esqueça que temos construções não seguras em volta de nós. Precisamos que você se acalme, porra."

"Merda! Vamos todos morrer", aparece uma voz cheia de pânico e medo.

Preciso acabar com esta merda de uma vez por todas. "Não vamos morrer", eu grito, "eles é que vão morrer. Temos isso sob controle, então calem a boca, chequem seus líderes de time e certifiquem-se de que todos estejam bem, porra."

Aquilo corta o pânico. Precisamos revidar. Stuckert não tem ângulo do inimigo e as granadas parecem não ter efeito algum. Precisamos fazer algo diferente.

O soldado raso McDaniel quase é atingido. "Jesus!", grita alguém. "Vamos lá, de onde eles estão atirando?" Outros disparos quase matam Stuckert. "Quase me acertaram na porra da cabeça", diz McDaniel sem acreditar.

Stuckert procura em todos os lugares pelo homem que está tentando matá-lo. "Onde está esse merda?"

Eu vou até um grupo de soldados perto da parede. "Dêem me suas granadas."

200

pergunto para o sargento Knapp se ele está pronto.

"Hooah, sargento." Knapp é o único que parece estar sob controle no momento. Ele aguarda por mim na parede. Alguém me atira uma granada. Eu tiro o pino e jogo a granada para Knapp, que a pega com uma mão e atira por cima da parede, mirando o jardim de palmeiras do quintal e no telhado da casa. Ele consegue arremessar uma bola de futebol como um profissional. O homem é um atleta cheio de confiança. Nós precisamos disso. BUUM! A granada explode em algum lugar perto das palmeiras. Pego outra granada, preparo e atiro para Knapp. Sem esforço ele a arremessa por cima da parede. Seu braço é simplesmente incrível. "Prepare outra! Mais uma. Mais uma. Mais uma", eu grito raivosamente para os que estão se movendo com muita lentidão ao meu redor. "Escutem, seus merdas teimosos. Agarrem o que tiverem e arremessem para o sargento Knapp." Continuamos atirando granadas para Knapp que as lança contra o inimigo, sem medo algum. Ele derruba uma delas, mas logo pega e

arremessa. Logo em seguida o Brad de Cantrell aparece na rua. A esquadra se espalha enquanto o Brad chega. Alguns ficam atrás dele para ter cobertura. Outros saem das paredes onde fica a linha de fogo provável do Brad. Fitts divide seu grupo em dois elementos de manobra. Eles arrombam as travas dos portões e desaparecem dentro das casas do outro lado da rua. Cantrell me chama pelo rádio: "O que você precisa?". Gritar junto com o motor de um Bradley é desperdiçar energia. Eu olho para o sargento e pergunto: "Você consegue escavar aquela parede?". Cantrell examina a área. A estrada é muito estreita e o carro parece um monstruoso brinquedo, grande demais para a cena. "De jeito nenhum. Eu mal consigo manobrar para bater com força suficiente na parede." Eu queria que o Brad arrebentasse a parede, entrasse no quintal de palmeiras e então derrubasse o lado da casa com as balas de 25 mm. Então poderíamos chamar um tanque e reduzir a casa a pó. Isso daria um jeito nos merdas que estão lá dentro.

201

Cantrell aparece no rádio: "Eu vejo um cômodo frontal... ou dois cômodos frontais".

"Derrube-os." A torre gira e sua arma dispara. As balas explodem dentro da sala de estar e da cozinha. O sargento Brad Unterseher, atirador de Cantrell dispara para cima e para baixo, como uma gangorra entre os cômodos. Ele pára enquanto Cantrell retira os cascos de balas que caem quentes e esfumaçados no meio da rua. Unterseher lança quase 200 balas para dentro da casa. Cantrell me pergunta: "Que mais posso fazer?".

"Você consegue dar um jeito nas palmeiras?" A metralhadora M240 perto do canhão cospe fogo. Eu vejo a arma destruindo as palmeiras e percebo que o quintal é bem menor do que havia pensado antes. Acho que não há ninguém no jardim de palmeiras. Isso não está adiantando.

Sei o que deve ser feito, mas não estou pronto para isso. "O que mais?", pergunta Cantrell. Eu ligo o microfone e peço que continue atirando nas palmeiras. Isso é provavelmente insensato e percebo que estou enrolando. Cantrell recua o Brad para lançar uma cortina de balas no telhado. A maioria das balas passa por cima, mas os tiros cessam - por enquanto, pelo menos.

"Que mais acontece? Acha que pegamos eles?", Cantrell pergunta. Michael Ware ouve a pergunta e grita acima do barulho do Brad: "Não há como ele ter pego os caras, sargento Bell, de jeito nenhum Ware estava no pátio quando a merda bateu no ventilador. Ele precisou se esquivar da metralhadora vinda da cozinha. Meu coração diz que ele está certo, mas, ao mesmo tempo, não ha razão para gastar mais munição. O Brad não está conseguindo acertar ninguém com clareza dentro da casa. A melhor suposição é que os insurgentes fugiram das janelas que observavam o pátio. "Acho que estamos bem", eu digo para a equipe do Bradley. Voltamos à estaca zero. Eu começo a me agitar novamente. Andando para frente e para trás, meu monólogo interior salta para fora da boca. Estou falando

sozinho na frente de Ware e dos homens. Essa situação toda tira minha dignidade. Preciso encontrar forças para retomá-la. Honra. Que palavra gasta. E abstrata. Quem pode defini-la? Estive o ano todo

no Iraque com meus homens. Se eles tinham de encher sacos de areia às três horas da madrugada, eu estava lá fora na sujeira com eles. Nunca dei uma ordem para depois ir relaxar enquanto eles trabalhavam. Meu exemplo é tudo que tenho como um oficial nãocomissionado. Esta é minha honra. Sempre pedi que meus homens nunca tivessem medo em combate. Quantas vezes eu pedi isso? Talvez, pedir que não sintam medo é irreal. Somos todos humanos. O medo nos acompanha em cada batalha. Mesmo assim, não podemos deixar que o medo diga como e quando devemos agir. Não podemos deixar que ele nos controle. Precisamos dominá-lo. Esse é outro elemento essencial da honra. Enquanto eu luto comigo mesmo no meio da rua, Ware me encara curioso. A última coisa que quero agora é que um jornalista me veja brigando com meus próprios demônios. Vou para longe dele e outro respingo de faíscas cai perto de mim. Será que tenho coragem? Será que tenho coragem para fazer o que a porra do meu coração quer que eu faça? Se eu não entrar, eles ganham. Quantas vezes ouvimos dizer que os soldados americanos confiam demais no poder de fogo porque lhes falta coragem? Quantas vezes nossos inimigos disseram que nos venceriam homem a homem? Isso não é novidade. Os alemães e os japoneses disseram a mesma coisa na II Guerra Mundial. Dentro daquela casa, minha honra e minha hombridade se renderam. Agora preciso recuperar as duas ou conviver com o fato de que estão certos sobre mim. Isso é inaceitável. Rua abaixo, vejo o sargento Knapp cuidando dos meus homens como se fossem seus irmãos menores. Quero chorar. Tenho tanto orgulho. Amo esses rapazes de um jeito que nunca poderei explicar. Vejo suas faces. Uma a uma. John Ruiz, Lucas Abernathy, Piotr Sucholas, Alex Stuckert, Victor Santos, Brett Pulley, Tristan Maxfield - eles merecem mais de mim. Eu paro de caminhar e deixo escapar um longo suspiro. Apenas

Ware permanece perto de mim na rua. Talvez eu os tenha convencido de que estou louco com minhas demonstrações.

Mas Ware ainda está aqui. O jornalista. O oficial de inteligência nãooficial do nosso batalhão. Encaramo-nos um ao outro intensamente. "Foda-se", eu digo. "Foda-se", concorda Ware. Isso resolve. Eu estou voltando.

204

CAPÍTULO DEZESSETE

A oração de um soldado

Você percebe que o mundo está todo errado quando partilha um momento espiritual com um jornalista. Mas aí está. Mick Ware e eu estamos no meio da rua, digerindo a opção final que acabamos de escolher. Seu trabalho é escrever a história e não se tornar a história. Mas ele acaba de fazer isso. Está comprometido do mesmo jeito que eu. Posso ver em seus olhos. É hora de fazer essa coisa. Viro-me e grito: "Time Alpha, comigo!". E nada acontece. A maior parte do pelotão está nas duas casas do outro lado da rua atirando nas fechaduras ou dando cobertura. Além de Ware, não há ninguém ao meu redor. "Time Bravo, comigo, Sucholas!", eu grito. Não tenho certeza se posso ser ouvido. A Mossberg de Fitts está rugindo ao fundo. Quase não tenho mais voz. Escuto Maxfield chamando: "Venham! O sargento Bell precisa de nós!".

Maxy está no portão da casa de três andares, dando cobertura. Ele agarra Ohle e juntos descem a rua até mim e Ware. Maxy tem sido o motorista de comando da companhia por sua inclinação à mecânica. Ele odiava aquela posição e implorava para entrar em nosso pelotão. Finalmente fizemos acontecer e ele provou ser capaz. O rapaz está bem.

205

Ele tem sangue no rosto e o suor escorre por suas bochechas. Seus olhos estão esbugalhados. Eu me pergunto se ele está apenas com medo ou aterrorizado.

"Sargento, estou aqui se precisar de mim", diz Maxy ao se aproximar. "Vamos voltar para dentro." Seus olhos crescem um pouco mais. "Maxy, você quer fazer isto?" "Sim, eu quero." Aqueles olhos o traem. Então percebo que meus olhos provavelmente devem estar iguais aos dele. Ele está lutando na mesma batalha interior que acabei de ter. Noto que seus lábios tremem. Percebo que os meus também. Ambos precisamos de um pouco de encorajamento.

"Fodam-se esses caras. Eles estão mortos." Maxy e Ohle me encaram. Eu aqueço. "Esta merda está em nossas mãos. Vocês vêm comigo? Isso é munição nova, cuzão?"

Ambos os homens concordam com a cabeça. Preciso ter um desempenho digno de um Oscar aqui. Aterrorizado ou não, preciso que eles entendam que seremos resolutos.

"Você é macho, Maxy? Você nasceu para fazer isto, cara. Você nasceu para este momento. Você nasceu para matar esses filhos da puta terroristas. Vamos aterrorizá-los. Vamos provar deles. Vamos comer suas carnes e mandá-los de volta para Lúcifer. Está me ouvindo? Seis ou nove rotações de explosão. Mire baixo, acerte alto."

Viro-me e encontro o sargento Lawson correndo em minha direção. "O que está fazendo, Bell?" "Vamos voltar lá dentro." Um rastro de choque aparece em sua face e depois desaparece. Ele pressiona as mandíbulas e se aproxima de mim. Está ensopado de suor e posso ver todo seu corpo tremendo enquanto fala.

"Não vou deixar você entrar lá dentro e morrer sozinho." Agora é minha vez de ficar chocado. Achei que ele me convenceria a não fazer isso. No entanto, ele acaba de ajustar o padrão máximo de devoção para com um irmão de guerra. Naquele instante, sinto-me mais próximo a Lawson do que de minha própria família.

206

Suas palavras fazem com que eu confronte um pensamento que tem estado nos recônditos de minha mente. Podemos morrer. Eu posso morrer. Não quero enfrentar, mas seu olhar reforça suas palavras. Ele está certo. Começo a tremer como se meu corpo todo estivesse com espasmos.

Se eu morrer, minha morte será algo que eu trouxe para mim mesmo. Se eles acertarem em mim aqui no meio da rua, mereço essa morte sem honra. Se eu morrer dentro da casa, bem, terei morrido pela razão correta. Isso já está bom para mim.

Lawson acena com a cabeça. "Eu sei, mas não vou deixar você morrer sozinho." "Você vem junto, porra?" "Claro, porra." Lawson é o líder do esquadrão de armas. Ele não tem razão alguma para vir comigo. Ele não é um dos meus soldados. Ele é meu amigo. Um companheiro de verdade. Se eu sobreviver, nunca esquecerei isto. Ao mesmo tempo isto não significa que ele não se irrita comigo. O humor acalma os momentos estranhos e emocionais que deixam os homens da infantaria tão desconfortáveis.

Eu me inclino e cochicho em seus ouvidos: "Cara, estou cagando de medo".

"Eu sei, cara. Eu também." "Você é uma bicha de merda. Como assim, você está com medo?" Ele cai na gargalhada e a tensão se esvai por uns segundos. Ware está ao lado de Lawson, aparentemente sério e decidido. "Você sabe que porra está fazendo?", eu pergunto. Ware concorda com a cabeça. Seus olhos não vacilam. "Olha, cara. Isto aqui não é Samarra." "Vou ficar bem aqui." Tenho dúvidas, mas tenho outras coisas para me preocupar. Como pegar uma granada.

"Maxy, você tem uma granada?" "Sim, sargento." "Ótimo. Prepare sua granada." "Entendido."

207

Movemo-nos para a casa perto de onde está Cantrell corn seu Br dley estacionado. Pego meu rádio e conto o plano para Cantrell.

"Vamos lançar granadas e atacar essa porra." Maxy está com uma SAW com munição desmontável pendurada nas costas. A arma é muito pesada e eu me pergunto se ele conseguirá segurar uma granada ao mesmo tempo.

"Você consegue acertar aquele merda com a SAW nas costas?", pergunto.

Sem hesitar ele responde: "Eu consigo.". Quero que ele jogue a granada sobre a parede o mais próximo possível da casa. A explosão deve fazer com que os insurgentes abaixem a cabeças por tempo suficiente até que passemos para o quintal. Eu não quero entrar pelo portão e ser recebido a metralhadas. Peço para que Maxy atire a granada. Ele a arremessa de forma estranha com a SAW balançando em suas costas.

Lawson agarra Maxfield e o atira no chão enquanto ele grita: "Ah, merda!". Assim que o escuto, sei que estamos com problemas. O arremesso parece curto. Eu puxo Ohle para trás do Bradley. A granada pula por cima do beiral, pula de novo e vacila na extremidade. Estou convencido de que ela cairá na rua e explodirá, arremessando destroços contra o Bradley. No último segundo ela escorrega para o quintal. BUUM! uma nuvem de fumaça se forma.

Noto que a parede é tão grossa que a granada não faz nada. Uau! Se a casa toda for construída desse jeito, estamos ferrados. Maxy aparece detrás do Bradley aparentemente tremendo. Eu olho para ele: "Bom arremesso, idiota." Tudo que ele consegue dizer é: "Desculpe". É hora de ir. Para Ohle e Maxy eu digo: "As panteras!". Esse é o código do nosso pelotão para montar formação de três homens, armas em punho, bem como o trio de gostosas daquele seriado antigo. Ohle

toma minha direita e Maxfield minha esquerda. "Fiquem sob minhas asas, não importa o que acontecer, continuem atirando."

Os dois concordam.

208

Ware ainda está perto de nós. Eu tinha certeza de que ele tinha decidido sair dessa. Dou-lhe mais uma chance. "Você sabe que porra está fazendo?" "Sim, eu sei." Ware responde com seu sotaque australiano. Sinto necessidade de testá-lo mais. "O que você está fazendo? Você não virá conosco." "Ok." Que porra isso significa? Aproximamo-nos do portão. Eu paro e olho para trás. Ware está logo atrás de nós. O homem é determinado. Eu olho para ele e ouço-o dizendo: "Você vai conseguir. Você é um macho do caralho, amigo." Paro de olhar para ele. Não suporto o fato de que ele acredita em mim quando estou me sentindo uma putinha. Sinto-me um verdadeiro impostor. Correremos por uma área aberta que provavelmente deve estar sendo vigiada por um insurgente. Quem vai saber quantos mais estão no telhado? Se atirarem contra nós, a única coisa que pode nos salvar é nossa movimentação. Antes de lançarmos ou atacarmos, deixo meus homens sabendo dessa idéia. "Se formos atingidos e alguém cair, ninguém deve ajudar. Não me interessa se eu estiver deitado gritando por Jesus. Deixem-me. Não olhem para baixo. Continuem avançando e atirando. Matem a ameaça ou todos morreremos." Todos concordam, olhando para todos os lados. "Maxy, Ohle, abram fogo em ambos os lados a 45 graus. Não parem. Continuem. Essa é nossa única chance ou morreremos." Dou um passo. De repente estamos nos movendo, armas prontas, circundamos o portão e disparamos contra o pátio. Maxy e Ohle me seguem, passo a passo. Ware está bem atrás de mim. Lawson segue atrás dele com sua pistola 9 mm na mão. Passamos pelas primeiras

colunas. Não tiro os olhos das janelas e telhados. Ohle e Maxy cuidam das laterais. Não somos recebidos por disparos. Estou impressionado. Minutos atrás esses insurgentes mal podiam esperar para nos matar na rua. O Brad e nossa barreira de granadas devem tê-los forçado mais para dentro da casa.

209

Passamos por um segundo conjunto de colunas, com sinais manuais eu ordeno que Maxy e Ohle tomem posições nas duas extremidades da casa. Eles alcançam os cantos e cobrem os lados. Eu bato no capacete de Ohle e dou-lhe um tapa na bunda. Esse é meu sinal para "Incline-se". Lawson cobre as janelas. Ele está particularmente preocupado com a janela da cozinha já que o anterior PKM quase matara seu esquadrão inteiro. Ele observa como um predador de sangue frio. Se alguém aparecer lá, Ohle e Maxy serão pegos como dois patos. Eles precisam que Lawson proteja suas retaguardas. Alcanço a porta da frente. Ela está aberta e convidativa. Os insurgentes querem esta batalha. Eles têm todas as vantagens. Dentro do vestíbulo está escuro. Os pequenos fogos que queimavam foram apagados. Ao mover-me pelo vestíbulo, percebo que estou andando sobre lama. Acho que os Bradleys devem ter explodido tanques de água na cozinha.

Eu paro para olhar para trás. Ware está na porta olhando para mim. Ele acena e está com uma expressão que parece um pai assistindo seu filho dando as primeiras pedaladas numa bicicleta. Aquilo realmente me irrita. Quem ele pensa que é?

Então ele dá dois passos e está bem atrás de mim. Balanço a cabeça para que ele perceba a seriedade da situação de ter vindo para dentro

da casa.

Eu olho para a sala de estar e ela está vazia. Começo a me mover, mas decido checar Ware mais uma vez. Ele está na porta da frente, agora. Ele se curva e coloca sua câmera no vestíbulo e vira para o quintal. A luz vermelha piscando na câmera é a única luz que posso ver. Lawson entra e toca meu ombro com uma mão, para que eu saiba que ele está próximo de mim. Eu bato em seu quadril como sinal de que ele deve ficar atrás de mim e abraçar a parede do vestíbulo. Sua presença me dá forças e por um curto momento, a tensão diminui. Vou para os fundos da sala de estar e, por uns segundos, fico exposto ao campo de fogo dos insurgentes enquanto corro para a parede comum entre a cozinha e a sala de estar. Chego ao canto dos fundos no momento em que os merdas começam a cochichar entre eles, debaixo da escada. Eu tento ouvir.

210

O que estão tramando? Meu coração bate tanto que parece que vai saltar para fora do peito. Fico de quatro e engatinho para a porta da sala da escadaria. Cuidadosamente, dou uma espiada. Assim que encosto a mão no batente da porta, metralhadoras disparam. Embora os tiros tenham vindo de fora, quase perco meu equilíbrio com o susto. Meu coração disparado faz com que eu quase possa ouvir o sangue correndo pelos meus ouvidos. Posso ver pouca coisa ao meu redor com meus visores noturnos. Está tão escuro que eles mal funcionam. Os contornos verdes fornecem uma cena surreal. É difícil focar. Minha respiração acelera e fica rasa. Provavelmente estou hiperventilando. Olho para a parede que estou usando como cobertura. Os insurgentes já dispararam contra ela no combate anterior. Pedaços dela estão espalhados pelo chão da sala de estar. Minha cobertura quase não serve para muita coisa.

Que grande erro do caralho. Você não pode foder as coisas assim. Eles vão matar você antes que consiga entrar lá para pegá-los. Estou assolado pelo pânico. Escolhi o pior lugar da casa para ficar. Se eles abrirem fogo com as metralhadoras, a parede simplesmente cairá sobre mim. Se eu atravessar a porta, bem, é exatamente o que eles estão esperando.

Precisamos fazer algo que acerte as coisas um pouco. Apoio-me contra a parede e tento pensar, mas minha mente está flutuando. Tudo tem uma qualidade etérea. Ouço barulhos vindos de todos os lugares. Não sei dizer se estou imaginando ou se é real. Será que estou tendo alucinações? Fique atento. Fique atento, porra. Eu dou um soco no meu capacete. Ainda estou desorientado. Não consigo clarear as idéias.

Vamos lá, você precisa se controlar. Então eu ouço um dos insurgentes falando na sala da escadaria. Ele fala algo em árabe tão calmo e natural que parece quase desencarnado. A serenidade de sua voz é tão imprópria ao momento que meus nervos chacoalham. uma onda de terror congela minha espinha e por um segundo eu fico paralisado.

211

A voz diz algo mais. Não consigo entender, mas é tão lânguida e tranqüila que tenho a impressão de que ele está drogado. Rifles disparam ao longe. Outra arma dispara. Então ouço Fitts e Hall gritando. Será que há algum insurgente no telhado impedindo que eles entrem no pátio? Se esse for o caso, estamos sob nossos próprios cuidados agora. Eles não conseguirão chegar até nós através do pátio. Já que estamos dentro, eles também não podem usar o Brad de

Cantrell para acertar o telhado de novo. O que foi que fiz a mim mesmo? Isso é loucura. Você vai morrer. Minha respiração acelera. Minha cabeça está nadando. Estou perdendo todo o controle. Seu idiota estúpido. Você prendeu a si mesmo. Então vem outra voz, forte e confiante. "Allahu Akbar!" Deus é grande? Por que disseram isso? Que porra eles estão fazendo? Será que um deles está prestes a vestir um colete cheio de C-4 e explodir todos nós? Será que ele está se preparando mentalmente antes de se detonar? Eu preciso agir. Preciso descobrir o que estão fazendo e colocar um ponto final nisso. Então me lembro da granada de 40 mm que está dentro do lançador do meu M16. Ela pode ajudar. Engatilho a granada, sem mirar. Ela voa através da sala da escadaria até a sala onde estão os insurgentes passa pela porta dos fundos que estava aberta. Um segundo depois eu ouço a explosão no jardim de palmeiras atrás da casa. Bom trabalho. Você acaba de desperdiçar sua granada de 40 mm. Vamos lá, David, você precisa ser disciplinado. Rolo novamente até a parede e consigo ver algo contra a outra parede através de meu PEQ-2. Percebo um fragmento de espelho pendurado na parede. Há outros aqui, estrategicamente posicionados para que os homens das outras salas possam ver o que acontece onde não estão. Também percebo outra coisa: tanques de propano encostados numa parede. Estou numa sala com gás inflamável e chamas. Os insurgentes podem ver cada movimento que faço. Eles podem antecipar quando eu passar pela porta. Por isso que eles conseguiram atirar tão efetivamente quando estávamos todos aqui.

Mas funciona de dois jeitos. Eu posso vê-los através da fumaça. O que está com as duas AKs é muito jovem. O que tem a PKM está com a barba bem-feita e usa uma camiseta colada no corpo. Eles estão sentados repetindo suavemente seu mantra. "Allahu Akbar." Jesus, que irritante. Em um dos fragmentos de espelho, eu vejo o mais jovem baixar sua arma. Ele se curva e puxa algo que parece um colete. Oh, meu Deus. Ele vai explodir todos nós com um colete-bomba. Continuo observando e noto que não se trata de um colete, mas sim de uma

sacola. O jovem pega um foguete amarelo que serve como recarga para os lançadores de RPG. Ele está tentando armá-lo.

212

Então percebo que estou morto. Estou preso na sala de estar assim como estavam Fitts e seus homens há alguns minutos. Se eu correr eles me acertarão antes de chegar ao vestíbulo. Se eu ficar onde estou, lançarão um foguete contra os tanques de propano. Se isso acontecer, metade da casa pode vir abaixo. E matarão Lawson, Ware e eu. Maxy e Ohle provavelmente morrerão também.

Estou confuso e absorto pelo medo, convencido de que estes são meus últimos momentos. Palavras saem da minha boca, mas eu não tenho idéia do que estou dizendo. Será que estou falando em voz alta ou ouvindo meus pensamentos?

"Allahu Akbar." Ah, Jesus. Mais palavras saem. O que estou dizendo? Não tenho a mínima idéia. O que está acontecendo? O que estou fazendo?

Então percebo que estou falando com Deus. A percepção foca minha mente e por um segundo toda a confusão desaparece. Fui criado por uma família que freqüentava a igreja. Acredito em Deus. Sou irreverente - amaldiçôo, maldigo e não tenho problema algum em matar o inimigo. Mas, ao mesmo tempo, há uma reverência ao Todo Poderoso profundamente arraigada em mim. É um daqueles paradoxos que você encontra em soldados de combate. Somos irreverentemente reverentes.

Meu cérebro se ajusta às palavras. Não estou rezando. Não num

sentido convencional. Não planejo pedir por nada e não estou implorando por minha vida. Chame isso de oração de um soldado, uma confissão por ter vivido uma vida indigna de Seu dom. "Ouça. Tenho sido uma pessoa horrível pra caralho. Não vou pedir que me perdoe. Não vou pedir que faça acontecer rapidamente. Eu sei que mereço sofrer e ter dores. Eu espero isso. Mas estou dizendo que vou morrer do jeito que deveria ter vivido minha vida de merda - sem medo. Serei completamente destemido e se eu digo que acredito em Você, então foda-se. Eu acredito em Você. E é assim que vou embora, fiel e destemido. Eles são fanáticos. Ótimo. Serei um fanático também."

Sei que não tenho muito tempo. O jovem insurgente está preparando o foguete, que estará pronto a qualquer momento. Tento lembrar do vigésimo sétimo salmo. É um dos meus preferidos. As palavras não vêm. Ao invés disso, minha mente fica presa em O Exorcista, novamente. O poder de Cristo lhe ordena. Ouço mais sussurros da sala ao lado. "Allahu Akbar." De repente, a fala do filme não parece mais tão boba e aleatória. Eles têm o Deus deles. Eu tenho o meu. "O poder de Cristo lhe ordena." Será que disse isso em voz alta? Não sei. Não me importo. Eu abraço essas palavras. Elas se tornam um lema de vida. Eu me agarro a tudo que elas evocam. Eu as repito, mais alto. Tenho meu próprio mantra agora. Meu talismã, meu testamento de fé. "O PODER DE CRISTO LHE ORDENA!" "ALLAHU AKBAR! ALLAHU AKBAR!" Em um único movimento acelerado, eu carrego a luta contra meu inimigo.

CAPÍTULO DEZOITO

Homem a homem

Alguém deve morrer agora. Não há volta. Ajusto meu rifle para a posição de prontidão. Sinto-me bem com o M16; é exatamente o que preciso agora. Firmemente apoiada em meus ombros, tenho uma perfeita linha de visão pelo visor do rifle. Do outro lado da sala, eu vejo o jovem insurgente em pé atrás das barricadas. Sua cabeça está abaixada, ainda trabalhando na RPG. O menino deve estar drogado viajando em Netuno. Dou um passo para dentro da sala; meus pés afundam na água, que ondula pelo chão inundado. O cano do M16 gira e pára quando está apontado para o peito do insurgente. Eu tenho a imagem da cena. Meu dedo está prestes a matá-lo. Ele olha para mim com terror nos olhos. Nesse momento eu sei que o surpreendi. Ele não tem chance e sabe disso, também. j? "Judeu!", ele chia de medo, como se a palavra pudesse protegê-lo.

O combate de contato próximo é indistinto, lutado no nível mais básico e animal do cérebro humano. Linguagem corporal, contato visual, inflexão de voz, tudo isso pode virar uma luta num piscar de olhos. Isso é o que acontece aqui. Eu sei que ele está surpreso comigo. Seu rosto é a imagem do medo. Instintivamente eu sinto que ganhei. Ele também sabe.

Eu tenho você. Aperto o gatilho e acerto-o bem no centro do peito. Ele cai para trás. Eu dou um passo para a esquerda e saio da frente da porta. O carpete da sala está tão encharcado que minhas botas fazem um som de sucção a cada passo.

Após uma breve pausa eu o atinjo novamente. Desta vez, minha bala penetra sua pélvis. Ele dá um giro completo e cai sobre a barricada. Mãos deslocadas, cabeça pendida, ele jorra sangue por cima do concreto. A água em redor dele vira um vermelho leitoso.

A última coisa que ele esperava era um ataque pela porta. Tal surpresa salvara minha vida e condenara a dele.

Eu posso ganhar esta luta. Eu posso fazer isto. Um calor avermelhado se forma em meu rosto. Minha nuca se arrepia.

Onde está o segundo rapaz? Em um nanosegundo eu troco a confiança por pânico total. Estou no aberto, sem chance de revidar fogo antes que ele dispare contra mim. Ele me tem do mesmo jeito que tive seu amigo.

Olho para a direita. Lá está o homem de barba bem feita, correndo para outro lado da sala. Minha aparição surpresa e a morte de seu amigo causaram-lhe pânico. Ele tenta fugir. Ao alcançar a porta da cozinha, eu disparo dois tiros rápidos. Acho que um acerta suas costas embaixo dos ombros, mas não tenho certeza.

A porta se fecha. Eu caminho para mais longe, movendo para a esquerda enquanto mantenho meu rifle apontado para a porta da cozinha à direita.

Preciso achar cobertura. Se este cara sair da cozinha, estou morto. A escadaria é a única coisa que pode me dar alguma proteção. Eu vou até ela e subo alguns degraus de joelhos.

Uma movimentação na escuridão chama minha atenção. Um vulto aparece na porta da sala de estar.

"Quem está aí?", eu grito. Estou assustado e confuso. "Sou eu, Mick."

"Quem está aí?", eu grito. Estou assustado e confuso. "Sou eu, Mick." "Quem?" Sinto-me como se estivesse num transe. Tudo tem um ar etéreo. Os movimentos parecem fluídos e lentos. As descargas de

adrenalina que meu corpo recebera me deixaram tonto e nauseado. Meu estômago se remexe. Mantenho meu rifle para a porta da sala de estar. Mais uma resposta errada e eu disparo. O vulto na porta me responde: "É o Mick! Mick, o jornalista!" Isto não faz sentido nenhum para minha mente perturbada pela adrenalina. "Quem?", pergunto de novo, ouvindo desespero em minha voz. "Não faça isso, cara", diz Lawson em algum lugar da sala atrás de Ware. Algo cai no chão do andar superior. Eu olho para cima. Então ouço o insurgente na

cozinha. Meus olhos voltam para a porta. Ouço passos acima de mim. Então outros. Tem alguém lá em cima. Posso ser atacado de duas direções diferentes. Percebo quão precária é minha posição. Então olho para trás de mim e sobre meus ombros vejo uma porta perto da escadaria. Meu Deus, tem uma sala não evacuada na minha retaguarda. Meu coração vai a mil. Mais uma onda de suor ensopa meu uniforme e luvas. Não posso cobrir as três ameaças ao mesmo tempo. Estou com sérios problemas. Fique calmo. Você precisa lutar para sair dessa.

O insurgente na cozinha recupera a compostura. Ele berra e chuta a porta. "Cão judeu do inferno!", ele cospe em inglês mal falado. Balas racham a escada e atravessam o teto na minha frente. Eu me abaixo contra a parede. Ele atira de novo. Eu rolo para a direita e disparo meu M16 contra ele. Ele se abaixa dentro da cozinha. É quando vejo Lawson em pé na porta da sala de estar com sua pistola 9 mm nas mãos.

"Quantas você tem sobrando?" "Uma", diz ele morosamente. Lawson parece engraxado e cinzento. Sua manga direita parece escorregadia e molhada. Acho que ele está ferido.

"Lawson, você está bem?" "Acho que fui atingido." "Você levou um tiro?" Ah, merda. Merda. Minha respiração está rápida. Estou tremendo com meu suor. Preciso me acalmar e pensar.

"Lawson, saia daqui. Traga-me uma SAW e uma arma." "Não vou a lugar algum, Bell." "Cara, você levou um tiro." Lawson para. "Não é

nada mal. Não saio daqui." Eu concordo com a cabeça. Ele desaparece da sala de estar. Você está bem aqui. Apenas respire. Você está bem. Num repentino ataque, o insurgente na cozinha atravessa a porta e aparece na sala procurando por um alvo.

Meu M16 sobe em reflexo. Sinto o estoque frio contra o meu ombro. Aperto o gatilho. Um jato de sangue esguicha de suas costas e mancha a parede atrás dele. É um tiro de saída. Minha bala atravessou seu corpo. Ele perde o equilíbrio. Eu atiro mais quatro vezes. Ele cai na porta da cozinha e desaparece. A voz de Cantrell explode em meus ouvidos: "Bellavia! Bellavia! Dê-me um Relatório da situação, porra! Eu quero Relatório!".

Sua voz é tão alta que me deixa ainda mais tonto. "Dois merdas mortos. Uma RPG!", eu grito para o microfone da minha mão, grudado na faixa do queixo do capacete Kevlar.

Ouço mais movimentos acima.

O homem na cozinha geme. Eu poderia sair agora. Poderia correr para a sala de estar e sair da casa. Ainda posso sobreviver a isso. Não consigo me mexer. Medo e orgulho se misturam. Não desonrarei a mim mesmo novamente. Não deixarei que meus homens me vejam correndo novamente. Nunca mais. Cada som, cada pegada parece aumentada mil vezes. Cada uma envia um gelo para minha espinha. Minha sobrevivência depende tanto de instinto como de treinamento. Eu me recordo do sargento Darrin Bohn, o sargento sênior com a segunda maior insígnia de nosso batalhão, nos

dizendo: "Sempre recarregue sua arma. Não me interessa se você usou poucas balas. Se estiver em combate, você precisará de todas". Eu disparei vários tiros. Meu M16 está leve e percebo que a munição está quase vazia. Ainda não sei quantos tiros eu tenho. Puxo a munição do rifle e pego outra no bolso do meu colete. Ouço outra batida no andar de cima. Alguém está vindo até mim. A nova munição parece leve também. Olho para ela e vejo que está vazia. Devo ter misturado minhas vazias com as novas. Será que contei essa como nova? Tenho dois ou três cartuchos cheios? Eu não sei. Algo faz um som parecido com uma jaqueta raspando contra uma parede. Não sei dizer de onde veio. Fique calmo. Fique focado. Atiro o cartucho vazio para longe.

Enfio minha mão no bolso e procuro por um cartucho novo.

Ouço um passo profundo vindo de cima, como botas contra madeira. Alguém está nas escadas, no canto. Retiro uma munição nova do bolso - boa e cheia - e encaixo-a. Destravo a arma. Agachado nas escadas, espero. Ondas de medo me desestabilizam. Sinto-me instável e totalmente vulnerável. Você tem de usar o medo. Use-o. Controle-o. Não deixe que ele o surpreenda. Um som de raspão ecoa pela casa. Eu não sei dizer de onde vem. Ainda tenho uma sala não evacuada atrás de mim. Os pêlos da minha nuca se arrepiam. Meus instintos formigam. Sei que alguém está atrás de mim. Se eu ficar aqui, morrerei. Ou sou atingido das escadas ou de trás, pelas costas. Desço das escadas e vou pela parede até a porta. Deslizo para o cômodo dos fundos, de costas para a parede para não ser surpreendido pelas costas. Percebo que estou num quarto. Ouço passos nas escadas. Alguém está me caçando. Eu me empurro pela parede até chegar a uma pequena alcova. Escondo-me dentro.

Mais passos nas escadas. Ele está perto. Através do fone de ouvido do meu rádio, a voz de Cantrell ordena de repente: "Puta que pariu, sargento Bell! Que porra está acontecendo aí dentro?".

Minha audição já está suficientemente ruim. Cantrell gritando no meu ouvido quase me deixa surdo para as outras coisas ao meu redor. Eu posso morrer por causa disso numa luta como esta.

Ele aguarda uma resposta. Outro passo nas escadas. Ouço uma tábua ranger. Ele está bem perto da porta do quarto.

Eu cochicho pelo rádio, novamente: "Dois merdas mortos. Uma RPG."

O quarto é um buraco escuro. A escuridão que me engole é quase total. Ajusto meu visor na posição e o ligo. Ele não funciona. Agora tenho apenas meus sentidos naturais contra quem quer que esteja nas escadas. Meus sentidos contra os dele.

A menos que ele tenha um visor noturno que funcione. O pensamento me gela. "BELLAVIA, PORRA...", Cantrell está furioso agora. Eu ligo meu microfone. "Estou estressado pra caralho, agora, sargento. Estou bem, mas por favor, me dá um tempo, porra. Tudo vai ficar bem. Só me dê um pouco mais de tempo. Já matei duas bichas."

Cantrell se lança em outro discurso. Chega. Cansei desse rádio. Eu o desligo e tiro o microfone do meu Kevlar. Depois o atiro no carpete inundado aos meus pés. Não consigo lutar e ouvir gritos ao mesmo tempo. Pego meu M16 e me agacho na alcova.

Uma figura negra se forma na porta. Um flash é disparado contra mim. Consigo ver rapidamente o atirador. Ele está usando um cinto de cartuchos de AK em volta da cintura.

Antes que ele conseguisse atirar novamente eu o acerto com meu M16. Atiro de novo, de novo, de novo e de novo. Meu dedo voa no gatilho, repleto de terror e adrenalina. Quando eu me acalmo, vejo que acertei seus joelhos, estômago e pélvis. Ele desmorona na porta.

Um rastreador acerta a parede bem atrás da minha cabeça.

220

Que porra é essa? De onde veio isso? Será que um de meus tiros ricocheteou?

Eu olho em volta. Outro flash. Outro raio de luz passa por mim outro rastreador e este estoura na alcova acima da minha cabeça. E veio da parede ao longe.

Há alguém no banheiro.

221

CAPÍTULO DEZENOVE

Pacto de sangue

Ainda agachado, eu me movo rente à parede do outro lado da porta, onde o insurgente que acabei de matar está imóvel numa piscina de sangue e água.

De onde vieram aqueles dois tiros? Estou na metade do quarto agora. Mesmo na escuridão posso ver o que me cerca e não há como o inimigo se esconder: há um colchão no chão, a alcova vazia, nada muito além disso. Tudo está quieto. Nem consigo ouvir os Bradleys do lado de fora. Este é o tipo de silêncio que abriga o terror. Tenho de manter o controle.

Estou quase na extremidade quando noto dois furos na porta. Tem um cara no armário. As portas se abrem. Uma forma salta de dentro: um insurgente com dois bandoleiros de munição cruzados em seu peito. Ele cai no chão junto com uma cascata de roupas femininas. Estou tão chocado que nem consigo reagir. Ele tropeça quando passa por mim, quase a um braço de distância. Inspiro surpreso e encho meus pulmões com o cheiro pungente do seu corpo. Ele está tão imundo quanto eu.

Quando ele passa, sente minha presença e eu sei disso. Ele deve ter pensado que eu ainda estava no outro lado da sala. Ele está prestes a atirar, mas tropeça num vestido que ficou preso no armário. Então

voa e cai, de cara no colchão, quando o armário atrás dele começa a balançar. O armário tomba e quase cai em cima dele. Eu me escondo atrás do móvel quando ele consegue ficar em pé. Uma corrente de rastreadores corta a escuridão. Ele corre, sua arma debaixo das axilas. Disparos cruzam a sala e acertam o armário, que joga lascas de madeira para todos os lados. De repente, eu sinto uma dor aguda no cotovelo. Fui atingido? Isto é uma bala ou uma lasca de madeira? Meu coração é um beija-flor. Não consigo focar. Nem consigo pensar. O instinto toma conta. A sala é uma confusão de escuridão e rastreadores vermelhos. Eu vejo o inimigo. Quieto. Quieto. Aperto o gatilho. A bala o atinge na perna. Atiro de novo e não sei se o acertei. Acho que sim, mas ele continua. Alcança a porta, gira e dispara de novo acima da minha cabeça. Eu me escondo atrás do armário novamente.

Então ele some. Passos pesados ecoam pela casa. Ele está correndo escada acima. Eu o ouço gritando algo enquanto corre. Estou paralisado de terror. Será que ele acabou de chamar ajuda? Há mais insurgentes aqui? Não tenho idéia de quantos inimigos estou enfrentando. Meu cotovelo dói. Tenho medo de olhar. Tenho medo do que posso encontrar. Como Fitts conseguiu lidar com o fato de ser atingido? Se eu fui atingido, não há nada que eu possa fazer agora. A dor não é severa.

Você sabe que vai morrer aqui de uma forma horrível, né? Essa dor é apenas um aquecimento.

uma voz em minha mente está me insultando. Por um minuto eu fico pasmo com ela. Quantas balas você consegue agüentar? Quantas antes de você dizer "Acabe com isso. Acabe comigo." Você consegue agüentar o que Fitts agüentou?

223

Tento apagar os pensamentos e focar no momento. Não tenho muita sorte. A escuridão é tão intensa que minha mente me prega peças.

Foque em seu trabalho. Fique vivo. Faulkenburg. Fitts. Lawson. Todos atingidos. Você será o próximo. FOCO! Eu remexo meus bolsos e só tenho um cartucho de munição nova. Em que eu estava pensando, porra? Por que diabos fiz isso? "Ohle! Ohle!", eu grito. Minha voz não parece terrena. Parece que estou chamando de minha própria sepultura.

"Ohle! Preciso de munição!" Não ouço resposta. Espero. A escuridão me enche de medo e o silêncio acompanha minha esperança.

"Sargento Bell?" Meus ombros relaxam de alívio. Alguém virá agora. Fitts, onde você está, cara? Lawson eu preciso de você. Ajudem-me. Estou desesperado por alguma salvação, qualquer uma. Cale a boca e se concentre. Eles ainda estão lá fora e você terá de fazer isto sozinho.

Ouço barulhos pela casa e percebo que alguém se aproxima. Novamente o silêncio não me deixa criar nenhuma expectativa.

"Eu vou matar você e levar sua coleira de cachorro." É uma voz malevolente, acentuada e sem um pingo de medo. Sua segurança lembra o vídeo de Nicholas Berg que assistimos na base há tanto tempo. Eles levaram um tempo para decapitá-lo. Suas vozes também eram seguras e sem medo.

Minha mente conjura uma cena: minha cabeça rachada e alguém livrando-me de minha coleira de cachorro.

Isso nunca vai acontecer. Nunca - vai - acontecer. Esse cara atrás da porta está brincando comigo. Eu não posso vê-lo. Começo a tremer. Eu luto contra, mas não consigo impedir as reações do meu corpo em meio ao terror. Eu posso despedaçar-me completamente ou brincar com ele da mesma forma.

"Ok, escute aqui. Eu sei que você não vai parar com essa merda. La ta quiome."

La ta quiome é o melhor que consigo dizer em árabe para significar "Não resista." O inimigo atrás da porta cospe alguma maldição em sua própria língua. As vezes parece árabe e às vezes parece outra coisa totalmente diferente. Será que aquilo é farsi? Será que estou lutando com iranianos aqui? "A mamãe nunca vai achar o seu corpo." Suas palavras são uma navalha para o meu autocontrole. Meu corpo inteiro

treme violentamente. Meu estômago remexe. Estou beirando a histeria. "Vou lhe dar mais uma chance ou vou matá-lo. Vá se foder!" Eu pareço um adolescente cuja voz acaba de esganiçar. O homem atrás da porta diz algo e eu só entendo "farajah", que significa "malvado". Errado. Quem é o malvado aqui, seu filho da puta? "Está com medo de mim, veado? Sua puta sem Deus. La ta quiome Amerki mooshot wahed". Não resista à Primeira Infantaria Americana. Tento mais uma vez recitar o melhor que consegui aprender do meu manual Sobrevivendo em Árabe, que recebemos na Alemanha. "Nah noo Amreekee oon". Man al massol? Somos americanos. Quem está no comando? Uma voz sussurra calmamente de perto da cozinha "Allah. Al hum da Allah". Imediatamente reconheço isso como sendo "Deus, abençoado Deus." Frustrado eu grito em resposta: "La ta khaf, mujahideen. Al hum da allah." Não tenha medo, mujahideen. Deus é abençoado. Minhas palavras não o intimidam, na verdade apenas o encorajam. "Vou cortar sua cabeça fora." Seu inglês com sotaque é tão frio e calculado que ele deve achar que está com superioridade sobre mim. Acha que está no controle. Ele fala mais algumas palavras em sua língua nativa. Elas são baixas e medidas. Mas ainda não parece ser árabe. Acho que estou alucinando. Será que pirei completamente? Percebo movimentos. Tento usar meu visor noturno mais uma vez e agora ele funciona. Posso ver os contornos esverdeados de um ombro

e um braço de um homem na porta se inclinando para tentar me enxergar. Ele me deu um ombro.

Grande erro. Outra dose de adrenalina é descarregada em meu corpo. Eu o tenho. Meu laser infravermelho lança uma linha branca diretamente em seu ombro. Aperto o gatilho. Seu ombro explode. Ele

se agita e cai no chão. Ele devia estar em pé no último degrau se apoiando no ombro. Agora escorregou e é meu.

Eu disparo mais contra o inimigo. Ele tenta atirar em mim e acho que ele foi atingido. No caos, não consigo dizer se ele foi atingido, mas consigo dizer quem ele é. Este é o homem que estava debaixo das escadas e correra para a cozinha quando a luta começou. Reconheço sua camiseta colada e sua barba bem feita.

Eu achava que já tinha acertado você duas vezes. Mas que inferno! Ele cai no chão, atingido no ombro, no peito e no estômago. Ele tem de estar morto, agora, certo? Não consigo dizer se ele está se movendo ou não. Então ouço outro gemido de dentro da casa. Desta vez é como se alguém estivesse perto da morte.

Eu me abaixo atrás do armário para pensar. E agora? O que você vai fazer? I Pego minha última munição cheia. Sempre recarregue suas coisas. As palavras do sargento-major Darrin Bohn ecoam em minha cabeça de novo.

Ele é nosso sargento-major comandante, agora que Faulkenburg está' morto.

Faulkenburg. Só de pensar nele sinto uma onda de raiva. Ele está morto, porra. Use isto. Use a raiva e a indignação. Use para matar estes caras.

Eu não vou deixar esta casa, não até que tudo esteja acabado. Imagens da minha esposa e do meu filho aparecem em minha mente.

E Halloween e meu filho está vestido com um uniforme camuflado em miniatura. O meu nome está escrito no peito. Deanna o está aprontando para pedir doces. Ela é tão linda - lábios carnudos,

cabelos castanhos na altura dos ombros e aqueles olhos verdes que sempre me devastaram. Eles ficarão tão tristes quando as equipes de contato baterem à sua porta. Não, porra. Não. Não posso pensar neles. Perderei meus sentidos e assim nunca poderei voltar para minha família. Penso em Faulkenburg e então imagino seu corpo no meio da rua. Penso em Rosales, Sprayberry, Garyantes, Prewitt e Vandayburg, todos os homens que perdemos. A raiva ferve. Isso mesmo. Use. Alimente-se. Use a raiva. É seu combustível. Use-a. Eu inspiro profundamente e me sinto seguro. Sei que não tenho muito a perder, mas não vou desistir. Não posso.

Levanto detrás do armário. A escuridão é total. Deanna. Evan. Perdão. Não posso deixar esta luta. É isso que eu sou. Um guerreiro. É meu pacto de sangue. Se eu virar as costas para isto novamente, serei um bosta e não posso agüentar isso.

Consigo chegar até a porta e nenhum dos corpos está lá. Estudo o chão. Rastros de sangue vão até a escadaria. Parece que um deles, ou os dois, conseguiu rastejar até a cozinha.

Será que vou até lá acabar com eles e enfrento a ameaça de encontrar alguém nas escadas novamente? Posso ser atingido nas costas ao entrar na cozinha. Ou subo as escadas e enfrento um bandoleiro usando um Boogeyman do armário? Ele está em algum lugar lá em

cima esperando que eu faça justamente isto. Ou eu saio, pego o restante do esquadrão e faço a coisa certa. Não! Eu trouxe esta situação para mim mesmo. Tenho que terminar. Lawson está ferido, porque eu não terminei isso da primeira vez. Não arriscarei outro homem. Foda-se. Passo pela porta em direção às escadas. Retiro meu atual cartucho do M16 e enfio-o no bolso. Procuro pelo último cartucho novo e carrego. O encaixe produz um som metálico. Eu tenho 29 rounds no cartucho e um no cano. Começo a subir as escadas. Não há como voltar agora. A imagem do meu filho vestindo aquela fantasia cruza minha

mente de novo. Ouço sua pequena voz em minha cabeça. Lembr última coisa que ele me disse ao telefone antes que partíssemos Fallujah.

"Eu vou salvar você, papai." Perdão, meu camarada. Eu te amo. Sinto muito.

CAPÍTULO VINTE

A última carícia

Uma alma desolada, com a esperança roubada, sobe as escadas. Nada resta em mim; sinto o vazio como um peso no peito.

Dou outro passo e paro. Não ouço nada além do meu coração e do fluxo de sangue em meus ouvidos. Talvez ele não esteja esperando por mim. Talvez a casa esteja evacuada.

Dou mais um passo e paro. De repente percebo os sons de fora da casa. Ouço tiros e vozes numa grande confusão.

Acho que Fitts está disparando sua arma. Ouço dois disparos. Não tenho idéia de onde ele está agora, nem qual a distância que nos separa.

Dou mais um passo. Daqui a dois passos chegarei à plataforma. Como um animal selvagem, eu cheiro o ar e um odor pungente atinge minhas narinas. É o Boogeyman. Seu fedor permanece no ar. Ele está perto.

Dou outro passo com meu pé direito e escorrego numa poça de sangue. Minha cabeça pende e luto para manter o equilíbrio. Um disparo passa perto da minha cabeça. Vejo o vulto do Boogeyman na escada e seu rifle apontado para mim. Sinto a bala chiar logo acima do meu Kevlar. Meus dentes estão rangendo.

Buum! Nesses confinamentos a explosão é perturbadora. Meus ouvidos zunem. Fumaça ferve na sala. Ouço um grito e depois um gemido.

Eu o peguei. Ele está deitado no chão, um pedaço de carne foi arrancado do seu braço direito.

Estou prestes a atirar para matá-lo quando sinto o cheiro de propano. Eu paro e olho em volta da sala procurando a fonte. Em um canto, uma pilha de sacos de dormir está chamuscando. Uma fumaça preta oleosa está subindo dos sacos. Logo a sala estará cheia de fumaça.

Dois tanques de propano descansam aos meus pés. Vários deles estão alinhados na parede. A sala toda não passa de uma bomba gigantesca.

Não posso arriscar disparar meu M16 porque ele pode acionar a combustão do propano.

O insurgente ferido se mexe. Ele está deitado de costas, mas ainda segura sua AK.

Dou um passo para trás e acerto o cano do meu rifle na cabeça dele. Ele grunhe e de repente balança sua AK para cima. O cano dela se choca contra meu queixo e sinto um dente quebrar. Eu me esquivo, mas antes que possa fazer qualquer coisa, sua arma acerta meu nariz. Sinto gosto de sangue. Eu me afasto e seguro meu M16 como um bastão de basebol. Então dou um passo para trás e desço minha arma com todas as minhas forças. Giro meu M16 para acertá-lo de novo,

pensando ser esse o último golpe, quando suas pernas arqueiam e acertam minha virilha.

Eu salto para trás, morrendo de dor. Estou furioso. Percebo que deixei cair meu rifle. Não consigo ver onde ele caiu. A fumaça está ficando mais espessa e meus olhos começam a queimar.

Eu pulo até meu inimigo, e, antes que ele possa responder, atiro-me sobre seu peito. Um sopro de ar sai de sua boca. Tirei seu fôlego. Minha armadura se rasga e abre. Com minha mão direita, seguro os cabelos do insurgente e golpeio sua cabeça para frente, batendo o queixo dele contra meu peito. Agora ele está imobilizado. Tudo que tenho a fazer é acabar com ele.

232

Eu o espanco com a placa do lado de dentro da minha armadura. Afundo seu rosto contra ela várias vezes até espirrar rios de sangue para dentro da minha camiseta. Ele chuta e grita. Cada grito é cortado por outro golpe na placa. O inimigo luta embaixo de mim. Um braço dele se solta e afunda os dedos em meu rosto. Bato sua cabeça contra a placa com mais força. Ele geme e uiva, mas não se submete. Alguém responde para ele em árabe. A voz vem do telhado acima de nós. Ah, meu Deus. Estou de costas para a porta. Não sei onde está minha arma e há mais alguém descendo. "Cala a boca, porra!" Eu golpeio seu rosto mais uma vez. Sangue escorre pela minha mão e seu cabelo escorrega. Sua cabeça bate contra o chão. Seus pulsos me acertam. Meu corpo balança com os socos. Ele acerta meu queixo machucado e a dor quase me cega. Cuspo sangue pela boca e grito com ele. Nós dois parecemos dois cães de briga num ringe de morte. Nós somos. Ele me acerta de novo e quase caio em cima dele. Preciso

acalmálo logo e dou-lhe um soco no rosto. Então me lembro do meu capacete. Ainda estou com meu capacete. Arranco meu Kevlar da cabeça e meu visor noturno voa pela sala. Eu não preciso dele mesmo. Com ambas as mãos, viro o capacete e racho seu rosto com ele. O insurgente se contorce de dor. Levanto o capacete de novo, mas ele está virando a cabeça para os lados e não consigo mirar meu próximo golpe. O capacete raspa seu ombro e acerta o chão. Posso ver que ele é mais velho que os outros da casa. Tem cabelos grisalhos e rugas no rosto. "Esqut! Esqut! Esqut!" Estou histérico tentando dizer para ele calar a boca em árabe.

Ele grita mais alto e eu ouço passos no telhado. Não tenho muito tempo.

O Kevlar desce mais uma vez e eu o acerto. É um golpe certeiro em sua face. Sangue espirra em nós dois. Estamos encharcados. Ele agarra meu cabelo e tenta me dar outro soco. Bato mais uma vez em seu rosto com o capacete.

233

"Terra era me!" Isso é meu péssimo árabe querendo dizer: "Pare ou eu atiro!" Não sei ao certo o que pretendo com isso. Ele me arranha. Meu cotovelo queima. Minha boca e nariz jorram sangue. Minha voz não é mais humana. Nem a dele. Tornamo-nos animais e somente nossos instintos de sobrevivência fazem com que continuemos. Eu pressiono minha mão sangrando contra sua boca e por um momento consigo abafar seus gritos por socorro. "Es teslem! Es teslem! Es teslem!" Estou quase chorando agora pedindo para que ele se renda em árabe. Ele se mexe e chuta. "La ta quiome!" Minha voz está quase no fim. Ele consegue me acertar alguns golpes mas eu mantenho

minha mão sobre sua boca. Ele tenta mexer a cabeça, mas eu a imobilizei. Como uma garra, minha mão direita aperta sua garganta. Eu sinto seu pomo-de-adão em meus punhos. Eu aperto, aperto, aperto. Um grito abafado, ou foi uma súplica? Não sei. Ele bate suas mãos contra mim. Não consigo pressionar o suficiente. Ele ainda é forte, ainda luta apesar de tudo que eu fiz. Não consigo pressionar sua garganta. Não tenho forças. Mas não posso tirar minha mão esquerda da boca dele. Se eu o fizer ele chamará seus amigos do telhado. "Esqut, esqut!", eu cochicho. Ele abre sua boca embaixo da minha mão e por um segundo eu penso que chegamos ao fim. Ele vai se render. Então uma dor aguda corta meu braço. Ele finca os dentes no lado do meu dedo polegar, perto da articulação, e rasga tentando puxar a carne do osso. Sinto uma de suas mãos se movendo embaixo de mim. De repente uma pistola dispara na sala. Um sopro de fumaça rola sobre nós. A bala acerta a parede na minha frente. De onde veio isto? Ele tem uma arma lateral? Continuamos lutando. Estamos partilhando uma questão de sobrevivência: qual de nós dois tem a maior vontade de viver?

234

Eu arranco seu olho esquerdo com meu dedo direito. Estou surpreso por ter descoberto que o olho humano não é uma bolota dura, mas sim macia. Tento com todas as forças fincar meu dedo o mais fundo possível. Ele geme como uma criança. Aquilo me irrita e e fico sem estômago para esse truque sujo. Retiro meu dedo. Algo metálico acerta o chão de concreto. É a mesma bala de canhão que quase arrancara minha cabeça. Seu interesse em tentar agarrá-la abre uma janela de oportunidades para mim. Sinto que minhas forças estão acabando. Ele me chuta, atirando todo seu corpo contra o meu. Preciso acabar com isso, mas não sei como. "Renda-se!" Sou ignorado. Ele luta e posso ver está encorajado. Está prestes a se livrar de mim. Eu engasgo. Minha boca está cheia de sangue e não sei de

quem. Ambos estamos ensopados com sangue; estamos sangrando um em cima do outro. Sinto gosto de bile no sangue. Meu corpo está no limite. Não sei o que fazer. Alguém grita em árabe. Acho que ouço algo como: "Você está bem?" e "Deus". O homem debaixo de mim tenta responder, mas eu o impeço com outro soco no rosto. Ele tenta se livrar e o sangue continua escorrendo de sua face e respingando na minha. Meu aperto contra ele se afrouxa. Mais um empurrão e estará livre. De repente eu me lembro da noite na abertura, quando Santos e Stuckert foram pegos no meio dos fios. Eu havia usado minha faca Gerber para soltá-los e, ao acabar, pendurei-a em meu cinto. E acabara de usar a faca para espetar aquele homem morto na rua. Meu cinto. Eu tenho uma faca presa nele. Eu sento, colocando meu peso contra o corpo do inimigo. Lentamente, fico em pé. Minhas pernas afastadas, meu centro de gravidade baixo. Pego meu cinto no momento em que o insurgente vem para cima de mim. Ele golpeia minha virilha com a cabeça. Sinto seus dentes se fincando em mim. Ah, merda. Eu soco sua cabeça, mas ele afunda mais ainda os dentes.

235

Sinto uma agonia cortante e uma dor que achei que nunca agüentaria. Minha consciência ameaça ir embora. Eu luto, mas sou um fraco.

Preciso de um esforço monumental para alcançar a Gerber no meu cinto. Eu a uso como clava. No começo, meus socos são patéticos. Eles acertam sua cabeça e não fazem nada para dissuadi-lo. Estou quase paralisado com a dor. Meu cérebro está sobrecarregado.

Finalmente, de repente, eu me torno um louco. Meu braço sobe acima da minha cabeça e então desce com todas as forças que ainda me

restam. O cabo da Gerber martela a cabeça do meu inimigo. Pasmo, ele cai no chão.

Sinto um líquido quente escorrendo da minha virilha até minhas pernas, mas não posso pensar nisso agora. Eu destravo o cinto e a faca se solta. A lâmina trava em sua posição.

Eu me lanço sobre o inimigo. Meu corpo se choca contra o dele e finco a faca em sua clavícula. Meu primeiro golpe atinge a carne. Minha mão escorrega pelo cabo até a lâmina, tirando uma fatia do meu dedo mindinho. Agarro o cabo novamente e aperto com força. A lâmina afunda no homem que geme de terror e dor.

Finalmente a lâmina afunda até o cabo. Eu empurro e golpeio, com a esperança de afundar a faca em sua clavícula e romper uma artéria de seu pescoço. Ele luta, mas percebo que está enfraquecendo. Lanço-me contra ele colocando todo o meu peso sobre o cabo. Estamos queixo a queixo agora e sua respiração esquenta minha face. Seu rosto está coberto por cortes e arranhões. Seus dentes estão quebrados. Lembro-me dos cães que vi no dia anterior. A faca finalmente acerta uma artéria. Ambos ouvimos um líquido suave espirrando. O insurgente tenta olhar para baixo, mas eu o imobilizei com o peso do meu corpo. Ele não consegue se mexer.

Estou banhado de calor do pescoço ao peito. Não posso ver, mas sei que é seu sangue. Seu único olho perde o brilho. Sua mão direita agarra um tufo do meu cabelo. Ele puxa e empurra tentando levantar sua outra mão, mas está fraco.

"Apenas pare! Pare... Apenas pare! Rajahan hudna", eu imploro. Por favor, trégua. Ambos sabemos que é uma questão de tempo.

236

Mantenho meu peso sobre ele e empurro contra o ferimento. Seu olhar apenas mostra medo agora. Ele sabe que vai morrer. Seu rosto está colado no meu e vejo que me olha por um segundo. No final ele diz: "Por favor...". "Renda-se!" Eu digo, quase chorando. "Não...", ele consegue dizer com voz fraca. Sua expressão torna-se calma. Sua mão direita escorrega do meu cabelo. Fica no ar por um momento, então num último espasmo de força, ele a encosta em minha bochecha. A mão fica ali, enquanto eu o encaro, ele acaricia meu rosto. Sua mão desce gentilmente da minha bochecha até minha mandíbula, para finalmente cair no chão. Ele dá um último suspiro e seu olho se escurece, ainda olhando para mim.

237

CAPÍTULO VINTE E UM

Um cigarro numa hora arriscada

Lágrimas embaçam minha visão. Mal posso vê-lo agora, mas ele parece em paz. Por que ele me tocou daquele jeito no final? Estava me perdoando. Ele era o homem do armário. Seu sangue está pegajoso em minha pele. Perdeu o calor e logo estou tremendo

quando ele seca. Todas as partes do meu corpo estão doendo. Minha virilha é o pior. É quase insuportável e por um momento eu não faço nada além de ficar deitado lá, me segurando, tremendo incontrolavelmente. O carma é uma porra. Isto foi o que recebi por ter rido de Pratt. Esta é minha recompensa por todas aquelas piadas.

Eu não sei qual a situação do ferimento e não quero saber. Tudo que sei é que se os homens descobrirem, terei me tornado motivo de riso para todo o Exército. Serei para sempre conhecido como o oficial que teve seu pau mordido por um bandido. O John Wayne Bobbit da infantaria. Merda. Tento limpar as lágrimas dos meus olhos, mas só consigo enfiar mais sangue dentro deles. Eles queimam e estou quase cego. Tento limpar meu rosto com um pedaço da camiseta em cima da manga, mas tudo está encharcado com sangue. Não há como voltar a enxergar.

238

Coloco a mão dentro das minhas calças. Sinto um ferimento rasgado. Então outro. Duas fortes marcas de dentes, mas estou intacto. Solto um longo suspiro de alívio. Não é tão ruim como poderia ter sido.

Um homem desesperado, lutando por sua vida, fará qualquer coisa para sobreviver. Nunca esqueça disso. Limpo meus olhos mais uma vez. Dessa vez consigo limpar um deles. Já é o suficiente. Olho em volta da sala. O homem que matei está deitado ao meu lado. Perto de uma das mãos está sua AK. Meu M16 está ali também. Pego o rifle e uso seu cano como muleta. Meu estômago se revira e acho que vou vomitar. Abaixo minha cabeça e respiro lentamente até que a náusea passe. Fico em pé. Fora da casa, ouço uma confusão. Não sei o que acontece e o barulho não me dá pista alguma. Seria o meu pelotão?

Eu me arrasto até a porta. Estou tonto. Um zumbi: vivo, mas quase não funcionando. O que eu pensava que era um hall, na verdade é um vestíbulo e no fim dele, há outra porta que eu não havia notado quando subi as escadas pela primeira vez. E agora? Será que abro aquela porta e evacuo o resto do andar? Não tenho mais nada sobrando. Não vou fazer isso. Enquanto permaneço lá, exausto demais para me mexer, ouço um barulho acima da minha cabeça. Olho para cima bem a tempo de ver um homem de uniforme militar verde pular para baixo e quase cair em cima de mim. Era ele que chamava por seus amigos. Estou tão assustado que escorrego e caio de bunda no chão. O insurgente também está surpreso. Ele cai no chão do pátio e derruba sua AK. Eu levanto meu M16 no momento em que ele procura por seu rifle. Ele se vira para fugir através de uma parede que passa pelo jardim de palmeiras. Acerto dois tiros em suas costas.

Minha arma trava. Estou sem munição. Ele não faz som algum, mas começa a se levantar. Não tenho condições de entrar noutra luta corpo a corpo, não terei forças. Volto para a sala e tento pegar a AK do homem. Está armada para disparo automático. Eu a giro e aperto o gatilho enquanto retorno ao hall. Ela dispara uma salva curta e fica

em silêncio. Estou sem munição. A menos de dois metros de distância, não consegui acertá-lo. Lembro que ainda tenho alguns cartuchos pela metade sobrando em meus bolsos. Eu rolo de volta para a sala esfumaçada onde está o insurgente morto e troco o cartucho da arma. Dois passos rápidos e viro o rosto para o telhado.

O insurgente vai até a extremidade de um pátio com um tanque de água amarelo. Ele está arrastando sua AK pela faixa. Está sem equilíbrio e posso dizer que está seriamente ferido. Parece que está prestes a pular do telhado. Noto uma poça de sangue perto dele.

Descarrego minha munição contra ele. Aperto o gatilho sem parar até que a arma trave, quando a munição acaba. Mesmo assim, não consigo parar. O insurgente, rasgado e sagrando, se inclina e cai de cara no chão. O cano do meu M16 solta uma fumaça azul-cinzenta. Fico em pé no telhado vendo a fumaça se dissipar no ar da noite.

Lentamente vou até a extremidade do telhado e olho para baixo. Há uma marca na vegetação onde o insurgente caiu. Posso ver seus tênis no escuro dobrados grotescamente acima de sua cabeça. Disparos de uma SAW arrancam pedaços das árvores que o cercam. Suas pernas caem no chão. Deve ter sido Ohle ou Maxfield. Aquilo deve tê-lo matado. Se não, o matamos mais tarde. Eu me viro e manco para a porta do vestíbulo. Ouço uma pistola 9 mm seguida por um M4. Fitts e Lawson. Misa e Hall. Eles estão no andar de baixo agora. Não quero ficar exposto no aberto. Se fosse eu, atiraria em qualquer coisa que não tivesse um capacete, especialmente na sombra.

Sento-me no canto, longe da escadaria. Puxo um Marlboro vermelho. Meus lábios estão distendidos e inchados. Eu não me importo. Acendo o cigarro e dou uma longa tragada, olhando para o sangue seco debaixo das minhas unhas. Estico meu braço e arranco um pedaço de madeira do armário, nada mais que uma lasca avantajada, de dentro do meu cotovelo.

Que merda de dia.

Passos pesados. Alguém está na escada. Dou outra tragada e solto a fumaça, que permanece no ar.

Sinto como se tivesse uma infecção na garganta.

"Ei." "Sargento Bell, sargento Bell, onde você está?" É Lawson. "Aqui em cima", eu me esforço para dizer. "Sargento Bell, você está bem? Por que não ficou no andar de baixo? Você está bem, cara?"

"Sim, estou bem. Estou bem." É uma mentira. Pergunto-me se algum dia voltarei a ficar bem.

241

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Espremidos nos sacos de dormir

Tarde, 17 de novembro, 2004 Trevo rodoviário ao leste de Fallujah

Sete dias depois, emergimos da Batalha de Fallujah completamente encardidos e fedidos. Somos menos que humanos, apenas contornos

rasgados do que um dia já fomos. Dez dias de combate constante de casa em casa, sem banho, sem repouso. Aqui no trevo rodoviário somos anomalias perto dos uniformes limpos e asseados que o coronel David Hackworth uma vez chamou de PER - Putos do Escalão de Retaguarda. Nossos uniformes estão cobertos de sangue seco, sujeira, pó de concreto e manchas de fumaça. Todos nós temos rastros marrons de diarréia cruzando nossas calças até as costas. Estamos tão doentes que alguns de nós mal conseguem caminhar. Não fazemos a barba desde o dia 8 de novembro. Parecemos náufragos molhados com bigodes e olhos avermelhados de aparência selvagem. Fitts é o mais peludo; ele parece o Grizzly Adams sem banho e cheio de sangue espirrado.

242

Ao descermos de nossos Bradleys, cada passo é um desafio. Você não quer tombar na frente de todos esses PER, quer?

Nossos estômagos estão revirados. Nossas bundas, assadas. Temos sulcos e cortes, arranhões e machucados, uns sobre os outros. Nossos rostos são uma confusão inchada. Temos infecções em todos os lugares e pus para indicá-las. Estamos acabados. O primeiro-sargento Peter Smith da Companhia Alpha conseguiu comida quente para nós. Temos desejado ardentemente uma boa refeição. Nem sequer nos importamos com o gosto. Nossa última refeição decente foi no dia 11 e precisamos encher nossas barrigas. Nossos estômagos giram e roncam. Estamos simultaneamente famintos e enjoados e, mesmo sabendo que qualquer coisa que comermos apenas alimentará nossa diarréia, não nos importamos. Vamos para a área de alimentação. Os últimos dias foram brutais para nós. Nosso oficial executivo, o tenente Edward Iwan, está morto. Um foguete quase o partiu ao meio quando ele se abaixava em sua torre no Brad para entregar o equipamento de

um dos repórteres. No início ele havia dado um jeito de se agarrar à vida. O primeiro-sargento Peter Smith, o sargento Eric Dove e o tenente-coronel Newell ajudaram a resgatá-lo para uma de nossas unidades de socorro, onde a cirurgiã-major Lisa DeWitt pessoalmente o levou para o hospital da Marinha, na base em Fallujah. Ao chegar lá, os cirurgiões disseram que aquele tipo de ferimento era sempre fatal. Ela implorou até que eles concordassem em vê-lo. Embora seus órgãos vitais tenham sido esmagados e seus intestinos dilacerados, Iwan ainda tinha pulso. Aquilo chocou os médicos da Marinha, que rapidamente o levaram para cirurgia e lutaram freneticamente durante 45 minutos para salvá-lo. A força de vontade do tenente Iwan manteve seu coração batendo por muito tempo, mas no fim não houve esperanças. Nosso amado oficial morreu na mesa de operação.

Mesmo que Iwan tenha morrido, o poder de fogo da sua equipe de Bradley foi necessitado, desesperadamente, para o que rapidamente se tornara uma batalha de explosão total, depois que eles saíram em 12 de novembro. O sargento Tyler Colly, atirador de Iwan, estava muito perto quando a horrível cena se desvelou na frente dele. Ele foi o primeiro a

prestar socorro ao nosso oficial e agora havia se responsabilizado pela difícil tarefa de limpar o resultado repulsivo do lado de dentro da torre. Colly estava se preparando para fazer isso quando um braço lhe puxou detrás do Bradley. Alguém atirou água e sabão no Bradley. O capelão Ric Brown colocou o balde no chão e olhou para os olhos de Colly. "Vamos lá, sargento. Você já tem coisa demais para se preocupar. Pode voltar lá para trás. Deixe que eu faço isso por você", disse ele a Colly.

Pelos 30 minutos seguintes, o motorista de Iwan, soldado Matthew Carswell, e Tyler Colly refletiram sobre o que havia acabado de acontecer e sobre o que ainda estava por vir. À distância, eles podiam ouvir o barulho familiar da batalha e uma esfregação perto deles, no interior do veículo, enquanto o capelão Brown escolhera a pior das tarefas para si mesmo, para que os jovens homens pudessem focar na missão seguinte. Ric Brown, o único semblante de decência numa cidade cercada pela miséria. Agora o capelão Brown caminha para conversar com Colly e o restante da equipe, quando eles estacionam perto do resto da área da Companhia A, enquanto esperam para comer. Esse refeitório é apenas uma grande área aberta de deserto perto do trevo rodoviário. Os PER fazem fila, felizes, fofocando e rindo. Seus uniformes estão meticulosamente limpos. Olhamos com ódio enquanto eles comem as refeições que foram, preparadas para nós. Nenhum de nós tem forças para protestar. Morosamente, nos acomodamos na poeira. Eu deito de costas ao lado de Ruiz, que perdeu uma orelha por causa de um AT4 que ele disparara dias atrás. Duvido que consiga recuperá-la. Ele tira suas botas imundas. Suas meias radiam um fedor que deveria ser banido das Regras da Guerra em Campo. Ele as retira e as joga para longe. Seus pés estão pretos e pontilhados com inchaços vermelhos. Um fluido amarelo-alaranjado escorre debaixo dos seus dedos. Não tivemos chance de tirar nossas botas por vários dias. Algumas noites atrás, nós havíamos acabado de cair no sono quando Misa começara a gritar do lado de fora do nosso prédio de comando, quebrando o silêncio da noite num inglês mal falado: "Coloque seu capacete, cara. Seu capacete!".

244

Quando Fitts estava prestes a fazê-lo calar a boca, tiros de AK foram disparados por todos os lugares da sala onde estávamos. Misa responde exageradamente com a metralhadora Bravo 240. Quatro insurgentes vestindo camisetas de uniforme americano e calças jeans

azuis se juntaram na parede em volta da casa. Eles atacaram o pátio disparando suas armas. Misa rapidamente acabou com um deles. Os outros pararam e fugiram para a rua onde o sargento de primeira classe Matthew Phelp cortou-os com a metralhadora de seu tanque. O incidente despertara nossa necessidade de atenção constante, mesmo quando tínhamos alguns minutos para dormir. Isso significava dormir com nossas botas, não importando que danos nossos pés poderiam sofrer com isso. Comida quente é pedir demais, não é? Fomos forçados a valorizar as necessidades básicas da vida como luxo. Esses PER não entendem. Ninguém que não tenha passado por tudo isso entenderia. A distância entre aqueles que lutam e aqueles que apóiam nunca havia sido tão grande. O sargento de primeira classe Cantrell acelera em sua missão de baixar o inferno sobre a comida. Nesses últimos sete dias, Cantrell havia lutado com fúria. Eu o respeito agora como nunca havia feito antes. Ele pode gritar e berrar durante um combate, mas provou que fará qualquer coisa por nós quando a merda acontecer. Na manhã seguinte à luta que tive dentro da casa, ao enfrentarmos outra posição, desta vez num complexo de fábricas, meu esquadrão permaneceu no telhado da garagem sob fogo pesado. Cantrell apareceu para nos salvar usando seu Bradley como um bate-estaca, quebrando as paredes de fora da fábrica. Ele dirigiu até o coração do complexo e destruiu o prédio e, se não fosse por ele, deveríamos ter enfrentado em combate corpo-a-corpo. Ele disparou sua arma e os insurgentes queimaram vivos dentro da casa. Permanecemos lá e ouvimos tudo até que as chamas finalmente nos guiaram para o telhado. Agora, enquanto Cantrell procura alguém com quem ele possa gritar sobre nossa comida, um de nossos homens se retira e em parte corre, em parte se contorce, agachando-se atrás de um Bradley para liberar uma poça de diarréia, pegajosa de sangue e muco, perto de nós.

Estou muito exausto para me afastar. Estive cagando desse jeito durante dias. Começara depois da luta na casa no dia 10. Minha virilha queimou por causa dos ferimentos e eu alternei entre cobrir os ferimentos com Neosporin e limpar minha bunda com rasgos de minha camiseta. Finalmente, desesperado para parar com o vazamento, rasguei outro pedaço da camiseta e o enfiei em meu ânus.

Às vezes a diarréia nos deixava tão desidratados que Doc Abernathy nos dava todo tipo de remédios para tentar fazer parar, mas nada adiantava.

Doc está do outro lado com Ruiz agora. Ele olha em volta e nos recorda: "Lembrem-se de lavar as mãos antes de comer". Pra que diabos? Será que conseguimos ficar ainda mais doentes? Doc também provara sua importância para mim nos últimos dias. No dia 12, os insurgentes quase nos aniquilaram numa luta de seis horas. J. C. Matteson morreu quando uma RPG acertou-o na portinhola do Humvee. Pouco antes, o tenente Iwan havia morrido. Nosso pelotão havia decidido tomar uma casa maior e chegar até o segundo andar. Quando chegamos lá, descobrimos que muitas das paredes exteriores haviam sido explodidas. Ficamos expostos em todas as direções e os insurgentes rapidamente tiraram vantagem da nossa situação. Lutamos com todas as armas para combater o fogo que vinha de todas as direções.

Doc teve muito trabalho médico para fazer naquele dia. Tristan Maxfield havia acabado de atingir urn insurgente quando quase teve seu pé e tornozelo arrancados por uma RPG. John Ruiz correu para o lado de Maxfield, protegendo-o contra as balas que voavam por todo o local. Segundos depois, Doc tratou Maxfield. Ele sempre se expunha ao fogo cruzado enquanto estava trabalhando. Maxfield ignorou a dor e o fato de que alguns muçulmanos estúpidos haviam mudado sua vida

para sempre. Tudo que ele disse foi: "Doc, role-me para cima. Role-me contra meu estômago!".

Impressionado, Doc ajudou Maxfield a se levantar e este continuou disparando tiros na batalha, mesmo quando Doc Abernathy suturava seus pontos. Estes homens parecem caras comuns. Em 12 de novembro, eu

vi a grandeza de seus espíritos. Eles abraçaram o desafio e lutaram sem egoísmo. Apesar do terror daquelas longas horas, presos naquele prédio, eu nunca havia me sentido tão próximo de um grupo de seres humanos. Permanecemos juntos e brilhamos. Agora, que ainda estou ponderando a sugestão educada de Doc para lavar as mãos, um sargento que eu nunca havia visto antes aparece em nosso pelotão. Ele tem muitas coisas penduradas no uniforme. Ergue a mão e acena para nós. Vejo que está usando uma luva Nomex cujos dedos ficam descobertos. Suas unhas estão limpas.

Ficarei impressionado se este monte de merda disparou alguma arma desde o acampamento. Um visor avançado de combate está em cima do seu M4. Poderíamos ter usado mais destes, especialmente durante nossa batalha no segundo andar do prédio em ruínas do dia 12. Ele nos olha através de óculos Wiley X novinhos em folha; o santo graal dos equipamentos de combate. Seu rosto se enruga de nojo quando sente um pouco do nosso fedor. "Quem é esse? Billy Kid do caralho?" "Que unidade é esta?", ele pergunta sem educação. Ninguém responde e isso o deixa nervoso. "Soldado!", ele grita para mim. "Que roupa é essa?" Ele parece metido a durão. "Perdão?" "A roupa que você está usando?" "Roupa de sargento, rapaz." Ele ignora. "Que

unidade é esta?" Estou pronto para estapeá-lo até que ele grite. Ao invés disso, o tenente Meno observa a situação e diz: "Sargento, aqui é 2-2 Alpha". Nosso líder de pelotão fala com um macho agora, o que ele realmente é, depois da batalha no segundo andar. Meno matou muito mais do que sua cota nesse dia. A divisão entre tenentes e sargentos é quase impenetrável, mas não para Meno.

Ele é um de nós. Um irmão. Billy The Kid se recusa a saltar fora. Fitts senta e exige: "Fala bundão, você precisa do quê?"

247

"O general Batiste está vindo. Perigo Seis quer agradecer a cada um de vocês pessoalmente pelo que fizeram." Incrível. Alguém, por favor, corte minha cara para que eu tenha uma cicatriz em memória a esse dia.

Ele espera por nossa reação. Comemorações? Ninguém esboça nada. Nós só queremos comida e algumas horas de sono. Nossas vidas se resumiram a essas duas necessidades. Qualquer coisa além disso é simplesmente inútil.

Knapp fala em seguida: "Se o Perigo Seis trouxer tacos mexicanos, eu carrego ele nas costas como se tivéssemos vencido o Super Bowl". Todos caímos na gargalhada. Nosso visitante não está surpreso.

Billy The Kid tenta novamente. Ele dá alguns passos relutantes em direção a nós. "Perigo Seis está vindo. Vocês precisam se limpar para

recebê-lo." Isso significa que eu preciso colocar uma nova tira de pano da camiseta dentro do meu cu?

Ignoramos nosso visitante enquanto a brisa sopra um fresco cheiro de vômito sobre nós.

Ruiz começa a cuidar de seus pés destroçados. Eu tenho merda em um lado do corpo e vômito no outro. E nosso general quer vir falar conosco. Não posso mais com isso. Fecho os olhos e me recosto no sol da manhã. Os PER fumam e brincam enquanto comem nossa comida. Parece que estão falando sobre um jogo de basquete da NBA.

Uma figura bloqueia meu sol. Abro meus olhos e vejo a silhueta de um homem. Não consigo ver quem é.

"Que foi?"

O homem se abaixa para olhar para mim. Vejo que é um major. "Perigo Seis está na AO (área de operação)", diz ele dramaticamente. Noto que sua insígnia fica na frente do seu capacete intocado. Ele também tem a clássica marca dos PER: não há visor noturno acoplado em seu Kevlar.

"Vocês precisam se levantar e se barbear. O pessoal da revista Army Times está com ele e também o pessoal da Stars and Stripes."

Olhamos para ele como se fosse um marciano. Ele nota nossa reação e decide ralhar conosco: "Eu sei que vocês estiveram na selva, mas todos nós estamos no Exército e precisamos manter os padrões, não é?".

Ninguém responde. Na selva? Esse idiota pensa que estamos no Vietnã? O major abre a boca para dizer algo, mas Fitts o corta. "Que merda é essa? Você está brincando, porra?" Estou tão mal e ouço com tanta dificuldade que não sei se ele está falando comigo ou com o resto do pelotão. Eu me sento e olho ao redor, tentando conter minha fúria.

Então eu o vejo. Cem metros longe de nós está o sargento Lockwald, nosso guitarrista e engenheiro, falando com o general Batiste. Parece que Lockwald acaba de se barbear. Só pode ser brincadeira. Passamos a noite passada espremidos dentro dos sacos de dormir para que pudéssemos nos esquentar. Agora devemos nos barbear para que o general possa tirar uma foto?

Lockwald não é o mesmo homem que abrira as brechas para nosso ataque. Primeiro, porque o homem que nunca quis tirar a vida de ninguém se encontrava cobrindo uma estrada, quando uma onda de insurgentes passou correndo, a caminho de nossa posição precária no segundo andar. Ele enfrentou uma escolha. Deveria abandonar seus princípios ou deixar que o Terceiro Pelotão fosse surpreendido por 30 insurgentes? Ele destravou seu Ma Deuce e acabou com os inimigos como pinos de boliche. Lockwald aperta as mãos do general Batiste. Eles trocam algumas palavras antes que o general vá falar com outro engenheiro. "Fitts?" "Fala, irmão." "Eles fizeram todos os engenheiros se barbearem." Fitts cospe um chumaço de tabaco no chão. "Eu não agüento essa merda".

Meu estômago está roncando e minha barriga, inchada de gases. Se eu me levantar vou expelir o pedaço de camiseta e será o Monte Santo Anus novamente. Cobrirei minhas botas com um fluxo de lava de fezes.

249

Somos todos gigantescas bombas de germes, pois explodimos periodicamente. Não temos força para fazer nada além de deitar no chão. "Fitts." "Bell." "Tudo que eu quero é um pouco de Imodium ou Pepto ou algo para me desobstruir. Então vou querer um pouco de comida e depois dormir." "Tô contigo." Knapp cospe um chumaço de catarro no chão. Ele está com febre e sua garganta está vermelha. Nosso novo sargento-major caminha até nós. "O que aquele major queria?", ele pergunta. Quando contamos a ele, o sargento-major Bohn nos olha com incredulidade. "Ele não disse aquilo mesmo, disse?" "Sim, ele disse, sargento-major." O primeiro-sargento Smith também ouve a conversa. Ele vem pela área de alimentação xingando em alemão. Sua careca está vermelha. O sargento-major Bohn tenta interceptá-lo, mas o capitão Doug Walter chega primeiro.

Capitão Walter é nosso antigo comandante da Companhia Alpha, e está novamente no comando por causa de outra perda. Certo dia, depois da tomada do segundo andar, o capitão Sims fora para outra quadra e entrara numa casa. Ouvimos tiros. Sims morreu. Ele entrara em uma emboscada preparada. Dois outros também foram atingidos. Joey Seyford levou tiros de AK nos ombros e na perna. Ele manteve-se na luta e levou dois insurgentes consigo. O sargento da Força Aérea Greg Overbay também foi atingido na casa. O sargento Travis Barreto puxou os homens para segurá-los e um de nossos intérpretes, Sammy, acabou atirando em um insurgente durante a rixa. Ao

avaliarem seus feridos, Sammy teve um colapso emocional. Lágrimas corriam pelas bochechas. Sammy havia percebido o que um dos soldados que prestava auxílio estava prestes a perceber. O capitão Sims morrera dentro da casa. Desde o Vietnã uma unidade não perdia tantos líderes em um batalhão. Nossa corrente imediata de comando, com exceção do tenente

Meno, foi perdida para o fogo inimigo. Iwan, Sims e nosso melhor homem alistado, Faulkenburg. O capitão Walter, que estava morando no quarto de Sims em nossa base para proteger suas coisas contra saqueadores, pegou um Blackhawk e voou para Fallujah para assumir a Companhia Alpha. Sims era seu melhor amigo e ele está mais triste do que qualquer outro.

"Fodam-se as fotos! Foda-se o barbear!", eu ouço o primeiro-sargento Smith gritar para o capitão Walter. O sargento-major Bohne está com eles agora. Ele acena cabeça. Smith ainda está lívido: "A única porra que querem é uma merda de comida, senhor. Chega de besteiras. Eles não têm idéia do que estes meninos acabaram de passar." Antes que Doug Walter chegasse para liderar a Companhia A, o primeiro-sargento Peter Smith tornara-se o comandante de ações. Smith tornara-se uma firme presença e trouxe sua companhia de volta para a luta, apenas quinze minutos depois da perda de Sean Sims. O general Batiste está perto, conversando com outro engenheiro. A menos que ele esteja tão surdo quanto nós, não há como não ouvir o que está acontecendo. Ele ignora.

Uau. Isso é incrível. Nosso líder está prestes a romper. Nossa liderança está lutando por nós.

Mas ele perde. Somos ordenados a nos barbear e nos limpar o melhor que pudermos.

Encontro um barbeador e minha barba está tão grossa que parece um pé de amoras. Ele tira chumaços de pêlo. Por enquanto, estou pronto. Abri todos os cortes da minha face. Novos cortes cruzam os antigos. Fico em pé com o restante do pelotão. Nossos rostos estão muito machucados e apesar de normalmente isso não ser um grave problema, aqui em Fallujah estarão infeccionados antes que a manhã chegue. Olho para minha armadura que ainda está manchada de sangue do Boogeyman. Depois que Lawson subiu e me achou no telhado, checamos a casa e retiramos os corpos. Fitts e Lawson, mais tarde, encontraram um sexto insurgente em um cômodo acima, atrás de uma porta que eu ainda não evacuara. Eles atiraram nele através de um buraco na parede. Na cozinha encontramos drogas e auto-injetores do Exército

Americano. Eles estavam cheios de atropina e epinefrina. Os muçulmanos de dentro da casa haviam aplicado a droga direto no coração. Aquilo fez com que lutassem por muito tempo depois de serem atingidos por balas.

Em outro cômodo daquela casa, encontrei uma bolsa com uma insígnia do Hezbollah. Pelo menos alguns dos seis homens eram xiitas e não os sunitas radicais que ficamos conhecendo na província de Anbar, dominada pela al Qaeda. Alguém encontrou documentos de autoridades palestinas em meio aos escombros no andar de cima. Três pedras achatadas chamadas de turbas foram encontradas debaixo de

um Corão num pano de veludo. Os muçulmanos xiitas encostam suas cabeças nessas pedras ao se prostrarem para orar. Enquanto observo as manchas de sangue em minha armadura, penso sobre como aqueles homens morreram. Os mais jovens eram comprometidos e lutavam com força, especialmente o de camiseta colada no corpo, que correu das barricadas Jersey até a cozinha, no início da luta. Acertei-o duas vezes e ele ainda viera atrás de mim quando eu estava preso no quarto. Eu achei irônico que o mais velho do grupo, Boogeyman, se escondesse no armário enquanto sua célula lutava até a morte. Então, quando se sentiu encurralado, tentou fugir. No fim, ele implorou por sua vida.

Os mais novos eram mais comprometidos. Foram doutrinados desde a infância e radicalizados além da razão. Eles seguirão dispostos enquanto seus líderes recuam e os mandam para a morte. Eu me pergunto se esse local jd perdeu as esperanças. O general Batiste está vindo até nós. As mãos brilhantes do seu major pousam sobre um de seus ombros. Fotógrafos e repórteres do Exército se agrupam em volta dele. Neste momento, nesse lugar, o general Batiste é uma estrela do rock.

Eu gostaria que Mick Ware pudesse ver isto. Ele e Yuri nos deixaram na manhã do dia 12. Ware entregou-me seu telefone por satélite e disse-me para ligar para minha esposa. "Deixe primeiro os homens ligarem para suas famílias", eu disse. Um a um, os homens se revezaram para falar com quem amavam

e eu fiquei por último. Peguei o telefone e tentei discar com mãos tremendo.

O telefone toca em Nova York e Deanna atende. Ela sabia que era eu: "David! Onde você está?". "Estou seguro", eu disse. Pergunto-me o que ela tem feito enquanto tudo isso acontecia.

"Tenho assistido as notícias. Você está em Fallujah?" Eu poderia contar sem violar a segurança operacional. No entanto, queria contar-lhe tudo. Eu não tinha muito tempo e não sabia como fazer isso. Como você conta para a mulher de sua vida que você sentiu o bafo de um homem enquanto tirava sua vida? "Meu coração está me matando", ela exclama. "Toda vez que assisto o noticiário, não consigo agüentar. Onde você está? Diga-me! Você está em Fallujah, certo?"

"Não", eu tento, "estamos perto. Eu estou bem." "Eu tive um pressentimento horroroso. Tem algo errado, não tem?"

Agora, relembrando dessa conversa, fico maravilhado por ela ter conseguido sentir aquilo. Pouco depois, meu menino pega o telefone: "Papai, vê se pega um monte de bandidos!". "Ok, camarada. Eu te amo." "Lute com os bandidos!" "Ok, Evan. Eu te amo." "Eu também te amo, papai." Então suas vozes vão embora.

O general Batiste aperta as mãos de Meno. Os dois homens conversam e, enquanto eu os assisto, lembro-me das palavras de Evan. Talvez seja a hora de parar de ser um soldado e voltar para casa e ser um pai. E um marido para Deanna. Só não sei ao certo como.

O general Batiste se vira para Pulley. Ele lê seu nome antes de apertar sua mão. "Soldado Pulley, ouvi falar muito bem de você, filho."

Câmeras disparam e vibram. Estamos no meio de um show de exposição de pôneis.

O major aparece na minha frente. Apesar do meu fedor, ele se inclina e cochicha: "Ei soldado, dê-me seu e-mail para que eu a mande umas fotos suas com o Perigo Seis.". "Muito bem senhor, david arroba comaumsacodemerda ponto com." Fitts começa a sorrir. Percebo que estou muito parecido com ele agora, sem tolerância para bobagem. Posso ver as chamas de raiva no rosto do major. Ele inspira e depois diz para si mesmo: "Estamos em Fallujah. Estou com a infantaria. Apenas lide com isso.".

Uma hora depois, somos mandados de volta para a batalha.

254

EPÍLOGO

Promessas quebradas

Verão de 2006

No verão de 2005, deixei o Exército e voltei para a vida civil. Foi a decisão mais dura que já tive de tomar. Eu amava ser um sargento e

sinto falta daquilo todos os dias.

Depois que voltei para casa, testemunhei outra batalha no Iraque pela televisão. De Washington, o rancor e o derrotismo em relação à guerra me deixaram chocado. Enquanto outros veteranos da Guerra Global do Terror começaram a voltar para casa, partilhamos um sentimento de desligamento. Nós que nos sacrificamos estávamos sendo ignorados pelas gerações da II Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã, que no momento ocupam posições de poder em nosso governo. Eu me juntei a Wade Zirkle na formação dos Veteranos por Liberdade (Vets for Freedom), um comitê de ação política não partidária dedicado a apoiar nossas tropas tanto no Iraque como no Afeganistão. Eu quero acreditar que a guerra é um nobre esforço, mas tenho medo de acabar ignóbil. Alguns americanos não tinham a menor idéia do que acontecia no Iraque em 2004. Outros nem queriam saber. Durante anos fomos contaminados por guerras parciais e aéreas. Esse tipo de guerra tem mais a

ver com jogos de PlayStation do que com Hue City ou Seul em 1950. Ou Fallujah em 2004. Mesmo quem lia os jornais ou assistia aos noticiários não entendia. A razão para isso era clara: o estilo de reportagem no Iraque deixou muito a desejar. Não havia muitos Michael Ware nessa guerra. A maioria dos jornalistas que fizera a cobertura ficara em hotéis em Bagdá, onde recebiam informações dúbias de jornalistas iraquianos. Na maior parte das agências de notícias de hoje, lemos histórias e vemos imagens que vêm de jornalistas estrangeiros sem formação em jornalismo. Esses repórteres raramente conseguem credibilidade. A audiência nas residências não tem a mínima idéia sobre seus preconceitos étnicos, políticos ou religiosos. Geralmente, as IEDs que vemos explodindo, na verdade,

foram filmadas pelos insurgentes que as armaram. Então o noticiário noturno exibe as imagens às seis e onze. A linha entre o bem e o mal agora está permanentemente manchada no Iraque. Eu me recuso a sentar nas bordas dessa luta, não depois de tudo que acontecera com minha unidade em Diyala e Fallujah. Em junho de 2006, retornei ao Iraque para testemunhar a luta na província de Anbar. Dessa vez eu havia ido ao Iraque como jornalista, determinado a contar a verdade sobre o que visse. Eu estava lá como correspondente do Weekly Standard, que deu-me as credenciais para cobrir o Iraque do ponto de vista de alguém que já havia estado lá antes. Passei a maior parte do meu tempo em Ramadi, onde me juntei tanto às unidades do Exército americano quanto do iraquiano. Lá, descobri o que Ware e outros repórteres descobriram em Fallujah: soldados não gostam de jornalistas. Depois de tantas histórias negativas, depois de vencer Abu Ghraib na primeira página de todos os jornais americanos, o soldado comum não confia mais em ninguém associado à mídia. A classe dos guerreiros, sangrando no Iraque, foi pintada com dois pincéis: o da vítima e o do criminoso. Eles não gostam de nenhum deles. Ao sair em patrulha juntamente com esses homens, percebi o quanto eu estava deslocado. Mesmo tendo sido um homem de infantaria em combate, nesse contexto, sem meus homens para liderar, eu estava sozinho. Se algo tivesse de acontecer comigo, ninguém se importaria. Eu era apenas uma prostituta atrás de uma história.

Eu não fazia parte do grupo. Nunca havia percebido a falta que me faziam Fitts e os outros meninos até aquele ponto. Eles tinham sido o ponto central da minha vida por tanto tempo que, quando fui para casa em 2005, minha saída do Exército deixou um buraco dentro de mim. Tentei preenchê-lo com a viagem de volta ao Iraque, mas acabei piorando a situação.

Eu vi Fitts no Kuait poucos dias antes de retornar ao Iraque. Em 2005, ele foi voluntário para ir até Bagdá e treinar comandos iraquianos. Ele saiu em dezenas de missões com eles durante dez meses. Encontrei-o no Kuait, muito ocupado e cuspindo tabaco enquanto se sentava com seus camaradas e contava histórias de explorações em Bagdá. Eu me juntei a eles e, por um breve momento, senti-me como um deles novamente. Conversamos sobre os bons tempos. Claro que Fitts mostrou a todos as cicatrizes do 9 de abril. Mas enquanto nos recordávamos das histórias, percebi que nunca mais o veria. Ele transformou o Exército em sua casa e sua carreira. Era um pensamento agridoce. Nunca há finais felizes no Exército. Não há fechamento, não com amigos ou inimigos. Não posso dizer que tive esperanças de ver novamente o capitão Sims, o tenente Iwan ou o coronel Faulkenburg depois que deixei o serviço. Mas Fitts significava mais para mim e eu precisava entender que aquela parte de minha vida havia sido deixada eternamente para trás. A camaradagem que partilhamos nunca mais será vivida. Semanas depois, terminada a minha tarefa como repórter, fiz uma viagem sozinho até Fallujah. Movia-me pelo sol da manhã e tentava não chamar muita atenção para mim.

Começo pela casa que tinha vista para a Estrada 10. Pratt fora ferido bem ali. Olho para o local pensando se ainda há manchas de sangue no telhado. Mas não há como checar. Alguém está vivendo na casa. Ao lado, a construção que havia ali não passa de escombros. Eu entro e as memórias do passado começaram a fluir de volta. Dois anos atrás, arriscamos nossas vidas nessa luta. Antes de sair de Nova York eu havia comprado algumas flores de um vendedor no aeroporto JFK. Elas estiveram comigo durante toda essa viagem, murchando na minha mochila com o calor do Oriente

Médio. Não eram muitas, mas serviriam como homenagem para os homens que perdemos. Andei em ziguezague por bairros desolados cheios de prédios em ruínas. Raramente uma alma aparecia nas ruas. As cicatrizes da guerra eram evidentes em todos os lugares: casas rachadas, construções arruinadas e paredes com marcas de bala. As pessoas que ficaram aqui vivem com esses lembretes todos os dias. Elas não escaparam da perda de famílias e entes queridos. Alcancei a área onde o sargento-major Faulkenburg morrera. Não encontrei nenhuma placa, nenhum memorial em sua homenagem. Tudo que havia era uma banca vendendo falafels. Seu dono e seus clientes não têm idéia do significado deste local. Acho até que nem se importariam. Puxo um cravo da minha mochila e coloco-o no chão, com reverência. Foi o melhor que pude fazer por um homem que eu respeitava e amava. Doente de angústia e culpa, tento fazer uma oração.

Eu e Deus ainda temos muito a trabalhar. Naquela esquina, percebi que antes de pedir por Sua bênção sobre este solo, preciso encontrar uma forma de pedir perdão. Com o coração apertado eu me afasto da brecha. Esta viagem foi um erro. Eu nunca deveria ter voltado.

No entanto, eu continuo. Desistir seria covardia. Caminho até a Estrada 10 e entro no distrito industrial. Tento encontrar os locais onde o tenente Edward Iwan e o sargento J. C. Matteson haviam sido mortos. Fiquei sabendo sobre a morte de Iwan por meio de Fitts, quando estávamos imobilizados por fogo inimigo. A notícia me enraivara. Fúria e ódio são combustíveis para um soldado em batalha. A morte de Iwan foi algo assim - combustível para nós. Depois que o comentário se espalhou, lutamos como animais naquela manhã. Num sentido real, Iwan nos ajudou uma última vez, e conseguimos sobreviver por causa da força que nosso amor por ele nos deu. Minha mente se volta para um artigo que li após ter voltado do Iraque. A

história era focada num capelão da Marinha de 46 anos, chamado padre Ron Camarda, que por sinal estava na sala de operação

quando a major DeWitt convencera os cirurgiões da Marinha a tentar salvar o tenente Iwan. O padre Camarda acompanhava os médicos até que não fosse possível fazer mais nada. Finalmente eles deixaram Iwan aos cuidados do capelão. Camarda deu a extrema-unção para meu companheiro. Então, quando sua vida acabou, esse padre católico pegou os cabelos do tenente Iwan e suavemente cantou "Oh! Noite Abençoada!" para ele. Ao terminar, Camarda beijou-o e disse: "Edward, eu te amo". Esta frase representou o que todos os seus companheiros da Companhia Alpha gostariam de ter dito mas nunca tiveram chance.

O tenente Iwan morrera no momento em que uma única lágrima escorria pelo seu rosto. Em meio a tanto ódio, tanta morte e tanto mal que enfrentamos, o tenente Edward Iwan enfrentou a morte cercado pela última coisa que se imagina numa zona de combate. Graça. Depois de ler o artigo em casa, eu mal conseguia respirar. Agora suas palavras voltam para mim e penso no padre Camarda, um homem de Deus e um salvador para todos nós, veteranos de Fallujah. Ando pelas ruas desta cidade devastada. O distrito industrial não tinha muita coisa além de destroços. Pouca coisa fora reconstruída. Escolho os dois melhores cravos e deito-os no chão, em homenagem ao tenente. Edward, eu te amo. Estas foram as últimas palavras que meu amigo ouviu. Ainda tendo um cravo sobrando. Este é para o capitão Sims. Caminho até uma intersecção e paro para olhar em volta. Vendo as ruínas, reconheço uma das construções como sendo a casa que defendemos durante nossa furiosa batalha do dia 12. Foi aqui que

nosso pelotão fez seu último trabalho. Todos teriam morrido ou se ferido se não fosse pelo sargento Fitts naquele dia.

O volume do fogo que recebíamos só aumentava. Estávamos em uma péssima situação quando, finalmente o sargento Jim e nosso Bradley atravessam a resistência do inimigo. Fitts sabia que eles eram nossa única chance e precisavam se posicionar exatamente à direita na intersecção abaixo para causar o máximo de estrago e o menor risco possível para eles. O problema era que, de dentro do prédio, não

conseguíamos uma boa visão da intersecção. Ao mesmo tempo, um engarrafamento se formou na rua entre os tanques e os Brads, e com os comandantes dos carros incapazes de enxergar, não havia como saber quem estava atrapalhando o caminho de quem. Ignorando os disparos em sua direção, Fitts inclinou-se no segundo andar da nossa construção. Segurando-se numa parede externa, ele pendurou-se precariamente pelo lado da fábrica com um rádio em sua mão livre. Os disparos continuavam arrebentando a parede e o chão ao seu redor. Ele se pendurou IA, observou o problema que havia na rua e falou com os comandantes dos veículos por meio do rádio. Durante a conversa, Fias havia se tornado o homem mais exposto de Fallujah. O tanque do sargento Jim entrou na luta. Uma RPG quase acertou Fitts, que se recusou a procurar cobertura, e, em vez disso, apontava alvos para o sargento Jim. Seu tanque disparava as grandes balas de 120 mm. O enorme Abrams arrebentava as paredes esmagando os insurgentes, transformando-os em pedaços de carne cor-de-rosa. O tanque de Jim nos salvou; sua equipe arrasou o contra-ataque que nos ameaçava. Cães famintos seguiam atrás dele para se alimentar dos restos de nossas vítimas. Em certo ponto, quando o tanque parou, eu vi os bichos lambendo a lataria. Mais tarde, um insurgente na janela

do segundo andar disparou contra o antigo Bradley de Iwan, agora comandado pelo sargento de primeira classe John Ryan. O atirador de Ryan, sargento Tyler Colly, explodiu o insurgente na janela. Emaranhados de fios elétricos prenderam-no como uma teia de aranha. Ele ficou pendurado lá, pingando sangue e atiçando os cães. Outros disparos foram dados contra o inimigo e quando ele caiu no chão, os cães avançaram famintos. Depois de seis horas de combate, alguns insurgentes sobreviventes fugiram antes que a luta acabasse. Meus homens agüentaram o pior que nosso inimigo podia oferecer e recusaram a se curvar. Mantiveram-se lá, mano-a-mano, enfrentando juntos.

Foi um dia exaustivo, mas uma batalha magnífica. Vi meus homens em seu máximo de devoção. Ao mesmo tempo, percebi que tal violência havia me deixado entorpecido. Tudo vem à tona quando eu olho pela última vez para a construção

em ruínas e para a intersecção ao meu redor. Já são quase dois anos. O tempo é curto e eu ainda tenho mais um lugar para visitar. Caminho enquanto minhas emoções me pregam peças. No momento, mais do que nunca, sinto falta do meu pelotão.

Pelo menos consigo alcançar o bairro onde o capitão Sims fora morto. As pessoas caminham nas ruas. A aparência de uma cidade do velho-oeste faz com que muitos olhem para mim. Começa a ficar estranho e potencialmente perigoso. Caminho pelo complexo onde meu esquadrão esteve na manhã do dia 13. Foi quando vi o capitão Sims pela última vez e o momento retorna à minha mente. Tínhamos

evacuado casas quando o capitão Sims nos achou. Estávamos fumando ou mergulhados em algumas MREs.

Quando o capitão Sims se aproximou, tive certeza de que ele faria algum comentário sobre nossos pêlos do rosto. No entanto ele entrou no complexo parecendo o George Michael. Algum ser humano horroroso havia depositado um gigante monte de merda numa banheira que havia no jardim frontal do seu complexo. "Senhor, olhe essa IED que encontramos." "Jesus, querido", ele grunhiu fingindo estar sério. "Ele precisa de uma limpeza ou de um capelão?". Todos rimos e eu percebi seus olhos sanguinolentos. A exaustão havia pesado sobre ele. Assim como a morte do tenente Iwan.

"Senhor, sinto muito por sua perda. Todos nós o amávamos." "Sargento Bellavia, lidaremos com isso mais tarde. Mas obrigado. Como estão todos?".

"Bem, Senhor." "Fiquei sabendo do que aconteceu no outro dia. Aquilo é coisa do Audie Murphy."

Não me sentia dessa forma, então não respondi. O capitão Sims chegou mais perto e repreendeu-me: "Ouça, o que você fez foi incrível, mas ao mesmo tempo estúpido. Não podemos arriscar essas loucuras, entendido? Não podemos mais arriscar nenhuma perda. Precisa usar sua cabeça. Você e Fitts são importantes para estes homens e precisam continuar nesta luta".

"Sim, senhor." Outra quadra à frente devia ser evacuada. Começamos a juntar nosso equipamento. O capitão Sims balança a cabeça: "Vocês, homens, descansem. Vocês merecem. Eu faço isso.". "Você tem certeza, senhor?", Fitts pergunta. "O Primeiro Pelotão passou a noite ao lado de um esconderijo. Vou tirar algumas fotos. Eventualmente teremos de explodir este lugar todo. Vocês precisam de um descanso." Foi um momento emocionante. Nem cinco minutos depois ele é atingido dentro da casa. Na mesma rua, dois anos depois, eu não consigo continuar. A 300 metros da casa onde ele morreu, meu último cravo cai na calçada. Murmuro uma última oração. Minha missão está completa. A conclusão que me levara até Fallujah continuava me iludindo. Não haverá conclusão com a guerra ainda acontecendo. Acho que eu apenas queria encontrar uma cidade que valesse os homens que sangraram e morreram para libertá-la. Queria ver algo de valor, algo que desse sentido a tudo. E não finjo saber como a guerra será interpretada e julgada pela história. Começo a caminhar e sinto uma movimentação atrás de mim. Naquele instante, como nos velhos tempos, meus instintos ficam alertas. Alguém está me observando e eu preciso sair daqui. Sem uma arma sou um alvo fácil. Na pressa em me distanciar da ameaça, fosse ela o que fosse, quase me choco contra uma mulher de preto que vira uma esquina. Percebo que ela carrega um tapete com sementes na cabeça. Eu me apresso e falho em não pedir desculpas. Então ela pára de caminhar. Olho para mulher e vejo que observa os cravos. Ela olha para as flores durante um tempo antes de estudar meu rosto na luz da manhã. Meus ombros ficam tensos e eu nem sequer consigo esboçar um sorriso para a mulher. Viro para o outro lado e deixo a mulher e sua cidade miserável para trás. Nada quebra a quietude da manhã. Espero ouvir o som de suas sandálias na estrada, mas não ouço nada. Curioso, olho por cima dos ombros mais uma vez. A mulher está ajoelhada em frente às minhas flores.

Carinhosamente, ela coloca suas sementes em volta dos meus pobres cravos. Toca seu coração e depois o chão, fazendo uma oração. Beija a mão e encosta-a de novo no coração. Meu queixo cai. Ela olha para mim de novo e quando nossos olhos se cruzaram, meu coração está partido. Toda a emoção que eu fingia não existir sai do controle. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e eu começo a chorar incontrolavelmente. Cubro meu rosto completamente envergonhado, mas sei que a mulher ainda esta me olhando. Ela me olha com tristeza. Por um momento acho que ela tentaria me consolar. Ao invés disso, ela acena com a cabeça, vira-se e vai embora. Uma mulher anônima perdida, numa cidade que eu ajudei a destruir.

Sigo até uma casa abandonada, envergonhado e confuso por ter me emocionado nas ruas de Fallujah. Eu sento e fico olhando o portão da frente. Não sei quanto tempo fiquei ali. Sinto culpa por ter sobrevivido. Perco a noção do tempo e de onde estou. Finalmente saio da casa, na tentativa de encontrar aquela mulher novamente. Mas a rua está vazia.

Estou sozinho. Ela foi embora sem saber do presente que havia me dado. Não foi por ela que eu vim lutar no Iraque. Mas ela me lembrou da importância do porquê lutamos. O solo de Fallujah e de todo o Iraque foi consagrado com o sangue da nossa morte. E sua reverência me lembrou disso. Fallujah nunca será apenas um campo de batalha. Essa velha mulher me mostrou que meu tempo em Fallujah havia sido um privilégio. Foi aqui que lutamos por esperança. Eu estive aqui lutando contra o reino de terror que havia tomado os inocentes de uma cidade. Durante aquele tempo eu testemunhara o melhor da condição humana - a lealdade, o auto-sacrifício, o amor que uma irmandade de armas evoca. Percebi que sou completo por ter passado por essa experiência. Os que morreram deram suas vidas pelos seus irmãos. Deram suas vidas por um nobre ideal: que a liberdade da tirania e da opressão é um direito básico do ser humano. Nós

tínhamos a força para fazer aquilo, e meus irmãos pagaram o preço. Eu me levanto e sigo para a rua novamente, sem lágrimas agora.

263

Tenho trabalho a fazer, uma batalha para continuar. Mas eu sei disso: se eu honrasse esses homens todos os dias, teria uma segunda chance de redenção. Enfim, entendi.

Voltando do Iraque pela última vez, no verão de 2006, eu pensei sobre meu futuro no avião que me levava para casa. Eu ainda penso. Eu não sou mais um soldado. Não sou mais um oficial. Não sou mais parte da classe de guerreiros dos EUA. O que sou eu? Tenho de ser um homem de família. Meu filho e minha esposa precisam de mim. Mas a transição de homem de infantaria para pai e marido não é fácil. Inicio com uma falta de compreensão de ambos os lados. Sou responsável por isso. Como posso compartilhar com meu filho e com minha esposa tudo o que vivi? Como posso fazer com que entendam o que significou para mim estar com esses homens quando eles mais precisavam de mim? Quando penso sobre o assunto, sei que não estive com minha mulher e meu filho quando precisavam. E não os culpo por ficarem amargurados, mas isso não torna as coisas mais fáceis. A comissária de bordo me traz um drinque. Eu dou um gole e espio pela janela do avião o vasto oceano Atlântico debaixo de nós. O capitão Doug Walter havia me dado três semanas de licença para ver Evan e Deanna depois da nossa empreitada de nove meses em Kosovo, em 2003. Fora a primeira vez que tive chance de ser pai e amei cada momento que fiquei com Evan. Então escolhi ser voluntário para o Iraque e toda a boa vontade e amor que construímos naqueles 25 dias pareceu evaporar com minha decisão. Eu fui para o Iraque para ficar com meus homens. Evan e Deanna interpretaram essa decisão como rejeição. Abandono. As coisas ficaram ainda piores. No

verão de 2004, eu deveria receber licença para voltar para Nova York em tempo de assistir o show de fogos do Quatro de Julho de nossa cidade. Prometi aos dois, por e-mails e ligações telefônicas do Iraque, que assistiríamos ao show pirotécnico juntos. Então assistiríamos um jogo de basquete, iríamos ao zoológico

e comeríamos algodão doce. Pude sentir a empolgação da minha família durante todo o mês de junho, pois minha chegada se aproximava. Evan falava sem parar sobre ver seu pai novamente. O entusiasmo e o amor de Deanna brilhavam através de cada conversa.

Um dia antes de eu partir para o Kuait, insurgentes atacaram meu pelotão no centro da cidade de Muqdadiyah. Acabamos em uma batalha de proximidade que durou várias horas na estação policial antes de finalmente ganharmos controle sobre a situação. como resultado, o comboio que deveria me levar até o campo de pouso estava com um dia de atraso. Eu perdi o Quatro de Julho. Entrei no primeiro veículo que estivesse indo em direção ao Kuait, mas quando liguei para casa para avisá-los, Evan ficou arrasado. Ele não veria os fogos com seu pai. Eu havia quebrado outra promessa. A excitação de Deanna evaporou quando ela viu o quanto o atraso havia magoado nosso menino. A situação foi de mal a pior. No dia seguinte, enquanto eu estava no Kuait, uma IED quase matou meu médico, sargento Robert Bonner, e também um de nossos atiradores, sargento Carlos Pokos. Não consegui muitas informações sobre suas condições. Ouvi que Bonner perdera as duas pernas e corria risco de vida. Pokos estava arrebentado também, mas eu não conseguia descobrir o que tinha acontecido. Eu estava louco atrás de mais detalhes. Eles viveriam? Iriam para casa? Foram resgatados para o hospital militar Landstuhl, na Alemanha? Ou ainda estavam no país?

Em minha busca por informações, outro avião partiu sem mim. Eu levei uma grande repreensão por isso no Kuait, mas nada se compara ao que aconteceu quando liguei para casa novamente. Deanna e Evan passaram de arrasados para desapontados, e em seguida, furiosos. Eu falhei com eles de novo. Três dias depois, em 7 de julho de 2004, eu vi Evan pela segunda vez em dois anos. Desci do avião do aeroporto de Buffalo, ainda vestindo meu uniforme camuflado. Deanna deu-me aquele olhar você é um idiota que só ela consegue fazer quando eu mereço. Evan se escondia atrás das calças dela. Quando quis chegar perto dele, ele recuou.

Meu próprio filho estava com medo de mim.

265

Deanna guiou-o até mim e eu o abracei. Ele fez o máximo que pode para minimizar o contato entre nós, como se estivesse abraçando um estranho. Foi devastador para mim. Claro que ele reagiria assim. Eu era um estranho. Ele só me reconheceu por causa das fotos que Deanna colou perto de sua cama. Sua memória estava vazia de qualquer momento com seu pai. Passei aquele tempo de licença criando pontes com meu filho e minha esposa. Nós realmente fomos ao zoológico. Realmente comemos algodão doce juntos enquanto Evan sentava em meu ombro, rindo de todas as bobagens que eu dizia. No fim daquelas duas semanas, havíamos nos conectado. Ele se lembraria de mim agora, eu estava certo disso. Mas então eu tive de contar a Evan o que estava acontecendo. Os bandidos esperavam. Papai precisava ir lutar com eles. No entanto, essa era a primeira vez que eu oferecia minha presença estável em sua vida e ele não queria de desfazer daquilo.

Ele escondeu as chaves do meu carro. Meu chapéu desapareceu. Minha mochila evaporou. Ele fez tudo que podia para atrasar minha partida. Quando nada funcionou, ele chorou. O choro do menino se transformara em desespero total, e deixá-lo daquele jeito foi a experiência mais dolorosa da minha vida. Depois do Iraque eu sabia que deveria tomar uma decisão. Poderia ser soldado ou pai e marido. Não havia como ser ambos. Lutei agoniado tentando decidir o que escolher e o que deixar de lado. Ser um sargento era tudo para mim. Usar o cordão azul da infantaria significava ainda mais.

Em fevereiro de 2005, a Força-tarefa 2-2 deixara o Iraque e retornara para a Alemanha. Voltamos no dia dos namorados. Quando descemos do avião, os homens estavam cercados por suas esposas ou namoradas alemãs e eu caminhei por entre o mar de soldados e mulheres apaixonados trocando longos beijos e ternos abraços. Não havia ninguém lá para me ver. Naquela noite, sentei-me nos alojamentos e assisti todos os solteiros de dezenove anos se arrumando para uma noite na cidade. logo mais, todos saíram para beber e conhecer garotas. E eu passei a noite vendo televisão alemã nos alojamentos vazios. Fora de combate, essa seria minha vida: vazia, sozinha, destituída de amor.

Duas semanas depois, chego ao aeroporto de Buffalo novamente. Evan me reconhece, mas fica reservado e cauteloso no início. Eu teria de conquistar meu filho de novo. Dessa vez era diferente, ele tinha cinco anos agora e eu comecei a perceber todas as coisas das quais senti muita falta. Alguém havia lhe ensinado a usar o bastão de basebol. Alguém havia lhe dado sua primeira luva. E eu nunca sequer havia brincado de pega-pega com ele.

Seu avô lhe ensinara a andar de bicicleta. Por dentro, fiquei furioso. Essas são as minhas obrigações - obrigações sagradas que um pai deve ter como parte dos ritos de passagem de seus filhos. Eu falhei com ele de novo estando ausente quando precisava de mim. Se eu continuasse no Exército, que mais eu perderia? Tudo. Passamos o mês de março brincando de família novamente, mas o relógio batia e o tempo se encurtava. Tive de voltar à Alemanha. Quando minha data de partida se aproximou, Evan começou a esconder as coisas de novo. As lágrimas não paravam. Esses curtos intervalos eram uma tortura para esse garotinho que só queria um pai.

Deixei o Exército e voltei para casa de uma vez por todas no verão de 2005. Quando Deanna e Evan me encontraram no aeroporto, ele me perguntou: "Papai, você ainda tem de lutar com bandidos?".

"Não, meu camarada. Chega de bandidos. Sem mais viagens. Eu terminei."

"Acabou com os bandidos?" Eu sorri e o abracei. "Chega de viagens. Terminei com o Exército. Estou em casa agora." Mas eu não tinha acabado. Um ano se passou e essa chance de ir para o Iraque em busca de respostas apareceu. Quando eu tomei a decisão de ir, apenas disse a Evan que precisava fazer uma viagem de negócios de três semanas. Ele pareceu tranqüilo com a idéia, principalmente porque passamos os últimos dez meses como qualquer pai e filho. Eu estava me encontrando. Até tornei-me técnico do time de futebol dele naquela primavera. Em um dos últimos treinos, pedi que meu técnico-assistente tomasse conta do time enquanto eu estivesse em Ramadi e Fallujah. Ele

disse que ficaria feliz em fazer aquilo; então reuniu o time e contou a todos que me substituiria enquanto eu estivesse no Iraque. Evan despedaçou-se ao ouvir isso. Eu o havia traído de novo e dessa vez ele não estava pronto para perdoar. "Você vai para o Iraque, papai?", ele exigiu explicações. Eu balancei a cabeça, incapaz de falar. "Você disse que tinha acabado sua missão no Iraque. Você disse que já tinha acabado com os bandidos." O laço que criamos juntos balançou. Eu o estava perdendo. E não tinha respostas nem defesas. Talvez um dia ele entenda o porquê de eu ter feito isso, mas não agora. Quando parti para o Iraque em junho, ele mal falou comigo.

Fiquei olhando para fora da janela do avião durante alguns momentos antes de finalmente cair no sono. Os comissários de bordo me deixaram sozinho, mas dormir não me deixou descansado e tive muitos sonhos angustiantes. No fundo da minha mente, perguntei-me se passei dos limites, se fiz um estrago grande demais dessa vez. Uma hora depois, fizemos nossa última parada em Buffalo, do aeroporto JFK em Nova York. O avião taxiou e então pousou. Eu estava prestes a enfrentar... o quê? Será que Evan será hostil? Terá medo de mim como todas as outras vezes em que voltei para casa? Os passageiros desembarcaram e foram ao portão. Eu permaneci em meu assento talvez por mais tempo do que devia. Quase o último a sair, peguei minha mochila e caminhei até o terminal. Cada passo trazia uma trepidação. Será que o perdi de novo? Vejo Evan e Deanna esperando por mim do outro lado dos portões de segurança. O rosto de Evan não tem expressão alguma. Mal consigo segurar as lágrimas.

Deanna me oferece um abraço caloroso e um beijo apaixonado. Quero desesperadamente que isso funcione. Preciso que ela saiba o quanto a amo. Apesar de tudo, apesar de quem eu sou e como reajo,

eu a amo tão profundamente que, por ela e pelo meu filho, desisti da única coisa que me fazia sentir útil e importante. Não sou mais um soldado. Este é meu presente para eles. Mas será tarde demais? E será que eles vêem isto como um presente?

Evan me encara. Tento abraçá-lo, mas ele dá um passo para trás. Eu paro com o coração na garganta. Preciso alcançá-lo, tornar-me vulnerável. Encontro coragem, mas ele recua novamente.

"Você não pode mais ir para o Iraque." "Eu sei." Ele olha para Deanna e depois para mim. "Você lutou com bandidos? Você disse que não ia fazer isso." Sua voz é desconfiada, cheia de acusação. Meu filho não confia em mim. Não o culpo.

"Não, Evan. Eu não lutei com bandidos." Não consigo contar a verdade toda. Eu quero desesperadamente voltar para essa luta. Sinto falta dela todos os dias. Sempre pensei que poderia mudar o mundo com um rifle nas mãos e nossa bandeira em meus ombros.

"Você levou algum tiro?", ele confere meu corpo, aparentemente procurando por ferimentos de bala.

Eu sorrio um instante. "Não, camarada. Não levei nenhum tiro." "As pessoas levam tiros no Iraque." "Sim, é verdade." Percebo pela

primeira vez que Evan tem idéia do perigo que enfrentamos lá. Ele está com 6 anos e já começa a encarar o mundo lá fora.

"As pessoas levam tiros, papai. Elas morrem. Os bandidos matam as pessoas. Penso em Edward Iwan e Sean Sims. "E, eu sei disso, Evan." Ele dá um passo em minha direção. Deanna prende a respiração. Eu também. Ele olha diretamente nos meus olhos. Não consigo lembrar qual foi a última vez que meu filho fez isso.

"Você sabe por que não levou tiro?" Estou surpreso pela força do seu tom. Ele está tentando ser duro comigo. Tudo que consigo fazer é balançar a cabeça.

"Porque eu salvei você, sabia? Era eu."

Eu começo a rir, mas vejo que ele está muito sério. "Sim, você me salvou. Dá um abração aqui. Eu te amo." Ele vem para meus braços e eu o aperto. Mas ele não terminou. "Chega de ir para o Iraque. O Iraque acabou, entendido?" Começo a chorar. "Chega de bandidos. Eles perderam." Sua voz é ainda mais forte. Está me dizendo o que precisa. Tenho muito orgulho por ele ter encontrado coragem para fazer isso; tudo o que posso fazer é abraçá-lo. Ele está deixando claro que não será mais vitimimado pelas minhas indas e vindas. Está impondo seus limites. Dessa vez escolhi a família. Escolhi Evan. Ele realmente me salvou. Eu o abraço e beijo sua testa. "Eu te amo, papai." Seus olhos começam a lacrimejar, mas ele ignora as lágrimas. Ele está sendo forte. Está sentindo orgulho. Está sendo meu filho. De mãos dadas, saímos do terminal como uma família.

Primavera de 2007

270

A velha mulher em Fallujah, o último encontro com Evan e Deanna no aeroporto, esses momentos me trouxeram para onde estou hoje. Evan não conta mais para as outras pessoas que eu luto contra os bandidos. Quando lhe perguntam, ele diz que seu pai fala muito ao telefone e passa aspirador de pó de vez em quando em casa. Eu sorrio, caio na gargalhada, depois volto a trabalhar neste livro. Eu o escrevi para que, um dia, quando for mais velho, ele entenda seu pai de uma vez por todas. E, talvez, compartilhe a idéia com seu irmão mais novo. Quatro meses depois de eu voltar do Iraque, Deanna deu-me a notícia de que estava grávida. Eu sou um pai agora, acima de tudo. Abracei minha nova vida e fiz as pazes com a antiga. Nunca pedirei desculpas pelo que foi preciso para derrotar nossos inimigos no Iraque e ganhar minhas batalhas. Eu durmo tranqüilo a noite toda. Eu e Deus tivemos nossa conversa íntima.

Não tenho os pesadelos que outros veteranos têm. Nenhum dos meus antigos amigos os tem. Eu não sonho com enormes insurgentes me caçando pelo resto da vida. Quase todos os sonhos que tenho são sobre o Iraque, mas nenhum deles é ruim. Haverá arrependimentos constantes, pesar pelos que perdemos, mas nunca pesadelos. Sempre odiarei a guerra, mas sempre terei orgulho da minha. As vezes quando o vento sopra, fecho meus olhos e ainda visualizo uma estrada chamuscando. Há uma torre de vigilância queimando ao longe. É a Estrada Sul Cinco, o ponto de encontro que não conseguimos salvar da destruição em Muqdadiyah há quase três anos. Meu pelotão está em ambos os lados da estrada. Disparos são ouvidos a distância, mas não há perigo. Quando passo pela frente dos soldados, cada um deles

me encara pelo que parece ser uma eternidade. Seus rostos estão cobertos de suor e sujeira. Eles apenas me encaram sem expressão e se afastam para o lado quando passo por eles. Fitts cospe tabaco na rua. O capitão Sean Sims e Doug Walter olham para mim por cima de seus mapas. O sargento-major arruma o cadarço de sua bota. E o tenente Ed Iwan acena para mim. Quando a fumaça do local se esvai, as imagens do meu passado ficam cada vez menores. Até que, finalmente, tudo que vejo é a estrada aberta. Tenho permissão para seguir. Por enquanto, aguardo ansiosamente o momento em que Evan e seu irmão mais novo possam brincar juntos. Eu os vejo no quintal, ambos usando uniformes camuflados, arrastando-se pela grama enquanto armam emboscadas para os filhos dos vizinhos que estão sendo os bandidos, salvando o dia. Cada ataque executado com o máximo da absoluta perfeição doutrinal, uma perfeição que somente um elemento de combate bem-treinado pode executar. Evan tira o pino de segurança da granada enquanto seu irmão está agachado disparando fogo. Cada um dos garotos terá seu nome Bellavia gravado no peito. Cada um com duas faixas de camuflagem no rosto. Afinal, Evan significa "pequeno guerreiro". Quanto ao meu filho menor, Aiden, carrega no segundo nome um grande herói americano: Edward Iwan. Aiden Edward Bellavia. Que ele cresça para ser metade do patriota que foi seu homônimo.

Apêndice

Eles se sacrificaram para que todos nós pudéssemos viver sem a interrupção do nosso conforto. Nossos heróis sucumbidos:

Primeiro-soldado raso Nicole M. Frye - 16 fevereiro 2004 Primeiro-soldado raso Jason C. Ludlam - 19 março 2004 Especialista Adam D. Froehlich - 25 março 2004 Especialista Isaac M. Nieves - 8 abril 2004 Especialista Allen J. Vandayburg - 9 abril 2004 Sargento William C. Eckhart - 10 abril 2004 Sargento de pessoal Victor A. Rosales -13 abril 2004 Primeiro-soldado-raso Martin W. Kondor - 29 abril 2004 Primeiro-tenente Christopher J. Kenny - 3 maio 2004 Primeiro-soldado-raso Lyndon A. Marcus - 3 maio 2004 Sargento Gregory L. Wahl - 3 maio 2004 Sargento Marvin R. Sprayberry III - 3 maio 2004 Especialista James Holmes - 8 maio 2004 Sargento de pessoal Joseph P. Garyantes - 18 maio 2004 Capitão Humayun S. M. Khan - 8 junho 2004 Primeiro-soldado raso Jason N. Lynch - 18 junho 2004

Capitão Christopher S. Cash - 24 junho 2004 Especialista Daniel A. Desens - 24 junho 2004 Especialista Michael A. Martinez - 8 setembro 2004 Sargento Tyler D. Prewitt - 24 setembro 2004 Sargento Charles J. Webb - 3 novembro 2004 Capitão Steven Faulkenburg - 9 novembro 2004 Primeiro-tenente Edward D. Iwan - 12 novembro 2004 Sargento James C. Matteson - 12 novembro 2004 Sargento-major comandante Sean P. Sims - 13 novembro 2004 Sargento Jack Bryant, Jr. - 20 novembro 2004 Sargento Trinidad R. Martinez-Luis - 28 novembro 2004 Especialista Erik W. Hayes - 29 novembro 2004 Primeiro-soldado raso Gunnar D. Becker - 13 janeiro 2005 Especialista Viktar V. Yolkin - 24 janeiro 2005 Sargento Javier Marin, Jr. - 24 janeiro 2005 Sargento Michael Carlson - 24 janeiro 2005 Primeiro-soldado raso Jesus A. Leon-Perez - 24 janeiro 2005 Sargento de pessoal Joseph W. Stevens - 24 janeiro 2005 Primeiro-soldado raso Kevin M. Luna - 27 janeiro 2005 Sargento primeira Classe David J. Salie - 14 fevereiro 2005 Especialista Justin B. Carter - 16 fevereiro 2005 Sargento de pessoal Garth D. Sizemore - 17 outubro 2006 Sargento de pessoal Leon Hickmon - 21 outubro 2006

Sargento Willsun M. Mock - 22 outubro 2006 Sargento Jason C. Denfrund - 25 dezembro 2006

273

BREVE GLOSSÁRIO DE TERMOS

Abrams: O Abrams M1A2 é o principal tanque de batalha do Exército dos Estados Unidos. Equipado com uma arma de 120 mm, calibre 50, duas metralhadoras 7.62 mm e blindagem reativa, é hoje o melhor veículo blindado do mundo. Afunilamento Fatal: Entradas. Em combate de casa em casa, cômodo a cômodo, entradas são locais mortais para atacar soldados. Entrar por uma porta deixa o soldado em sua posição mais vulnerável. Ele não consegue ajuda de seus companheiros e o inimigo normalmente está com as armas zeradas nessas entradas. Em Fallujah, um esquadrão inteiro do 2-7 Cav foi atingido em uma entrada durante uma emboscada. AK-47: O rifle mais amplamente utilizado no mundo. É o rifle de ataque padrão dos insurgentes islamitas no Iraque e Afeganistão. O AK-47 de 7.62 mm é forte, durável e pode ser disparado em modo automático ou manual.

AT4: Arma antitanque leve, armada com ogivas antitanque altamente explosivas de 84 mm. Embora não tenha sido criada para isso, a M136 AT4 foi utilizada na Libertação Iraquiana como ferramenta para destruir posições inimigas.

Bradley: O Veículo de Caça Bradley é tanto o transporte blindado da infantaria como uma arma de alto suporte. E equipado com um canhão de 25 mm montado numa torre diagonal, uma metralhadora M240C 7.62 mm e mísseis antitanques guiados. Pode carregar um esquadrão de infantaria dentro de seu compartimento e é o veículo padrão de qualquer unidade de infantaria mecanizada no Exército dos Estados Unidos.

Carro: Expressão para designar um tanque Abrams ou um Veículo de Caça Bradley. Cíclico: Disparar uma arma de infantaria no automático por um período de tempo. Geralmente, as armas são disparadas com disciplina para assegurar a precisão e poupar munição.

Fragmentação: uma granada de fragmentação manual tem um raio de explosão de cinco metros. JDAM: Joint Direct Attack Munition (Munição de Ataque Direto). Essa é uma forma elegante de dizer "Bomba Esperta". Lançada no ar pelos aviões da Marinha ou da Força Aérea, o JDAM é guiada para o alvo por um sistema de satélite de posicionamento global. Pode ser lançada em qualquer situação climática, incluindo neblina e nuvem baixa. Outras bombas inteligentes, tais como as guiadas por laser, não podem ser usadas em dias nublados.

M4: uma variação do M16. O M4 tem um cano curto, telescópio e habilidade de disparar um tiro apenas ou três rotações por disparo. Há vários equipamentos táticos que podem ser acoplados, como lanternas SureFire, sistemas de alvo a laser e visores. E a melhor arma de infantaria utilizada atualmente. M16: O pai do M4, com cano longo e cartucho completo, as duas armas equiparam a maior parte da Força-tarefa 2-2 durante a Operação de Suporte à Libertação. Embora tenha décadas de idade, é um notável e versátil rifle ergonômico.

M240: É a nova metralhadora padrão do Exército dos Estados Unidos, 7.62 x 51 mm. Criada para substituir o M60 da época do Vietnã, o M240 parece um pouco com a MG-42 alemã da II Guerra Mundial. Capaz de atirar tão rápido que a explosão tem o som de um zíper. E a arma básica da infantaria pesada.

M249 Squad Automatic Weapon (SAW): Arma Automática de Esquadrão. E a arma-padrão do Exército dos Estados Unidos em termos de metralhadoras leves. Cada esquadrão tem geralmente um ou dois atiradores de SAW. Mesmo sendo uma arma exigente - se não for limpa periodicamente, ela trava - a SAW constitui a cabeça do poder de fogo do esquadrão de infantaria. Organização de Unidade: A Força-tarefa 2-2 foi formada pelo Segundo Batalhão, pela Segunda Infantaria, e pela Terceira Brigada da Primeira Divisão de Infantaria. O batalhão é composto por quase 700 homens e mulheres, incluindo duas companhias de manobra de infantaria, com cerca de 140 homens cada, e uma companhia de tanque, Alpha, Bravo (Tanque), Charlie e o HHC (Quartéis e Companhia de Quartéis), que forneciam suprimentos, logística e administração de tarefas. PKM: A PK 7.62 x 54 mm é uma metralhadora soviética, atualmente utilizada pelo inimigo no Iraque e no Afeganistão. Rastreador: Uma bala iluminada que ajuda soldados e tanques a mirar em seus alvos. Geralmente, uma em cada cinco balas na munição das metralhadoras é um rastreador. Quando disparado no automático completo, rastreadores parecem lançadores de laser. RPK: Arma soviética alimentada por cartucho que atira 7.62 x 39 mm balas (o mesmo que a AK-47). Em combate urbano, é uma arma móvel e mortal. SureFire: Lanterna muito poderosa que pode ser montada em muitos M16 e M4. Os resultados são ótimos para evacuações à noite. A SureFire oferece uma iluminação fantástica, tão brilhante que pode cegar o inimigo.

Agradecimentos

David Bellavia

Este livro não teria sido possível sem a incrível visão, a eterna lealdade e a sabedoria infinita do meu agente, Jim Hornfischer. Sou verdadeiramente abençoado por ter encontrado um grande amigo com uma integridade tão impecável. Agradeço de todas as formas por sua orientação e apoio.

Quero expressar meu profundo agradecimento para Bruce Nichols. Um profissional talentoso e paciente, cuja visão deste projeto, desde o primeiro dia, foi o catalisadora para alcançar os mais altos padrões. Muito obrigado.

Obrigado a Kate Jay, Jessica Elkin, Elizabeth Perrella e todas as grandes pessoas da Free Press e Simon & Schuster.

Mickey Freiberg da ACME Talent Agency mostrou motivação e vontade para suportar algumas situações difíceis dessa jornada. Obrigado por não desistir de mim.

Eu tenho sorte por ter uma família maravilhosa e não há como agradecê-los o suficiente: mamãe e papai, Lucy e Bill Bellavia, Marlene e Ed King, Dan Bellavia, Timmy Bellavia, Joe e Joe Brunacini, Craig Gordon, Paul Spitale e Bob Mihalko. Tive muitas

influências importantes durante meu tempo no Exército. Agradeço Eddie Belton, John Gregory, Jerome De Jean, Capitão Grey McCrum, Sargento Albert Harris, Adam Rissew, Tiffany Passmore e a irmandade do VetsForFreedom.org, de Wade Zirkle, Mark Seavey, Chris Niedziocha, Owen West e Joe Worley.

Matt Matthews e todos os profissionais dedicados do Combat Studies Institute, em Fort Leavenworth, Kansas, por terem tido a coragem de contar a história do Exército num mundo cheio de âncoras. Sua ajuda foi incrível e eu não tenho como agradecer por sua assistência. John Bruning tornou este processo uma alegria. Seus brilhantes dons e sua constante fidelidade me ajudaram absurdamente. Acima de tudo, à família que deixei para trás durante os quase três anos em que estive servindo minha nação. Minha esposa, Deanna, a mulher mais completa e perfeita do mundo, eu te amo muito por ter me dado essa vida. Evan e Aiden, ser o pai de vocês é o trabalho mais compensador que já tive. Vocês dois me deixam muito orgulhoso e grato.

John Bruning

Na primeira vez em que conversei ao telefone com David senti como se tivesse encontrado um amigo de longa data. Mais do que qualquer coisa, cultivarei a amizade que brotou entre nós enquanto trabalhãvamos neste projeto por quase um ano. David, obrigado por tantas coisas, mas acima de tudo, obrigado por confiar em mim. Devo muita gratidão a Jim Hornfischer. A idéia de juntar David e eu neste projeto foi de Jim e ele forneceu tremendo encorajamento e direção. A proposta que criamos não teria sido possível sem Jim nos pressionando e tirando o melhor de nós. Obrigado, Jim. Seu apoio,

orientação e confiança mudaram minha vida. Serei para sempre grato por isso. Bruce Nichols, sua administração em nosso projeto não poderia ter sido melhor. Eu aprendi tanto e você foi tão paciente comigo que me senti abençoado por ter tido a chance de trabalhar com você. Fiz parte de um grandioso time que durante o processo tornou nossos padrões excelentes. Bruce, você transformou todo o trabalho numa alegria. Sua edição é uma obra à parte. Outro agradecimento profundo deve ser dirigido a Elizabeth Perrella, cuja personalidade empolgante, mesmo em meio às crises dos prazos de entrega, sempre fez meu dia brilhar.

Bob e Laura Archer, sua amizade tornou possível minha carreira de escritor. Ainda tenho a caneta que vocês me deram há anos, quando embarquei nesta aventura. Com ela assinei todos os meus contratos. Obrigado por tudo. Não são muitos os escritores que podem chamar um antigo salão de danças em um Odd Fellows Lodge de seu escritório e seu lar longe de casa. Eu devo muito de minha carreira a outras pessoas que apostaram em mim. Eric Hammel, meu mentor e amigo, você me empolgou e me ensinou a ser um escritor. Pete Salerno, Ryan Howell, Vinni Jacques, Ken Jackola, Shannon Compton, Phil Disney, Alan Ezelle, Phil Larson, John Neibert, Tim Bloom, Brian Hambright, Kris Haney, Doug Jackson, Andy Hellman, Ron Clement, Matt Zedwick. Bill Stout, Tyson Bumgardner, Randy Mitts, Kevin Marfes, Rebeka-mae Bruns, Kerry Boggs e todos os outros Voluntários me ensinaram o básico sobre ser um oficial não-comissionado. Em Nova Orleans, eles me mostraram a honra e a força de caráter que tais situações exigem. Vocês são todos oficiais de ponta e eu tenho a honra de chamá-los de amigos. Vocês terão para sempre meu respeito e admiração.

Denice e Andy Scott, Allison, Brenda, Larissa e Olivia Pfaff, obrigado por tomarem conta de mim durante este projeto. Vocês me fizeram seguir em frente, mesmo quando eu pensava que não tinha mais

como. Jennifer, Eddie e Renee, vocês são minha base, minha razão de viver. Obrigado pelo apoio total, seu encorajamento e crença em mim. Agradeço por terem me entendido em todas as noites que tive de trabalhar. Acima de tudo, obrigado por amar a mim e todo o meu jeito ardiloso e arrogante. Com seu amor, sou verdadeiramente abençoado.

Por último, para Mary Ann e Larry Beggs, sua fé em mim e sua paciência fizeram corn que eu conseguisse realizar tudo isso. E pensar que tudo começou com uma cópia de Red Baron. Eu amo vocês dois. Obrigado por deixarem que eu me tornasse parte de sua família. Espero que eu os tenha deixado orgulhosos.

278

279

DE CASA EM CASA EM FALLUJAH

Foi impresso em São Paulo/SP, pela RR Donnelley, para Larousse do Brasil em julho de 2008.

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library